

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CLAUDIA PAGNONCELLI

UMA ANÁLISE DO AGIR DOCENTE A PARTIR DA INSTRUÇÃO AO SÓCIA: A
REGULAÇÃO DE ELEMENTOS DO TRABALHO DO PROFESSOR

DISSERTAÇÃO

PATO BRANCO

2018

CLAUDIA PAGNONCELLI

UMA ANÁLISE DO AGIR DOCENTE A PARTIR DA INSTRUÇÃO AO SÓSIA: A
REGULAÇÃO DE ELEMENTOS DO TRABALHO DO PROFESSOR

Dissertação apresentada ao programa de
Pós-Graduação em Letras da
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagem,
Cultura e Trabalho.

Orientadora: Prof^a Dr^a Siderlene Muniz-
Oliveira

PATO BRANCO

2018

P139a Pagnoncelli, Claudia.
Uma análise do agir docente a partir da instrução ao sócia: a
regulação de elementos do trabalho do professor / Claudia Pagnoncelli .
– 2018.
188 f : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Siderlene Muniz-Oliveira
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do
Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. Pato Branco, PR,
2018.
Bibliografia: f. 121 - 124.

1. Professores. 2. Educação permanente. 3. Pesquisa educacional .
4. Trabalho – Aspectos psicológicos. I. Muniz-Oliveira, Siderlene, orient.
II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-
Graduação em Letras. III. Título.

CDD 22.ed. 469

Ficha Catalográfica elaborada por
Suélem Belmudes Cardoso CRB9/1630
Biblioteca da UTFPR Campus Pato Branco



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus - Pato Branco
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Letras



TERMO DE APROVAÇÃO

Título da Dissertação n.º 017

“Uma Análise do Agir Docente a Partir da Instrução ao Sósia: A Regulação de Elementos do Trabalho do Professor”

por

CLAUDIA PAGNONCELLI

Dissertação apresentada às quatorze horas do dia vinte e sete de abril de dois mil e dezoito, como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE EM LETRAS. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Banca examinadora:

Profª. Drª. Siderlene Muniz Oliveira
UTFPR/PB (Orientadora)

Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima
UTFPR/PB

Profª. Drª. *Luzia Bueno
USF/SP

*Participação à distância

Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima
Coordenador do Programa de Pós-
Graduação em Letras – UTFPR

“[...] É por isso que no processo de educação também cabe ao mestre um papel ativo: o de cortar, talhar e esculpir os elementos do meio, combiná-los pelos mais variados modos para que eles realizem a tarefa de que ele, o mestre, necessita.” (VIGOTSKI, 2010, p. 73)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu Pai! pela oportunidade de tonar possível a realização e concretização deste sonho.

À minha família, em especial minha mãe, minha companheira e incentivadora de todos os dias.

À minha professora e orientadora Prof^a Dra^a Siderlene Muniz-Oliveira por ter estado sempre presente.

Ao Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima, por compartilhar dos seus conhecimentos.

À Prof^a Dr^a Didiê Ana Ceni Denardi, pela ternura com que trata os alunos.

À Prof^a Dr^a Luzia Bueno, pelas valiosas contribuições a este trabalho.

A todos os professores e funcionários do PPGL, meu reconhecimento.

Aos colegas do Mestrado, pelas contribuições dadas e pelos momentos de descontração e amizade.

À amiga Elair pelo apoio oferecido na produção dos dados desta pesquisa.

Às professoras (sujeitos de pesquisa) que cederam do seu tempo para colaborar e contribuir com este trabalho.

Aos meus colegas de trabalho pelo apoio e incentivo, em especial ao Rody, por auxiliar nos procedimentos tecnológicos indispensáveis a todo processo formativo.

Ao Senhor Clóvis Santo Padoan por liberar-me do trabalho para frequentar as aulas do Mestrado, assim como ao Clóvis Santo Padoan Filho, minha eterna gratidão.

Enfim, a todos os amigos e amigas que de alguma forma encorajaram-me a prosseguir.

UMA ANÁLISE DO AGIR DOCENTE A PARTIR DA INSTRUÇÃO AO SÓSIA: A
REGULAÇÃO DE ELEMENTOS DO TRABALHO DO PROFESSOR

PAGNONCELLI, Claudia. **Uma análise do agir docente a partir da instrução ao sócia: a regulação de elementos do trabalho do professor**. 188 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco – 2018.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de trazer reflexões acerca do trabalho educacional em escolas públicas estaduais, tendo como ponto de partida as dificuldades enfrentadas pelo professor no exercício do seu trabalho em sala, e, que, por vezes, são desconhecidas ou negligenciadas. Não pretendemos dar enfoque aos problemas existentes no meio social educativo, antes propomo-nos a verificar as atividades empreendidas pelo professor em face dos conflitos e obstáculos encontrados nesse meio, a fim de alcançar (se possível) seus objetivos. Para desenvolvermos esse estudo assumimos como base teórica estudos desenvolvidos por Bakhtin (2011) e Vigotski (1988, 2008, 2010) ampliados pelas Ciências do Trabalho, mais especificamente a partir da Psicologia do Trabalho desenvolvida pela Clínica da Atividade, (Clot, 2006, 2007, 2010), além dos pressupostos da Ergonomia da Atividade, quanto ao trabalho prescrito e trabalho realizado (GUÉRIN et al., 2001). Nessa perspectiva, contamos com estudos desenvolvidos por Lima (2010, 2013, 2014, 2016), em especial aos que se referem à Atividade Reguladora. Contamos também com estudos de Machado (2007, 2009, 2011), que aludem aos elementos do trabalho educacional, dos quais ateremo-nos a investigar o objeto do trabalho. Apoiamo-nos, também, em estudos de Muniz-Oliveira (2011, 2015, 2016), Bueno (2007, 2011), entre outros, basicamente, aos que destinam-se a tratar das especificidades dessa atividade. Como o objeto do trabalho educacional é permeado pelas oposições do meio educativo, nos apoiaremos em Vigotski (2010), ao compará-lo a uma “alavanca”, ou seja, um meio de ação disponível, que ao ser apropriado pelo professor, transforma-se em instrumento para o seu agir. Além disso, buscamos apoio nos pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart (2006, 2008, 2012), no que diz respeito aos níveis de análise textual apresentados por Bronckart (2012), dando destaque aos mecanismos enunciativos, como as marcas de pessoa, inserção de vozes, além de uma abordagem sobre o conteúdo temático dos textos produzidos. Para a produção dos dados utilizamos como instrumento de pesquisa, a instrução ao sócia, método criado pelo médico e psicólogo italiano Ivar Oddone (1986) e, posteriormente, desenvolvido pelo psicólogo do trabalho Yves Clot (2006, 2007, 2010) e seus colaboradores do Conservatório Nacional de Artes e Ofícios (CNAM) de Paris, França. Neste trabalho, foi possível identificar algumas dimensões mobilizadas pelas professoras, dentre elas, as dimensões físicas, afetivas, psicológicas, etc, que demonstram a exigência de um agir pluridimensional. Frente à agitação e as conversas durante as aulas, um obstáculo a enfrentar, as professoras posicionam-se, dentro de suas possibilidades, ao (re)criar condições para que as aulas iniciem e prossigam de acordo com seus objetivos. No entanto, a sala de aula demonstra ser um ambiente agitado, muitas vezes controverso, forçando o professor a buscar alternativas frente às resistências que o meio social educativo impõe. Com isso, verificamos que as professoras demonstraram estar em processo de desenvolvimento, visto que, ao tomar consciência dos problemas, elas, naturalmente, buscam (re)criar meios ao colocar em prática uma Atividade Reguladora.

Palavras-chave: Trabalhador docente; Elementos do trabalho; Atividade reguladora; Instrução ao sócia.

ABSTRACT

This work aims to bring reflections on the educational work in State public schools, taking as a starting point the difficulties faced by the teacher in the exercise of his work in class, and, sometimes, are unknown or neglected. We do not intend to give focus to the problems existing in the social educational but we propose to check the activities undertaken by the teacher in the face of conflicts and obstacles found along the way, in order to achieve (if possible) its goals. To develop this study we assumed as theoretical basis studies developed by Bakhtin (2011) and Vygotsky (1988, 2008, 2010) expanded science work more specifically, from the psychology of the Work developed by the Clinical activity, in addition to the assumptions of the ergonomics of the activity, as the prescribed work and work performed (GUÉRIN et al., 2001). In this perspective, we have studies developed by Lima (2010, 2013, 2014, and 2016), in particular those that refer to the regulatory activity. We also, with studies of Machado (2009, 2011) that allude to the elements of the educational work, of which we intend to investigate the object of labor. We support, too, in Muniz-studies (2011, 2015, 2016), Bueno (2007, 2011), among others, basically, to those that are intended to address the specifics of this activity. As the object of the educational work is permeated by the oppositions of middle education, support us on Vygotsky (2010), by comparing it to a "lever", i.e. a means of action available, which to be appropriate by the teacher, becomes an instrument for your act. In addition, we seek support in theoretical-methodological assumptions of the Sociodiscursive of Interactionism Bronckart (2006, 2008, 2012), basically, in what he/she concerns the levels of textual analysis presented by Bronckart (2012), giving prominence to the mechanisms enunciative, as person's marks, insert of voices, besides an approach on the thematic content of the produced texts. For the production of the data we used as research instrument, the instruction to the double, method created by the doctor and Italian psychologist Ivar Oddone (1986) and, later, developed by the psychologist of the work Yves Clot (2006, 2007 2010) and their collaborators of the National Conservatory of Arts and Occupations (CNAM) of Paris, France. In this work, it was possible to identify some dimensions mobilized by the teachers, among them, the dimensions physical, affectionate, psychological, etc, that they demonstrate the demand of a to act pluridimensional. Front to the agitation and the conversations during the classes, an obstacle to face, the teachers are positioned, inside of their possibilities, when creating (reverse) conditions for the classes to begin and continue in agreement with their objectives. However, the classroom demonstrates to be an atmosphere agitated, a lot of times controversial, forcing the teacher to look for alternatives front to the resistances that the educational social way imposes. With that, we verified that the teachers demonstrated to be in development process, because, when taking conscience of the problems, they, naturally, look for (reverse) to create means when putting in practice an activity reguladora.

Keywords: Educational worker; Elements of the work; Activity reguladora; Instruction to the double.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema dos elementos constituintes do trabalho do professor em situação de sala de aula

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Tópicos referentes aos artefatos e instrumentos – Instrução ao sócia 1 - Sujeito 1
- Quadro 2 – Tópicos referentes ao objeto/meio – Instrução ao sócia 1 - Sujeito 1
- Quadro 3 – Tópicos referentes aos O(s) outro(s) – Instrução ao sócia 1 - Sujeito 1
- Quadro 4 – Tópicos referentes ao sujeito/professor – Instrução ao sócia 1 - Sujeito 1
- Quadro 5 – Tópicos referentes a artefatos e instrumentos – Instrução ao sócia 2 - Sujeito 2
- Quadro 6 – Tópicos referentes ao objeto/meio – Instrução ao sócia 2 - Sujeito 2
- Quadro 7 – Tópicos referentes aos O(s) outro(s) – Instrução aos sócia 2 - Sujeito 2
- Quadro 8 – Tópicos referentes ao sujeito/professor – Instrução ao sócia 2 - Sujeito 2
- Quadro 9 – Tópicos referentes aos artefatos e instrumentos – Instrução ao sócia 3 - Sujeito 3
- Quadro 10 – Tópicos referentes ao objeto/meio – Instrução ao sócia 3 - Sujeito 3
- Quadro 11 – Tópicos referentes aos O(s) outro(s) – Instrução ao sócia 3 - Sujeito 3
- Quadro 12 – Tópicos referentes ao sujeito/professor – Instrução ao sócia 3 - Sujeito 3
- Quadro 13 – Tópicos referentes aos artefatos e instrumentos – Instrução ao sócia 4 - Sujeito 4
- Quadro 14 – Tópicos referentes ao objeto/meio – Instrução ao sócia 4 - Sujeito 4
- Quadro 15 – Tópicos referentes aos O(s) outro(s) – Instrução ao sócia 4 - Sujeito 4
- Quadro 16 – Tópicos referentes ao sujeito/professor – Instrução ao sosia 4 - Sujeito 4

LISTA DE SIGLAS

CNAM - Conservatório Nacional de Artes e Ofícios
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
DCE (EJA) - Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos
EJA - Educação de Jovens e Adultos
ISD - Interacionismo sociodiscursivo
MOI - Modelo Operário Italiano
PB - Pato Branco
PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais
PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional
PPGL - Programa de Pós-Graduação em Letras
PR - Paraná
PSS - Processo Seletivo Simplificado
UAB - Universidade Aberta do Brasil
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UnB - Universidade de Brasília
UNESCO - Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	23
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	23
1.1 CIÊNCIAS DO TRABALHO: ERGONOMIA DA ATIVIDADE E PSICOLOGIA DO TRABALHO	24
1.1.2 Ergonomia da Atividade	24
1.1.3 Psicologia do Trabalho e Clínica da Atividade	27
1.2 LINGUAGEM E ATIVIDADE REGULADORA	29
1.2.1 Linguagem	29
1.2.2 Atividade Reguladora	31
1.3 INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO: AGIR E LINGUAGEM	34
1.3.1 CONVERSAÇÃO E CONTEÚDO TEMÁTICO	37
1.4 ELEMENTOS DO TRABALHO EDUCACIONAL	39
CAPÍTULO 2	43
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
2.1 MÉTODO DE PRODUÇÃO DOS TEXTOS ANALISADOS	43
2.2 CONTEXTO DA PESQUISA	45
2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	48
2.3.1 A pesquisadora	48
2.3.2 Os sujeitos pesquisados	49
2.4 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DOS TEXTOS ANALISADOS	50
2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	54
CAPÍTULO 3	56
3 ANÁLISES DAS INSTRUÇÕES AO SÓZIA	56
3.1 ELEMENTOS DO TRABALHO EDUCACIONAL	56
3.1.1 Artefatos e Instrumentos	57
3.1.2 Objeto/meio	66
3.1.3 O(s) Outro(s)	73
3.1.4 Sujeito/professor	79
3.2 TÓPICOS DAS INSTRUÇÕES AO SÓZIA	84
3.3 ATIVIDADE REGULADORA: CONFLITOS E SOLUÇÕES	94

CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS	126
ANEXO 1 - TRANSCRIÇÃO DA INSTRUÇÃO AO SÓZIA 1 – SUJEITO 1	127
ANEXO 2 - PERGUNTAS POSSÍVEIS – SUJEITO 1	143
ANEXO 3 - TRANSCRIÇÃO DA INSTRUÇÃO AO SÓZIA 2 – SUJEITO 2	144
ANEXO 4 - PERGUNTAS POSSÍVEIS – SUJEITO 2	159
ANEXO 5 - TRANSCRIÇÃO DA INSTRUÇÃO AO SÓZIA 3 – SUJEITO 3	160
ANEXO 6 - PERGUNTAS POSSÍVEIS – SUJEITO 3 E SUJEITO 4	173
ANEXO 7 - TRANSCRIÇÃO DA INSTRUÇÃO AO SÓZIA 4 – SUJEITO 4	174

INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido no projeto de pesquisa “Integração e interação entre as diferentes esferas sociais: universidade, escola, família” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2014), tendo como objetivo, basicamente, a investigação de problemas que se fazem presentes, principalmente em escolas públicas da região Sudoeste do Estado do Paraná. As pesquisas abordam, principalmente, os conflitos encontrados no meio educativo e como elas podem influenciar as relações em sala de aula, principalmente, no âmbito dos processos de ensino-aprendizagem.

Recentemente foram desenvolvidas algumas pesquisas que integram este projeto, como os trabalhos de Iniciação Científica de Custodio e Muniz-Oliveira (2015), Rosin e Muniz-Oliveira (2016), Escopel e Muniz-Oliveira (2016) e duas dissertações de mestrado (RODRIGUES, 2017; GODARTH, 2017), entre outras.

Coordena este projeto a professora Doutora Siderlene Muniz-Oliveira, que é orientadora desta pesquisa e desenvolve vários estudos nessa área e integra os grupos de pesquisa Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações – Aprendizagem de Gêneros Textuais e Ensino (Alter-Age/CNPq), que encontra-se sob a liderança da Prof^ª Dr^ª Eliane Gouvêa Lousada, da Universidade de São Paulo e da Prof^ª Dr^ª Luzia Bueno, da Universidade São Francisco, além do grupo de pesquisa: Linguagem, Atividade e Desenvolvimento Humano (LAD’Humano/CNPq), que está sob a liderança do Prof^º Dr^º Anselmo Pereira de Lima, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e Silvine Bonaccorsi Barbato, da Universidade de Brasília. Os membros desses grupos de pesquisa desenvolvem seus estudos de forma multidisciplinar a partir de pressupostos teóricos desenvolvidos pela Psicologia do Trabalho, em específico, a Clínica da Atividade, em articulação com a linguagem.

Vincula-se a este projeto de Muniz-Oliveira (2014), a presente pesquisa que ao relacionar-se ao trabalho do professor da rede pública de ensino de um município do Sudoeste do Estado do Paraná, encontra suas razões nos problemas que esses profissionais enfrentam, como: falta de estrutura nas escolas, redução de salários, da hora-atividade¹, salas superlotadas, indisciplina de alunos, violência, etc., caracterizando um ambiente altamente

¹ A hora atividade é um tempo reservado para o professor organizar suas aulas, corrigir avaliações e atualizar sua formação cultural e pedagógica definido pela legislação brasileira, como uma política pela qualidade da educação. Disponível em: <<http://www.sinte-sc.org.br/Noticia/1791/hora-atividade-um-direito-do-a-trabalhador-a-em-educacao>> Acesso em 11 mai. 2018.

conflituoso, o que justificaria os constantes afastamentos de professores para tratamento médico. De fato, estamos presenciando uma deterioração do trabalho docente, fenômeno que pode ser notado principalmente no ensino público, mas também no privado. Perguntamo-nos então: será que não estaríamos atendo-nos apenas aos aspectos negativos deste ofício? Pois ainda que hajam problemas, percebemos que há professores fazendo ou tentando fazer um bom trabalho, pensando, principalmente, na educação dos alunos, o que vai além do ensino de conteúdos.

Preocupados com esse cenário, pretendemos analisar textos produzidos em interação com professores, considerando-se as ações em sala de aula com vistas a atingir seus objetivos, bem como dos obstáculos enfrentados e as soluções encontradas. Assim, temos como objetivo uma investigação da atividade do professor em sala, através de textos produzidos a partir do método instrução ao sócia desenvolvido pela Clínica da Atividade e, mais especificamente, dos recursos encontrados e/ou desenvolvidos pelo professor na resolução de problemas. Com isso, damos destaque ao termo Atividade Reguladora desenvolvido por Lima (2010, 2013, 2014, 2016), o qual dá prosseguimento aos estudos de Vigotski (2008), entre outros, relacionando-os à (re)criação de meios/recursos que auxiliem o sujeito no desenvolvimento do seu trabalho, apesar de circunstâncias desfavoráveis.

Partindo dos problemas observados em sala de aula durante o estágio docente desenvolvido na graduação entre 2011 e 2012 com uma turma de sétimo ano e uma turma de Ensino Médio, verificamos uma diversidade de problemas sociais, econômicos, etc, encontrados em sala, entre eles: gravidez precoce, usuários de drogas, indisciplina, desrespeito com o professor, apontando para problemas de certa forma comuns e que vão além do contexto ou da localização da escola. Acreditamos, também, que por tratar-se de turmas do período noturno, esses problemas tornam-se mais evidentes. Marcou-me o fato de que alguns professores e coordenadores não estavam preparados psicologicamente e afetivamente para enfrentar certas situações em sala, nem mesmo professores mais experientes, visto que, às vezes, uma palavra carinhosa em revide à uma grosseria poderia impedir maiores agravos em sala.

Com isso, atribuo minha impressão “negativa” da sala de aula em momentos de estágio, ao comportamento de alguns alunos, mas também, aos meios utilizados para prendê-los. Desse modo, torna-se importante que a escola seja um local acolhedor e interessante, cabendo, sim, ao professor e a todos os envolvidos, inclusive os alunos, a responsabilidade de torná-lo mais afetivo, principalmente por despertar nos alunos o interesse pela aprendizagem. Essa não é uma tarefa fácil, mas acreditamos que para

transformar o ambiente escolar em um local mais produtivo e menos agressivo, torna-se necessário refletir sobre as condutas adotadas frente aos obstáculos. Basta lembrarmos de alguns professores que marcaram nossas vidas tanto positiva como negativamente em nosso percurso escolar.

Entendemos que a época do estágio é um período decisivo na vida do professor iniciante, principalmente pelo contraste entre a realidade da sala de aula e as representações que possuímos sobre esse meio e o trabalho do professor. Ao sairmos do espaço relativamente confortável da faculdade para enfrentarmos a realidade da sala de aula é que nos damos conta da complexidade que envolve o trabalho educacional. Com isso, é natural que o estagiário ao dar-se conta da precariedade do ensino público, perceba a vulnerabilidade a que todos estão sujeitos, considerando-se, inclusive, os tristes episódios ocorridos em escolas mundo afora.

Acreditamos que o momento é propício para repensarmos nossas práticas enquanto professores. Entendendo que nosso olhar em relação ao meio educacional não deverá ser demasiado crítico a ponto de discriminá-lo por suas ocorrências, mas entendendo a urgência de uma intervenção que possibilite transformar os problemas em possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Em relação ao momento do estágio docente, acreditamos que saímos da faculdade em direção às salas de aula “armados” teoricamente, sem compreender a distância entre teoria e prática. Sendo assim, as observações do professor estagiário em relação às aulas de outro professor devem ser prudentes e servir para além de meras descrições que preenchem relatórios de estágio. (BUENO, 2011).

A experiência em sala de aula proporcionada pelos momentos do estágio foram muito importantes para minha formação e fizeram-me questionar se, a partir dos problemas vivenciados, principalmente em relação à indisciplina dos alunos, era algo que eu queria para minha vida. Por ter estudado numa época em que responder grosseiramente a um professor era praticamente inexistente ou passível de punição severa, espantei-me ao ver que alunos (alguns deles) não consideravam a necessidade de respeitar a professora regente nem mesmo na presença das estagiárias, recusando-se a fazer as atividades propostas. Esse espanto estendeu-se para um questionamento em relação ao próprio colégio, já que os fatos presenciados não condiziam com o colégio no qual eu havia estudado.

Antes de estudar nesse colégio da rede estadual, estudei durante todo o ensino primário em um único colégio da rede particular no qual eu e minha irmã gêmea permanecemos estudando com bolsas de estudos. Ao encerrar essa etapa, minha mãe havia conseguido outra bolsa para estudarmos no quinto ano de outro colégio particular. Porém, em

não conseguindo adaptar-me àquele contexto, por ser, talvez, uma realidade muito distante da minha, fui transferida para esse colégio no qual mais tarde realizaria meu primeiro estágio docente. Quando eu estava no sétimo ano, resolvi por influência de amigos e por outros motivos, dos quais não lembro ao certo, mas que certamente referiam-se ao fato de ter que trabalhar para ajudar na renda familiar, desisti do colégio regular, vindo a ingressar depois de um tempo no CES – Centro de estudos supletivos, atualmente, EJA – Educação de jovens e adultos.

Sem validar as disciplinas que eu havia concluído no colégio regular, resolvi começar tudo de novo disciplina à disciplina, como forma de apropriar-me dos conteúdos. Começando todo o fundamental novamente, “perdi” algum tempo vindo a formar-me em 1992, no então, primeiro grau e em 1995 no segundo grau. Nessa época pensava em fazer vestibular, mas por ter de enfrentar a perda de um familiar não me encontrava mentalmente disposta, o que me fez desistir. Apesar disso, sempre procurei matricular-me em cursos profissionalizantes como forma de manter-me atualizada. Só depois de treze anos, no ano de 2007 vi uma oportunidade de prestar vestibular pela UAB – Universidade Aberta do Brasil, ingressando em 2008 no curso à distância de Letras-português oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Sempre gostei de estudar e incomodava-me o fato de não ter dado continuidade aos estudos, e ao surgir uma oportunidade de fazer um curso gratuito, foi um sonho realizado, que por problemas financeiros, pessoais etc, foi adiado, mas não impedido. O fato de ter adentrado ao mundo do magistério não foi por acaso, meu pai biológico (que não conheço pessoalmente) foi professor e, talvez, fosse uma influência. Mas verificando o gosto pelos estudos, meus avós contrataram um professor particular para dar aulas a mim e à minha irmã quando tínhamos em torno de seis anos. No entanto, atribuo a continuidade aos estudos à uma decisão pessoal, e à minha mãe por ter sempre um cuidado muito especial conosco, colocando-nos para estudar nas melhores escolas através de bolsas de estudos, e com muita dificuldade conseguia comprar os materiais, uniformes, etc, exigidos pelas escolas.

O início da faculdade foi um tanto difícil pelo fato de haver parado de estudar há um bom tempo, e por ser um curso à distância, exigia ter equipamentos tecnológicos, como computador, impressora, aparelhos que adquiri depois de algum tempo. O curso exigia uma dedicação quase exclusiva pelo volume de leituras, trabalhos, etc, e, por isso, demandava organização e administração do tempo de estudo e dos prazos. O momento do estágio foi, talvez, o mais interessante e desafiador. Como os estágios eram realizados à noite, era comum observar alunos vencidos pelo sono e cansaço do dia de trabalho. Como já mencionado,

havia alunos que recusavam-se a fazer as atividades propostas e, ridicularizando a professora regente, obrigavam-na, em certos momentos, a pedir intervenção da coordenação e direção da escola, sem obter sucesso. Ainda assim, foi uma época marcante por desenvolver um bom trabalho de estágio com os alunos, o que contribuiu para consolidar amizades.

Na segunda etapa do estágio docente ocorrido em 2012, talvez, por estarmos mais atentas às necessidades da turma (uma turma de Ensino Médio), tivemos menos problemas. Acreditamos que o interesse dos alunos pelas atividades acontecia porque as aulas eram projetadas com o data show e continham conteúdos diversificados, além de desenvolverem conteúdos no laboratório de informática, tornando, assim, as aulas mais interessantes. Lembro-me de ouvir comentários pelos corredores da escola sobre o desejo que outros alunos expressavam de ter aulas com as estagiárias. Alguns alunos vinham “espiar” o que estava acontecendo na sala, gerando certo encantamento em torno das aulas.

No ano de 2013 e 2014 comecei a lecionar como professora substituta ou PSS² em vários colégios, com uma carga horária de vinte horas, dedicando-me um período como professora e no outro como telefonista/recepcionista em uma empresa radiofônica. Como professora tive a oportunidade de conhecer várias escolas, sendo que depois de um tempo conseguia pegar aulas definitivas em uma mesma escola.

Alguns problemas vivenciados no estágio, agora repetiam-se nas escolas por onde passei, com exceção de algumas. Além dos problemas citados, havia outros, como por exemplo, turmas que há meses estavam sem professor porque esse profissional estava de licença e, por algum motivo, não se conseguia um professor substituto, de modo que, às vezes, era o professor substituto que desistia das aulas. Essas turmas estavam em defasagem pelo tempo que ficaram sem professor e assumi-las era um desafio que exigia por parte da professora substituta, ações precisas, já que, em certos casos, aproximava-se o fim do trimestre e o final do ano e os alunos estavam sem nota.

Por ter outro vínculo empregatício há alguns anos, questionava-me se continuaria com as aulas, especialmente por conta dos problemas que eu enfrentava nas turmas que havia assumido. Esses problemas estavam relacionados à indisciplina de alguns alunos que atrapalhavam todo o andamento da aula. Isso impedia o trabalho, fazendo com que eu perdesse muito tempo chamando atenção, e pelo fato de obrigar-me a falar em tom mais alto, pois eram turmas numerosas, eu já havia desenvolvido problemas de voz e outros como estresse, insônia, etc.

² Professora substituta admitida pelo Processo Seletivo Simplificado do Paraná.

Por sentir certo apoio da coordenação e direção da escola acabava expondo os acontecimentos, mas as ações eram paliativas e não resolviam os problemas. Depois de um tempo, passei a “aceitar” aquela situação já que se eu desistisse das turmas não poderia pegar aulas durante o ano. Não desisti das aulas, porém, o trabalho perdeu o sentido. Certa vez ouvi de uma coordenadora, que os problemas aconteciam porque eu não tinha domínio de turma. Isso agravou as preocupações em relação a conter a agitação dos alunos e passei a viver uma neurose. Como eu não conseguia alcançar esse objetivo, sentia-me em sofrimento e angústia. Nessa época eu havia assumido três turmas e em uma delas, talvez, por ser a professora regente, tinha certo controle sobre os alunos, mas nas outras eu havia perdido completamente esse controle, necessitando da intervenção das coordenadoras e, às vezes, da direção, ocasionando sentimentos de impotência, incompetência, entre outros.

Desse modo, acredito que esta pesquisa relaciona-se à minha história como professora, principalmente ao verificar como outros professores mais experientes desvencilham-se (ou não) de obstáculos que impedem seu agir no curso das atividades em sala. Como meu foco estava nos obstáculos enfrentados por professores em sala de aula, propus-me a buscar professores que atuassem na rede pública estadual pelo fato de, possivelmente, encontrarem mais dificuldades.

No início de 2017, presenciemos um cenário conturbado por rumores de uma greve geral dos professores da rede pública estadual, mas mesmo assim fui em busca de professores que colaborassem com a pesquisa antes que a greve se confirmasse. Felizmente a greve não aconteceu, mas havia uma urgência em contatar professores que contribuíssem com a pesquisa. Para facilitar o acesso aos professores utilizei-me da amizade de uma funcionária do colégio que trabalha na parte administrativa, a qual foi minha colega de graduação e dos estágios. Como ela possui certa influência e amizade com os professores, o acesso seria facilitado, como de fato foi. Desse modo, foram produzidas quatro instruções ao sócia com quatro professoras de um colégio localizado na área central da cidade de Pato Branco, interior do Estado do Paraná.

Sobre questões relacionadas ao trabalho docente, verificamos uma notícia³ divulgada em 2011 pela Revista Educação mostrando pesquisas feitas em várias regiões do país, nas quais procurava-se investigar as principais causas que levariam docentes à afastarem-se da sala de aula em busca de tratamento médico. Entre os problemas mais recorrentes foram

³ Notícia divulgada pela Revista Educação em 10 de setembro de 2011 por Fabiano Curi, cujo título é ‘Sob pressão’. Disponível em : < <http://www.revistaeducacao.com.br/sob-pressao/>>. Acesso em 14 de mar. 2018.

identificados: esgotamento mental e físico, excesso de trabalho, indisciplina de alunos, baixos salários, demandas da direção, de alunos, de pais de alunos, violência, etc., sendo que a falta de reconhecimento do trabalho é o que tem afetado de forma mais pontual a saúde psicológica do docente, resultando em transtornos psíquicos como estresse, ansiedade, depressão, entre outros.

Ainda sobre esse assunto, um artigo⁴ publicado em 2005 pela revista Educação e Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP, demonstrou, entre outros fatores, que as pressões produzidas no ambiente de trabalho associadas ao ruído e agitação próprios do meio escolar e o acúmulo de tarefas contribuem para que esse grupo de trabalhadores fique mais suscetível a desenvolver transtornos psíquicos. (GASPARINI et al., 2005).

De acordo com esse estudo, os problemas de saúde mais comuns entre professores é a Síndrome de Burnout⁵, sendo que o desencadeamento dos sintomas estaria relacionado às mudanças sociais, econômicas, etc, favorecendo o excesso de informação, bem como a importância dada aos estudos, o que contribuiria para um aumento nos índices de violência urbana que estendendo-se para a escola tornou-se um fator estressante para os professores que agora estariam diante do desafio de formar um aluno “globalizado”. (GASPARINI et al., 2005).

Estudos realizados por Codo e Menezes (2000), em parceria com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), tendo como sujeitos pesquisados 52 mil trabalhadores em 440 escolas, demonstraram que 48% apresentavam sinais e sintomas da Síndrome de Burnout. Segundo Iône Vasques-Menezes – coordenadora do Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília – UnB, e uma das realizadoras do estudo, os casos de Burnout entre professores são alarmantes e teriam como causa principal, a constante desvalorização do professor, sendo que a agitação da vida moderna também contribuiria para o estresse gerado em sala, pois, segundo ela, no começo da década de 1960, o trabalho docente era reconhecido.

⁴ Artigo publicado pelas autoras Sandra Maria Gasparini, Sandhi Maria Barreto e Ada Ávila Assunção, cujo título é: O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a03v31n2.pdf>>. Acesso em 28 fev. 2018.

⁵ Síndrome de Burnout é um distúrbio psíquico que se caracteriza pelo esgotamento físico, mental e psíquico do indivíduo. Esse transtorno se desenvolve devido ao acúmulo de estresse no trabalho, por exemplo. Disponível em < <https://www.significados.com.br/sindrome-de-burnout/>>. Acesso em 16 mai. 2018.

No entanto, acreditamos, a partir de nossas experiências em sala, que os problemas de indisciplina e agitação poderiam ser contidos se o aluno soubesse que em não se dedicando aos estudos reprovaria. Não é o que acontece, pois em algumas escolas que lecionei não era permitido reprovar, pois se a escola ficasse “segurando” aluno não receberia verbas. Ora, se o aluno não possui condições de ser aprovado por não prestar atenção às aulas, possuir muitas faltas, notas baixas, por que deveria ser aprovado? Ainda assim, se o professor julgar que o aluno não tem condições de ser aprovado, o conselho de classe da escola o fará. Essa seria uma forma de desautorizar o professor, contribuindo para que o trabalho educacional seja desvalorizado, inclusive, concorrendo para que haja indisciplina em sala, já que dedicando-se ou não, o aluno sabe que será aprovado. Além disso, tal atitude demonstraria falta de ética para com os alunos que dedicam-se, corroborando para que as atividades em sala de aula tornem-se sem sentido.

Uma pesquisa realizada em 2002 pela UNESCO⁶, sobre as representações que os professores possuem do seu trabalho, entre outros itens abordados pela pesquisa, 54,8% disseram ter problemas para conservar a disciplina em sala; 51,9% mencionaram as características sociais inerentes a grupos de alunos e 44,8% mencionaram o relacionamento com os pais. Como resultado, ficou demonstrado que o maior obstáculo enfrentado pelos professores diz respeito às relações entre eles e os alunos em sala.

De todo modo, as experiências vivenciadas em sala e a busca por aperfeiçoar nossos conhecimentos sobre a docência, em 2016 ingressei no curso de Mestrado em Letras da UTFPR, Pato Branco, no qual pudemos aprofundar estudos relacionados ao trabalho educacional. Partindo de uma abordagem interdisciplinar, buscamos leituras que trazem aportes teóricos relacionados às Ciências do Trabalho, como a Ergonomia da Atividade (GUÉRIN et al., 2001), basicamente aos termos trabalho prescrito e trabalho realizado. No entanto, essa pesquisa está firmada na Psicologia do Trabalho desenvolvida pela Clínica da Atividade (CLOT, 2006, 2007, 2010), e de autores que desenvolvem pesquisas nessa área, como Machado (2009, 2011), Machado e Bronckart (2009), Muniz-Oliveira (2011, 2015, 2016), Lima (2010, 2013, 2014, 2016), Bueno (2007, 2011), entre outros.

Além destes, buscamos apoio nos pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) desenvolvido por Bronckart (2008, 2012), encontrando subsídios para a compreensão das ações humanas reconfiguradas em textos. Tendo como base estudos de Leontiev (1988) e Bronckart (2008) sobre os termos ação, atividade e operação,

⁶ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

verificamos que o termo atividade estaria ligado a uma interpretação cujo sentido envolveria valores motivacionais e intencionais originados a partir de um coletivo de trabalho. Já o termo ação envolveria uma compreensão ligada a fatores motivacionais e intencionais individuais, sendo que o plano motivacional coletivo seria determinado, basicamente, pelas representações, enquanto que os motivos são as razões de agir de uma pessoa em especial.

Em relação ao plano da intencionalidade, as finalidades seriam de base coletiva e legitimam-se socialmente, enquanto que as intenções seriam os propósitos de agir manifestados por uma pessoa em particular. Nos recursos do agir destacam-se os instrumentos e meios materiais de âmbito mental e comportamental, que seriam as capacidades ou aptidões naturais de um ser humano em especial. (BRONCKART, 2008).

Nesse sentido, buscamos pensar os recursos do agir em sala, investigando a conduta do professor em meio aos problemas, e assim, apropriarmos-nos do método instrução ao sócia, nosso instrumento de pesquisa, para então utilizá-lo. Esse método foi criado por Ivar Oddone (1986), médico e psicólogo italiano que dedicou-se ao estudo de problemas psicológicos que afetavam grande número de trabalhadores das fábricas, como a FIAT, entre outras. Nesse método, o psicólogo/pesquisador coloca a seguinte proposição ao trabalhador/instrutor: “Suponha que eu seja seu sócia e que amanhã vou substituí-lo em seu local de trabalho. Quais instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição?” (CLOT, 2007, p.144). A partir disso, o trabalhador, no caso desta pesquisa, o professor/instrutor, dará as instruções ao sócia de acordo com as atividades que ele desenvolveria no dia de sua substituição.

Esse método tem, entre outras coisas, o objetivo de desenvolver uma consciência crítica, baseada nas capacidades do sujeito frente aos obstáculos, devolvendo através dessa consciência, o poder de agir, muitas vezes negado. Acreditamos que o conhecimento de si mesmo favoreceria a descoberta de suas capacidades de ação e intervenção sobre as adversidades que o meio de trabalho impõe. (CLOT, 2010).

Durante o desenvolvimento da instrução ao sócia em que figuram a pesquisadora na qualidade de sócia do(a) professor(a), e este(a) na qualidade de instrutor(a) do sócia, foi permitido ao sócia, quando houvesse oportunidade, colocar alguns “obstáculos” à atividade do professor, o que foi feito a partir de perguntas relacionadas às instruções repassadas, que em caso de dúvidas, perguntava-se: “como eu faço para resolver?” Utilizando a expressão “como”, o instrutor seria induzido a responder de acordo com o que ele faria, como por exemplo: “você deverá fazer dessa forma”, o que permitiria uma instrução mais detalhada das ações a serem realizadas. (MUNIZ-OLIVEIRA, 2011).

Sendo assim, o uso deste método justifica-se por criar alguma possibilidade do trabalhador auto-observar-se em relação à sua conduta no meio de trabalho, podendo, se achar necessário, (re)criá-lo a partir de um outro ponto de vista que a posição de instrutor lhe confere, pois ao refletir sobre as ações repassadas ao sócio, esse trabalhador teria a oportunidade de questionar-se, validando ou invalidando seus modos/meios de agir, permitindo-se observar alguns aspectos do seu agir em sala, que poderiam, a partir de experiências passadas, gerar algo novo, encontrando soluções das quais, possivelmente, nunca havia pensado. (CLOT, 2010).

Portanto, esta pesquisa poderia contribuir com o desenvolvimento do trabalho do professor, na medida em que desenvolvesse nesse trabalhador, uma consciência das suas capacidades de ação em oposição às resistências que o meio, naturalmente oferece. A consciência dessas resistências poderia vir a ser um meio de ação sobre o ambiente de trabalho, tornando mais visíveis as soluções que porventura se apresentassem.

Com o objetivo de orientar o leitor ao longo das reflexões suscitadas nesse trabalho, apresentaremos no Capítulo 1, os pressupostos teóricos desenvolvidos pelas Ciências do Trabalho: Ergonomia da Atividade (GUÉRIN et al., 2001), Clínica da Atividade e Psicologia do Trabalho (CLOT, 2006, 2007, 2010); em um segundo momento abordaremos conceitos relativos à Atividade Reguladora desenvolvidos por Lima (2010, 2013, 2014, 2016). Em seguida, apresentaremos os pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo desenvolvido por Bronckart (2006, 2008, 2012) e, no capítulo 2, exporemos os procedimentos metodológicos utilizados e desenvolvidos nesta pesquisa, sendo que no capítulo 3 apresentaremos os resultados das análises. Finalmente, nas considerações finais, apresentaremos conclusões e reflexões do trabalho realizado.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Diante da problemática envolvendo o trabalho docente em escolas públicas, nas quais verifica-se uma série de obstáculos e impedimentos ao trabalho do professor, propomo-nos investigar a partir desses possíveis obstáculos, as soluções encontradas ou em vista de encontrar, caracterizando assim, seu desenvolvimento.

Em busca de respostas que levem a uma compreensão das especificidades do trabalho docente, bem como ao desenvolvimento do professor em situação de trabalho, pretendemos iniciar nossa investigação tendo como base os pressupostos de Vigotski (2008), basicamente ao que refere-se à pensamento e linguagem no desenvolvimento humano, seguindo uma linha investigativa que compreende as Ciências do trabalho, de modo particular, a Psicologia do trabalho (CLOT, 2006, 2007, 2010), disciplina desenvolvida pela Clínica da Atividade, resumindo-se, aqui, ao termo trabalho real ou real da atividade como condição para o desenvolvimento humano. E, aos conceitos ergonômicos desenvolvidos pela Ergonomia da Atividade, principalmente ao que refere-se a trabalho prescrito e trabalho realizado. (GUÉRIN, et al., 2001). De modo especial, ater-nos-emos aos trabalhos de Lima (2010, 2013, 2014, 2016) quanto ao termo Atividade Reguladora no desenvolvimento do trabalho docente.

Além dessas, são igualmente importantes para esse trabalho, contribuições teórico-metodológicas do Interacionismo Sociodiscursivo – ISD, desenvolvido por Bronckart (2006, 2008, 2012), referindo-se, principalmente, às formas de interpretação do agir humano reconfiguradas em textos. Apoiaremos-nos, também, nas contribuições de autores como Bakhtin (2011), Machado (2009, 2011), Machado e Bronckart (2009), Muniz-Oliveira (2011, 2015, 2016), Bueno (2007, 2011), entre outros, que possam colaborar com a continuidade desse trabalho.

Na seção seguinte, faremos uma breve exposição sobre conceitos centrais desenvolvidos pelas Ciências do Trabalho.

1.1 AS CIÊNCIAS DO TRABALHO: ERGONOMIA DA ATIVIDADE E PSICOLOGIA DO TRABALHO

Os pressupostos dessas Ciências partem, basicamente, de bases teórico-metodológicas desenvolvidas pela Psicologia histórico-cultural de Vigotski e seus seguidores como Luria, Leontiev, entre outros, que buscavam nas doutrinas marxistas um modelo teórico-metodológico capaz de organizar as investigações sobre o funcionamento humano.

Essa compreensão surge da observação dos processos de desenvolvimento e não, propriamente, do produto final. Tais processos só seriam observáveis a partir de circunstâncias cotidianas vividas pelo sujeito, a partir das esferas sociais, institucionais, materiais e nas relações de trabalho; dessas instâncias é que se formaria a consciência humana. (TEIXEIRA, 2005).

Assim, só seria possível conhecer o funcionamento humano a partir de seus processos de construção, ou seja, nas condições impostas ao longo da vida a esses sujeitos. Para a identificação do desenvolvimento humano seria necessário, então, começar pela observação de sua atividade, pois é “[...] precisamente em sua atividade e em sua atitude diante da realidade [...] que esse conjunto de informações é revelado”. (LEONTIEV, 1988, p. 63).

Sendo assim, as análises de problemas em ambiente de trabalho mostram-se relevantes, se levarmos em conta as relações entre trabalhador e meio de trabalho. É a partir dessas relações entre trabalhador e ambiente de trabalho que a Ergonomia da atividade e Clínica da Atividade desenvolvem seus estudos.

Na seção seguinte, apresentamos alguns conceitos básicos desenvolvidos pela Ergonomia da Atividade.

1.1.2 Ergonomia da Atividade

A Ergonomia da Atividade é desenvolvida a partir de disciplinas que estudam a interação homem/máquina na organização do trabalho, contribuindo para que essa relação seja o mais harmônica possível, visto que auxiliaria o trabalhador a uma adaptação a esse ambiente, objetivando amenizar os problemas aí encontrados. Dessa forma, haveria uma melhora nas condições de saúde e bem-estar do trabalhador, resultando, inclusive, num aumento da produtividade. (GUÉRIN et al., 2001).

Os estudos ergonômicos ganharam relevância a partir de métodos originados do Taylorismo⁷ e Fordismo⁸ e que consistiam, basicamente, no gerenciamento do trabalho a partir de normas/prescrições e/ou objetivos que privilegiavam, principalmente, determinados grupos. Sobre a Ergonomia da Atividade, Muniz-Oliveira (2015, p. 34) esclarece que:

A Ergonomia da Atividade nasceu, então, nesse contexto em que a atividade concreta dos trabalhadores e a maneira como a realizavam nunca estiveram efetivamente nas relações sociais. Essa disciplina recusa a abordagem mecanicista em que o homem pode ser reduzido à atividade que realiza e buscava provar que é possível mudar a técnica, os instrumentos e as condições de trabalho, operando uma inversão do paradigma homem/trabalho numa perspectiva de adaptar o trabalho ao homem. (MUNIZ-OLIVEIRA, 2015, p.34).

Os conflitos eram gerados a partir das exigências que se faziam aos trabalhadores, sem levar em consideração as condições para fazê-lo. Considerando-se a distância entre uma coisa e outra é que nasceram os conceitos de trabalho prescrito e trabalho realizado desenvolvidos pela Ergonomia da Atividade. (MACHADO; FERREIRA; LOUSADA, 2011).

De acordo com Muniz-Oliveira (2015), a intervenção ergonômica nesses contextos era de criar condições técnicas, operacionais e instrumentais, como por exemplo, ensinar habilidades que tornassem o trabalho mais fácil e seguro, como, por exemplo, adequar o modo de operar uma máquina, a postura corporal adotada, etc., propiciando aos trabalhadores uma diminuição dos efeitos gerados pela sobrecarga de trabalho, proveniente dos excessos praticados contra os trabalhadores.

A disparidade entre as prescrições e sua realização, mostra-nos que o trabalho prescrito é estabelecido a partir de um saber fazer, baseado em modelos idealizados, determinando um modo específico de ser feito, a fim de que se alcancem os resultados desejados. Depreende-se que essa forma de representar o trabalho estaria firmada em situações ideais, que, de certa forma, não corresponderia à realidade. (BRONCKART, 2006). Para superar os impasses entre essas duas realidades, o trabalhador precisaria criar estratégias

⁷ O Taylorismo é um sistema de organização industrial criado pelo engenheiro mecânico e economista norte-americano Frederick Winslow Taylor, no final do século. XIX. A principal característica deste sistema é a organização e divisão de tarefas dentro de uma empresa com o objetivo de obter o máximo de rendimento e eficiência com o mínimo de tempo e atividade.

⁸ Fordismo é um sistema de produção, criado pelo empresário norte-americano Henry Ford, cuja principal característica é a fabricação em massa. Henry Ford criou este sistema em 1914 para sua indústria de automóveis, projetando um sistema baseado numa linha de montagem. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/economia/taylorismo.htm>> Acesso: 10/11/2017.

de intervenção no ambiente de trabalho, com vistas a amenizar, se possível, as distâncias e os conflitos gerados a partir das situações de trabalho.

De acordo com Lima (2010), os estudos ergonômicos sinalizam distinções entre tarefa, atividade e trabalho, sendo que a tarefa não seria o trabalho em si, mas uma projeção de como ele deveria ser. A atividade, no entanto, poderia ser entendida, basicamente como uma atividade mediadora entre o que é pedido pelas prescrições e o que, de fato, pode ser realizado. Uma vez que a atividade surge da relação entre trabalho prescrito e trabalho realizado, torna-se o resultado dessa relação. Desse modo, “a atividade de trabalho é uma estratégia de adaptação à situação real de trabalho, objeto da prescrição”. (GUÉRIN et al., 2001, p. 15). Sendo assim, o trabalho como objeto das prescrições pressupõe não existir na realidade empírica, existindo apenas idealmente, visto que ao ser transposto para a realidade acaba por sofrer alterações.

Estando a Ergonomia da Atividade mais voltada às análises de ambientes empresariais e/ou industriais buscaremos apoio, principalmente, na Ergonomia da Atividade Docente, seguida por pesquisadores do grupo ALTER-LAEL (Análise de linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações), a partir do qual são desenvolvidos estudos direcionados ao trabalho educacional. (MACHADO; BRONKART, 2009).

Ao abordarmos conceitos como trabalho prescrito e trabalho realizado no contexto educacional, veremos que a distância entre um e outro ocorre pela mesma razão, ou seja, o modo como as prescrições são descritas denotam certo desconhecimento da realidade do ensino público, bem como das limitações a que os professores estão sujeitos. Por existir uma inadequação entre o que é prescrito ao professor e o que ele consegue realizar em sala, é que verificamos certa resistência ou, até mesmo, um conhecimento superficial ou básico dessas prescrições por parte dos professores, impedindo que esse artefato torne-se um instrumento para o desenvolvimento do seu trabalho.

Considerando que cada professor poderá ter diferentes interpretações dessas prescrições, poderíamos esperar que houvesse diferentes formas de agir em sala. No entanto, espera-se que o professor busque conciliar essas prescrições com a realidade da sala de aula, isto é, com os obstáculos e contrariedades que perpassam o trabalho educacional, a fim de atingir seus objetivos. (LIMA, 2010).

Apresentaremos, na seção seguinte, alguns pressupostos centrais da Psicologia do Trabalho e Clínica da Atividade relevantes para esta pesquisa.

1.1.3 Psicologia do Trabalho e Clínica da Atividade

Entendemos que a Ergonomia da Atividade atua, principalmente, na modificação do ambiente físico de trabalho, com o objetivo de oferecer melhorias, mas não teria como foco o desenvolvimento psíquico do trabalhador frente às dificuldades encontradas. Enquanto que a Ergonomia preocupa-se em favorecer o trabalhador a partir de mudanças físicas no ambiente de trabalho, o que não deixa de ser benéfico para a saúde do trabalhador, a Psicologia do Trabalho teria como ponto central o desenvolvimento das funções psíquicas a partir das dificuldades encontradas nesse meio. (CLOT, 2010).

Ao considerar a distância entre trabalho prescrito e trabalho realizado, a Psicologia do Trabalho propõe o trabalho real. Essa dimensão inclui os imprevistos, as contrariedades, os conflitos que se apresentam no decorrer desse trabalho, durante sua realização, incluindo o que o trabalhador planejou fazer e não conseguiu. (MACHADO; FERREIRA; LOUSADA, 2011).

O distanciamento que haveria entre trabalho prescrito e trabalho realizado é percorrido pelo trabalho real ou real da atividade. Portanto, o desenvolvimento do sujeito nesse ambiente só poderia acontecer mediante o enfrentamento das dificuldades e/ou controvérsias que permeiam uma atividade de trabalho. O trabalho real, seria, por assim dizer, o trabalho em sua totalidade, pois os obstáculos encontrados na realização da atividade podem vir a ser fontes de desenvolvimento para o trabalhador. Isso porque, a atividade teria nela atributos capazes de indicar caminhos para os problemas que se sobrepõe ao trabalho. (CLOT, 2007, 2010).

Assim, o termo trabalho real desenvolvido pela Clínica da Atividade abrange as reais condições de trabalho e dá a conhecer o comportamento do trabalhador frente aos entraves existentes nesse meio, inclusive, de propriedades invisíveis, ou seja, pelo que se planejou e não foi possível fazer. Nesse sentido, a Clínica da Atividade desenvolve estudos que levam em conta, “[...] uma psicologia do desenvolvimento da ação. Ela faz a opção de enfrentar as dificuldades de uma atividade científica praticada em “ambiente habitual”. (CLOT, 2007, p. 127).

Desse modo, a compreensão das discussões em Clínica da Atividade tem como conceito central o desenvolvimento humano, retomado e desenvolvido a partir de estudos de Vigotski (2008, 2010), dentre outros, consagrando “um processo histórico – desenvolvimental, no qual se “vincula ou desvincula o individual e o social, o sujeito e a organização do trabalho, os

sujeitos entre si e os sujeitos com os que os mobilizam”. (CLOT, 2008 apud ROGER, 2013, p. 112).

Considerando-se a complexidade da atividade docente, baseamo-nos em outro pressuposto desenvolvido na Clínica da Atividade, ou seja, que:

[...] em muitas situações de trabalho, os trabalhadores são submetidos a uma verdadeira amputação de seu poder de agir, de grande parte de suas capacidades, com o silenciamento e ocultamento de uma série de atividades que poderiam desenvolver. (MACHADO; FERREIRA; LOUSADA, 2011, p. 18).

O termo ‘amputação’ utilizado por Clot (2007, 2010), significaria, dentre outras coisas, negar ao professor o poder de agir, ou seja, provocar nele, sentimentos de incapacidade ou impotência que poderiam ser alimentados por uma situação estressante sem resolução aparente, e/ou determinada por uma ordem hierárquica fechada ao diálogo ou acordo.

Com vistas a uma análise do trabalhador em situação de trabalho, a Clínica da Atividade tem desenvolvido métodos de pesquisa, como a instrução ao sócia, autoconfrontação simples e cruzada, em que o trabalhador seria o centro desses estudos, tendo a oportunidade de atuar como observador de sua prática. Um autor central dos estudos da Clínica da Atividade e que fundamenta esses métodos é Vigotski. Por este motivo, fomos em busca de estudos desse autor.

Ao referirmo-nos à importância dos instrumentos no desempenho do trabalhador, Vigotski (1896/1934[2010], p. 20), afirma que, “[...] existe toda uma gama de instrumentos que, orientados ao próprio homem, podem ser utilizados para controlar, coordenar, desenvolver suas próprias capacidades”, pois ao empenhar-se na busca por soluções, o professor desenvolveria capacidades de pensar e agir sobre os problemas, apropriando-se, para isso, de recursos culturais e linguísticos disponíveis.

Parafraseando Vigotski (1896/1934[1999]), nosso sistema nervoso, quando em meio a um conflito, busca encontrar soluções para o problema, sendo que esse processo é altamente complexo uma vez que mobiliza todo um aparato de saberes adquiridos, incluindo-se ou excluindo-se possíveis soluções que se apresentam, de modo a fazer a escolha certa. De acordo com o autor, esse processo lembraria uma estação ferroviária na qual várias ferrovias afluiriam para um mesmo ponto. Dos vários trens que por ali transitassem, todos intentariam passar, no entanto, apenas um conseguiria seguir caminho e, mesmo assim, em situação de grande luta.

Dentre outras coisas, significaria dizer, que, em meio a conflitos, o sujeito trava uma luta psíquica que só é resolvida quando encontra uma solução para o problema que o aflige.

Mas esse processo não seria simples, pois em meio a um turbilhão de pensamentos, uma entre tantas resoluções é tomada. O autor lembra ainda, que essa luta poderia ser comparada a um funil que estando com a boca voltada para o mundo, ficaria com o bico voltado para a ação. Isto é, entre as opções que apresentavam-se como soluções, apenas uma foi a vencedora, ou seja, a “escolha” por uma, deixou de lado todas as outras. (VIGOTSKI, 1999).

O que fazer, então, com a parte que não passou pelo bico apertado do funil? De alguma forma, as opções que não se realizaram ficam à disposição do sujeito, visto que, “nesse processo, se recicla tudo o que a atividade passada deixou como resíduo de possíveis não realizados”. (ROGER, 2013, p. 112). Reutiliza-se, assim, as soluções encontradas, as maneiras de fazer, etc., que foram sendo acumuladas na história de um coletivo de trabalho.

Para melhor compreender os meios pelos quais o processo de desenvolvimento desdobra-se, faremos, na próxima seção, uma explanação a respeito do termo linguagem, tal qual concebido por Vigotski (2008) e sua relação com o termo Atividade Reguladora desenvolvido por (Lima, 2010, 2013, 2014, 2016), os quais possuem grande importância para a significação deste trabalho.

1.2 LINGUAGEM E ATIVIDADE REGULADORA

Nesta seção, pretendemos evidenciar a conexão entre linguagem e atividade como sendo inseparáveis. Em se tratando dos estudos da Clínica da Atividade, é importante que o linguista considere a hipótese de uma análise psicológica da atividade para melhor compreendê-la e, vice-versa, é necessário que o psicólogo estudioso da atividade torne-se um linguista para melhor compreender as vicissitudes da linguagem. (LIMA, 2013).

1.2.1 Linguagem

Na visão de Vigotski, “o desenvolvimento do sujeito se dá a partir das constantes formas de interação com o meio social em que se vive, pois as formas psicológicas mais sofisticadas se originam da vida social”. (VIGOTSKI, 1984 apud MUNIZ-OLIVEIRA, 2015, p. 96).

As atividades que formam-se nesse ambiente têm como principal meio de ação a linguagem, fator de mediação e intervenção entre sujeito e objeto interagindo com os outros

por meio de instrumentos. Desse modo, vemos que Vigotski (2008), tem na linguagem o principal instrumento de interação, sendo que o processo de apropriação desse instrumento constitui-se a principal etapa do desenvolvimento humano.

Sendo assim, o processo de apropriação estaria ligado à história cultural do sujeito, renovando-se continuamente na relação com o outro e na mediação por instrumentos historicamente construídos. A interiorização da linguagem pelo sujeito seria, nesse sentido, um processo de apropriação de algo externo a ele, até sua completa adaptação e assimilação. (GAMA, 2012). A apropriação, nesse caso, estaria ligada à aprendizagem, pois embora a aprendizagem esteja relacionada ao desenvolvimento, precisa ser adequada, a fim de levar ao desenvolvimento mental, isto é, contribuir para uma passagem gradual do conhecimento produzido.

Assim, a aprendizagem é a apropriação feita pelo indivíduo de informações e conhecimentos por conta da interação com o meio. Já o Desenvolvimento, intimamente ligado à aprendizagem, representa a evolução das funções mentais superiores, que são o pensamento e as estruturas cognitivas e o intelecto. Para Vygotsky, a aprendizagem leva ao desenvolvimento, conforme o indivíduo aprende, desenvolve-se e com o desenvolvimento torna-se apto a aprender o novo. (GAMA, 2012, p. 6).

Desse modo, o desenvolvimento humano, a partir de Vigotski, é observado em condições reais, ou seja, a partir de situações vivenciadas no cotidiano e/ou nas relações sociais, mediadas pelo meio, fato que não é facilmente identificado. Dos conceitos que constroem a teoria vigotskiana do desenvolvimento humano, ater-nos-emos, basicamente, à linguagem como forma de apreendê-la em um processo intermediário à interiorização, bem como sua função reguladora da atividade do sujeito, cujas circunstâncias e condições são decisivas para sua ocorrência.

Observamos, a partir de experimentos de Vigotski (2008), com crianças, que a “linguagem egocêntrica” desencadeava-se de forma mais intensa quando eram postos obstáculos às suas atividades, “por exemplo, quando uma criança estava se preparando para desenhar, descobria subitamente que não havia papel, ou nenhum lápis da cor que ela necessitava [...], ao impedi-la de agir livremente, nós a forçávamos a enfrentar problemas”. (VIGOTSKI, 2008, p. 19). Ao sentir-se afetada, a criança falava consigo mesma: “Onde está o lápis? Preciso de um lápis azul. Não faz mal, vou desenhar com o vermelho, e vou umedecê-lo com água; assim, vai ficar mais escuro, parecendo azul”. (VIGOTSKI, 2008, p. 20).

Verificamos que a criança, ao deparar-se com uma contrariedade, expressa na fala o problema vivenciado, bem como uma solução, significando, inclusive, que a descontinuação

da atividade gerada pelo obstáculo, contribuiria para estimular a exploração de recursos disponíveis a partir do que ela já possuía em mãos. Verificamos que, “a criança, quando se encontra diante de um problema prático, utiliza a fala para sua resolução, uso que se torna mais intenso quanto mais complicada é a situação. (SOUTO et al., 2015, p. 14).

Desse modo, a linguagem apresenta-se como um recurso possível para a superação do obstáculo apresentado à atividade da criança. Vigotski acreditava que a fala, “além de ser um meio de expressão e de liberação da tensão, torna-se logo um instrumento do pensamento, no sentido próprio do termo – a busca e o planejamento da solução de um problema”. (VIGOTSKI, 2008, p. 20).

A linguagem, por assim dizer, constitui-se de um instrumento do pensamento voltado à resolução de problemas. (LIMA, 2010). Portanto, ao deparar-se com um obstáculo interposto à uma atividade que vinha sendo realizada, o sujeito põe-se a pensar em outra atividade que funcione como recurso à atividade impedida.

1.2.2 Atividade Reguladora

Nesta seção, buscamos esclarecer o conceito de Atividade Reguladora, embora corramos o risco de, por se tratar de um processo complexo, não conseguirmos dar conta da profundidade que esse conceito requer. Porém, entendemos que essa complexidade está ligada à sua interdependência com a linguagem, sendo este um fenômeno naturalmente complexo. A linguagem, portanto, teria função reguladora na atividade do sujeito, principalmente em situação de dificuldade, visto que uma Atividade Reguladora:

[...] consiste no complexo processo de reestruturação de uma atividade que acaba de esbarrar em uma dificuldade. Esse processo, por sua vez, consiste nas oscilações reguladoras tateantes e constantes do sujeito entre dois extremos ou dois polos opostos, correspondentes a dois motivos antagonistas ou contraditórios, até que se estabeleça entre eles um relativo equilíbrio: o gênero de discurso e de atividade. (LIMA, 2010, p. 207).

Depreendemos, com base em Lima (2010), que uma Atividade Reguladora tem como objetivo um equilíbrio entre o que é prescrito e/ou estabelecido por um gênero do discurso, considerando-se, inclusive, certa flexibilidade que o gênero permite, e sua aplicabilidade na vida real, ou seja, dos possíveis entraves e obstáculos que uma atividade oferece.

Poderíamos, ainda antever que uma Atividade Reguladora define o estágio de desenvolvimento demonstrado por um sujeito que ao deparar-se com uma dificuldade

desenvolve modos de resolver o impasse. No entanto, ao tratar-se de um trabalhador iniciante ou, a depender das características de cada pessoa, esse desenvolvimento resulta de fatores pessoais, como, motivação, interesses e/ou necessidades que o levariam a apropriar-se da resolução de uma situação ou de um artefato necessário para dar conta de uma atividade. Além disso, seria necessário verificar se o ambiente de trabalho é propício ou dificultaria essa apropriação, levando-o a desistir ou persistir diante da dificuldade.

O processo de apropriação de um instrumento, a exemplo da linguagem, requer uma conversão do social (atividade exterior) para o pessoal (atividade interior), o que poderia ser demonstrado através de uma Atividade Reguladora. Isso porque, o sujeito se utilizaria dos conhecimentos construídos socialmente e/ou culturalmente para, ao apropriar-se deles, interiorizá-los, ou seja, tomá-los para si.

Na atividade humana (de trabalho), a apropriação é visivelmente demonstrada em gestos configurados nos modos de realizar/exercer o trabalho, sendo que um trabalhador iniciante em fase de adaptação sente-se pouco à vontade no novo ambiente, pois percebe-se “forçado” a apropriar-se das funções de que necessita para realizá-lo. A falta de jeito demonstrada por um trabalhador principiante ao manusear uma máquina, por exemplo, demonstraria esse processo em andamento, sendo que a apropriação levaria a uma (re)criação do instrumento, passando de um instrumento do outro a instrumento seu, o que caracterizaria seu desenvolvimento. (LIMA, 2014).

Em Lima (2014), verificamos uma Atividade Reguladora em processo, quando em visita técnica a uma oficina ferroviária, um dos alunos presentes é chamado a participar de uma atividade que consistia, inicialmente, em bater com um martelo sobre um punção (uma espécie de instrumento pontiaguado semelhante a um prego) utilizado para marcar trilhos. O aluno parecia não conseguir dar início à atividade, isto é, estava um tanto hesitante, embora, o professor que acompanhava os alunos e um trabalhador (colaborador) da oficina encarregado de auxiliar o grupo, prescrevessem o modo como ele deveria manusear o martelo.

Assim, o aluno buscava apropriar-se do uso do martelo na tentativa de realizar a tarefa, sendo que as instruções do professor e do trabalhador eram de que ele deveria segurar o martelo pela extremidade, para, assim, adquirir mais força. Embora procurasse seguir essa orientação, o aluno ia sutilmente deslizando a mão pelo cabo, indo da extremidade para o interior, parando no centro. Esse movimento representaria, a exemplo do que acontece com a interiorização da linguagem, um deslocamento de uma posição à outra, um “tateamento” caracterizado pela busca de conhecimentos sobre o manuseio do martelo, que até então, tratava-se de um artefato, em vias de ser transformado em instrumento. (LIMA, 2016).

Buscava-se, nesse processo, um equilíbrio entre os polos da eficácia (bater com força e precisão) e da segurança (não machucar a mão ou os dedos). No momento em que o aluno deslocava a mão da extremidade para o centro do cabo, contrariando as prescrições, demonstrava estar a caminho de um “nivelamento” entre forças opostas. Isso, demonstraria, entre outras coisas, uma possível migração funcional do martelo como objeto do trabalho a instrumento da ação. “É necessário que os componentes da atividade migrem de função. Suas manifestações combinam o aumento da eficiência das tarefas e o engendramento de novos sentidos. Resultam daí uma maior eficácia da ação e o desenvolvimento do poder agir”. (ROGER, 2013, pp. 113-114).

Analisando o gesto do aluno aprendiz, é possível notar um processo similar à interiorização da linguagem. Ao deslocar a mão para o meio, o aluno demonstra estar em uma fase intermediária do seu desenvolvimento. Ou seja, esse nível ou posição representaria, dentre outras coisas, uma possível superação do conflito, demonstrada por certo equilíbrio entre os polos da eficácia, como já mencionado, e o polo da segurança. Assim, deduzimos “[...] essa oscilação do sujeito entre motivos opostos para conseguir fazer simultaneamente aquilo que ao longo de toda sua vida profissional se apresenta e se impõe sucessivamente no curso de sua atividade”, um exemplo de Atividade Reguladora. (LIMA, 2010, p. 223).

Significa dizer, que os movimentos em direção ao centro observados anteriormente através de “tateamentos”, demonstram uma sondagem do problema e uma aparente resolução que surgia, neutralizando as oposições e permitindo uma tomada de consciência do funcionamento da ferramenta, visto que ia “deslocando-se em seguida, gradualmente, para o meio e, finalmente, para o início da atividade, assumindo uma função diretiva e estratégica e elevando a atividade [...] ao nível de um comportamento intencional”. (VIGOTSKI, 2008, p. 21).

Desse exemplo, podemos inferir “o psiquismo como algo dinâmico, que está sempre se (re)fazendo e em perpétuo movimento. Algo que nos faz pensar na criação ininterrupta do velho no novo, do significado dado na flutuação do sentido”. (PINO, 2000, p. 70).

Conforme o aluno ganhasse experiência no manuseio do martelo, os gestos que pareciam “desajeitados” iam desenvolvendo-se e migrando para uma postura mais segura, indicando aí, um possível desenvolvimento. No entanto, o domínio de certas situações em ambiente de trabalho é um processo tendencialmente conflituoso. E os gestos que em algum momento não atendem às várias demandas exigidas pela atividade, principalmente por uma inexperiência do aprendiz, voltam depois em forma de obstáculos, nos quais esse aprendiz esbarra durante a continuação da atividade. (LIMA, 2014).

Em linhas gerais, a relação da atividade com a linguagem em suas diferentes formas manifesta-se, basicamente, quando o sujeito em função de uma atividade, esbarra em um obstáculo gerando a dificuldade. Seria nesse momento que a linguagem demonstraria sua função reguladora, isto é, o sujeito auxiliado por uma linguagem interior tenderia a exteriorizar (vazar) a dificuldade vivida, intencionando uma possível resolução do problema. (LIMA, 2010).

Uma Atividade Reguladora estaria associada a processos de apropriação/internalização da linguagem. Essa fase de transição fora nomeada por Vygotsky (1934/1997, 1934/2001 apud Lima, 2013), de linguagem egocêntrica. Segundo Lima (2013), a fase posterior a essa, chamada de linguagem interior é percebida nos processos de apropriação desenvolvidos durante uma atividade, justificando-se, por isso, o nome “Atividade Reguladora”.

Uma Atividade Reguladora é, então, demonstrada a partir de exemplos e manifestações do comportamento humano caracterizado por pensamentos, palavras, gestos, atitudes, etc., frente à situações que exigem uma posição e/ou uma resposta do sujeito.

1.3. INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO: AGIR E LINGUAGEM

O Interacionismo Sociodiscursivo – ISD, é constituído por diversas contribuições teóricas, incorporando-se dados de autores dos mais variados campos científicos como a linguística, filosofia, psicologia, antropologia, dentre outros. O Interacionismo Sociodiscursivo é, portanto, resultado das discussões procedentes do Interacionismo Social (VIGOTSKI, 1988, 2008, 2010; BAKHTIN, 2011), em que se defende uma abordagem socio-histórica da linguagem e que Bronckart (2008, 2012), ao revisitar esse e outros autores, busca desenvolvê-la.

A vertente do ISD possui um conjunto de proposições teórico-metodológicas dirigidas ao desenvolvimento do comportamento humano, a partir de suas relações com o meio social, caracterizadas, principalmente, pelo uso da linguagem, enquanto instrumento de atuação/intervenção na sociedade.

Em relação à questão do meio social, Vigotski (1988, p. 25), afirma que “o homem não é apenas um produto de seu ambiente, é também um agente ativo no processo de criação deste meio”. A partir desse autor, inferimos que o sujeito e o meio em que vive fundem-se em um processo recíproco de trocas. Nesse processo são verificadas tanto a flexibilidade quanto a

plasticidade que esse elemento apresenta no desenvolvimento do pensamento e da linguagem verbal, enquanto criadora e reguladora das ações nesse meio.

Podemos compreender que as ações de intervenção no meio social educativo estão ligadas ao agir linguageiro e suas manifestações sociais e coletivas, pois “é o agir socializado o motor do desenvolvimento humano, porque é por meio dele que se realiza qualquer reencontro entre os indivíduos e o seu meio ambiente”. (BRONCKART, 2008, pp. 64-65).

Os termos agir, ação e atividade desenvolvidos por Leontiev (1988), e retomados por Bronckart (2008, p. 120), indicam que o agir “é qualquer forma de intervenção orientada de um ou de vários seres humanos no mundo”. Quando essa atuação é produto do contexto de trabalho, ela divide-se em tarefas, sendo que uma operação seria, então, o meio e os modos pelos quais uma tarefa é feita, o que envolveria os estilos individuais e coletivos de se fazer. (LEONTIEV, 1988). No desenvolvimento dessas tarefas são identificados atos e gestos que contribuiriam para o processo de interpretação do agir.

Já a atividade, “é uma leitura do agir que envolve dimensões motivacionais e intencionais mobilizadas no nível coletivo, enquanto que ação designa uma leitura do agir que envolve essas mesmas dimensões mobilizadas no nível das pessoas em particular”. (BRONCKART, 2008, pp. 120-121).

As ações se distinguem dos simples acontecimentos, sendo que ao agir ou intervir no mundo, o agente mobiliza recursos mentais e comportamentais ligados a um poder-fazer ativado por motivos/razões que determinariam formas de agir. Assim, as intenções determinariam o resultado ou consequências desse agir, o que traria ao sujeito um senso de responsabilidade originado desse agir/intervir no mundo. (BRONCKART, 2008).

Uma das distinções entre ação e acontecimento, é que, as ações seriam estimuladas pelas representações organizadas a partir de um esquema formado pelos mundos objetivo, social e subjetivo. Sendo que o primeiro estaria ligado aos conhecimentos dos elementos do mundo físico e material, isto é, dos objetos; o segundo estaria relacionado às regras, escala de valores, etc., e teria como objetivo regular as tarefas, atividades coletivas etc., buscando a cooperação e a organização dos sujeitos envolvidos. Já o terceiro estaria relacionado ao psiquismo humano e as representações que as pessoas possuem sobre si mesmas, sobre os outros e o mundo a sua volta. (HABERMAS, 1987 apud MUNIZ-OLIVEIRA, 2015).

Tais conhecimentos contribuiriam para orientar as condutas humanas, promovendo formas de controle e avaliação que determinariam a qualidade dessas intervenções. De acordo com essa teoria, as formas de agir pressupõem diferentes dimensões que, a depender da complexidade, podem assumir caráter estratégico, regulado ou dramático. O agir

estratégico requer conhecimento, visto envolver situações em que figuram outros actantes que também tomam parte no processo, exigindo um conjunto de medidas que venham garantir sua execução. Para garantir a eficácia desses processos recorre-se às regras e valores sociais como forma de adesão e colaboração desses outros. Além do agir regulado ou regido por normas, há também, o agir subjetivo voltado para a subjetividade do sujeito - suas formas de agir baseadas em quem ele é ou pensa ser, e a realidade objetiva. (HABERMAS, 1987 apud MUNIZ-OLIVEIRA, 2015).

No entanto, seria através do agir linguageiro que todas essas formas de agir se concretizariam, visto estar na linguagem à ação reguladora de toda e qualquer atividade humana. Esse agir estaria organizado a partir dos textos ou discursos originados na interação com o meio, sendo, portanto, concretizados a partir dos gêneros de texto. Esses textos organizados em gêneros é que dariam as condições para avaliar e interpretar o agir humano, pois ao retomar Habermas (1987), Bronckart (2008, p. 27) entende que, “é na prática dos signos organizados em textos que se constroem os mundos representados”.

Em relação com esses mundos, tem-se o mundo vivido, constituído pelo modo de ser do agente, bem como das experiências e conhecimentos acumulados durante a vida e que determinariam sua forma de agir. Entretanto, essa maneira própria de agir estaria em oposição com as estruturas formais impostas pelo ambiente, forçando-o, a, constantemente, desenvolver atividades de regulação que teriam como propósito “harmonizar” essas forças. (HABERMAS, 1987 apud MUNIZ-OLIVEIRA, 2015).

A ação de linguagem proposta por Bronckart (2012), está intimamente ligada a esses mundos, uma vez que o sujeito age segundo conhecimentos provenientes de representações pessoais e coletivas geradas a partir deles. Os mundos coletivo-discursivos são, portanto, organizados a partir de um ambiente comum e/ou coletivo determinado por instâncias de enunciação que, além de servirem de apoio e/ou sustentação aos discursos proferidos por um falante, estabelecem regras ao seu funcionamento. (BRONCKART, 2012).

Além disso, há outros aspectos importantes e que auxiliam na interpretação dos textos, como as condições de produção, a situação em que são produzidos, bem como o conteúdo temático, visto que, haveria uma relação entre o que é dito (verbalizado) e o contexto de produção. Segundo Bronckart (2012, p. 93), “o contexto de produção pode ser definido como o conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado”. Os modos de organização dos textos são definidos por uma série de fatores que exercem influência sobre a vida do sujeito, como por exemplo, o contexto físico, que diz respeito ao lugar e momento de produção, bem como do emissor e receptor envolvidos. Em se

tratando de uma produção oral, ambos estão presentes a um mesmo local e tempo determinado, o que favoreceria uma interação face a face. (BRONCKART, 2012).

Ainda de acordo com Bronchart (2012), sendo a produção de um texto proveniente de um ambiente social, sofre influências de normas, valores, regras de conduta, etc, que regulam o que e como algo pode ser dito ou feito. A forma de dizer/agir estaria ligada à subjetividade do sujeito que ao agir deixa vestígios que indicam quem ele é ou pensa ser.

Segundo o autor, a subjetividade do sujeito estaria ligada a um lugar social estabelecido por uma determinada formação social. Nesse caso, uma produção gerada em uma escola ou em uma reunião familiar, comercial, etc, demandaria um enunciador e um destinatário com atribuições e objetivos específicos.

Na seção seguinte, pretendemos, em linhas gerais, expor um estudo sobre as formas de organização das conversações, em especial, dos tópicos conversacionais.

1.3.1 CONVERSAÇÃO E CONTEÚDO TEMÁTICO

De acordo com Koch (2015, p. 80), “a conversação organiza-se em turnos, que consistem em cada intervenção de um dos participantes no decorrer da interação”. Há pelo menos duas categorias que balizam as interações: as interações simétricas, estas são conversações do dia a dia e, portanto, são menos formais, mas ainda assim, são estabelecidos alguns limites para que os falantes possam comunicar-se satisfatoriamente. Já as interações assimétricas dizem respeito à ocasiões formais como uma entrevista, uma palestra, etc, orientadas por uma pessoa em particular, que “detém o poder da palavra e a distribui de acordo com a sua vontade”. (KOCH, 2015, p. 80).

Nesses casos, há uma prevalência de regras estabelecidas e que devem ser obedecidas para que a comunicação seja bem sucedida. Porém, “transgressões” são passíveis de ocorrer durante uma interação, como por exemplo, quando um dos falantes interrompe o outro ao “tomar o turno fora do momento adequado”. (KOCH, 2015, p. 80). De acordo com a autora, a ocorrência desses casos é chamada de “assalto ao turno”, resultando em uma “sobreposição de vozes”, visto que os sujeitos intentariam falar ao mesmo tempo e a quebra dessa regra poderia resultar em problemas, caso não se buscasse uma negociação.

Portanto, a organização dos turnos de fala baseia-se na alternância entre os falantes, que ao não observarem as regras, seriam, até certo ponto, tolerados, pois ao perceberem uma falha na comunicação buscariam de imediato, negociar a concessão do turno de fala promovendo ajustes para que a interação prosseguisse. No entanto, quebrar uma regra

estabelecida por uma determinada interação verbal (oral ou escrita) pode ter consequências danosas para os envolvidos acarretando em ofensas e mal-entendidos difíceis de contornar. Isso porque, “uma conversação é um tipo de “texto” produzido coletivamente, no qual todos os fios devem de certo modo se enlaçar – sendo que a falta de seu enlace torna a conversação, como se costuma dizer, ‘descosturada’”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 53).

Um texto é, portanto, constituído de um conteúdo temático, “definido como o conjunto das informações que nele são explicitamente apresentadas , isto é, que são traduzidas no texto pelas unidades declarativas da língua natural utilizada”. (BRONCKART, 2012, p. 97). Desse modo, as informações contidas em um tópico conversacional dizem respeito às representações e/ou conhecimentos que um determinado sujeito teria sobre os assuntos em questão. De acordo com Bronckart (2012, p. 98), esses conhecimentos denotariam um “nível de desenvolvimento do agente e que estão estocados e organizados em sua memória, previamente, antes do desencadear da ação de linguagem.”

Ao ser mobilizada, uma ação de linguagem colocaria à prova os conhecimentos prévios organizando-os em “planos de texto e as sequências que organizam o conteúdo temático”. (BRONCKART, 2012, p. 98). Sendo assim, ao empreender uma ação de linguagem, o sujeito toma como base o contexto de produção e o conteúdo temático que lhe são próprios. Pois a representação de uma ação de linguagem é determinada por uma escala de valores atribuída pelo sujeito e mobilizada no conteúdo temático.

O conteúdo temático, seria, dentre outras coisas, dividido em tópicos, já que “na linguagem comum, *tópico* é, portanto, *aquilo sobre o que se fala.*” (KOCH, 2015, p. 81). No entanto, o conteúdo temático estabelece divisões em vários níveis, conforme explica a autora:

[...] podemos denominar os fragmentos de nível mais baixo de segmentos tópicos; um conjunto de segmentos formará um subtópico; diversos subtópicos constituirão um quadro tópico; havendo ainda um tópico superior que englobe vários tópicos, ter-se-á um supertópico. (KOCH, 2015, p. 82).

Como é possível verificar, seria necessário um estudo mais aprofundado sobre o tema, mas não é nosso objetivo aqui. Ao abordarmos o conteúdo temático, temos como propósito investigar os assuntos de que falam os sujeitos de pesquisa ao tratar de suas atividades em sala.

A seguir, apresentamos o conjunto de elementos, leia-se unidades, que abrangem o trabalho educacional, seguindo Machado (2009), em que a autora parte de uma perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo vinculada também aos estudos da Ergonomia da Atividade e Clínica da Atividade.

1.4. ELEMENTOS DO TRABALHO EDUCACIONAL

Nesta seção, faremos uma breve exposição acerca do trabalho educacional e de suas unidades como um todo. Para melhor representarmos sua complexidade, apresentamos a figura 1, a seguir, em seus contextos mais amplos.

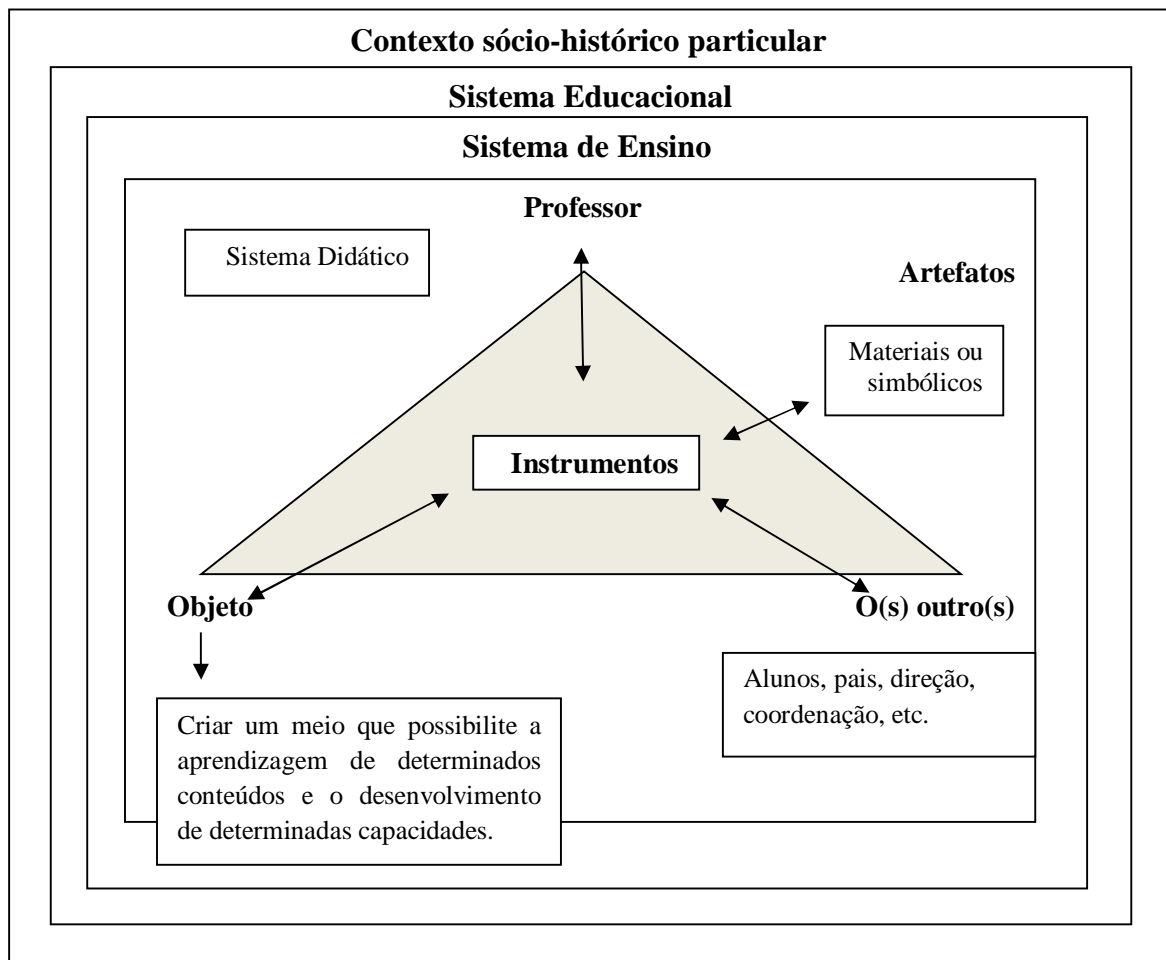


Figura 1. Esquema dos elementos constituintes do trabalho do professor em situação de sala de aula (MACHADO, 2007, p. 92)

Conforme ilustra Machado (2007, 2009), a atividade docente em situação de sala de aula é composta, basicamente, pelo sujeito/professor, o(s) outro(s) - alunos, coordenação, direção, pais de alunos, colegas, etc; os artefatos - livro didático, computadores, documentos prescritivos, etc., que ao serem apropriados pelo trabalhador transformam-se em instrumentos (técnicos, psicológicos/semióticos) para seu trabalho; e o objeto do trabalho do professor visto por Machado (2009, p. 39), como a “criação/organização de um meio favorável ao

desenvolvimento de determinadas capacidades dos alunos e à aprendizagem de determinados conteúdos a elas correlacionados”.

A partir desse esquema, a autora busca definir, ainda que de forma transitória, as características da atividade docente, sendo ela pessoal, já que aciona de modos diferentes as capacidades físicas, mentais, emocionais, etc., de cada sujeito, promovendo a interação entre o sujeito e o meio pela mediação de instrumentos; interpessoal, já que envolve a participação dos outros; além de pessoal é impessoal, pois recebe influências externas; e transpessoal, pois é estimulada por modelos de agir que são imitados. (MACHADO, 2009).

Verificamos que a complexidade do trabalho docente reside na confluência de seus polos misturando-se de tal modo que não existiria um sem o outro. De acordo com Roger (2013, p. 111), “o real da atividade é um espaço de conflitos entre (e no interior de) diversos polos aos quais aquele que age dirige sua atividade”. No primeiro desses polos surge o sujeito/professor, no segundo o objeto de trabalho e no terceiro, a atividade do(s) outro(s) direcionada para esse mesmo objeto.

No que diz respeito a atividade do professor em sala, percebemos a influência dos artefatos e instrumentos materiais na realização dessa atividade, sendo, inclusive, motivo de conflito quando não estão disponíveis ou em boas condições de uso. Podemos dar como exemplo o livro didático, que, em alguns contextos, funciona como único instrumento para o trabalho do professor, sendo que sua falta afeta não só o seu trabalho, mas também o trabalho do aluno.

Além do livro didático que direciona as atividades em sala, há os documentos oficiais que prescrevem o ensino de língua portuguesa, sendo o livro didático uma extensão desses documentos. Assim, essas prescrições constituem-se em objeto regulador da atividade docente, mas é preciso ressaltar que muitas vezes, por falta de tempo ou por outros motivos, o professor não consegue apropriar-se dessas prescrições. Em outros casos, ele não consegue aplicá-las em seu ambiente de trabalho.

Outro ponto importante a ser abordado em relação às atividades desenvolvidas em sala e que funcionam como um meio de ação e intervenção, são os “modelos de agir”, baseados nos pré-construídos, visto que o professor constrói suas ações com base em modelos disponibilizados pelo meio social educativo, sendo, portanto, recursos materiais e culturais construídos e desenvolvidos ao longo dos anos e que funcionam como meios para resolução de problemas.

A partir das informações contidas na figura 1, podemos pensar o trabalho do professor como uma atividade complexa em que verificam-se vários elementos interagindo entre si.

Cada uma dessas partes encontram-se dispostas nos três polos do triângulo, sendo que um desses elementos fica localizado no centro parecendo intermediar essas relações. Ao mesmo tempo em que aponta para outros polos retorna para si. Disso depreendemos que os artefatos e, mais precisamente, os instrumentos são indispensáveis a todos os outros elementos, sendo, inclusive, auxiliares na organização do meio profissional. (MACHADO; LOUSADA, 2010).

Ainda nesse conjunto de relações, verificamos a influência do sistema didático sobre a atividade docente. Além deste, verificamos que esse conjunto é circundado por outras três camadas dispostas de forma mais abrangente. Disso, depreendemos que essas unidades variam em seu conjunto a depender do contexto em que estão inseridos, pois somente para dar um exemplo, o professor desenvolveria diferentes perfis a depender da escola. Sendo assim, os alunos também diferenciam-se a partir desses contextos, e os artefatos também variam de um contexto a outro. Se assim é, o objeto de trabalho também poderá variar a despeito dos diferentes contextos e situações.

Nas atividades de sala de aula, é muito comum o professor lançar mão de certos recursos materiais, simbólicos, culturais etc, como meios de desenvolver sua atividade. Esses modelos de agir, bem como os pré-construídos histórico-culturais disponibilizados pelo meio social surgem a partir de um coletivo de trabalhadores ficando disponíveis para acessá-los. Esses recursos são testados ao longo das atividades, podendo tornar-se verdadeiros instrumentos de trabalho.

Em relação ao objeto do trabalho docente, temos interesse em investigar de que modo o professor (re)cria, de acordo com Machado (2009), um meio propício ao ensino-aprendizagem e ao desenvolvimento das capacidades dos alunos. Isso nos faz pensar nos modos possíveis de organização da sala de aula, já que essa organização é pré-estabelecida social e historicamente. Entretanto, o professor possuidor de certa autonomia, é convocado a interferir nesse meio em confronto com as contrariedades que se apresentam, já que o meio social educativo não estaria organizado de forma neutra. (AMIGUES, 2002 apud LIMA, 2010).

Porém, uma organização inflexível ou imposta ao professor, poderia influenciá-lo de forma negativa, especialmente em contextos mais complexos, em que o professor ao gozar de certa autonomia poderia atuar na criação de um meio favorável ao desenvolvimento dos alunos e de si mesmo, a partir das necessidades envolvidas. (MACHADO, 2009).

No entanto, a partir dos dados desta pesquisa, poderíamos supor que o objeto do trabalho do professor, seria, primeiramente, ter domínio sobre a disciplina ministrada. Entretanto, ao nos darmos conta dos obstáculos e/ou contrariedades encontrados no exercício

do trabalho, verificamos, certa oposição ao que nos propomos realizar, ainda que o professor esteja habilitado para estar em sala. Isso demonstra que o objeto do trabalho é determinado não somente pelo professor/trabalhador, mas por todos os elementos do meio em que é constituído.

Assim, acreditamos que os estudos desenvolvidos pelas Ciências do Trabalho, de modo particular, a Psicologia do Trabalho, bem como pelas contribuições apresentadas pelo Interacionismo Sociodiscursivo são relevantes para uma investigação visando compreender o objeto do trabalhador docente.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentaremos os processos desenvolvidos e aplicados nesta pesquisa, a saber, os instrumentos e métodos empregados na produção dos textos analisados. Em um segundo momento, discorreremos sobre o contexto ou conjunto de circunstâncias que envolvem esta pesquisa, já que dele depende seu significado e importância. Em seguida, apresentaremos os sujeitos que participam ativamente dessa atividade, bem como os procedimentos adotados na produção e análise dos textos produzidos.

2. 1 MÉTODO DE PRODUÇÃO DOS TEXTOS ANALISADOS

Para a produção dos dados, utilizamos, como princípio, as técnicas da instrução ao sócio,⁹ criadas pelo médico e psicólogo italiano Ivar Oddone a partir do MOI – Modelo Operário Italiano - que tinha, dentre outros objetivos investigar a saúde das pessoas em situação de trabalho e a partir dessas análises desenvolver estratégias de ação que determinassem o desenvolvimento do sujeito a partir das dificuldades encontradas. (ODDONE, 1986).

Esse modelo não tinha como propósito contrariar poderes instituídos, já que isso demandaria poder para fazê-lo, mas a partir das condições, muitas vezes desumanas de trabalho, estimular o trabalhador a desenvolver estratégias que o levassem a uma melhor percepção dessas condições e a uma (re)apropriação do meio de trabalho, de modo a diminuir o sofrimento gerado pelos conflitos daí decorrentes, tornando as relações entre organismo e meio de trabalho menos conflituosas e mais administráveis. (SOUZA; MENDONÇA, 2013).

Como já mencionado, a saúde mental e o bem-estar do trabalhador é o objeto da Psicologia do Trabalho, pois, “longe de ser um dado natural, a saúde é um poder de ação sobre si e sobre o mundo, adquirido junto dos outros”. (CLOT, 2010, p.111).

⁹ Este trabalho, vinculado ao projeto maior de Muniz-Oliveira (2014), seguiu todas as questões de ética em pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UTFPR sob o número CAAE 33987814.6.0000.5547.

Ressalta-se, ainda, que essas técnicas sofreram adaptações em contexto brasileiro, no entanto, podem contribuir com o desenvolvimento de ações coletivas, a partir de necessidades específicas a um coletivo de trabalho. Essas alterações e/ou adaptações dizem respeito, principalmente, ao tempo dedicado pelos trabalhadores no cumprimento das etapas do processo que envolve a instrução ao sócia. (CLOT, 2010). De todo modo, a regra básica do método consiste na seguinte proposição: “Suponha que eu seja seu sócia e que amanhã vou substituí-lo em seu local de trabalho. Quais instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição?” (CLOT, 2007, p.144). A partir dessa proposição, o professor/instrutor dará as instruções ao sócia de acordo com as atividades que ele desenvolveria no dia da substituição.

O método consiste, basicamente, de três etapas: a primeira é a própria produção de dados em que interagem o pesquisador que se colocará no papel de sócia (substituto do trabalhador) e o trabalhador, que desempenhará o papel de instrutor. Trata-se de uma situação fictícia, porém real, isso porque, o professor precisará vivenciar o papel de instrutor ao repassar as instruções ao sócia, e este, no papel de sócia, precisará desempenhar seu papel de modo que ninguém percebesse a substituição.

A segunda etapa é aquela em que os sujeitos pesquisados têm a oportunidade de autoavaliar-se a partir das gravações em áudio e dos textos transcritos produzidos a partir da instrução ao sócia, permitindo que esses sujeitos tenham a possibilidade de retomar essa atividade em um segundo momento. Ao ouvir-se nessas gravações, tenderão a confrontar-se com seus modos de agir, o que, poderá, de certa forma, contribuir com o desenvolvimento do seu trabalho.

Na terceira e última etapa, o sujeito pesquisado irá desenvolver um comentário escrito (comentário reflexivo) discorrendo sobre a experiência que teve ao vivenciar a posição de instrutor(a). Essa escrita parte de um conjunto de regras enviadas ao professor com o objetivo de orientar a elaboração desse comentário que visa, dentre outras coisas, promover uma reflexão sobre as ações de trabalho. (MUNIZ-OLIVEIRA, 2011).

Sendo assim, nesta pesquisa foram produzidos textos referentes às instruções sobre o trabalho do professor transmitidas por este ao sócia (substituto) que, de modo fictício, deverá substituir o trabalhador; e os textos produzidos a partir de um comentário reflexivo, cuja função está em que o professor/trabalhador comente o seu agir colocado à cena através dos procedimentos dessas instruções.

Considerando-se os papéis que se alternam entre pesquisador/sócia e professor/instrutor possibilitados pela ação do método, o trabalhador tem a possibilidade de

observar-se por outros ângulos, colocando-se, inclusive, no lugar do outro, o que poderia permitir-lhe refletir suas ações e as ações do outro que procura substituí-lo. Essa experiência poderá tornar possível a compreensão das próprias dificuldades e equívocos em relação ao desenvolvimento do seu trabalho, uma vez que possibilitaria identificar a si mesmo a partir do outro.

Passemos a seguir para a descrição do contexto da pesquisa.

2.2. CONTEXTO DA PESQUISA

Nesta seção, apresentamos as circunstâncias em que esta pesquisa foi desenvolvida, bem como as ações que precederam à produção dos dados.

Em março de 2017, época em que foram coletados os dados desta pesquisa, o ambiente escolar da rede pública estadual encontrava-se afetado por rumores de uma possível greve geral dos professores, sem previsão de volta. As razões da greve estavam, basicamente, na retirada de direitos, como a redução da hora-atividade e possíveis punições àqueles professores que apresentaram atestado médico durante o ano como forma de justificar sua ausência do trabalho.

Percebendo toda essa tensão, fizemos alguns contatos com algumas pedagogas em diferentes colégios, para que elas intermediassem uma conversa com os professores de modo que pudéssemos explicar a proposta de pesquisa. Uma das pedagogas mostrou-se temerosa em tentar essa mediação, alegando que os professores estavam estressados com aquela situação e ela não saberia como eles reagiriam. Como essa conversa foi por telefone, pedimos a ela, se possível, para que passasse a ligação para a sala dos professores. Nesse momento havia uma professora de português em hora-atividade que concordou em participar da pesquisa, porém, observamos que ela estava ocupada, então achamos melhor conversar pelo aplicativo WhatsApp, mas acreditamos que naquele momento ela não percebeu e passou o número antigo e ao tentar adicioná-la vi que ela não estava naquele número há algum tempo. Sem conseguir contato com essa professora, seria, necessário, então, continuar tentando o contato com outros professores.

Fizemos algumas ligações para outros colégios para verificar os horários que os professores de português estavam em hora-atividade para, assim, ir até os colégios. Conversei pelo WhatsApp com outra professora indicada por uma pessoa conhecida, mas ela informou ter vários encargos e, naquele momento, não poderia comprometer-se por estar muito

atarefada. Além disso, informou que, por conta da diminuição da hora-atividade, os professores teriam que trabalhar mais e que, por isso, seria um ano difícil.

Como eu tenho uma amiga que estudou comigo na graduação e trabalha na parte administrativa de uma escola, entrei em contato com ela e pedi, se possível, que conversasse com alguns professores explicando sobre a pesquisa. Como ela é muito querida pelos professores e funcionários por prestar suporte a todas as áreas da escola, principalmente aos professores, no que tange à parte de tecnologias, esses professores mostraram-se muito prestativos e dispuseram-se em ajudar.

Na tentativa de conseguir algum contato, fomos até o colégio e encontramos uma professora em hora-atividade. Ela aceitou conversar e colaborar com a pesquisa, então, combinamos uma instrução ao sócia para o dia seguinte, no momento de sua hora-atividade, que ocupava a primeira aula. Com tudo combinado, fomos até à direção da escola para explicar o motivo de minha visita e solicitar, se possível, um local reservado para a gravação em áudio que seria feita com a professora. A diretora informou que podíamos ficar em sua sala, mas, assim que chegamos ao colégio no dia seguinte, encontramos com essa amiga que chegava ao trabalho e comentamos que na primeira aula participaríamos eu e a professora de uma instrução ao sócia e que, para isso, ocuparíamos a sala da direção, conforme sugestão da diretora. Essa amiga, no entanto, sugeriu outro local, já que a sala da direção não seria um bom lugar por ter certa circulação de pessoas.

Ela, então, nos indicou uma sala onde ninguém interromperia e, assim, ficaríamos à vontade. A sala ficava no andar de baixo do prédio onde ficava o arquivo morto do colégio. Esta sala ficava sempre trancada e, por isso, encontrava-se bastante abafada. De posse das chaves, as quais ficaram sob minha responsabilidade, abrimos as janelas para ventilar o ambiente, organizamos as cadeiras junto a uma grande mesa e, ao bater o sinal da primeira aula, fomos buscar a professora na sala dos professores e nos encaminhamos até esse local. As janelas davam para o espaço interno do pátio onde era possível ouvir o barulho das crianças em atividade física. Esse não foi um empecilho a nossa atividade, uma vez que naquele horário não havia grande circulação de alunos.

Para esse encontro, levamos um caderno para anotações, caneta e um gravador digital. Antes de iniciarmos, fizemos alguns testes com o gravador para ver se estava funcionando. Estava um tanto receosa porque o aparelho era novo e cheio de funções das quais ainda não tínhamos nos apropriado. Embora estivéssemos nervosas, tudo transcorreu dentro do prazo que tínhamos para desenvolver o método, sendo utilizado em torno de quarenta e cinco minutos, o que foi suficiente.

Neste mesmo dia, às dez horas, estava agendada uma conversa com outra professora, em outra escola, para explicar o teor da pesquisa. O contato inicial com essa professora ocorreu através de uma amiga que morava no mesmo prédio da professora pesquisada. Essa amiga, então, passou o contato do WhatsApp e a partir daí começamos a conversar. Embora essa professora tivesse se mostrado relutante devido a todos os afazeres que tinha, marcamos uma conversa no colégio durante uma hora-atividade para que pudéssemos explicar sobre o que tratava a pesquisa e como o método seria desenvolvido. A professora aceitou participar, e nosso encontro ficou marcado para a semana seguinte, no dia e horário da hora-atividade.

Ainda durante aquela semana, estivemos na escola onde trabalhava essa minha amiga para conversar com duas professoras que ela havia indicado. Como essas professoras estariam disponíveis no período da tarde, precisaríamos pedir dispensa do trabalho para ir até o colégio explicar às professoras sobre a pesquisa e, se possível, agendarmos a instrução ao sócia. Ao chegar o dia marcado, fomos até o colégio, dirigimo-nos à sala dos professores e encontramos uma dessas professoras. Ela recebeu-nos amistosamente e pedindo licença para concluir uma atividade, solicitou que ficássemos aguardando pela chegada da outra professora, já que a conversa seria em conjunto.

Quando a outra professora chegou, apresentamo-nos e explicamos os detalhes e objetivos da pesquisa para as duas professoras. Depois das apresentações e uma breve explicação sobre a pesquisa, marcamos a instrução ao sócia para a semana seguinte, tentando aproveitar ao máximo o tempo que essas professoras disponibilizaram e o tempo que teríamos, já que precisaríamos pedir novamente, dispensa do trabalho para aplicação do método. Assim, combinamos um dia em que uma delas teria uma hora-atividade na primeira aula e a outra professora na segunda aula.

Sendo produzidas em um mesmo dia, uma após a outra, a pesquisadora sentiu-se um tanto desgastada física e mentalmente, o que pode ter sido provocado pelos esforços demandados pela aplicação do método que envolveu, além de certo nervosismo, muita atenção para ouvir o que era exposto, para em seguida formular perguntas, alimentando as trocas que houve entre pesquisadora e sujeito de pesquisa.

No dia seguinte fomos à uma outra escola a fim de darmos andamento a uma instrução ao sócia que estava previamente marcada. Fomos até o colégio com alguns minutos de antecedência e ficamos esperando pela professora na sala da diretora, que ficou conversando até sua chegada. A professora recebeu-nos calorosamente com um abraço e conduzindo-nos para sua sala, onde costumeiramente leciona para alunos da EJA – Educação de Jovens e Adultos, ficamos confortavelmente acomodadas.

Neste dia, a professora ainda recuperava-se de uma faringite e sinusite, o que a fazia falar em tom mais baixo e com certa dificuldade. Então, sugerimos à professora remarcar para outro dia, mas ela resolveu participar assim mesmo. Essa experiência foi bastante agradável, assim como nas outras, principalmente pela calma com que a professora se conduzia durante a instrução ao sócia e pelos conhecimentos que eram transmitidos. Ao longo dessa conversa, interpelamos a professora várias vezes através de algumas perguntas que elaboramos com o objetivo de alimentar a conversa, caso fosse necessário. A interação foi desenvolvida e encerrada de forma satisfatória e dentro do prazo previsto da hora-atividade.

2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A seleção desses sujeitos se deu, principalmente, pela atuação no ensino público, já que essa análise tem como foco o trabalho docente na rede pública estadual. Outro critério era selecionar professores com experiência em sala que ultrapassasse os vinte anos de carreira. Isso porque, tínhamos, basicamente, o intuito de investigar o agir desses professores em relação aos problemas encontrados em sala, principalmente, por tratar-se do ensino público e, a partir da experiência desses professores, verificar como eles administram e organizam esse meio, que é a sala de aula, com vistas a atingir seus objetivos.

Com esse propósito, realizamos a instrução ao sócia com quatro professoras que atuam no ensino fundamental e médio na rede pública estadual do Paraná, trabalhando com as línguas portuguesa e inglesa. Uma delas atua também na rede municipal. A seguir, será realizada uma descrição da vida profissional das participantes desta pesquisa, iniciando pela pesquisadora.

2.3.1 A pesquisadora

No período da coleta de dados, eu estava cursando o segundo ano do Mestrado em Letras pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco, atuando na linha de pesquisa Linguagem, Educação e Trabalho. Possuo cursos de Especialização em Língua Portuguesa, concluído em 2014, pelo Centro Universitário Barão de Mauá, e Especialização em Letras: Linguagem e Sociedade – Olhares Transversais - concluída em 2015, também pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco.

Sou graduada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), curso oferecido pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), polo Pato Branco, Paraná, concluído em 2012.

Atuei na rede pública estadual como professora substituta, contratada pelo Processo Seletivo Simplificado (PSS), no qual atuei por dois anos consecutivos (2013 e 2014); tendo contratos definitivos, atuei do início ao fim dos anos letivos nos mesmos colégios e turmas. Atualmente, estou afastada da função de professora para melhor dedicar-me ao programa de Mestrado. Também possuo outro vínculo empregatício, não relacionado à área educacional, atuando desde o ano de 2004 numa empresa radiofônica.

2.3.2 Os sujeitos pesquisados

Nesta subseção, apresentamos os sujeitos de pesquisa: quatro professoras que gentilmente cederam um pouco do seu tempo para contribuir com esta pesquisa. Nossa contribuição direciona-se, principalmente, a colaborar com o coletivo de professores quanto à divulgação de trabalhos de pesquisa que venham auxiliar o professor no desenvolvimento do seu trabalho. Nesse sentido, destaca-se a importância da colaboração da sociedade quanto à participação nos trabalhos de pesquisa, visto que há um empenho por parte dos pesquisadores de não só “angariar” sujeitos para sua pesquisa, mas, principalmente, pelas contribuições oferecidas.

Assim, acreditamos que a resistência dos trabalhadores (professores) em colocar-se à disposição, gerando, até mesmo, certa dificuldade para o pesquisador que precisa “correr atrás” de participantes, sugere uma inversão de paradigmas, pois em face dos problemas encontrados em ambiente de trabalho, a demanda seria dos profissionais já “que procuram ampliar seu raio de ação, seu poder de agir sobre o próprio meio e sobre eles mesmos” (CLOT, 2008/2010, p. 208 apud LIMA, 2014, p. 188).

A seguir, apresentamos nossos sujeitos de pesquisa e suas formações pedagógicas:

Sujeito 1

A professora pesquisada, denominada por Sujeito 1 é professora da rede municipal e estadual, atuando nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental (1º ao 5º anos) e no Fundamental, nos anos finais (6º ao 9º anos). Possui formação em Letras Português-inglês e

Especialização em Língua Portuguesa. É professora há 28 anos e, atualmente, atua na disciplina de Língua Portuguesa.

Sujeito 2

Por sua vez, a professora denominada por Sujeito 2, possui formação em Letras Vernáculas; Especialização em Literatura Brasileira; Especialização em Educação de Jovens e Adultos e está concluindo o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Ministra aulas no Ensino Fundamental e Médio e na EJA – Educação de Jovens e Adultos. É professora há 20 anos.

Sujeito 3

Já a professora denominada por Sujeito 3, possui formação em Letras-português, atuando nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Possui Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais e Especializações em Direção, Orientação e Coordenação Escolar, tendo concluído o PDE no ano de 2016. É professora há 29 anos.

Sujeito 4

E, finalmente, a professora denominada por Sujeito 4, possui formação em Letras Português-inglês, atuando nas duas disciplinas. Possui Especialização em Metodologia da Língua Inglesa, Especialização em Mídias na Educação, tendo concluído o PDE no ano de 2013. É professora há 24 anos.

As quatro professoras pesquisadas atuam em escolas estaduais do Município de Pato Branco, região Sudoeste do Estado do Paraná.

Na seção seguinte, apresentaremos os procedimentos de produção dos textos analisados.

2.4 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DOS TEXTOS ANALISADOS

Nesta seção, apresentamos os processos desenvolvidos na produção de dados a partir da instrução ao sósia, nosso instrumento de pesquisa. Como esse método era algo ainda desconhecido para mim, haviam dúvidas e incertezas sobre sua aplicação. Sendo assim,

empreendemos várias leituras sobre o tema, incluindo Clot (2007, 2010), entre outros, mas foi em Muniz-Oliveira (2011), que encontramos orientações sobre a preparação, em especial, de pesquisadores iniciantes, na aplicação dessas técnicas. Em sua pesquisa de doutoramento, a autora expõe a elaboração de perguntas possíveis que dariam suporte ao pesquisador quanto ao direcionamento da conversa originada a partir do método, de modo a alcançar os objetivos da pesquisa.

Seguindo essas orientações referentes a um planejamento anterior, e sabendo que meus e-mails não estavam chegando até às professoras, resolvemos enviar mensagens por WhatsApp, já que seria mais rápido e prático. Junto com outras questões relacionadas aos encontros marcados, enviamos mensagens solicitando às professoras que enviassem as atividades que elas desenvolveriam nos dias em que haveria a substituição. Tendo como base, as orientações de Muniz-Oliveira (2011), que por ter realizado sua pesquisa com professores do ensino superior, era do seu conhecimento que eles desenvolviam inúmeras atividades de ensino e pesquisa, e por isso, considerava importante saber com antecedência quais seriam as atividades a serem instruídas.

Por não ter recebido resposta das professoras por e-mail, e até mesmo de dúvidas e incertezas que uma professora participante de pesquisa manifestou em relação aos objetivos da pesquisa e, supostamente, ao meu interesse de saber sobre suas atividades, assim que foi possível, marcamos um encontro para explicar detalhes da pesquisa e, também, sobre como o conhecimento dessas atividades auxiliariam na elaboração das possíveis perguntas que seriam feitas a ela.

Em relação ao Sujeito 1, as atividades que ela desenvolveria no dia de nossa substituição foram repassadas pessoalmente no dia 24 de março, quando fomos até o colégio para explicar a proposta de pesquisa.

No dia 06 de março, junto com o convite enviado ao Sujeito 2, e as conversas que se seguiram sobre os detalhes da pesquisa - como seria desenvolvido o método, o tempo de duração etc., enviamos um pedido à professora verificando se ela poderia enviar as atividades que ela teria planejado para os dias subsequentes ao nosso encontro.

Por estar muito atarefada e, entendemos, com um estresse causado pelos impactos das mudanças impostas pelo governo do Estado do Paraná sobre a hora-atividade, entre outras mudanças negativas, essa professora precisava preencher sua carga horária em três escolas diferentes, além de desenvolver as atividades de pesquisa exigidas pelo PDE. Por isso, mostrava-se um pouco relutante em colaborar com esta pesquisa, mas aceitou conversar.

A conversa foi marcada para o dia 14 de março às 10h em um dos colégios que ela leciona. Lá, pudemos esclarecer alguns pontos que estavam obscuros, inclusive sobre as atividades por nós solicitadas. Marcamos a instrução ao sócia para o dia 21 de março às 10h no mesmo colégio. No dia 20 de março, recebemos via e-mail mensagem dessa professora – Sujeito 2, informando-nos sobre as atividades que ela realizaria. Sendo assim, pudemos elaborar perguntas possíveis que envolviam tais atividades. Como havia muitas atividades nesse dia, resolvemos, à pedido da professora, ater-nos às atividades que a professora realizaria no período da manhã com alunos da EJA.

Depois de alguns contatos, marcamos com os Sujeitos 3 e 4 uma conversa no colégio onde elas ministram aulas, para que, assim, pudéssemos esclarecer pontos da pesquisa. Essa conversa ocorreu no dia 16 de março, no período da tarde durante a hora-atividade que ocupava a primeira aula. Nesse dia, marcamos a instrução ao sócia para a quinta-feira, dia 23, ocupando a primeira e segunda aula. No dia 21, resolvemos enviar mensagem na intenção de lembrá-las de nosso encontro e pedir que enviassem as atividades que elas desenvolveriam no dia de nossa substituição. Recebemos resposta dessas professoras no dia 22, um dia antes de nosso encontro.

Chegando à escola aproximadamente, uma meia hora antes, ficamos esperando pela chegada das funcionárias da secretaria para pegar a chave da sala e preparar o ambiente para receber as professoras. Testamos o gravador para ver se estava gravando e ao soar o sinal da primeira aula fomos até a sala dos professores chamar o Sujeito 3 e encaminhar para o local que havíamos preparado. A professora demonstrava certo nervosismo, então, resolvemos conversar um pouco para ver se ela ficaria mais calma e, assim, iniciamos e concluímos dentro do tempo estipulado da hora-atividade.

Ao bater o sinal da segunda aula nos dirigimos até a sala dos professores para chamar o Sujeito 4 e encaminhá-la para aquele mesmo local. Estávamos um pouco nervosas e demonstrando certo cansaço, mas conseguimos encerrar de forma satisfatória e dentro do tempo para a hora-atividade dessa professora.

Em relação às questões elaboradas, nem sempre foram utilizadas, isso porque, dependeria muito da interação entre pesquisadora e pesquisadas, já que esse contato poderia ser mais ativo ou tímido, dependendo das condições e do relacionamento que se estabeleceria entre as partes. Ainda assim, foi de grande auxílio a elaboração dessas perguntas, constituindo-se em um auxílio à pesquisa.

Essas questões referem-se às atividades que as professoras desenvolveriam com os alunos, considerando-se os obstáculos que provavelmente elas teriam que enfrentar para

realizá-las. À título de exemplo, apresentamos algumas perguntas possíveis feitas às professoras, são elas: Como eu devo começar a aula? E se acontecer dos alunos se recusarem a fazer a atividade dizendo que é um assunto chato ou sem graça, como eu faço? E se ao chegar à sala os alunos estiverem bagunçando e mesmo chamando atenção eles não me ouvirem, como eu faço? E se os alunos saírem dos seus lugares ao mesmo tempo em busca de explicações sobre a atividade proposta, como eu faço? Lembramos que essas e outras perguntas estão disponibilizadas integralmente na parte que compõe os anexos.

Um dos papéis do sócia consiste em sanar dúvidas que ele teria a respeito das instruções recebidas, e por isso essas perguntas seria importantes para que a conexão não se perdesse por alguma interrupção externa ou por uma distração entre as partes, sendo assim, os enunciados precisariam ser retomados. Como uma situação de pesquisa representa certa tensão para os participantes, tanto do pesquisador, quanto dos pesquisados, esses enunciados sempre surgem afetados pelas condições em que são produzidos.

Assim, as perguntas deveriam partir dos enunciados gerados na interação, invalidando o objetivo das questões previamente elaboradas. No entanto, essas poderiam representar uma “carta na manga” caso a conversa se dissipasse. Essa também era uma preocupação bastante presente.

Depois de gravar as interações com auxílio de um gravador digital, partimos para a segunda etapa que consistia na transcrição dos dados pela pesquisadora, seguindo Muniz-Oliveira (2011), que parte do modelo de transcrição do Projeto da Norma Linguística Urbana Culta (Nurc/SP), e também é apresentado em Preti (1999, pp. 11-12).

O processo de transcrição foi um trabalho bastante minucioso e por ser muito rico em detalhes investimos um tempo considerável para sua conclusão. Embora os áudios estivessem com uma ótima qualidade de som, o que nos ajudou muito, foi necessário ouvir repetidas vezes, e entre avançar e retornar sobre os trechos, ía-se transcrevendo palavra a palavra guardando suas características como entonação enfática, silabação, pausas, ruídos e, principalmente, a dificuldade gerada a partir das falas que apresentavam sobre-posição de vozes. (MUNIZ-OLIVEIRA, 2011).

Essas transcrições resultaram em sessenta e quatro páginas, que posteriormente foram enviadas via e-mail às professoras, juntamente com os áudios das gravações feitas. Desse modo, elas puderam comparar as duas formas, oral e escrita, podendo ouvir as interações. Além disso, elas desenvolveram uma atividade escrita que consistia em elaborar um comentário reflexivo relatando suas experiências em relação à participação na instrução ao

sósia como forma de promover uma reflexão sobre as atividades de trabalho a partir dos textos produzidos.

Ao apresentar a proposta de pesquisa às professoras, comentamos que haveria uma segunda etapa que consistiria em desenvolver um comentário sobre a experiência em participar da pesquisa. No entanto, por falta de experiência e certa ansiedade da pesquisadora, a professora Sujeito 1, não recebeu a tempo o modelo contendo as regras de como deveria elaborar esse comentário¹⁰. Sendo assim, ela elaborou o seu comentário e enviou-nos sem ter seguido esse modelo. Dando-me conta do ocorrido enviei um e-mail à professora explicando a situação e solicitando, se possível, um comentário a partir daquelas normas, mas não obtivemos resposta.

Em relação às outras professoras, uma delas pediu se tínhamos pressa nesse comentário, já que, por estar muito atarefada, ela não saberia quando poderia desenvolver essa atividade. Uma outra professora enviou-nos mensagem via WhatsApp pedindo se era necessário responder a todas às questões presentes no modelo. Respondemos que para atingir os fins desejados pela pesquisa, seria ótimo se ela pudesse responder a todas as questões, mas percebendo o acúmulo de atividades que essa professora demonstrou ter, informamos que ela poderia responder de acordo com suas possibilidades.

2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Nossa análise tem como ponto de partida a caracterização do trabalho docente, exposto por Machado (2009, p. 39), em que são apresentados os elementos do trabalho do professor, como o sujeito/professor, o(s) outro(s), artefatos e instrumentos e o objeto do trabalho. (MACHADO, 2007, 2009).

Para a sustentação dessas análises, utilizamo-nos dos pressupostos centrais das Ciências do Trabalho, Ergonomia da Atividade (GUÉRIN et al., 2001) e de modo particular, dos pressupostos da Clínica da Atividade (Clot, 2006, 2007, 2010). Além disso, ater-nos-emos aos pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2006, 2008, 2012), no que diz respeito ao conteúdo temático e mecanismos enunciativos, basicamente, no que se refere aos posicionamentos enunciativos, inserção de vozes, dentre outros.

¹⁰ Normas para produção de comentário reflexivo do método instrução ao sócia cedido por Yvon Miossec (CNAM, Paris) à Siderlene Muniz-Oliveira no III CICA< USP, SP, 2016. Tradução e adaptação de <<Guide por l'écoute, la transcription et l'écriture d'un commentaire réflexif >> realizadas por esta pesquisadora.

De forma análoga, pretendemos verificar o agir do professor em sala, sua conduta em face aos obstáculos e soluções encontrados nesse meio, a partir de estudos desenvolvidos por Lima (2010, 2013, 2014, 2016) quanto ao termo Atividade Reguladora.

Com esses objetivos em mente, propomos responder as seguintes perguntas: 1) Quais são as características dos elementos do trabalho docente que visam ao favorável ensino-aprendizagem e desenvolvimento dos alunos? 2) De que forma o professor apropria-se (ou não) de recursos disponíveis no meio educativo como forma de vencer as resistências e controvérsias de sua situação de trabalho?

De modo geral, esses objetivos articulam-se ao trabalho desenvolvido nessa pesquisa, na medida em que ao demonstrar as dificuldades encontradas, apresentamos as estratégias, recursos utilizados e desenvolvidos pelo professor para dar conta de seu trabalho em sala.

Encerrado este capítulo, passamos agora à apresentação dos resultados das análises.

CAPÍTULO 3

ANÁLISES DAS INSTRUÇÕES AO SÓZIA

Neste capítulo, apresentamos as análises das instruções ao sózia produzidas a partir desta pesquisa. Na Seção 3.1 apresentaremos nossas reflexões acerca dos elementos que organizam o trabalho educacional e, em seguida, analisaremos cada um desses elementos dispondo-os em subseções, como segue: na subseção 3.1.1, apresentaremos análises dos trechos referentes aos artefatos e instrumentos disponíveis e/ou utilizados pelo professor; na subseção 3.1.2 discorreremos sobre o objeto do trabalho; na subseção 3.1.3 sobre o(s) outro(s) e, por fim, na subseção 3.1.4 apresentaremos nossas reflexões acerca do sujeito/professor.

3.1 ELEMENTOS DO TRABALHO EDUCACIONAL

Nesta grande seção, pretendemos apresentar uma análise do trabalho educacional a fim de identificarmos o agir do professor em relação ao seu objeto de trabalho em sala de aula. Lembramos que a tentativa de segmentação em elementos é puramente didática, uma vez que esse estudo tem como pressuposto central, as relações interfuncionais entre as partes (unidades) que constituem o trabalho educacional. Seguindo Vigotski (2008), a análise que realizar-se-á, tem como objetivo a explicação dos fenômenos e não sua mera descrição. Sendo assim, primamos pela explicação do conjunto em si e dos processos que compõem a atividade docente.

Em um primeiro momento, faremos uma breve exposição dos tópicos encontrados nas instruções ao sózia, atendo-nos à instrução ao sózia 1 – Sujeito 1. Em um segundo momento, utilizaremos os segmentos da instrução ao sózia 1 – Sujeito 1, tendo como ponto de partida os elementos (unidades) do trabalho educacional, como: os artefatos e instrumentos, objeto/meio, o(s) outro(s) e o sujeito. (MACHADO, 2009).

Em um terceiro momento, utilizaremos as demais instruções ao sózia (Sujeitos 2, 3, 4), com o objetivo de dedicarmos, de modo mais pontual, ao termo Atividade Reguladora desenvolvido por Lima (2010, 2013, 2014, 2016).

A seguir, descreveremos as atividades que a professora (Sujeito 1) realizaria no dia da substituição, para em seguida passarmos às análises referentes a esse sujeito de pesquisa.

A professora denominada por Sujeito 1, tem uma predileção por trabalhar com alunos do sexto ano, talvez por gostar de crianças ou por achar mais fácil lidar com elas, já que também leciona para alunos dos anos iniciais, do primeiro ao quinto anos de uma escola municipal. Sendo assim, essas análises compreendem as turmas de sexto ano.

Abaixo selecionamos as turmas e as atividades que ela teria no dia da substituição:

- Hora-atividade
- 7 B - Fotonovela
- 6 D - Mitos
- 7 B - Fotonovela
- 6 B - Mitos

A partir das atividades elaboradas pela professora, propomo-nos a uma análise dos elementos da atividade docente, baseados nas informações prestadas no texto da instrução ao sócia 1 – Sujeito 1, como veremos a seguir:

3.1.1 Artefatos e Instrumentos

Nesta subseção, propomo-nos a analisar os materiais (técnicos, simbólicos e psicológicos) que o professor utiliza em seu ambiente de trabalho para dar conta dos processos de ensino-aprendizagem e/ou dos seus objetivos em sala. Os recursos utilizados ou apropriados pelo professor durante a aula são os instrumentos utilizados para realizar o seu trabalho. De acordo com a psicologia instrumental de Vigotski, haveria no comportamento humano, um conjunto de mecanismos internos, que por analogia poderiam ser comparados à ferramentas ou instrumentos psicológicos, os quais prestam-se ao domínio de certas atividades desempenhadas pelo sujeito. (CLOT, 2007). Entre os vários instrumentos psicológicos, podemos destacar a linguagem como meio de ação.

Haveria, portanto, certa distinção entre artefatos e instrumentos, uma vez que os artefatos são o que há de disponível em matéria de produto ou objeto utilizado na produção de um trabalho. Já um instrumento, é um artefato que ao ser apropriado pelo sujeito é, por ele, transformado em instrumento para o desenvolvimento do seu trabalho.

De acordo com os artefatos disponíveis no meio educativo, o professor utilizaria, basicamente, o livro didático físico ou virtual, bem como os gêneros textuais disponíveis nesse material, além é claro, de toda a estrutura física da escola. Há, também, os livros de

registros de chamada e conteúdo que podem ser acessados virtualmente, além do acervo da biblioteca, dos projetos desenvolvidos pela escola, etc. Além disso, a professora teria como recursos os planos de aula que elabora, as prescrições, etc. Haveria uma infinidade de recursos disponíveis e indisponíveis ao professor, sendo que em determinados contextos, esses recursos seriam mais escassos.

A seguir, apresentamos no Quadro 1, os resultados dos tópicos encontrados na instrução ao sócia 1 – Sujeito 1, quanto ao item artefatos e instrumentos conforme explicitado inicialmente:

Quadro 1 – Tópicos referentes aos artefatos e instrumentos
Instrução ao sócia 1 – Sujeito 1

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
7-18	Material organizado sempre	professora
19-25	Livro didático e o gênero fotonovela	pesquisadora
47-61	Falta do livro didático e busca de soluções	professora
62-69	Leitura do gênero fotonovela	pesquisadora
97-105	Sair do livro didático em busca de outras fontes	professora
146-147	O andamento da aula e o seu planejamento	professora

Com base nos tópicos apresentados, verificamos que o tema mais comentado por essa professora é o livro didático, bem como os gêneros textuais a ele referentes, além de outras fontes que complementaríamos o livro.

Percebemos no excerto abaixo, inclusive, certo mal-estar na professora, observado durante a instrução ao sócia, quando abordamos questões referentes ao trabalho com o livro didático e questões direcionadas ao acréscimo de outras fontes para complementação das atividades trabalhadas no livro.

Esse desconforto foi identificado, principalmente, pela entonação da voz, que ora alterava-se, ora emitia ruídos pela garganta, como se quisesse desengasgar-se ou livrar-se de

algum incômodo. Esse comportamento poderia estar relacionado às próprias coerções das prescrições em relação ao uso do material didático, referindo-se à complementação desse material a partir de outras fontes, ou ter-se originado a partir de como essas perguntas eram feitas à professora.

Essas questões podem ser evidenciadas a partir do Segmento 1, a seguir:

Segmento 1

19. P: Sim...então tá bom...é::... é... me diz uma coisa...o livro... a gente vai trabalhar... EU vou trabaLHAR com o livro?
- 20.S: no momento nós estamos trabalhando co::m o... livro... tem vezes que a gente sai claro...nós não ficamos pautados só:: no livro nós buscamos outros materiais que venham...ao encontro do que nós estamos... trabalhando...e::: então... ma/s no momento é o livro que estamos utilizando
21. P: si::m... aaah... qual página profe daí eu tenho que... que está escrito ()
22. S: no momento... estamos concluindo a página trinta e um ((folheando o livro)) e estamos adentrando a::: a página trinta e dois aonde que tem o gênero propriamente dito
23. P: tá...que gênero que é esse profe...é um...
24. S: é::: é um gênero novo pros alunos... porque é algo meio antigo... com RElação a eles para nós::: que somos professores a gente já... estive em contato com esses tipos de::: de gênero textual que é a::: fo::tonovela...
25. P: uhum

Observamos que esse segmento é composto por sete turnos, sendo três do sujeito de pesquisa e quatro da pesquisadora. Esses turnos compõem-se, basicamente, de perguntas e respostas surgidas durante a instrução ao sócia.

Verificamos no turno (19) uma substituição da marca de pessoa “a gente” para o pronome pessoal “EU”. Vemos, inclusive, que essa forma encontra-se com o tom alterado, sendo, por isso, perceptível uma tomada de consciência desta pesquisadora às regras de funcionamento da instrução ao sócia, uma vez que é norma nesse gênero reportar-se ao trabalhador/instrutor utilizando-se de uma expressão, por exemplo: “como eu faço?”, em vez de, “como a gente faz”?

A primeira seria a mais indicada, já que cooperaria para uma transferência de papéis entre o trabalhador e o sócia, pois a relação que se estabeleceria nesse método é “uma relação entre dois sujeitos ou dois grupos - aquele que dá as instruções e aquele que as recebe - e que, dessa interação, emerge uma tomada de consciência simultânea”. (ODDONE, 1981, p. 57, apud CLOT, 2010, p. 93).

Nesse caso, o trabalhador/professor teria a oportunidade de observar-se de “fora”, o que poderia resultar numa autoavaliação e, portanto, a depender dessa avaliação, uma possível mudança (se necessário) do seu agir em sala.

Vemos também, que ao fazer a correção da forma “a gente” para “eu”, a enunciativa chama para si a responsabilidade de assumir o papel de sócia, ao mesmo tempo que chama o coenunciador a posicionar-se como instrutor.

Além disso, “utilizando um enunciado interrogativo pretende-se obrigar, pela própria fala, a pessoa a quem se dirige a adotar um comportamento particular, o de responder”. (DUCROT, 1987, p.163). Ao responder à pergunta, a professora justifica o uso do livro, como vemos no exemplo abaixo, retirado do Segmento 1:

Exemplo 1:

20. S: no momento nós estamos trabalhando co::m o... livro... tem vezes que a gente sai claro... nós não ficamos pautados só:: no livro nós buscamos outros materiais que venham...ao encontro do que nós estamos... trabalhando...e:: então... ma/s no momento é o livro que estamos utilizando

Na sentença “no momento nós estamos trabalhando co::m o...livro” há um indicativo de pessoa e de tempo, um “agora” com valor de dêitico que faz menção a um sujeito situado em determinado tempo e lugar. (BENVENISTE, 2006).

Esse sujeito traz para o discurso um “eu” através de um “nós”, exprimindo, assim, vozes sociais de um coletivo de trabalho. Essa atitude teria em seu escopo a intenção de buscar apoio nesse coletivo, como também sair em defesa dele.

Em seguida ela substitui o “nós” pelo “a gente”, indicando não assumir uma posição expressa e/ou individual a respeito do assunto, já que ela, e, supostamente, outros professores não ficariam presos ao livro didático, o que é enfatizado pelo “claro”, indicando que esta seria uma questão óbvia e já superada.

Além do livro, a professora afirma, utilizando-se novamente da primeira pessoa do plural, “nós”, que ela vai em busca de outras fontes, além do livro, o que indicaria um discurso marcado pelas prescrições.

Em seguida, ela esboça uma argumentação a partir do conectivo “ma/s”, reforçando a explicação dada no início de sua fala “ma/s no momento é o livro que estamos utilizando...”

O verbo “estar” surge repetidas vezes acompanhado dos verbos “ficar” e “buscar” flexionados na primeira pessoa do plural “nós”, indicando vozes que ecoam do coletivo de trabalho.

No turno 22, a professora repete a expressão “no momento”, justificando que o uso do livro se refere apenas àquele momento, o que deixaria implícito que esse uso não seria frequente. A professora faz menção ao gênero trabalhado (fotonovela) apresentado pelo livro,

em que identificamos na descrição feita por ela, alguns conflitos, sobretudo pela antítese novo/antigo, o que pode ser observado no exemplo retirado do Segmento 1, a seguir:

Exemplo 2:

24. S: é:: é um gênero novo pros alunos... porque é algo meio antigo... com RElação a eles para nós:: que somos professores a gente já... esteve em contato com esses tipos de::: de gênero textual que é a::: fo::tonovela...

A partir dessa fala, a professora deixa nas entrelinhas certo constrangimento em relação ao gênero, já que trata-se de um gênero “antigo” e que os alunos poderiam não se enquadrar. Ao tentar explicar o contraste entre novo e antigo isso fica subentendido. Porém, em relação ao professor, não haveria problemas, já que esse gênero é conhecido da professora.

Haveria, inclusive, certa contradição entre o que os documentos preconizam e o que o gênero apresentado pelo livro sugere, uma vez que “propõem-se que o currículo da Educação Básica ofereça, ao estudante, a formação necessária para o enfrentamento com vistas à transformação da realidade social, econômica e política de seu tempo”. (PARANÁ, 2008).

Assim, um trabalho baseado nesse gênero, considerando-se que são alunos do sexto ano, se justificaria pelo fato de que a história que está sendo contada pela fotonovela é desenvolvida em quadrinhos, contendo início, meio e fim, tendo como ponto forte ilustrações feitas a partir de fotografias, o que permitiria a observação dos gestos, da fisionomia, etc., das personagens, que dependendo das condições em que essa atividade é feita, seria bem aceita, já que os alunos poderiam, conforme justificado pela professora, encenar a história, assumindo os papéis dessas personagens.

Além disso, torna-se importante uma contextualização da época de predominância do gênero e sua vinculação na atualidade, comparando-se, inclusive, com as histórias em quadrinhos cuja circulação permanece. Essa comparação seria importante na medida em que se compararia o contexto histórico e social de divulgação desse gênero com a época atual, no sentido de se apreender o “velho” para compreender o “novo”. “Essa abordagem da literatura pode ser compreendida quando se resgata o contexto da época”. (BRASIL, 1998, p. 45).

Nesse sentido, torna-se importante um olhar crítico sobre os gêneros apresentados pelo livro e a dinâmica que a eles se presta para que o aluno perceba a importância de estudá-lo. Embora os professores possuam a prerrogativa da “escolha” do livro didático, os conteúdos são pré-selecionados por instâncias superiores que os determinam.

No entanto, eles poderão escolher trabalhar ou não tais gêneros, a partir das necessidades daquela turma, inclusive, escolher entre os gêneros apresentados, aqueles que

porventura, são de interesse dos alunos. Isto é, o professor não precisa aderir àquele gênero se perceber que não faz sentido para a aprendizagem de uma turma, em específico, pois seria necessário, uma apreensão dos conhecimentos prévios desses alunos, diagnosticando, a partir daí, a importância desse gênero para a formação social dos alunos.

As professoras disseram utilizar o livro, porém não como única fonte de trabalho, já que precisam complementá-lo com outras atividades. Sendo assim, seria preciso investigar, se, de fato, o livro é concebido como instrumento ou artefato.

De modo geral, observamos que o livro didático está muito presente na prática das professoras pesquisadas, o que indicaria ser ele um instrumento de trabalho, pois ainda que hajam críticas ao livro, é evidenciada uma preocupação com a falta dele, visto que, no ano de 2017, os livros não chegaram de maneira suficiente a todos os colégios, fato que tem obrigado essas professoras a trabalhar em duplas com os alunos. Podemos identificar os problemas gerados pela falta do livro, a partir do Segmento 2:

Segmento 2

93. P: sim... tá e digamos assim que eu tenha... tá sobrando TEMpo os alunos já fizeram a leitura... o que eu devo fazer depois disso... qual a sequência da atividade?

94. S: se você concluiu o assunto e falta poucos minutos realmente nós temos que reunir os livros guardar os livros então vai um tempo na verdade pra você:: fazer esse tipo de coisa... é:: principalmente porque está faltando livros nós estamos fazendo trabalho de duplas como eu já expliquei pra você... então nós precisamos fazer esse tipo de de coisa de recolher livros e guardar livros porque senão eles interferem nas outras aulas com relação a todo material de uma aula anterior... aí têm professores que ficam muito estressados por causa disso de guardar livro e pega livro né fica confuso então você dá esse tempo pra eles guardarem os livros e aí se sobrar tempo já pra distribuir os livros da aula.. que:: virá próxima né e ainda assim se sobrar um tempinho você pode dar uns momentos de conversinha ENTre eles mesmos mas sempre esclarecendo de nada de:: gri/gritaria conversar é diferente de ficar berrando gritando na sala de:: DE AULA né

Verificamos nesse segmento, que a falta do livro didático é um obstáculo que implicaria na (re)organização do meio (sala de aula). A professora, então, empreende uma Atividade Reguladora (LIMA, 2010), a qual é verificada pelo trabalho em duplas. Por outro lado, verificamos que essa atividade implicou em outro problema: o estresse resultante do ato de distribuir e guardar os livros.

Além disso, a falta do livro implicaria em um terceiro problema, que por conta desses alunos estarem dispostos em dupla, o ambiente da sala teria que ser (re)organizado para receber o outro professor que chegaria para a próxima aula. E o tempo que já era escasso para dar conta das atividades planejadas de aula, agora seria reduzido devido à organização dos livros e dos alunos, que, com o início da aula seguinte, deveriam estar em seus lugares.

Uma Atividade Reguladora é verificada, principalmente, a partir de um obstáculo que impede ou atrapalha uma atividade em execução, sendo que, nesse caso, um obstáculo (a falta do livro didático) motiva a (re)criação do meio (colocar os alunos para trabalhar em duplas). (LEONTIEV, 1934/1986[1988]).

Esse motivo é explicitado, dentre outras coisas, pela presença da conjunção explicativa “porque”, demonstrada a partir da expressão “é::: principalmente porque está faltando livros nós estamos fazendo trabalho de duplas...”, o que explicaria as razões dessa regulação.

Identificamos que a falta ou insuficiência do livro didático é um problema para os professores, já que esse item facilitaria o desenvolvimento das atividades de ensino-aprendizagem, tornando-se, inclusive, um instrumento (quando o sujeito dele se apropria) de organização e regulação das atividades em sala, principalmente, no que se refere ao tempo disponível de aula e o tempo que sobraria entre guardar os livros e aguardar a chegada do outro professor, já que, para essa chegada, seria necessário preparar o local, sob o risco desse outro professor sentir-se incomodado. Essa possível reação do outro professor também seria um problema, já que o fato de um professor indispor-se com outro representaria um desafeto no ambiente de trabalho, tornando o ambiente mais conflituoso.

Outro fator, é, justamente, o tempo entre a entrega dos livros e o tempo da chegada do professor, porquanto nesse tempo, os alunos ficariam ociosos, o que representaria uma ameaça à organização do meio. Nesse sentido, verificamos um conflito representado pela oscilação entre os polos do tempo despendido para essa tarefa e o da organização da sala de aula (LIMA, 2014), como verificamos no exemplo abaixo, retirado do Segmento 2:

Exemplo 3:

94...você dá esse tempo pra eles guardarem os livros e aí se sobrar tempo já pra distribuir os livros da aula.. que:: virá próxima né e ainda assim se sobrar um tempinho você pode dar uns momentos de conversinha ENtre eles mesmos mas sempre esclarecendo de nada de:: gri/gritaria conversar é diferente de ficar berrando gritando na sala de:: DE AULA né

Como percebemos, há uma preocupação em (re)organizar o meio, principalmente no que refere-se ao tempo em que os alunos estariam sem trabalhar. Sendo assim, ela estabelece regras de conduta para que essa organização seja preservada.

Um artefato muito presente na prática dos professores nas atividades em sala, são os gêneros textuais presentes no livro didático. Em sua grande maioria, as atividades são encaminhadas a partir de um gênero textual proposto pelo livro didático, como foi o caso da fotonovela, dos mitos, lendas, etc., trabalhados por essa professora. No entanto, ela parece

expressar certa dificuldade em explicar aos alunos as diferenças e/ou semelhanças entre os gêneros lenda e mito, que para ela são muito parecidos. Essa dificuldade demonstraria a necessidade de adaptação desses gêneros aos objetivos de ensino-aprendizagem propostos, sobretudo porque, “ao entrar na escola e tornar-se um objeto de ensino, o gênero sofre uma modificação, ao menos parcial, para atender aos objetivos didáticos [...]”. (SCHNEUWLI; DOLZ, 1997 apud BUENO, 2011, p. 35-36).

De acordo com informações do Segmento 3, podemos verificar outros problemas, como a falta de tempo que impediria a conclusão dessas tarefas e a possível consequência para o avanço das atividades. Além disso, o total desconhecimento desses gêneros pelos alunos seria um motivo a mais para buscar outras fontes que complementaríamos essa aprendizagem, conforme verificamos a seguir:

Segmento 3

148. P: tá mas... digamos... a profe VAI trab/ essa atividade [pra essa turma esTÁ no livro né?

149. S: e::ssa atividade sim porque nós estamos numa concluSÃO de de atividades né então nós estamos usan/fazendo uso do livro:: didático sim

150. P: tá... eu começo em qual página... qual qual qu/é o conteúdo?

151. S: nós estamos na verdade...a gente está con-clu-in-do o assunto de LENDas::... e::: então existe uma REvisão que a gente está fazendo que não deu tempo na aula anterior... então nós temos que concluir essa atividade não deixar ela incompleta pra depois que nós vamos dar introdução ao assunto sobre mitos... e aí você deve dar àquele espaço pra eles... é::: opina::rem convers::arem e ver o conhecimento prévio que eles têm... a respeito... né... se você pedir mito ele não vai saber o que é:: realmente né...me::smo porque se confunde bastante mito e LENDa é me::io PAREcido né... você... tem essa confusão... então você:: pode jogar alguns exemplos de de heróis que nem o Hercules que é bastante conhecido vê se eles conhecem eles vão citar pra você monte de filmes de livros que leram a respeito do Hercules... aí você vai pedir se eles coNHEcem a estória do HERcules quem que é esse HERcules da onde que veio essa estória você vai ouvir MUItos... assim como tem aluno que:: dificilmente ele se expõe têm aqueles que contam de montão... aí dá pra você introduzir a respeito né que essa estória ela:: é da Gré::cia é uma estória anTI::ga é um mi::to que eles criA::ram né

152. P: uhum

Percebemos no exemplo 4 abaixo, certo descontentamento da professora em relação à falta de tempo em concluir as tarefas, fato que é observado no turno 151 do Segmento 3:

Exemplo 4:

151... nós estamos na verdade...a gente está con-clu-in-do o assunto de LENDas::... e::: então existe uma REvisão que a gente está fazendo que não deu tempo na aula anterior... então nós temos que concluir essa atividade... não deixar ela incompleta...

Haveria, então a preocupação de concluir a atividade sobre lendas para dar início à atividade sobre mitos. Antes de encaminhar essa atividade, a professora pretende identificar os conhecimentos prévios que os alunos teriam sobre o gênero. Verificamos que essa ação de sondagem se deve a uma operação ou um “modo de execução de um ato”, (LEONTIEV,

1934/1986[1988], p. 74), já que ela empreende uma primeira ação (verificar os conhecimentos prévios dos alunos), com objetivo de “atingir o alvo” que é investigar os meios operacionais necessários para execução do seu objetivo: a inserção dos mitos.

No entanto, como podemos observar no exemplo a seguir, retirado do turno (151), identificamos uma avaliação da professora em relação aos conhecimentos dos alunos sobre o gênero.

Exemplo 5:

151...e aí você deve dar àquele espaço pra eles... é::: opina:::rem convers:::arem e ver o conhecimento prévio que eles têm... a respeito... né... se você pedir mito ele não vai saber o que é:: realmente né...

Nesse exemplo, observamos a presença do verbo “dever” flexionado na segunda pessoa do singular, remetendo à pessoa do sócia. Esse verbo indicaria uma modalização deôntica, quando uma avaliação é “apoiada nos valores, nas opiniões e nas regras constitutivas do mundo social, apresentando os elementos do conteúdo como sendo do domínio do direito, da obrigação social e/ou da conformidade com as normas [...]”. (BRONCKART, 2003 apud MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 70).

Essas normas seriam aquelas postas em uso, a partir das atividades sociais veiculadas pelo agir comunicativo. Significa dizer que a professora fala a partir de uma posição que lhe confere o direito de impor regras aos alunos, pois se trataria de algo necessário, já que as regras dariam segurança à professora, na medida em que asseguraria um ambiente relativamente organizado. Sendo assim, essa avaliação tem como base as representações sociais que ela possui sobre esses alunos. Essas representações partem, principalmente, do conhecimento que ela teria dessa turma em particular, ou até mesmo de alunos dessa faixa etária, classe social, etc.

Outro problema revelado pela professora diz respeito à participação dos alunos em sala, já que há os que conversam muito e expõem suas opiniões e há aqueles que não participam. Esse fato pode ser observado a partir da seguinte questão levantada pela professora “assim como tem aluno que:: dificilmente ele se expõe têm aqueles que contam de montão...”.

Essa avaliação sugere uma classe mista em que haveria alunos participativos e outros que preferem não expor-se. Essa avaliação denotaria certa preocupação da professora, uma vez que seria necessário intervir de modo a conseguir atenção desses alunos e fazê-los participar da aula. Para isso, ela teria que conquistá-los a fim de ganhar a confiança deles. Por

outro lado, há os que falam muito e, assim, tornar-se-ia necessário uma intervenção com vistas a administrar o tempo de aula e a organização da sala.

Buscando uma regulação da sala de aula, verificamos que a professora utiliza-se de alguns recursos, como afetividade, sendo este um recurso utilizado para compensar o tempo que ela gastaria chamando atenção dos alunos por ocasião da agitação, além é claro, do próprio estilo dessa professora, das representações que ela possui do ser professora, etc.

Verificamos, também, que o acolhimento que ela oferece aos alunos, caracterizado por ouvir o que eles têm para contar, deixando que expressem-se oralmente em discussões a respeito de determinados assuntos, etc., denota um profissional preocupado não só com os conteúdos e com as prescrições em si, mas com a educação dos alunos e de suas necessidades.

Na subseção seguinte, pretendemos explorar as regulações que a professora utiliza na organização do meio, em torno do seu objeto de trabalho.

3.1.2. Objeto/meio

Nesta seção, apresentamos o Quadro 2 com os tópicos mais comentados pela professora em relação ao objeto, visto como: “a criação/organização de um meio que seja favorável ao desenvolvimento de determinadas capacidades dos alunos e à aprendizagem de determinados conteúdos a elas correlacionados” (MACHADO 2009, p. 39).

Quadro 2 – Tópicos referentes ao objeto/meio
Instrução ao sócia 1- Sujeito 1

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
30-34	Momento da chamada	pesquisadora
70-77	Retomando as regras com os alunos	professora
78-83	O papel do monitor	professora
93-96	A falta do livro didático e sua interferência na organização da sala de aula	professora
106-115	A falta de tempo na aula	professora
116-128	A falta do professor na sala e a função do monitor	pesquisadora

139-145	Lembrando os alunos das regras	professora
---------	--------------------------------	------------

Conforme exposto, observamos certa recorrência de tópicos abordando problemas e/ou soluções encontrados no ambiente de trabalho e que interferem na criação/organização de um meio propício ao desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

De acordo com os dados apresentados, observamos um tema que se repete – as regras. Esse recurso estaria presente, principalmente, na regulação do meio a fim de favorecer as relações e atividades propostas. As regras funcionariam como uma espécie de instrumento na obtenção de uma classe que funcione.

Outro auxiliar nessa organização e que está sendo chamado de “braço direito” do professor em sala é o aluno monitor. Ele seria o responsável por auxiliar o professor naquilo que ele viesse a precisar, como, por exemplo, buscar cooperação pela ordem em sala enquanto o professor precisasse ausentar-se por algum tempo e em casos de atraso do professor, ocorrido por algum motivo. Nesse caso, ele seria o responsável por avisar a coordenação e/ou a direção até que o professor obtivesse contato com a escola para avisar. No entanto, não encontramos relatos sobre a eficácia desse meio na criação ou manutenção da disciplina em sala.

Em decorrência das ações empreendidas pelo professor visando a organização da sala de aula, a professora despende algum tempo na tentativa de mantê-la em ordem. Sendo assim, o tempo de aula torna-se pequeno, ou seja, torna-se um “problema necessário” dispensar algum tempo nessa organização, já que para atingir os objetivos referentes ao ensino-aprendizagem ela precisa obter a cooperação dos alunos.

Para ilustrar esses resultados, apresentamos o Segmento 4:

Segmento 4

30. P: tá...eu começo com a chama::da como que eu faço?

31. S: ge::...você deve fazer... é::... primeiro você...vê o que que vocês irão trabalhar pra deixar eles EM atividade pra depois você fazer a chamada pra não per-der TEM-PO...porque senão perde muito tempo fazendo chama::da pra depo::is {ir trabalhar

32. P: trabalhar...certo ((a professora emitiu som pela garganta como se estivesse nervosa))

33. S: certo

Ao responder à pergunta feita pela pesquisadora (sósia), a professora parece, por um momento, hesitar na resposta que daria, iniciando com a expressão “ge” subentendida como “geralmente”. A substituição da provável expressão “geralmente” pela forma “você deve fazer”, se dá, principalmente, pela tomada de consciência da professora em relação às regras

do gênero, já que de acordo com as orientações da pesquisadora/sócia, seria necessário reportar-se ao sócia com uma instrução direcionada à procedimentos de “como fazer”, o que justificaria a forma “você deve fazer”. (CLOT, 2010).

A instrução dada à sócia sobre como iniciar a aula, se com a chamada ou não, a resposta é que, primeiramente, seja encaminhada uma atividade para depois fazer a chamada. Essa atividade é encaminhada com o objetivo de tornar o momento da chamada menos tenso, já que o início da aula seria mais agitado e a professora “gastaria” tempo tentando acalmar a agitação dos alunos.

Esse fato demonstraria certa experiência da professora ao lidar com os conflitos próprios de sala de aula, mas também, evidencia o tempo perdido para conter os alunos, pois, se ao fazer a chamada os alunos estivessem sem trabalhar, provavelmente esse momento seria marcado por conversas e demandas que tirariam o foco dessa tarefa. Assim, esse momento é deixado em segundo plano.

De acordo com os critérios das Normas para transcrição de entrevistas gravadas do NURC/SP, verificamos que o verbo “perder” aparece no modo de ocorrência silabação (perder), significando um tom vigoroso em relação à perda de tempo que isso representaria.

A preposição “EM” e o substantivo “TEMPO” aparecem em letra maiúscula evidenciando uma entonação enfática. Tais fenômenos supõem o destaque atribuído aos problemas relacionados à organização do meio evidenciados, principalmente, pela agitação dos alunos.

Vemos, portanto, que esse é um problema para a professora, pois, em não havendo silêncio na sala, o ensino-aprendizagem ficaria comprometido, assim como o avanço das atividades.

Segundo ela, é preciso que antes de começar a aula, o professor estabeleça um tempo para ouvir as histórias que os alunos têm a contar e, assim, fiquem menos agitados. Trata-se, aqui, de uma Atividade Reguladora em processo (Lima, 2010), já que essa atenção dispensada é um recurso importante na organização do meio, favorecendo um bom relacionamento entre professor e aluno, o que facilitaria as relações em sala.

Entretanto, é uma relação que precisa de limites, já que os alunos menores tendem a extravasar com maior facilidade e a desenvolver maior dependência do professor. Sobre essas questões escolhemos o Segmento 5 para análise:

Segmento 5

106. P: uhum...profe como eu devo encerrar a aula então? Como você falou já vai recolhendo os livros um pouquinho antes de bater ((o sinal))

107. S: exatamente... uns minutos antes de bater...uns cinco minutos né... porque na verdade a tua aula ela se torna pequena sempre... porque até você chegar... acalmar a turma... introduzir a atividade esperar que eles fiquem fazendo algumas atividades individualmente pra você fazer a::: a chaMAda pra ver os alunos ausentes né... você sempre perde um tempinho...e aí::: dá até você executar tuas atividades porque existe muito bate papo a conversa você vai ouvir bastante... você tem que dar bastante ouvidos pra eles também né... então esse tempo ele [corre
108. P: corre
109. S: então dificilmente na verdade sobra tempo pra você... na verdade falta tempo
110. P: falta
111. S: sempre que você programa a tua aula quase NUNca você consegue dar conta do recado dela inteira sempre vai faltar tempo
112. P: verdade
113. S: né... porque é bastante coisa na verdade assim né... quando a gente da... DÁ::: essa oportunidade deles se expressarem né porque... eles gostam de falar
114. P: gostam... de falar... eles tem energia né [e assunto
115. S: /eXAtamente... então... é dessa forma que acontece...

No turno 107, a professora elenca várias atividades que deverão ser executadas antes de começar a aula. Considerando-se o tempo que a professora levaria até chegar à sala, acalmar os alunos, encaminhar uma atividade, esperar até que iniciem a atividade proposta, etc., essa professora já teria perdido um tempo considerável de aula. Para ilustrarmos esse problema, retiramos para análise um exemplo do Segmento 5:

Exemplo 6:

111. S: sempre que você programa a tua aula quase NUNca você consegue dar conta do recado dela inteira sempre vai faltar tempo

Retomando Clot (2010), identificamos no trabalho da professora, o real da atividade na medida em que vivenciam-se obstáculos, como a agitação dos alunos, impedimentos, como o tempo que se tornou curto, atividades planejadas que não foram realizadas, etc, constituindo-se na realidade da sala de aula.

De acordo com o autor, quando certas situações de trabalho são entendidas pelo trabalhador como obstáculos intransponíveis, em que ele não consegue contornar ou superar, cria-se uma sensação de amputação do poder de agir desencadeada por um sofrimento físico e mental que, possivelmente levará ao adoecimento.

No entanto, os impasses encontrados no ambiente de trabalho podem constituir-se de oportunidades de desenvolvimento, uma vez que, ao se deparar com empecilhos, obstáculos, etc., o sujeito buscará formas de solucionar o problema, constituindo-se, então, em um desenvolvimento das capacidades cognitivas, afetivas, languageiras, etc, desse sujeito, preparando-o para os desafios da vida, já que seria no enfrentamento das provas impostas pelo meio que o trabalhador desenvolveria suas habilidades. (CLOT, 2010).

Retomando o turno 111 do Segmento 5, percebemos a presença dos advérbios de intensidade “quase NUNCA”, em que o “NUNCA” expressa ênfase à situação vivida e a expressão “quase NUNCA” aponta para uma representação e/ou uma avaliação negativa da situação de trabalho, ou seja: ”quase NUNca você consegue dar conta do recado dela inteira sempre vai faltar tempo”.

A expressão utilizada pela professora indicaria, entre outras coisas, certo sofrimento por não conseguir realizar todas as atividades que gostaria, desencadeado pela impossibilidade, segundo ela, de dar conta de tantas demandas. Essa consciência das dificuldades encontradas poderia, de certa forma, contribuir para encontrar uma solução. Porém, as expressões “nunca você consegue” e “sempre vai faltar tempo” indicam um conflito persistente, sem solução até o momento, pois não parece haver uma oscilação entre conseguir dar conta e não conseguir dar conta da aula. A avaliação é negativa e aparentemente cristalizada, evidenciando possíveis tentativas que não deram certo.

Isso nos levaria a inferir, que, a falta de tempo informada pela professora em decorrência da agitação dos alunos, seria um impedimento aos seus objetivos ou foco, entendendo por foco o seu objeto de trabalho, que consistiria, basicamente, em manter a sala organizada para que as atividades relacionadas ao ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de capacidades intelectuais dos alunos, sejam concretizadas. (MACHADO, 2009).

De forma geral, a professora (Sujeito 1) demonstrou apostar na criação de um relacionamento saudável com os alunos, amenizando resistências que frequentemente ocorrem na sala de aula. De acordo com essa professora, é bom que o professor mantenha um bom relacionamento com o aluno, o que contribuiria para evitar prováveis indisposições entre eles.

Segundo ela, o revide de ofensas faria com que a turma perdesse o respeito pelo professor. Assim, ao perceber alguma resistência, o professor teria que conquistar os alunos por meio de um diálogo amigável e, em casos de resistência às regras, o professor deverá chamar o aluno e falar-lhe em particular, já que a exposição de conflitos diante da turma contribuiria para uma possível desordem em sala. Sobre a organização desse meio, escolhemos o Segmento 6 para exemplificar a preocupação da professora em relação a esse assunto:

Segmento 6

70. P: ok profe... ((a professora faz ruídos com a garganta demonstrando nervosismo)) é::: digamos assim... que mesmo explicando... explicando a atividade os alunos não ente::ndam e comecem vir até a mi::m... vários alu::nos... é::: o que eu devo fazer... [Como eu devo fazer...

71. S: é::: você deve orientá-los SEMpre quando você inicia a aula... ahh... retomando aquele assunto de indicação que quando nós:: não estamos entendendo um assunto... ELE DE::ve levantar a mão pra não ter desorganização na sala que assim que for possível você VA::i direcioná-lo você vai entendê-lo... vai atendê-lo... e::: também pra ele fazer uma pergunta:::... ahhh... no tom alto porque de repente... a:: aquela::... dúvida dele seja de um outro colega também... [de repente...

72. P: uhum...

73. S: quando você está:: a:: respondendo uma pergunta pra algum tem outros já... [que::

74. P: Isso

75. S: captam a:: dificuldade que estava havendo [né..

76. P: Isso mesmo...

77. S: sempre desta forma... e também explicar pra eles... SE necessário...é uma coisa muito particular ele pode vir até você sim pra conversar particularmente... na sua mesa ou num momento que você passa na na mesa dele... de/desta forma

Verificamos que a fala da professora no turno 71 é modalizada pelo verbo “dever” expressando a forma adequada de iniciar a aula e dos procedimentos em relação à conduta dos alunos quando estes expressarem dúvidas. Como já constatado, o momento mais crítico é o início da aula, já que é nesse estágio que a professora precisa retomar as regras como meio de orientar o comportamento dos alunos. Para que a sala de aula permaneça em ordem em momentos de dúvidas dos alunos, é necessário o estabelecimento de algumas regras como, por exemplo, permanecer em seus lugares e, de lá, levantar a mão indicando que precisam de ajuda.

Além disso, a pergunta deverá ser feita em voz alta para que, se mais alunos estejam com a mesma dúvida, esta possa ser sanada de uma vez, evitando que outros alunos façam a mesma pergunta. Esse seria um meio de administrar o tempo, já que essa é uma preocupação bastante presente.

Verificamos, ainda, que o emprego da marca de pessoa “nós”, “... retomando aquele assunto de indicação que quando nós:: não estamos entendendo um assunto...”, “ é utilizada para designar não uma soma de indivíduos, mas um sujeito coletivo [...]”. (MAINGUENEAU, 2013, p. 127).

O “nós”, nesse caso, indicaria tanto a individualidade e subjetividade do sujeito que enuncia, acrescido da pesquisadora e, também, das regras de boa convivência entre pessoas em geral, principalmente quando estão em interação umas com as outras, ou em situação semelhante assistindo a uma aula, a uma palestra, por exemplo.

Observamos que a professora refere-se aos alunos mais precisamente com a forma pessoal “ELE”, enfatizado, nesse caso, pela entonação da voz. Ainda que essa forma apareça no singular, “ELE” indica uma pluralidade, um coletivo de pessoas (os alunos).

De acordo com Benveniste (2006), ‘ele’ não é uma marca de pessoa; ‘ele’ seria, então uma ‘não-pessoa’ por não participar do discurso como o ‘eu’ e o ‘tu’ fariam. Enquanto o ‘eu’ representaria a subjetividade e/ou individualidade do sujeito, o ‘ele(s)’ se caracterizaria pela objetividade com que se descreveria uma coisa ou objeto, portanto, uma ‘não pessoa’.

Ao verificarmos o agir languageiro da professora ao longo da instrução ao sócia, percebemos que a forma ‘ele’ utilizada para referir-se aos alunos teria como provável explicação um sujeito em particular enunciado na interação promovida pela instrução ao sócia, em que não haveria um ‘ele’, mas um ‘eu’ e um ‘tu’ constituídos por professora e pesquisadora.

Essa seria uma opção para explicarmos esse fenômeno, visto que a interação promovida pela instrução ao sócia simula, a partir de uma situação fictícia de trabalho, uma situação real, provável de acontecer, e, portanto, mantém semelhança com a realidade. No entanto, o “ele” proferido pela professora em relação aos alunos com dúvida, indicaria uma possibilidade, mas não corresponderia, obrigatoriamente à veracidade dos fatos.

Nesse sentido, poderíamos inferir, a partir de Benveniste (2006), que os alunos nominados pela professora como “ele”, já que não participam diretamente da instrução ao sócia, sofreriam um “apagamento” nesse discurso, em que figuram um “eu” e um “tu” estabelecidos na interação.

Retomando o Segmento 6, verificamos que os alunos deveriam ser orientados quanto às regras, pois o ambiente da sala de aula é, por assim dizer, um espaço dedicado a uma série de atividades, que, basicamente, são participantes professores, alunos, artefatos, instrumentos, etc. Desse modo, esse espaço requer, como em um jogo, a participação dos envolvidos que só podem “jogar o jogo” pela regulação das regras, sendo que toda a transgressão a essas regras tornará o “jogo” insustentável. (BORDIEU, 2004).

Objetivando uma organização do meio, a professora investe tempo para acomodar os alunos antes de dar início às aulas, o que constitui-se para a professora, uma espécie de regra ou ritual, já que não seria possível iniciar ou dar sequência às aulas com os alunos agitados. Além disso, a função das regras em ambiente escolar, é construir a consciência de um ambiente organizado/adequado para o desenvolvimento e aprendizagem.

Desse modo, o objeto do trabalho do professor é a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, e, em conseguindo a colaboração deles, busca-se transformá-los em instrumento na (re)criação de um ambiente favorável aos objetivos do professor e, por assim dizer, dos alunos.

Em relação ao Sujeito 1, aqui analisado, a professora utiliza-se das dimensões afetiva e psicológica demonstradas, principalmente, no acolhimento aos alunos, em conversar e ouvi-los em suas histórias permitindo, assim, que se expressem. Esse comportamento da professora revela, dentre outras coisas, um agir prescritivo, mas também pluridimensional.

Nesse caso, a professora percebeu que seria útil investir tempo na acolhida deles, em ouvi-los, acalmá-los, etc, já que essa conduta da professora determinaria a conduta dos alunos em sala. Além disso, a professora teria identificado que agindo assim, funciona. Mas ainda assim, não haveria garantias de obter adesão ou a cooperação dos alunos, já que “o aluno é o real agente de seu desenvolvimento e que sua liberdade pode levá-lo a recusar-se a entrar nos ambientes criados pelo professor, resistir a eles, ir em outra direção, etc.” (MACHADO, 2009, p. 83).

No entanto, caberia ao professor trabalhar os elementos disponíveis no meio educativo a seu favor. Sendo assim, o professor deverá ter papel ativo no meio de trabalho, criando a partir dele, um meio eficaz entre ele e os alunos, de modo que o aluno eduque a si mesmo. (VIGOTSKI, 2010).

Apresentamos, a seguir, uma análise sobre o elemento do trabalho docente o(s) outro(s).

3.1.3. O(s) Outro(s)

Nesta subseção, apresentamos os tópicos encontrados a partir do elemento o(s) outro(s), expostos no Quadro 3, a seguir:

Quadro – 3 Tópicos referentes aos O(s) outro(s)
Instrução ao sócia – Sujeito1

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
1-6	Retomando o assunto da aula anterior	professora
26-29	Acalmar os alunos para retomar atividade	professora

35-38	Em casos de indisciplina, aproximar-se do aluno para conversar	professora
39-46	Explicar aos alunos os objetivos da aula com o gênero fotonovela	pesquisadora
84-90	Conquistar o aluno pela conversa	professora
91-92	“Acalmar bem a turma” para (re)iniciar a aula	professora
148-195	Atividade com os gêneros mito e lenda	professora
261-277	Buscar a participação dos alunos nas aulas	professora
278-297	Conquistar o aluno pela conversa	professora

Como já mencionado, o elemento mais tematizado é/são o(s) outro(s), incluindo, de modo particular, os alunos, fato que demonstraria a influência desse elemento na organização e regulação do meio educativo. Com base nos dados expostos no Quadro 5, os temas mais comentados pela professora Sujeito 1, são o início ou a retomada da aula, já que esse seria o momento mais crítico, pois, para iniciar ou retomar a aula seria necessário empregar tempo para conversar e acalmar os alunos. Identificamos que, assim fazendo, a professora investe tempo na construção de uma relação com os alunos, já que buscaria resolver os conflitos a partir de conversas que teria com eles.

Na relação professor/aluno observamos alguns tópicos que repetem-se, como a retomada da aula, a conquista do aluno etc. O que essa repetição nos diz? Temos um problema relatado pela professora em relação ao tempo investido na preparação dos alunos para iniciar a aula ou retomá-la. Essa necessidade de investir tempo para acalmar a agitação e chamá-los à participação nas aulas, torna-se desgastante para a professora, que precisa constantemente “conquistar” o aluno para que a colaboração em sala torne-se mais eficiente. Para ilustrar esses resultados, apresentamos o Segmento 7, a seguir:

Segmento 7

91. P: ótimo professora... muito bom... tá... é::: mais alguma coisa que a profe acha que eu devo saber em relação a essa turma assim... como eu devo... me comportar pra que ninguém... perceba essa troca que houve? Alguma coisa que a professora sempre FAZ... que eles estão acostumados...

92. S: o que eu acho muito importante sempre é você chegar... CONversar... não ir diREto ao assunto da aula sempre dar aquela conversa com ele... é::: acalmar bem a tu::rma ouvir os papos que eles têm... geralmente eles vêm com algumas estórias que eles querem...contar... então você dá esse momento pra que você poder... acalma::r ajeitar eles... ouvir pra aí:: você introduzir o assunto nunca partir direto pra pra aula já né... que às vezes você vai encontrar como você::: percebe a:gitação nervosismo então tem que dar esse momento DE calmaria pra dep:::is você puxar o::: a aula do dia no caso

O turno 92 expressa o posicionamento da professora em relação à introdução da aula, “o que eu acho muito importante...” a professora revela “a opinião relativa, que se discute, mas que remete a uma convicção, expressa com a ajuda de enunciados modalizados [..]”. CHARAUDEAU (2010, p. 267). De acordo com esse autor, a modalização possibilitaria revelar o posicionamento do sujeito em relação a um assunto, expressando sua opinião que poderá ser expressa ou velada, dependendo da posição assumida. (CHARAUDEAU, 2016).

Verificamos que a professora expressa uma opinião ao utilizar a marca de pessoa “eu” acompanhado do verbo “achar” e do advérbio de intensidade “muito”, o que representaria certa veemência em relação aos fatos. Ao dizer “eu acho muito importante..”, a professora posiciona-se como sujeito do discurso, visto que “o discurso só é discurso quando remete a um sujeito, um EU, que se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais [...]” (MAINGUENEAU, 2013, p. 61).

A proposição “nunca partir direto pra aula...” expressa uma opinião consistente, principalmente pela presença do advérbio “nunca”. A sentença “nunca partir direto pra aula” revelaria, entre outras coisas, experiências passadas, que indicam ser um erro ir direto para a aula. Há, inclusive, uma avaliação da professora em relação à turma, basicamente, por ser agitada.

A professora, então, elenca uma sequência de ações, como: conversar, acalmar, ouvir, ajeitar, que teriam como objetivo a (re)criação de um meio favorável que intermediasse a relação entre professora e alunos, para então, dar início à aula. Para analisarmos o motivo dessas ações, retiramos do Segmento 7, o exemplo a seguir:

Exemplo 7:

92...nunca partir direto pra pra aula já né... que às vezes você vai encontrar como você::: percebe a:gitação nervosismo então tem que dar esse momento DE calmaria pra dep:::is você puxar o::: a aula do dia no caso

Nesse trecho, verificamos que o motivo dessa sequência de ações, deve-se, principalmente, ao fato de a professora esperar dos alunos agitação, nervosismo e, por isso, seria necessário iniciar a aula acalmando a agitação, para garantir, se fosse possível, um ambiente mais controlado e, assim, dar sequência às atividades.

Evidenciamos, a partir do do turno 92, que a professora busca essa regulação do meio com vistas a criar um ambiente agradável. Essa, provavelmente, foi a solução encontrada pela professora para conduzir seu trabalho e atingir seus objetivos. No entanto, temos a impressão que as atividades empreendidas pela professora tendo esse objetivo, ocupam muito do seu tempo, impedindo-a de avançar ou de concluir os conteúdos.

Observamos que as ações anteriormente sequenciadas pela professora podem ser comparadas a um jardineiro que ao cuidar do jardim, não poderá forçar as plantas a desenvolverem-se e dar flores. Esse desenvolvimento dependeria do cuidado, primeiramente do solo, onde as plantas originam-se. Sendo assim, ele age indiretamente, preparando a terra e regando de acordo com as necessidades das plantas a fim de estimular seu crescimento. (VIGOTSKI, 2010).

O mesmo acontece com a professora, que, não podendo agir diretamente sobre os alunos, busca criar um ambiente acolhedor para que sentindo-se compreendidos em suas necessidades, tenderiam a colaborar com a professora.

Vemos, portanto, que a professora age de acordo com a percepção que teria dos alunos, partindo da necessidade deles e, provavelmente, das representações que possuiria sobre os alunos e sobre o ser professor. Sobre isso, discorreremos mais adiante, na Subseção 4.2.4 onde apresentaremos uma análise sobre o elemento sujeito/professor.

Ainda sobre criar um “clima” agradável, a professora demonstraria certa preocupação em mantê-lo, como podemos observar no Segmento 8, a seguir:

Segmento 8

84. P: é? Ok... e:: quanto a leitura profe... se algum aluno assim se recusar a fazer essa leitura... é por timidez o/ou alguma coisa... como que eu devo fazer? Como eu devo proceder com ele?

85. S: ó... sempre têm alguns alunos... que::: você encontra esse problema que ele te:::m... é tí/tímido realmente... ele tem vergonha de ler pera::nte o grupo... então você tenta você explica pra ele também que é importante ele ler que você só vai saber se ele está com dificuldade ou não se ele ler pra você ouvir...senão não tem como ele... você saber...

86. P: ah tá...

87. S: explica esse LAdo pra ele... e se ele... se não quer ler também... não forçar a barra...

88. P: ah não força... não obriga

89. S: na/não forçar porque::: fica aquele clima desagradá:::vel né... e de repente o aluno comece até a ter uma aversão pela sua pessoa porque você tá:::.... é::: [forçando

90.S: forçando a barra... mas sempre ter aquela conversa no...paraLElo com ele individualmente pra entender esse aluno... até pra você...você precisa conquistar na verdade às vezes por causa dessa conquista ele começa agir diferente e passa a gostar... têm alunos que não gostam da aula de português porque ele tem aversão ao

português... a língua portuguesa mas no momento em que você consegue conversar entender ele... ele começa a gostar das aulas e começa a ter atitudes diferentes... então é muito importante esse bom relacionamento entre professor e aluno na verdade

Observamos, nesse segmento, que a professora demonstra preocupação em chamar o aluno a participar da aula explicando a importância dessa participação. Mas, se o aluno se recusasse a participar seria melhor não forçar, já que isso geraria um mal-estar entre aluno e professora, criando um "clima desagradável". Por isso, enfatiza a importância de conquistar o aluno, pois acredita que se a professora "conseguisse conversar entender ele... ele começa a gostar das aulas e começa a ter atitudes diferentes... então é muito importante esse bom relacionamento entre professor e aluno na verdade".

Vemos, portanto, que a professora aposta na criação de um bom relacionamento com os alunos, a fim de conquistá-los e obter colaboração. Trata-se de uma regulação do meio com o objetivo de evitar confrontos e manter um "clima" agradável em sala. A conduta da professora estaria ligada, principalmente, às coerções e resistências que o meio apresenta, pois "[...] o que distingue o meio ambiente é sua autonomia, sua independência com respeito a nós, ou mesmo, poder-se-ia dizer, sua indiferença com respeito a nós e a nossas necessidades e desejos". (MOSCOVICI, 2009).

Assim, o meio social educativo age sobre o trabalhador/professor que em resposta reage buscando desenvolver instrumentos com que possa atuar/intervir em situações específicas de sala de aula. Com respeito à regulação desse meio de trabalho pelo professor, apresentamos o Segmento 9, a seguir:

Segmento 9

278. P: exatamente... então eu não devo nunca erguer a voz... assim...é: perante... na frente lá:::
[não não deve professora

279. P: bater na na ...com a caneta na mesa... alguma coisa assim

280. S: não...não deve... bater de frente com aluno você sai perdendo no final das contas... porque aí você vê "como a professora é estressa:::da porque é::: a professora::: tem problema em casa e vem resolver na na sala de aula:::" você nem faz mas sai conversinha bobinha porque tem aluno que fantasia bastante né... então sempre chega perto dele conversa com ele... e sempre mostrar pra ele que você é amiga... sempre sempre sabe... conquistar o aluno

281. P: aham

282. conquistar... isso é muito importante... conversa com ele e mostrar que o professor tá ali pra ajudar... que a gente não está trabalhando pra brincar com alu:::... matar tempo... que se fosse pra matar tempo... então... nossa teria tanta coisa que eu poderia fazer

283. P: verdade

284. S: né::: se a gente está trabalhando ali é porque faz parte do nosso currículo... faz PARte pra gente aprender e pra entender... pra gente... ser () cada vez mais eficiente nessa vida... você sempre vai procurando dialogar bastante com ele...mas::: se ele insistir em fazer coisa ai::: aquela estória... vamos fazer uma ficha de ocorrência então e encaminhar pra::: coordenação...se não resolver o assunto... você conversando com ele ali... se você chamar ele lá fora pra ter a conversa só sua realmente com ele e tentar colocar pra ele... e não resolver aí o

negócio é você partir pra ficha de ocorrência e encaminhar ele pra::: sala da coordenação então pra... chamar o pai geralmente... primeiramente eles têm uma conve:::rsa com o aluno lá no particular... se é uma coisa que persiste em outras aulas também aí:: geralmente são chamados os professo:::s pais...

No segmento 9, verificamos um posicionamento da professora diante de conflitos com alunos em sala. De acordo com a professora pesquisada, o professor deverá manter certa postura diante dos alunos para evitar comentários, como observamos no turno 280, a partir do exemplo retirado do Segmento 9:

Exemplo 8:

280. ... não...não deve... bater de frente com aluno você sai perdendo no final das contas... porque aí você vê “como a professora é estressa:::da porque é::: a professora::: tem problema em casa e vem resolver na sala de aula:::”

Partindo de Maingueneau (2013), quando diz que um locutor não se satisfaz em falar de suas opiniões, mas que, ao expressá-las faz ouvir outras vozes, vemos a professora atribuir voz aos alunos, marcada no trecho do texto transcrito pelo uso de aspas, indicador do discurso direto em que aparecem delimitadas a voz do locutor enunciador e a do locutor citado. Verificamos que a professora imita os alunos, colocando o discurso deles em cena, sendo esse fenômeno identificado, também, pela mudança do tom de voz da professora no texto oral.

Esse discurso parte de uma opinião da professora, o que expressaria a fragilidade das relações em sala, principalmente do professor em relação aos alunos. Nesse sentido, seria melhor evitar uma discussão, já que o professor sairia perdendo.

A professora, como era esperado, enfatiza a importância de conquistar o aluno, conversar, colocar-se à disposição para auxiliar, etc. Sendo que no turno 282, ela expõe alguns argumentos com vistas a convencer o aluno de sua disposição em ajudar, como: “ a gente não está trabalhando pra brincar com alu:::... matar tempo... que se fosse pra matar tempo... então... nossa teria tanta coisa que eu poderia fazer”.

No fragmento exposto, verificamos que a professora justifica seu agir, tentando explicar os motivos que levam à sua atuação em sala, caso contrário, ela estaria fazendo outra coisa. Isso denotaria, inclusive, as ocupações que ela teria fora da sala de aula.

No turno 284, a professora evoca outro(s) participantes do seu meio de trabalho, representados pela coordenação pedagógica e os pais, sendo que esses recursos e/ou instrumentos seriam utilizados apenas quando todas as tentativas de regulação em sala falhassem.

Por conta dos conflitos e da hostilidade que pode haver no ambiente de trabalho, o professor tende a empreender regulações que visem amenizar esses embates ou suprimi-los. Além disso, essas regulações dizem respeito ao poder de agir do professor, constituindo-se em desenvolvimento, uma vez que “[...] é funcionando com os outros que o homem se transforma [...]”. (CLOT, 2010, p. 28).

De acordo com o autor, as dificuldades que ocorrem em sala podem ser um estímulo à criatividade e inovação desde que superadas, contribuindo, assim, para o desenvolvimento do trabalho do professor.

Entendemos que as relações em sala de aula são marcadas pela heterogeneidade e diversidade de sujeitos que compartilham um mesmo espaço em um determinado tempo. Um espaço comum que abarca diferentes sujeitos em relação uns com os outros, o que resultaria em um ambiente altamente relacional, em que a gerência dos relacionamentos é de vital importância. (BAKHTIN, 2011).

Nesse sentido, identificamos no Sujeito 1, uma professora acessível aos alunos, preferindo evitar confrontos, porém, as ações da professora, nesse sentido, visam, principalmente, a manter certo controle do ambiente.

3.1.4. Sujeito/professor

Nesta seção, apresentamos alguns resultados sobre o elemento sujeito/professor e as representações que este possuiria sobre seu trabalho, e, ainda, como o meio afeta esse sujeito.

A seguir, apresentamos o Quadro 4, com os tópicos mais comentados pela professora – Sujeito 1, referente ao elemento sujeito/professor, isto é, tentamos identificar partes do texto em que percebemos a professora falando de si ou do coletivo de trabalho.

Quadro 4 – Tópicos referentes ao sujeito/professor
Instrução ao sócia 1- Sujeito 1.

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
129-138	Caminhada para chegar até a sala	professora
196-247	Lidando com a falta de tempo	professora
248-252	Hora do lanche: conversar com outros professores a respeito de problemas com alunos	professora

253-260	Falta de tempo e sentimento de frustração	pesquisadora
---------	---	--------------

No Quadro 4, observamos alguns tópicos em que há repetição do tema “falta de tempo”. Esse aspecto está muito presente na atividade dessa professora, fato que a deixa com um perceptível sentimento de frustração. Esse sentimento estaria ligado ao tempo de trabalho em sala que, por conta das várias funções que desempenha, torna-se insuficiente, fazendo com que não consiga, basicamente, concluir os conteúdos encaminhados aos alunos.

No entanto, no desempenho dessas funções, observamos que as dificuldades encontradas forçam o desenvolvimento de capacidades de ordem afetiva e psicológica, uma vez que na tentativa de “conter” a turma, propõe-se a ouvir, conversar, acalmar, colocar regras para os alunos, dentre outros.

A questão “tempo” também estaria presente em comentário feito pela professora sobre o tamanho do colégio que, por ter suas dependências muito amplas, dificultaria a chegada dos professores às salas, fazendo-os perder algum tempo com isso. Sobre essa questão apresentamos o Segmento 10:

Segmento 10

129. P: profe então ai:: encerro a AUla e daí eu vou pra uma outra turma?

130. S: na verDAde você tem que olhar o seu horário pra ver qual que é [a::: próxima

131. P: certo

132. S: ... atividade que você tem se é hora-ativida::de se é aula ou QUANdo terminar a aula você tem que juntar o seu material e/e ir pra... próxima sala de aula que você vai dar aula

133. P: mas no caso HOje né... a terceira aula é o sexto B

134: exato... então você sai do sétimo B... e VAi se encaminhar lá pro sex/pro sexto B

135. P: tá... e::: fica:::... essa sala fica próxima?

136.S: não é::: próxima... você tem uma camiNHA::da na verdade pra chegar...co:::mo...a:::... nós falamos anteriormente... é::: a::: o nosso colégio aqui é bastante GRANde... então você precisa sair ali do... do sétimo ano que é aqui em cima o sete B... e tem () descer toda a escadaRIA::: pra ir pro bloco embaixo que é o sexto B... tem um/uma boa caminhada

137. P: é?

138. S: pra você chegar lá ((risos))

Desse modo, percebemos o fator tempo muito presente na prática dessa professora. E, o fato do colégio ser amplo e constituir-se de escadarias, seria mais um problema a enfrentar, pois a passagem de um bloco a outro do prédio contribuiria para uma considerável perda de tempo e exigiria do professor certo preparo físico. (CLOT, 2010).

Já o momento do lanche é comentado pela professora como sendo o tempo de “relaxamento” do professor, mas, pelo fato de ser um momento de encontro com os colegas

de trabalho, esse tempo é aproveitado para trocar ideias sobre o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, em especial, dos alunos que “dão problema” e, assim, verificar com os colegas professores se eles apresentam problemas com eles também. Para ilustrarmos esses dados apresentamos o Segmento 11, a seguir:

Segmento 11

248. P: uhum...profe assim... e:: eu vou pra onde daí... é:: no recreio... eu vou...

249. S: agora no recreio você vai pra sala dos professores aonde será servido o lanche aonde que você vai lancha::r trocar conversa com outros professo::res aí quando você encontra um problema de repente com algum alu::no você pode ver outros professores que dão aula pra mesma tu::rma e você pode trocar ide::ias com eles pra ver se é só na sua disciplina que tá tendo problema ou se com outro professor... também está tendo... porque é uma maneira... de tentar ver se esse aluno tá tendo algu::m problema geral pra ser encaminhado pra coordenação se precisa ser chamado o pai:: responsáveis né pra resolver esse problema no caso...

250. P: certo

251. S: ... e é um momento de você fazer o seu lanche:: e conversar também né um pouquinho com teus colegas

252. P: uhum

Observamos no turno 249, que a prática de verificação de problemas com outros professores sobre comportamentos de alunos é muito comum e serviria, dentre outras coisas, para uma autoavaliação, ou seja, o próprio professor faria uma avaliação sobre seu desempenho em sala, visto que se aquele aluno apresentasse problemas somente com um determinado professor, podemos inferir do segmento que, talvez, o problema estaria relacionado às interações entre esse professor e o aluno; agora se o problema fosse identificado por outros professores, então, possivelmente o problema seria com o aluno; nesse caso, medidas seriam tomadas junto à coordenação da escola em relação a esse aluno.

Assim, fica subentendido que, se houvesse queixas de mais de um professor sobre aquele mesmo aluno, ele receberia algum tipo de punição; se a queixa fosse registrada apenas por um professor, haveria a possibilidade desse professor ser responsabilizado pela conduta do aluno.

Acreditamos que esse critério de “avaliação” é equivocado e seria uma forma de privilegiar o aluno em detrimento do professor. Nesse sentido, é importante verificar caso a caso os conflitos decorrentes das relações professor/aluno em sala, para que tais problemas sejam resolvidos de forma consciente e responsável.

A partir de experiências desta pesquisadora em sua atuação quando professora, percebemos que em alguns contextos escolares ou a depender da escola, quando registravam-se conflitos entre professores e alunos, os professores eram, visivelmente preteridos em relação aos alunos; fato que corroborava para um aumento de eventos dessa natureza.

No entanto, não pretendemos posicionar-nos em defesa deste ou daquele grupo, mas em defesa de uma educação, que, como quer Vigotski, tem como base a experiência pessoal do aluno, entendendo-se, por isso, que é a partir de suas experiências com o meio em que vive que o aluno se educa e, que nós professores, não devemos subestimar essa experiência, pois se favoreceria uma passividade, na qual “o mestre é tudo e o aluno, nada”. (VIGOTSKI, 2010, p. 65).

Por outro lado, ao valorizar-se de modo inconsciente essa experiência, corre-se o risco de reduzir o papel do professor, invertendo a regra: “o mestre é tudo” e o “aluno, nada”, para a versão: “O aluno é tudo, o mestre, nada?” (VIGOTSKI, 2010, p. 65).

Desse modo, entendemos a importância de termos na direção de nossas escolas pessoas capacitadas do ponto de vista psicológico, em que é possibilitado a professores e alunos assumirem seus papéis, considerando-se, de todo modo, que o professor “é o organizador do meio social educativo, o regulador e controlador da sua interação com o educando”. (VIGOTSKI, 2010, p. 65).

Sobre as questões que afetam o professor, nosso sujeito de pesquisa relatou-nos passar, às vezes, por um sentimento de frustração ocasionado pelo que é exigido ou necessário fazer, e o que é possível fazer no tempo de aula. Para ilustrarmos essa questão, apresentamos no Segmento 12, o relato da professora:

Segmento 12

253. P: é:: profe assim em relação a::: você me falou agora que:: quase nunca dá tempo né:: de de de fazer o que você pretendia fazer... como que você se sente com isso? Você se sente::: qual o sentimento assim?

254. S: olha tem vezes que a gente se sente meio frusTRAda por não ter conseguido concluir porque muitas vezes você vai com aquele teu pensamento que você vai conseguir dar conta do recado... e quando você não consegue você se sente um um pouco frustrada porque você já tinha se programado e pensado “amanhã eu quero trabalhar isso não quero mais voltar a esse assunto”... né... então::: a::: a:::contece de de a gente sentir apesar que você já entende também você já SAbe que::: quase nunca dá tempo pra você desenvolver toda a atividade... você vai sabendo disso ... então a gente já se habitua a esse tipo de coisa também né... mas sabe que é assim mesmo e que na outra aula você vai ter que buscar pra poder você::: finalizar o que você está::: trabalhando pra você dar um fechamento pra essa sua aula no caso né

255. P: sempre dar um fechamento ne

256. S: exato

257. P: pra começar uma outra

258. porque não tem como você de repente sair de uma coisa e voltar pra outra sem ter essa conclusão daquilo que você estava fazendo a não ser que você se programe com ele... né... você vai ter uma aula com ele amanhã... mas o dia de amanhã você tinha programado um uma::: produção de texto por exemplo

259. P: uhum

260. S: né uma outra coisa... aí::: você simplesmente conversa com eles “essa atividade de hoje não deu pra nós concluirmos mas amanhã nós vamos trabalhar isso mas numa outra aula na próxima aula nós vamos retomar esse assunto novamente pra nós podermos fazer a conclusão dessa dessa::: atividade em si que a gente tá trabalhando”

Partindo do turno 254, verificamos que ela revela um sentimento de frustração, ainda que velado sobre a intenção de executar o que foi planejado e a impossibilidade de fazê-lo. Sendo assim, a professora ficaria num impasse gerado entre a tarefa que, de acordo com estudos ergonômicos, não é o trabalho, mas o que é prescrito ao docente. Essa prescrição é imposta pelos documentos oficiais, portanto, exterior à sua atividade, mas a delimita e restringe. (GUÉRIN., et al, 2001).

Já o real da atividade é demonstrado, nesse caso, pela falta de tempo em concluir as atividades programadas. O trabalho que a professora havia planejado fazer, sem conseguir, teve como motivo a agitação dos alunos, sendo necessário “gastar” algum tempo na resolução desse problema. Sendo assim, a distância entre o prescrito e o real é a manifestação concreta da contradição sempre presente no ato de trabalho, entre “o que é pedido” e “o que a coisa pede”. (GUÉRIN et al., 2001).

A professora parece compreender a realidade do seu trabalho ao dizer que, “você já entende também você já Sabe que::: quase nunca dá tempo pra você desenvolver toda a atividade... você vai sabendo disso ... então a gente já se habitua a esse tipo de coisa também né.”

A consciência que essa professora desenvolveu sobre o real da atividade demonstra certo conhecimento e experiência, bem como poderia indicar uma atitude de aceitação diante de uma situação incômoda ou desfavorável.

Verificamos nesse trecho, a preocupação com a conclusão dos conteúdos, justificando que “não tem como você de repente sair de uma coisa e voltar pra outra sem ter essa conclusão daquilo que você estava fazendo”. O impasse entre as prescrições e o real da atividade pode ser sentido aqui na forma de um desabafo: “porque a não ser que você se programe com ele... né... você vai ter uma aula com ele amanhã... mas o dia de amanhã você tinha programado um uma::: produção de texto por exemplo”.

Percebemos que, mesmo parecendo ter encontrado uma solução para o problema pensando numa programação, logo encontra outro obstáculo, “mas o dia de amanhã você tinha programado um uma::: produção de texto por exemplo”.

Além disso, identificamos certo constrangimento ao explicar para os alunos o fato de não ter conseguido concluir o conteúdo, o que pode ser verificado no exemplo a seguir, extraído do Segmento 12:

Exemplo 9:

260. S: né uma outra coisa... aí::: você simplesmente conversa com eles “essa atividade de hoje não deu pra nós concluirmos mas amanhã nós vamos trabalhar isso mas numa outra aula na próxima aula nós vamos retomar esse assunto novamente pra nós podermos fazer a conclusão dessa dessa::: atividade em si que a gente tá trabalhando”

Observamos que se trata de uma situação desconfortável para a professora justificar o fato de não ter dado tempo de concluir uma atividade. É possível que essa ação de justificar-se seja recorrente, uma vez que as funções da professora estariam bastante voltadas a conter a agitação dos alunos, o que resultaria na falta de tempo para dar conta de outras atividades.

Na seção seguinte, passamos a apresentar o conteúdo temático referente às instruções ao sócia dos demais sujeitos pesquisados: Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 4, respectivamente. Esse procedimento visa a uma verificação dos temas mais abordados pelas professoras, tendo como objetivo investigar se há assuntos mais corriqueiros e o que isso poderia nos dizer.

3.2 TÓPICOS DAS INSTRUÇÕES AO SOSIA

Sujeito 2

Na seção seguinte, apresentamos o Quadro 5 referente aos tópicos encontrados na instrução ao sócia 2 - Sujeito 2, no que se refere aos artefatos e instrumentos:

Quadro 5 – Tópicos referentes aos artefatos e instrumentos
Instrução ao sócia 2 – Sujeito 2

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
7-13	Orientação sobre o material didático	Pesquisadora
45-53	Material defasado x atividade diferenciada	Sujeito de pesquisa
54-63	Dificuldades encontradas nos materiais didáticos	Pesquisadora
70-71	Revisão de conteúdo para prova	Pesquisadora
72-78	As atividades devem ser feitas na escola	Pesquisadora
108-123	Obstáculos e/ou conflitos internos	Pesquisadora

	da escola	
--	-----------	--

Identificamos nesta instrução ao sócia, uma preocupação em relação aos materiais utilizados pela escola, identificados pela professora como desatualizados e que não atenderiam às necessidades dos alunos. Trata-se de um material didático composto por apostilas contendo atividades a serem feitas em sala, por isso não seria permitido levá-las, a não ser em casos especiais. De acordo com informações da professora, esse material foi elaborado no ano de 1998 e de lá para cá não teria sido atualizado, permanecendo com uma metodologia, segunda ela, ultrapassada.

O quadro seguinte demonstra os tópicos relacionados ao objeto/meio, como podemos verificar a seguir:

Quadro 6 – Tópicos referentes ao objeto/meio
Instrução ao sócia 2- Sujeito 2

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
14-15	Adequação do ambiente/ambiente acolhedor	Sujeito de pesquisa
28-41	Ambiente para realização de prova	Pesquisadora
96-101	Condução da atividade	Pesquisadora

O meio sala de aula voltado para a EJA – Educação de jovens e adultos é concebido como um local conflituoso, embora não se tenha, segundo a professora, o mesmo nível de indisciplina que se poderia esperar de uma sala de aula regular. Por tratar-se de alunos inseridos em um tipo específico de educação, esse ambiente recebe alunos dos mais variados níveis de aprendizado, necessitando de atendimento individual.

No entanto, esse atendimento ficaria comprometido uma vez que a professora precisaria revezar-se entre um atendimento e outro, ocasionando certo “atraso” para os alunos que teriam que esperar para serem atendidos. Ela, então, teria que (re)criar um ambiente acolhedor e organizado, pois cada aluno exigiria um atendimento diferenciado, considerando-se os alunos que fariam prova.

A seguir, apresentamos o Quadro 7, destinado a exibir os tópicos encontrados para o segmento O(s) outro(s):

Quadro – 7 Tópicos referentes aos O(s) outro(s)
Instrução ao sócia 2 – Sujeito 2

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
1-6	Instruções sobre o desenvolvimento das atividades	Pesquisadora
16-20	Registro de presença dos alunos	Pesquisadora
21-25	Dificuldades com o registro de provas e trabalhos dos alunos	Sujeito de pesquisa
26-29	Dar atenção aos alunos	Pesquisadora
30-41	Conversa em dia de prova	Pesquisadora
42-44	Perceber as dificuldades dos alunos	Pesquisadora
64-67	Atividades devem ser feitas no colégio	Pesquisadora
79-95	Dar atenção aos alunos	Pesquisadora
102-107	Verificar as atividades junto aos alunos	Pesquisadora
126-129	Propostas de atividades diferenciadas	Pesquisadora

Como já mencionado, os conflitos encontrados no atendimento aos alunos, dizem respeito aos materiais didáticos, além das fichas que deveriam ser regularmente preenchidas com o registro de presença e de atividades que cada um desenvolveria em sala. Esse controle seria importante para dirigir e encaminhar atividades, já que, por se tratar de alunos em diferentes níveis de aprendizado, torna-se necessário um registro de cada uma das atividades a fim de orientar e informar o aluno quanto às atividades futuras e/ou provas.

No entanto, as atividades de registro e de atendimento despendem muito tempo da professora fazendo com que na maioria das vezes, sinta-se perdida em meio à rotinas estabelecidas por esse sistema de ensino. Por outro lado, ela expressa preocupação em dar atenção aos alunos que deveriam ter suas dúvidas sanadas, pois, ao ter certo atraso nos estudos demandam mais cuidado e atenção. A desistência de alunos por falta de atendimento

ou de um atendimento ineficaz implicaria no fechamento da turma, já que, para manter uma turma aberta seria necessário o mínimo de quinze alunos. O fechamento de uma turma implicaria, inclusive, em possíveis sanções ao professor que poderia ser responsabilizado.

Desse modo, seria necessário não só auxiliar o aluno em suas dúvidas, mas também de perceber quando o aluno precisa de ajuda, já que haveriam alunos que não se expressariam. Vemos, inclusive, a recorrência do tópico “dar atenção aos alunos”, como sendo, a atividade principal a ser realizada pela professora em sala. Assim, acreditamos que a maior necessidade que esses alunos teriam é de receber apoio para continuar os estudos, algo imprescindível para a existência da EJA.

Passemos para o Quadro 8 a seguir, onde são explicitados os tópicos relacionados ao item sujeito/professor.

Quadro 8 – Tópicos referentes ao sujeito/professor
Instrução ao sócia 2 - Sujeito 2.

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
68-69	Momento do cafezinho	Sujeito de Pesquisa
124-125	Mal-estar	Pesquisadora

Além do “momento do cafezinho” citado pela professora como sendo um momento de descanso, há presença marcante de um mal-estar revelado pela professora, causado, principalmente, por uma metodologia que segundo ela, seria inadequada ao ensino-aprendizagem dos alunos, e que, portanto, não faria sentido para a professora e, provavelmente para os alunos.

Esse mal-estar é desencadeado, como já mencionado, pelo modo como as atividades devem ser encaminhadas, as quais são compostas, basicamente, por copiar e responder exercícios das apostilas, sem levar em conta conhecimentos relevantes para a vida dos alunos. Por outro lado, há, de acordo com o relato da professora, certa burocracia no preenchimento de documentos de registro das atividades dos alunos, demandando certo tempo e implicando em atrasos, já que ela teria que ficar além do horário.

Passamos agora a uma análise dos tópicos encontrados na instrução ao sócia 3 – Sujeito 3, começando pelos tópicos relacionados aos artefatos e instrumentos, expostos no quadro 9, a seguir:

Sujeito 3

Quadro 9 – Tópicos referentes aos artefatos e instrumentos
Instrução ao sócia 3 – Sujeito 3

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
5-11	Trabalhando com o livro didático	Pesquisadora
18-21	Leitura no livro didático	Pesquisadora
24-60	O livro didático como base de apoio	Pesquisadora
73-93	Gêneros textuais como base do ensino-aprendizagem	Pesquisadora
149-182	Gêneros textuais e a gramática no livro didático	Participante de pesquisa
183-186	O livro didático não dá suporte para as atividades	Participante de pesquisa
215-234	Registro de presença e controle de atividades on-line	Pesquisadora

Nesse quadro, verificamos uma forte presença do livro didático no agir dessa professora em sala. O trabalho estaria fundamentado no livro tendo nele um guia, embora, essa professora busque outras alternativas para complementá-lo. Essa complementação estaria mais relacionada à parte gramatical, no entanto, o trabalho com os gêneros textuais parece ter no livro didático o seu principal recurso.

De acordo com Bagno (2002, p. 58), o professor de língua portuguesa deverá voltar-se para um ensino-aprendizagem baseado “ [...] *no exame e na prática de textos falados e escritos em situação social de comunicação e interação*, de textos autênticos (e não inventados pelo professor ou pelo autor do livro didático) [...]”.

Verificamos no agir dessa professora, uma preocupação em complementar o livro ao trazer atividades que viessem agregar conhecimento ao aprendizado dos alunos, já que o livro não daria esse suporte. Assim, o livro didático funciona como base de apoio para o desenvolvimento das atividades, e o trabalho em relação aos gêneros textuais tem como suporte o livro didático, “ o que implica o estudo cada vez mais amplo e pormenorizado dos gêneros em que esses textos empíricos se estruturam e, também, das condições (sociais, históricas, situacionais, culturais etc.) de produção destes textos.” (BAGNO, 2002, p. 58).

A seguir, apresentamos análises dos tópicos encontrados no item objeto/meio, visualizados no Quadro 10, conforme verificamos abaixo:

Quadro 10 – Tópicos referentes ao objeto/meio
Instrução ao sócia 3- Sujeito 3

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
3-4	Acalmar e orientar os alunos	Sujeito de pesquisa
101-110	Pensar em estratégias para elaboração de atividades	Sujeito de pesquisa

A partir desses tópicos, identificamos a realização de atividades com vistas a (re)criar meios que venham garantir condições apropriadas em sala de aula. Uma das preocupações da professora é acalmar e orientar os alunos, indicando haver agitação em sala. Os meios utilizados pela professora são, então, manter certa postura que convença o aluno da valorização do professor. Segundo ela, essa postura deverá ser pautada no equilíbrio das relações docente/discentes, o que é feito através de conversas que visam orientá-los ou até mesmo, direcioná-los a ter um comportamento desejado.

Um das estratégias na organização do meio é pensar em atividades extras ou complementares que venham ocupar os alunos ou suprir lacunas deixadas pelo livro didático.

A seguir, apresentamos os tópicos encontrados no item O(s) outro(s), expostos no Quadro 11, abaixo:

Quadro – 11 Tópicos referentes aos O(s) outro(s)
Instrução ao sócia 3 – Sujeito 3

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
1-2	Acolher os alunos e retomar atividade	Participante de pesquisa
12-18	Apresentação do trabalho dos alunos	Pesquisadora
22-23	Incentivar os alunos	Pesquisadora
61-66	Direcionar os alunos	Sujeito de pesquisa
67-72	A questão da ética política	Pesquisadora

94-100	Analisar o desempenho dos alunos na atividade	Sujeito de pesquisa
111-117	Acalmar os alunos	Participante de pesquisa
187-202	Nunca alterar a voz com aluno	Sujeito de pesquisa
203-214	Alunos gostam de conversar	Sujeito de pesquisa

Identificamos nos tópicos selecionados, uma atividade intensa por parte da professora, a qual teria como motivo principal, criar e manter um relacionamento baseado no respeito e na educação, o que amenizaria problemas de convivência em sala. Essa atividade estaria fundamentada em várias ações como: acolher, incentivar, direcionar, acalmar, dentre outras.

Com isso, depreendemos do discurso da professora, que o trabalho educacional não poderá ser medido e/ou analisado apenas pelo ensino-aprendizagem, a não ser que se amplie esse conceito, pois o trabalho demonstrado vai além de “passar conteúdo” e avaliar o aprendido. “Em suma, a hipótese é de que o trabalho do professor, especificamente o seu trabalho em sala de aula, mobiliza seu ser integral, em suas diferentes dimensões (físicas, cognitivas, languageiras, afetivas etc.)[...]” (MACHADO, 2009, p. 39). E visa, de alguma forma, (re)criar um ambiente favorável ao ensino-aprendizagem e ao desenvolvimento dos alunos, mas, para além disso, o trabalho educacional requer certa nobreza e implicaria em uma educação para a vida.

A seguir expomos os tópicos relacionados ao sujeito/professor, demonstrado no Quadro 12.

Quadro 12 – Tópicos referentes ao sujeito/professor
Instrução ao sócia 3 - Sujeito 3.

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
118-138	Hora-atividade e intervalo	Pesquisadora

Esses momentos são compreendidos pela professora como uma ocasião para relaxar, porquanto “a sala dos professores é o momento teu de:: relax dá uma acalma::da::”. Dessa forma, a sala dos professores parece ser um lugar de refúgio que remete a certa calma, representando um contraste em relação à agitação da sala de aula.

No entanto, a hora-atividade é utilizada para elaborar atividades pensadas a partir das necessidades da turma e podem ser identificadas através da seguinte fala: “po:::de ficar corrigi:::do reve:::ndo aricula:::ndo vendo se precisa o:::utra::: dependendo da fala deles se:: precisa de ma:::is alguma coisa MA:::is algum texto... né político pra que eles possam ver...”

Além disso, a hora-atividade pode ser representada por um “estado de repouso” para os professores verificado através do alongamento das vogais nas palavras: “po:::de, corrigi:::do, reve:::ndo, aricula:::ndo”, entre outras, denotando ser este um momento de descanso se comparado à agitação da sala de aula.

A seguir apresentamos uma análise dos tópicos encontrados na instrução ao sócia 4 - Sujeito 4, relacionado aos artefatos e instrumentos.

Sujeito 4

Quadro 13 – Tópicos referentes aos artefatos e instrumentos
Instrução ao sócia 4 – Sujeito 4

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
33-42	Atividade avaliativa do livro didático	Pesquisadora
84-98	Trabalhando com os gêneros	Sujeito de pesquisa
115-133	Uso dos recursos tecnológicos	Sujeito de pesquisa
154-159	Os “maizinhos” como processo avaliativo	Sujeito de pesquisa
183-198	Falta do livro didático	Sujeito de pesquisa

Nos tópicos apresentados, verificamos que o livro didático faz parte da rotina de trabalhos da professora, principalmente em relação às atividades sobre gêneros. Verificamos, inclusive, que a atividade avaliativa aplicada aos alunos no dia da substituição pelo sócia, é proveniente do livro didático. Além do livro, a professora utiliza-se de recursos tecnológicos para as apresentações das aulas, como o retroprojetor, o livro didático virtual, vídeos do Youtube, entre outros. Nesses tópicos verificamos que o tema “falta do livro didático” está presente no discurso das professoras, obrigando-as a trabalhar com os alunos em duplas.

Além desses recursos, vemos que essa professora utiliza-se dos “maizinhos” como forma de estimular os alunos a fazer as atividades, bem como para puni-los, visto que o aluno que não ganha um “mais” ganha um “menos”. O “mais” é registrado quando o aluno demonstra participação nas aulas e nas atividades, e um menos é registrado quando o aluno deixa de fazer essas atividades.

A seguir passamos a uma análise dos tópicos do item objeto/meio apresentados pelo Quadro 14, abaixo:

Quadro 14 – Tópicos referentes ao objeto/meio
Instrução ao sócia 4- Sujeito 4

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
43-83	Adequação do ambiente	Sujeito de pesquisa

O dia da substituição da professora pelo sócia era dia de avaliação. Desse modo, a organização da sala de aula sofreria alterações com vistas a evitar que os alunos colassem. Por tratar-se de turmas numerosas, a quantidade de alunos em sala favoreceria a cola. Assim, a professora intenta adequar o ambiente (re)criando alguns recursos, como deixar filas vagas entre os alunos impedindo tal conduta.

A seguir, apresentamos os tópicos encontrados no item O(s) outro(s), apresentado pelo Quadro 15, abaixo:

Quadro – 15- Tópicos referentes aos O(s) outro(s)
Instrução ao sócia 4 – Sujeito 4

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
10-32	Como agir em sala dia de prova	Sujeito de pesquisa
99-114	Acolhendo alunos com deficiências	Sujeito de pesquisa
134--135	Indisciplina	Pesquisadora
138-153	Em casos de indisciplina “a direção é bem do lado do professor”	Sujeito de pesquisa

160-166	“fazer com que essa parte da disciplina funcione”	Sujeito de pesquisa
167-182	Alunos que não concluíram prova no tempo de aula	Pesquisadora
205-208	Procurar saber se o aluno entendeu o que é para fazer	Sujeito de pesquisa
209-214	Não permitir conversa de alunos	Sujeito de pesquisa
215-231	Alunos ficam retidos de castigo	Sujeito de pesquisa

Os tópicos mais recorrentes dizem respeito à indisciplina em sala, fato que tem mobilizado a professora em busca de alternativas que amenizem ou resolvam o problema. Vemos que o estilo da professora é mais austero, não admitindo conversas em sala ou qualquer outro tipo de “indisciplina”. Esse motivo leva a professora a agir em busca de soluções e, segundo ela, “a direção é bem do lado do professor”. Essa informação demonstra o compromisso da instituição para com a valorização do professor, contribuindo para a redução da indisciplina.

Apresentamos a seguir, o Quadro 16, com os tópicos para o item sujeito/professor.

Quadro 16 – Tópicos referentes ao sujeito/professor
Instrução ao sócia 4 - Sujeito 4.

TURNOS	TÓPICOS	INTRODUZIDO POR:
136-137	Imprevistos com o professor	Pesquisadora
199-204	Na ausência do professor	pesquisadora

Os tópicos acima, dizem respeito aos imprevistos que podem acontecer ao professor como atrasos ou ausências, fato que deve ser comunicado à coordenação pedagógica que assumirá a turma até que o professor seja restabelecido. Um atraso ou mesmo a falta do professor é motivo de preocupação, uma vez que ele seria o responsável direto pela turma. Nesses casos, o aluno monitor assumiria a responsabilidade por avisar a coordenação da ausência do professor.

Na seção seguinte, apresentamos um quadro de análises que compreende o termo Atividade Reguladora desenvolvido por Lima (2010, 2013, 2014, 2016), a partir do qual pretendemos dar prosseguimento às análises.

3.3 ATIVIDADE REGULADORA: CONFLITOS E SOLUÇÕES

Para a continuação dessas análises utilizaremos-nos de segmentos extraídos das demais instruções ao sócia produzidas para esse trabalho, tendo como objetivo a identificação de uma Atividade Reguladora. No início dessas análises, utilizamos para o exame de qualificação um sujeito de pesquisa - o Sujeito 1. Nesse segundo momento, e com outros objetivos, daremos continuidade às análises do Sujeito 1, acrescentando dados dos outros sujeitos de pesquisa: Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 4. O foco está em verificar como uma Atividade Reguladora é posta em execução por essas professoras, tendo em vista os problemas existentes ou que surgem no exercício da atividade em sala.

Iniciamos esse segundo momento das análises com um pequeno relato sobre a professora - Sujeito 1, quanto aos momentos vivenciados durante a instrução ao sócia, e assim, sucessivamente.

Sujeito 1

Verificamos que essa professora estava um pouco apreensiva nos momentos anteriores ao desenvolvimento da instrução ao sócia, fato observado por esta pesquisadora quando estávamos sentadas no corredor do colégio aguardando o sinal de início das aulas. Ela permanecia em silêncio apenas respondendo o que se perguntasse. Esse comportamento desencadeou certa preocupação, já que a professora poderia estar arrependida de ter aceitado participar da pesquisa.

No entanto, ainda que demonstrasse certo desconforto, mostrou-se disposta e muito atenciosa. O tempo para desenvolver a instrução ao sócia parecia escasso, já que tínhamos apenas o tempo da hora-atividade da professora, considerando o tempo de deslocamento até a sala onde realizaríamos a instrução ao sócia e o tempo que levaríamos para testar o gravador, acomodarmo-nos, fazer as últimas recomendações, etc. No entanto, o tempo foi suficiente, coincidindo o toque do sinal da próxima aula com a última palavra da professora.

A seguir, apresentamos um segmento retirado da instrução ao sócia 1 – Sujeito 1, conforme mencionado anteriormente.

Segmento 1

253. P: é:: profe assim em relação a::: você me falou agora que:: quase nunca dá tempo né:: de de de fazer o que você pretendia fazer... como que você se sente com isso? Você se sente::: qual o sentimento assim?

254. S: olha tem vezes que a gente se sente meio frusTRAda por não ter conseguido concluir porque muitas vezes você vai com aquele teu pensamento que você vai conseguir dar conta do recado... e quando você não consegue você se sente um um pouco frustrada porque você já tinha se programado e pensado “amanhã eu quero trabalhar isso não quero mais voltar a esse assunto”... né... então::: a::: a:::contece de de a gente sentir apesar que você já entende também você já SAbe que::: quase nunca dá tempo pra você desenvolver toda a atividade... você vai sabendo disso ... então a gente já se habitua a esse tipo de coisa também né... mas sabe que é assim mesmo e que na outra aula você vai ter que buscar pra poder você::: finalizar o que você está::: trabalhando pra você dar um fechamento pra essa sua aula no caso né

255. P: sempre dar um fechamento ne

256. S: exato

257. P: pra começar uma outra

258. porque não tem como você de repente sair de uma coisa e voltar pra outra sem ter essa conclusão daquilo que você estava fazendo a não ser que você se programe com ele... né... você vai ter uma aula com ele amanhã... mas o dia de amanhã você tinha programado um uma::: produção de texto por exemplo

259. P: uhum

Retomamos esse segmento pelo fato de identificarmos um impedimento à atividade da professora. Como vimos, esse obstáculo está associado à agitação dos alunos e com isso ela necessita despende algum tempo para contê-los. Ficando presa à atividade de contenção dos alunos, o tempo de aula é reduzido, impedindo-a de avançar e concluir as atividades, obrigando-a, inclusive, a retomá-las constantemente. Esse fato poderia contribuir para fomentar a agitação dos alunos, uma vez que a professora estaria sempre necessitando retomar algo já visto, resultando na sensação de um assunto prolongado ou de uma aula cansativa.

E, embora a professora pareça habituada à situação, o sentimento de frustração está muito presente, representando um risco à saúde. No entanto, ela parece ter criado uma defesa que consistiria no desenvolvimento de certo preparo psicológico que auxilia no enfrentamento do problema, porquanto ela diz, “você vai sabendo disso [...] sabe que é assim mesmo”. Enquanto que o sofrimento é um impedimento, “[...] a defesa é uma proteção passiva que protege o sujeito do sofrimento sem lhe permitir, apesar disso, que se libere dele, reduzindo seu raio de ação com risco de anestesiá-lo [...]”.(RICOEUR, 1990, p. 223 apud CLOT, 2010, p. 116).

Dessa forma, observamos uma busca constante por equilibrar polos opostos - as prescrições e o real da atividade, de modo a preservar a saúde. Porém, verificamos que o sofrimento envolvido decorre principalmente do ensino-aprendizagem dos alunos que parece não concretizar-se plenamente. Há, portanto, um agir prescritivo (BARRICELLI, 2011), ou uma autoprescrição que denota a preocupação da professora em concluir (dar fechamento) às atividades em andamento para dar início à outras.

Assim, a professora parece oscilar entre concluir uma atividade e iniciar outra, sem, no entanto, conseguir. De acordo com a professora, é uma situação a resolver, “porque não tem como você de repente sair de uma coisa e voltar pra outra sem ter essa conclusão daquilo que você estava fazendo...”. Dessa forma, ela enfatiza a conclusão de uma atividade para iniciar uma segunda, mas não consegue desvencilhar-se, já que precisa terminar a primeira para iniciar uma segunda. Uma solução que ela parece encontrar é instituir um plano, uma programação com o objetivo de estabelecer uma rotina de aula em que os alunos reagissem de determinada maneira. Entretanto, essa programação logo esbarra em outro obstáculo, ou seja, ela teria programado algo diferente para a próxima aula, que seria novamente adiado.

Vemos, claramente, a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho realizado (GUÉRIN et al., 2001), algo a ser equilibrado pela professora, já que ela não consegue, até o momento, estabelecer uma igualdade entre essas forças, resultando em um não-avanço do desenvolvimento. Outro fator gerado nesse conflito é, justamente, manter um controle entre os polos - tempo de aula e as demandas do ensino-aprendizagem, que até o momento, parece não conseguir equilibrar. Nesse sentido, o motivo da preocupação da professora é, inicialmente, refrear a agitação dos alunos e criar condições para iniciar e retomar as aulas, já que em se tratando de alunos de sexto ano, naturalmente, são mais dispostos e requerem mais atenção da professora.

Passemos agora a uma análise de outros segmentos da instrução ao sócia 2 – Sujeito 2, conforme os objetivos desta pesquisa.

Sujeito 2

À época da pesquisa, a professora lecionava em três colégios distintos, sendo que em um deles lecionava para uma turma de EJA - Educação de Jovens e Adultos – a qual era composta de, aproximadamente, quinze alunos de vários anos do Ensino Fundamental e Médio. Como a modalidade EJA constitui-se de turmas mistas em que cada aluno está em um nível de aprendizado, esta professora precisa realizar atendimentos individuais.

Para melhor compreensão, apresentamos as turmas e as atividades que a professora teria no dia da substituição:

- EJA - atividades de cada aluno em particular e, ao final da aula, apresentar um vídeo de 30m sobre o tema, “entrevista de trabalho”.
- 7E - revisão para prova.
- 3D - estrutura do gênero dissertação.

A instrução ao sócia realizada com essa professora diz respeito às atividades que ela desempenharia com a turma da EJA. Quando explicávamos os objetivos desta pesquisa e solicitávamos que a professora enviasse atividades que ela teria no dia da substituição, ela sugeriu que a pesquisa fosse feita em relação às atividades com essa turma em especial, já que, além de ser esta modalidade de ensino uma especialidade da professora, tínhamos, segundo ela, dados suficientes.

Dando sequência a essas análises, apresentamos um segmento, que pela extensão, dividiremos em partes para melhor explicar. Como no início desse trabalho expomos problemas de saúde relacionados ao mal-estar docente, resolvemos apresentar no Segmento 2, um relato da professora referente ao desenvolvimento do seu trabalho com essa turma.

Segmento 2

124. P: professora então agora eu lhe pergunto assim...como que VOCÊ se SENTE... né... ahhh:: dando AULA né com um material OBSOLETO... que não tem digamos muito a ver com a realidade desses alunos

125. S: eu me sinto muito mal... é:: eu já trabalhei em em outra cidade em EJA em que a gente reelaborou todo esse material... não existe mais onde eu trabalhei então voltando a trabalhar na EJA depois de:: ((contando nos dedos)) ... depois de nove anos e encontrar isso é como se eu tivesse voltado à Idade Média então eu me sinto muito mal... é:: me referir principalmente à EJA que eu sei que é uma educação que ganhou uma referência tão importante... ganhou carga horária ganhou escolas ganhou coordenação ganhou professores... tem um sistema diferenciado de coletivo e individual principalmente pra atender alunos trabalhadores que:: isso não existia antes... quando era o CES que era o Centro de Estudos Supletivos em noventa e oito os alunos faziam é::QUATRO anos em um ano todo o ensino fundamental em um ano e todo o ensino médio em um ano...então era reduzida a carga horária então houve um avanço da EJA... é uma educação que e:: é:: procurou dar qualidade e vol/e voltando nove anos a trabalhar na EJA e verificando que o material é o material lá de noventa e oito... ((suspirou)) que reduzia a carga horária do aluno porque um aluno que já:: perdeu muito tempo de estudo muitos alunos aqui na sala é:: você vai verificar amanhã tem vinte outros tem trinta outros tem dez outros tem cinco anos que deixaram de estudar e quando eles voltam eles precisam de fazer um resgate desse conteúdo e a gente vai paSSAR um resgate lá de noventa e oito que era um um supletivo que que é um supletivo? É acelerar então a gente tá tentando acelerar a educação deles e a EJA depois de dois mil e oito ela não é acelerar a EJA depois das diretrizes a EJA é pra dar TEMPO pra esse aluno estudar pra ele resgatar esses dez vinte trinta anos que ele ficou fora da escola e não pra ele fazer um aceleração e pegar um certificado é pra vir aqui e estudar então eu me sinto muito mal ((voz embargada e olhos lacrimejados))...

Entre os motivos que levariam a professora a sentir-se mal, identificamos uma queixa sobre a obsolescência do material didático oferecido aos alunos, que consistiria, basicamente, em apostilas elaboradas em 1998 e, que, segundo ela, não condizem metodologicamente com um ensino-aprendizagem atualizado ou coerente com as necessidades dos alunos.

A instrução ao sócia demonstrou esse mal-estar através de gestos, elevação do tom de voz, voz embargada, olhos lacrimejantes, etc, que evidenciaram os conflitos vividos por essa professora que, ao esbarrar em um sistema de ensino de uma escola em particular, vive um drama caracterizado pelo intuito de desenvolver um ensino-aprendizagem eficaz e de acordo

com as necessidades dos alunos que, assim como outros, buscam atender as exigências de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

No entanto, a realidade com que se depara é diferente do que supunha; ela constata um retrocesso baseado na comparação entre escolas de uma região e outra, culminando em um conflito que parece tirar-lhe o sentido do trabalho, uma vez que não atenderia às suas expectativas. De acordo com Clot (2010, p.17), “o sentido da atividade diz respeito, portanto, diretamente ao poder de agir”. Em perdendo o sentido, o trabalho da professora ficaria comprometido.

Há, portanto, um impedimento envolvido que ela não consegue resolver por tratar-se de um problema complexo envolvendo o coletivo de trabalho, a direção e instâncias superiores. Esse relato é ainda mais dramático por tratar-se de uma profissional que especializou-se nessa modalidade de ensino, buscando aprimorar estudos nessa área. Diante disso, a professora fica detida frente ao impasse do ensino-aprendizagem que ela acredita ser eficaz, e a rigidez das prescrições que determinam como o ensino-aprendizagem deve acontecer. Nessa situação, o poder de agir fica comprometido, já que “ele aumenta ou diminui em função da alternância da ação que se opera o dinamismo da atividade, ou seja, sua eficácia”. (CLOT, 2010, p. 15). Identificamos, assim, um impedimento ao poder de agir causado pelo cerceamento da liberdade de ação.

Como explica Clot (2010, p. 25), “[...] é por intermédio da atividade dos outros - apoiando-se, assim como desligando-se desta, por comparação – que o sujeito se apropria do objeto de sua atividade, que é daí que ele retira mobilização psicológica”. Embora haja um empecilho imposto ao desenvolvimento da atividade, é a partir da dificuldade encontrada que ocorre uma tomada de consciência sobre o objeto de trabalho apontando para a necessidade de criar condições para que os alunos tenham uma educação de qualidade.

Dando continuidade ao Segmento 2, referente ao Sujeito 2, apresentamos a partir do turno 125, a defesa da professora por uma educação que garanta conhecimentos relevantes para a vida dos alunos:

125. S [...] em é:: estar novamente co::m u::m um material que aceleRAva uma educação de principalmente um aluno que tenha características de ter parado muito tempo de estudar e que precisa de uma base... aí ele chega aqui é o mínimo de de todos os conteúdos... então tá nivelando por baixo esses alunos... aí dão traba::lho ele fica aqui fazendo ativida::de aí depois ele faz uma pro::va... e::: a EJA é MUIto MAis que isso... esse alu::no ele precisa resgatar muito MAis que o alunos do regular porque ele perdeu ELE se sente com essa PERda nele ele SENte essa falha então a gente precisa resgatar...então eu me sinto mal... que... como eu me sinto? Eu me sinto mal... como uma educadora ((olhos lacrimejados)) que vi a EJA crescer... ganhar diretrizes ganhar carga horária ganhar escolas ganhar professo::res... e:: um material desses defasado ((silêncio)) eu acho que tá fora da realidade... o aluno precisa ser tratado de igual pra igual como se fosse no regular e também esse nome regular... e::: é::: que que é regular? Por que eles... os alunos daqui são irregulares? Não... né... então eu me sinto mal ((voz embargada)) ... e::: vou tentar fazer... de alguma maneira... algo diferente... SEM bater de frente com uma escola

por que quem sou eu? Eu sou só uma professora... eu tô entrando num sistema em uma OUtra cidade que tem uma OUtra realidade... um pensamento Diferente ... eu já ouvi falar que o pessoal do Núcleo [Núcleo Regional de Educação] aqui que trabalha na EJA lá NÃO tem uma visão de uma EJA que É pra ser DE QUALIDADE que é pra VER o aluno... pra RESGATAR esse aluno na:: no conhecimento... não é um aluno que vem aqui PRA pegar o certificado é um aluno que vem aqui pra pegar conhecimento e desse conhecimento partir pra aquilo que ele quiSER... ou pr/um concu::rso ou pr/um vestibular (pra ele) se preparar pra isso... se preparar para o merca::do de traba::lho se preparar pra vi::da... o que quer que seja... eles são alu::nos co::mo os do:: do do regular... aí quando ele chega pega essa apostila e fica ali só copia::ndo e::: respondendo copiando e respondendo esse aluno tá fazendo isso pra quê? ((voz embargada)) esse alu::no é que precisa a aula do professor aqui na frente... peGA::NDO na mão dele... e::: verificando... e eles trazem Mui/TANta experiência de vida PRA Sala que quando você vai dar aula ((voz embargada)) são eles que dão aula... você aprende muito mais do que você ensina e é:: e é:: uma comunhão QUANDO tem esse tipo de aula na EJA... e aqui não tá existindo isso ((silêncio)) infelizmente

Verificando a recorrência da expressão “... eu me sinto mal”, entendemos, como mencionado anteriormente, que esta professora vive um drama, que não é, necessariamente, dor física ou mental como mencionado por Clot (2010), ao evocar Ricoeur (1990), mas aquela que parece ser característica de uma redução da capacidade de agir, resultando em um sentimento contrariado, já que o sofrimento, de acordo com Ricoeur (1990 apud CLOT, 2010, p. 116), é “uma incapacidade para se exprimir, fazer, relatar e se avaliar; é um impedimento”.

Esse sofrimento parece individual, mas solidário ao coletivo de alunos, já que a inquietação da professora resulta da preocupação com um ensino-aprendizagem que permita aos alunos obter conhecimentos que auxiliem no seu desenvolvimento, já que trata-se de alunos que foram privados de estudar no devido tempo, alunos que cumprem medidas socioeducativas, que possuem autoestima baixa, etc., e que, como relatado pela professora, precisam de uma atenção maior e do resgate do tempo perdido.

No entanto, a constatação é que os alunos vêm à escola, mas “...aí quando ele chega pega essa apostila e fica ali só copia::ndo e::: respondendo copiando e respondendo esse aluno tá fazendo isso pra quê? ((voz embargada))”. Verificamos, nesse trecho, uma situação de conflito instaurada entre o que o aluno faz em sala e o que ele deveria aprender estando em sala, considerando-se que “...não é um aluno que vem aqui PRA pegar o certificado é um aluno que vem aqui pra pegar conhecimento e desse conhecimento partir pra aquilo que ele quiSER... ou pr/um concu::rso ou pr/um vestibular (pra ele) se preparar pra isso... se preparar para o merca::do de traba::lho se preparar pra vi::da...”.

Identificamos nesses segmentos vozes opostas - a que evidencia um ensino-aprendizagem buscando atualizar conhecimentos em dissonância com a voz das prescrições estabelecida por um sistema tradicional de ensino. (LIMA, 2010). A primeira diz respeito à voz da professora preocupada com a formação dos alunos e a segunda em manter um modelo

de ensino-aprendizagem. No entanto, “a EJA deve ter uma estrutura flexível e ser capaz de contemplar inovações que tenham conteúdos significativos”. (PARANÁ, 2006, p. 28).

Nesse embate, presenciamos a voz de uma professora em luta, ainda que interna, por uma EJA que funcione. De outro, permanece as regras de um sistema de ensino que parece não ceder aos apelos da professora. Mas, de qualquer modo, ela parece determinada a contornar o obstáculo: “ ... e::: vou tentar fazer... de alguma maneira... algo diferente... SEM bater de frente com uma escola... por que quem sou eu? Eu sou só uma professora...”.

Ela reconhece que não poderia “bater de frente” com a escola sob o risco de contrariar ordens, revelando, inclusive, não ter apoio dos colegas. Sendo assim, ela teria que convencer o coletivo, a direção da escola sobre a obsolescência dos materiais e métodos e a influência disso na vida do aluno. A tomada de consciência da professora em enfrentar sozinha uma escola ou um coletivo de trabalho e o que isso representaria, faz com que ela procure alternativas para desenvolver o seu trabalho baseada naquilo que ela acredita, mas sem “bater de frente”, como podemos verificar no Segmento 3, a seguir:

Segmento 3

123. S: mas vai ser nu:::m COLETIVO da escola e não numa briga né de alu::no que chega pra professora no outro dia e fala “ mas ela me deu esse caderno... ela me deu esse livro que que eu faço agora?” é como se a professora da quinta desse o livro e ele chega com o livro co:::mo eu tenho ESSA vontade de modificar eu vou gostar e se eu não gostasse?” é você tem que voltar pro caderno”... então é::: existe um problema interno na escola que tem que ser modificado na escola SEM que o aluno perceba isso... como que eu é::: é::: vou fazer isso? Fazendo no final das minhas aulas uma aula inteira numa temática que aborde com todos eles como o eixo da EJA é cultura trabalho e tempo que está nas DCEs da EJA eu vou tá sempre voltANdo a um trabalho pra... um desses eixos...tô começando com o eixo trabalho... com esse vídeo... e depois com um currículo porque é da própria característica... do aluno o aluno trabalhador depois eu vou pra questão da cultura e depois eu vou pra questão do tempo pa:::ra que eu esteja AMPARADA... pra esse grupo se vier perguntar pra mim por que que eu tô fazendo esse tipo de trabalho eu tenho esse respaldo das diretrizes que eu posso estar trabalhando dentro desses três eixos

Embora a professora pareça não ter apoio do coletivo de trabalho para realizar mudanças nesse meio, ela entende a importância do trabalho coletivo na transformação e resolução de problemas em ambiente de trabalho, visto que “o coletivo do trabalho é o instrumento do trabalho coletivo; ele é seu arcabouço, sua morfologia”. (CLOT, 2010, p. 34).

Diante do obstáculo que a impede de agir diretamente sobre o meio, ela “tateia” em busca de amparo legal, pois caso as atividades que ela propôs aos alunos fossem consideradas uma afronta ao modelo estabelecido pela escola, ela teria o respaldo das DCE que regulamentam o desenvolvimento de atividades diferenciadas, tendo como objetivo o preparo dos alunos para a vida. Lima (2010) diz que não há como imaginar o trabalho educacional sem as prescrições, uma vez que são elas que auxiliam na organização das atividades em sala.

Assim, verificamos que as prescrições são transformadas em instrumento para o desenvolvimento do trabalho dessa professora.

Identificamos na continuidade desse segmento, um exemplo de Atividade Reguladora em que a professora oscila entre a necessidade de promover um ensino-aprendizagem condizente com as necessidades dos alunos e um ensino-aprendizagem que não corresponde à realidade deles, principalmente pelo uso de um material obsoleto. E, ao buscar refúgio nas prescrições das DCE ela ganha poder de resolução do problema, o que indicaria um possível desenvolvimento. (LIMA, 2010).

A seguir, passamos a uma análise de segmentos da instrução ao sócia 3 - Sujeito 3, com o objetivo de identificar os meios utilizados por essa professora na resolução de problemas em sala.

Sujeito 3

Essa professora ficou um tanto apreensiva durante a realização da instrução ao sócia dando sinais de estresse, como mudança na cor da pele, no tom de voz e em alguns momentos liberou algumas risadas (gargalhadas), fatos que demonstraram certo nervosismo ou a liberação dele. No entanto, mostrou-se simpática e atenciosa, demonstrando grande conhecimento nas atividades em sala. Abaixo estão registradas as turmas e as atividades que ela teria no dia da substituição:

- Hora-atividade
- 9º D - leitura e reescrita de texto.
- 9º E - leitura e reescrita de texto.
- 7º C - análise linguística de um poema.

Para essa análise escolhemos o Segmento 4, em que a professora explica o que o sócia não poderia fazer de modo algum com os alunos.

Segmento 4

187. P: ((suspiro da pesquisadora)) tá...é:: professora o que que eu NÃO poderia fazer com essas... turmas assim... cada uma delas... com os nono anos com o sétimo ano?

188. S: nunca altere a voz... nu::nca se você alterar a tua vo::z você perde todo respeito com eles... então assim uma coisa que:: é be:::m interessante é questão de você chamá-los à razão pra ti... o:: se colocando também como uma pessoa que estudo::u é uma autora::de assim como quando eles vão ao médico...o médico é u::m TAMBém um prof/ é um profissional tanto como eu também estudei tanto quanto eu... sempre colocar e::le:: fez as mesmas coisas que eu não eu a:: as mesmas que ele... eu sempre falo isso pra eles essa questão deles é::: observarem isso que quando o médico chama-os pra pra sala... pra:: sa::la:: eles não saem correndo não pedem

pra ir ao banheiro antes de entrar na sala... né então eu sempre chamo eles à razão disso... e::ntão assim... nu::nca... sempre fale assim eu estou trabalhando com pesso::as NÃO trabalho com ga::do não trabalho com anima::is com eles sim às vezes a gente tem que dizer oooaaaaa ve::m né.. () pessoas não pessoas eu chamo... importantíssimo saber o nome deles::... se::mpre chamá-los pelo nome... se::m-pre::... se você chamar “o::meni::no... o::: fula::no...” NÉ::... SEMPRE... PRINCipalmente nos primeiros dias de aula... então assim é uma coisa que eu tenho o MAior cuiDado em já::: decorar o nome dos meus alu::nos... hoje se você me perguntar eu sei o nome de todos eles porque é uma forma de você trazê-lo pra si

189. P: uhum... e se porventura eu esqueCER o nome deles assim eu não conseguir memoriZA::r o nome deles

190. S: aham

191. P: como que eu me refiro [] a eles?

192. S: você cha::ma::: a pessoa e diz “qual o seu nome?” ele te diz o nome e você diz “fula::no então eu gostaria que você::ra fizesse A:SSIM...” SEMpre com uma postura FIRme...

No segmento 4 acima, a professora informa algumas “estratégias” que ela desenvolveu ao longo do seu trabalho para criar e manter um bom relacionamento com os alunos. Esse relacionamento estaria baseado no respeito que ela demonstraria por eles, considerando-se o retorno que ela espera receber deles. Verificamos que as relações em sala estão firmadas na postura da professora, ou seja, ela precisa manter certo comportamento ou determinada forma de proceder ou reportar-se aos alunos que denotem essa distinção. Essa seria uma forma de chamá-los à reflexão sobre o comportamento que deveria ser adotado por eles, além, é claro, da necessidade que os alunos a vejam como uma autoridade em sala, dando-lhe honra.

A questão da autoridade em sala está sendo muito debatida, chegando-se a acreditar que ela se perdeu, ou que estamos vivendo uma crise de autoridade. Acreditamos que o poder de agir do professor está relacionado à autoridade em sala, visto que, “a autoridade é, pois, o que dá crédito à pessoa em seu poder de fazer”. (CHARAUDEAU, 2016, p. 15). Ainda de acordo com esse autor, “a autoridade é da ordem de um *saber-fazer*, que faz com que se reconheça a competência de alguém, sua habilidade, sua aptidão para fazer e fazer bem”.

Sendo assim, seria o modo de agir da professora que desencadearia essa tomada de consciência no aluno. Uma das “dicas” é não levantar a voz com eles, pois isso faria com que se perdesse o respeito pelo professor, estimulando-os a responder no mesmo tom. De acordo com ela, o professor também precisa ter a consciência de que está lidando com pessoas e não com animais. Por isso, a boa convivência em sala é fundamental para que o trabalho desenvolva-se de forma relativamente tranquila. Portanto, a indicação da professora é, inicialmente, decorar o nome dos alunos e chamá-los pelo nome. Esse comportamento não seria um sinal de fraqueza ou de submissão da professora em relação aos alunos, mas um procedimento básico para promover um bom relacionamento entre eles, já que as formas de conduzir as relações em sala asseverariam um ambiente mais controlado e menos agressivo.

Além disso, a postura que a professora refere-se não diz respeito só aos modos de agir em sala, mas, estaria ligada às representações que o professor teria da sua profissão e/ou do

ser professor. Nesse sentido, vemos que a professora iguala as profissões de professor e médico, sendo que se a medicina é uma profissão de prestígio, demonstrando que o médico possui certa autoridade em relação aos pacientes, o magistério também seria uma profissão de valor e o professor também seria detentor de autoridade, ou seja, ela busca valorizar a profissão e valorizar-se enquanto professora, algo fundamental para o exercício do trabalho.

Passemos agora para o Segmento 5, a seguir, em que a professora demonstra cuidado consigo mesma e em relação aos alunos:

Segmento 5

193. P: tá: e digamos que eu nã::o:: assim... em algum momento eu não consiga ter essa posTU::ra firme assim com eles... e eles percebam em mim alguma:: insegura::nça como que eu devo proceder?

194. S: difícil ((dá uma risada)) difícil... eu vejo assim... (que)... é que é a minha postura é essa... eu não sei se é (porque) eu causo:: ((risos)) se eu causo medo ((risos))

mas é difícil... mas eu ENQUANto... eu não fico para::da espera::ndo e::les é:: eles eles para::rem... eles não vão parar...né... eles não vão parar... eles têm ((suspirou)) né... até têm alguns que vão gritar “é::... ó a professora”... “você não precisa gritar não precisa chamar atenção” eu acho que é uma forma então de você che/chegar próximo da:: pessoa que:: detectar o fo::co... chegar PRÓ::ximo do foco e dizer “olha eu preciso que você se Aquiete agora né... eu vou contar COM você pra que você:: pra que os outros se aquietem...” então é uma das formas e a:: medida que você for observando e:: e tendo experiência vai::

195. P: fluindo né

196. S: fluindo

Verificamos que a professora insiste na postura que o professor deverá ter em sala, para que os alunos o respeitem enquanto tal. Infere-se que em o aluno percebendo alguma insegurança por parte do professor, as aulas ficariam comprometidas, bem como todo o trabalho. Desse modo, a segurança do professor em sala estaria relacionada a um bom planejamento e domínio do conteúdo a ser explicado, mas, também, em desenvolver uma conduta firme que denote essa segurança, algo que muitas vezes o professor iniciante ainda não desenvolveu.

Ainda assim, ao tomar uma atitude em sala, a professora sabe que pode ser reprovada pelos alunos, causando certo alvoroço. No entanto, os alunos esperam que o professor tenha atitudes frente à algum acontecimento que coloque a organização da sala em risco, mas ainda assim, essa atitude poderá ser aprovada ou reprovada dependendo de como é determinada. Entretanto, ela acredita que é preciso direcionar essa atitude para o foco do problema, sem, é claro, perder a (com)postura. Desse modo, seria preciso chamar o aluno à responsabilidade, demonstrando que sua colaboração é muito importante para que as atividades em sala tenham êxito.

No segmento 6 abaixo, verificamos que a aparência ou a vestimenta do professor em sala deverá ser adequada, pois pode ser um motivo de dispersão para os alunos.

Segmento 6

197. P: professora e assim na: sa::la assim como que eu devo me porta::r por exemplo eu devo:: é:: me vestir de que forma... como que eu devo me apresentar pra eles?

198. S: ... mu::ito:: ((gargalhada))... você va::i editar isso aí né... ((rindo)) eu ()

199. P: inclusive os risos... são interessantes

200. S: ah eu acho que tem que ser muito be::m vestida no sentido assim... nada à mostra... nada que chame atenção... né::: principalmente dos meninos né... (principalmente... bom)... é::: jale:::co acho que é uma forma de mostrar que você está organiza::da pra se apresentar a eles... assim como eles vêm de uniforme você também tem o teu uniforme... né

201. P: uhum... e a minha postu::ra ao falar com eles assim tem que ser assim mais rí::gida mais ami::ga?

202. S: olha::: ... não... eu eu vejo assim que na::: nem amiga e nem rígida... eu acho que se você chega::r pra sala de aula com os teus ARGumentos...eles perceberem em você que você te::m argumentos e que você possa apresentar um conteúdo bem da::do estuda::do isso já cativa o aluno.

É possível depreender do segmento 6 que o trabalho do professor é composto por um conjunto de condições que contribuem para que o trabalho educacional obtenha um resultado satisfatório. Um desses itens é, justamente, a apresentação do professor em sala, o que significa dizer que a aparência “conta pontos” até mesmo para promover a valorização do professor. O uso do jaleco torna-se importante para distingui-lo entre os demais, além, é claro, de demonstrar profissionalismo.

Esse fato também é evidenciado em Clot (2010, pp. 209-221), que ao registrar uma instrução ao sócia feita com um professor, relata a importância do docente preparar-se para estar em sala, principalmente em relação ao vestuário, ao gesto (postura) que o professor deverá adotar diante dos alunos.

No turno 202, a professora responde à uma pergunta do sócia, se deveria mostrar-se mais amiga ou mais rígida em relação aos alunos. A resposta é: “na::: nem amiga e nem rígida...”. Percebemos nesse discurso, uma moderação entre os polos (amizade e rigidez), o que demonstraria certa estabilidade e controle sobre a conduta adotada. Com isso, a professora busca uma medida - nem muito amiga, nem muito rígida, já que se ela pendesse para um dos extremos, certamente teria problemas. Nesse caso, o meio termo encontrado pela professora demonstraria uma Atividade Reguladora, pois em sendo mais amiga dos alunos, eles poderiam não reconhecê-la como uma autoridade em sala, confundindo-a com um colega, o que lhes tiraria a incumbência de respeitá-la como professora. E, em sendo rígida demais, haveria uma provável recusa dos alunos em colaborar com a docente, contribuindo para confrontos em sala.

Além disso, vemos que ela defende a necessidade de o professor dominar o conteúdo: “eu acho que se você chega::r pra sala de aula com os teus ARgumentos...eles perceberem em você que você te::m argumentos e que você possa apresentar um conteúdo bem da::do estuda::do isso já cativa o aluno”. Sendo assim, torna-se importante para o professor demonstrar segurança sobre seus posicionamentos e convicções, de modo a tornar-se convincente, isto é, convencer o aluno de que o professor exerce domínio sobre o conhecimento oferecido e por esse motivo merece respeito.

Sobre manter a disciplina em sala, verificamos que as professoras investem em “estratégias”, como conversar, ouvir as histórias dos alunos, marcar um “x” com caneta vermelha na prova de quem foi surpreendido colando, criar um cantinho do castigo para alunos que conversam em aula, separar filas em dia de prova para evitar cola, vistar cadernos para “estimular” o aluno a desenvolver as atividades propostas e, conseqüentemente, diminuir a conversa. Esses recursos foram sendo (re)criados como meios para resolução de problemas que impediam o trabalho em sala.

Para ilustrá-los, trouxemos alguns segmentos retirados da instrução ao sócia 4 – Sujeito 4, que, embora mais longos, resolvemos mantê-los por conter informações importantes para esta pesquisa. Lembramos que os nomes dos alunos são fictícios.

Sujeito 4

Essa professora mostrou-se um pouco temerosa em relação à participação, não propriamente na pesquisa, mas em relação às características da instrução ao sócia, por exemplo, quis saber com antecedência como seria, o que seria perguntado, se ela saberia responder, etc. No decorrer da pesquisa, percebemos uma seriedade notável nas atividades que essa professora realiza em sala. A seguir, apresentamos as turmas e as atividades que ela desenvolveria no dia da substituição:

- 1E - avaliação: texto literário e não literário.
- 6D - avaliação sobre o gênero lenda.
- 6C - avaliação sobre o gênero lenda.
- Inglês - X
- Hora-atividade

O segmento 7 abaixo, destaca uma situação de prova em que há uma preocupação da professora em conter a cola.

Segmento 7

43. P: ela não é... de que modo eu devo chegar na sala nesse dia? ma::is sé::ria... ma::is rí::gida...?

44. S: ah outra coisa bem importante é... por ser uma turma numero::sa eu geralmente diminuo uma fila... isso é importante você fazer diminuir uma fila... ao diminuir uma fila essa questão DA:: co::la:: diminui bastante... tinha esquecido de te falar... ao diminuir uma fila:... VA::I ficar aluno encostado no quadro mas você não vai explica::r nada no quadro no dia... então essa dimi/diminuir uma fila aí:: (fica) importante pra você trabalhar... e::: já pede pra guarda::r o matéria::l pra prestar atençã::o você já tem que ir chamando atenção né anota lá:: quem faltou olhando no quadro ou pedindo pro monitor e já peça pra eles se::: posicionar pra prova porque uma aula só::: não têm aulas geminadas então é aquele momento da prova e não há possibilidade de continuar numa outra aula

45. P: uhum... tá é::: ... tá digamos assim que::: é:: é::: mas como que::: poderia me dizer como que funciona como que::: que é feito essa::: diminuição da fila é isso? [como que eu faço

46. S: uhum... eu procuro ver a fila que::: que está meno::r e coloco::: onde tem é::: carteiras::: vazias coloco um aluno lá e fica uma fila no meio às vezes sai alguma::: carteira e::: vai pras filas do lado as mais próximas e daí eles separam a:::s a:::s as filas né... ficam as filas ma::is distanciadas uma da outra

O segmento trata de uma substituição da professora pelo sócia em dia de prova. Assim, a pesquisadora (sócia) pergunta à professora como ela deveria portar-se com os alunos nessa situação. No entanto, ela não responde à pergunta feita, sobrepondo uma outra informação que ela considera importante. Verificamos, dentre outras coisas, seu envolvimento na interação proposta pela instrução ao sócia ao demonstrar sua exigência com os alunos, não admitindo conversas paralelas ou cola em dia de prova. Para resolver o problema da cola ela investe tempo para (re)organizar a sala, dispondo os alunos em filas separadas para evitar qualquer contato mais próximo durante a prova.

A professora informa que é preciso começar chamando atenção dos alunos, orientando que guardem os materiais, anotando os nomes dos faltantes, o que seria feito pelo monitor. Esse momento da prova é monitorado pela professora em relação à cola e sobre o tempo de aula, já que eles não teriam aulas seguidas. Nos casos de alunos surpreendidos em situação de cola, a professora iria até a carteira do aluno e marcaria um x com tinta vermelha na prova indicando que ele foi apanhado e como resultado teria uma nota zero, como podemos verificar no segmento 8, a seguir:

Segmento 8

15. P: certo diga:::mos que::: eu perceba alunos cola::ndo... como que eu devo fazer?

16. S: a minha atitude quando eu observo ALGUÉM colando é marcar um x em vermelho na prova

No entanto, de acordo com ela, o aluno teria direito à recuperação. Assim, a professora precisaria elaborar uma nova prova, mais complexa que a primeira, porquanto, "... ele tem a recuperação né... ele tem direito à recuperação... a prova de recuperação é

semelhante à prova.: () eu procuro sempre fazer a prova de recuperação um pouquinho mais complexa né... mas ele TEM essa oportunidade...”. Como os alunos possuem esse direito assegurado, a professora também teria à disposição outra nota, mas se o aluno não conseguisse recuperá-la, ela estaria isenta de qualquer responsabilidade. Uma saída encontrada pela professora seria controlar a quantidade de conteúdo para o tempo previsto de aula.

O motivo dessa (re)organização do ambiente em filas separadas dá-se pelo volume de alunos em sala, o que facilitaria a cola. Como se trata de uma turma numerosa, a solução encontrada pela professora foi diminuir fila, conforme já mencionado, mas em persistindo o problema, o recurso seria marcar um “x” na prova do aluno como forma de punição. Nesse caso, ele estaria ciente de que sua nota seria zero.

Acreditamos que essa forma de “castigo” é necessária, principalmente a partir de alguns contextos da educação pública, servindo de modelo para repensar a indisciplina em sala, promovendo, inclusive, ajustes que venham contribuir para uma (re)criação do meio escolar, visando manter um ambiente favorável ao ensino-aprendizagem e ao convívio entre alunos e professores, facilitando o trabalho em sala.

Entretanto, verificamos um conflito entre o tempo propício para resolver a prova e o tempo disponível para tanto, já que esse tempo teria sido reduzido pela reorganização da turma em filas separadas. Se os alunos não conseguissem responder à prova no tempo previsto de uma aula, um novo problema seria gerado já que a professora teria que recolher provas e utilizar outra aula para reaplicá-la àqueles que não a tivessem concluído. Ao ser indagada sobre esse problema, percebemos certa afetação da professora expressa por um suspiro, como podemos verificar no Segmento 9, abaixo:

Segmento 9

167. P: tá mas como que você faria no caso...

168. S: se:: não der tempo?

169. P: é

170. S: ((suspirou)) depe::nde como for no caso for muita ge::nte::... aí eu vo:: como é uma le::nda... vo::u:: fazer como no sexto D né::... vo::u procuro fazer a mesma coisa (tanto) numa série (como) na outra... recolhe a pro::va e na próxima aula mi::nha eles terminam de fazer...

Primeiramente, no turno 167, verificamos uma inadequação na formulação da pergunta feita à professora, sendo que a pesquisadora (sósia) utiliza a forma “... como você faria...”, sendo que o adequado seria perguntar “...como eu faria...”. Como já mencionado no decorrer desse trabalho, a forma mais adequada do sósia reportar-se ao instrutor (trabalhador)

em caso de dúvidas, é utilizando-se da segunda opção. Em resposta, a professora faz uma outra pergunta ...”se:: não der tempo?” demonstrando, assim, certa incompreensão do que fora exposto. Depois de receber uma resposta afirmativa da pesquisadora, a professora responde inicialmente, com um suspiro que poderia ter sido desencadeado pela forma como a pergunta foi feita, denotando certo enfado. Além disso, ela já poderia ter respondido algo semelhante, o que teria gerado essa reação. No entanto, esse gesto poderia ainda estar ligado a uma situação vivenciada que veio à lembrança ou, ainda, pela simples pressuposição de ocorrer algo idêntico.

Quando ocorre, esse tipo de situação costuma ser motivo de estresse para o professor que teria que monitorar alunos em prova, enquanto que os outros precisariam estar ocupados com outro tipo de atividade. A professora dividida entre duas tarefas, hesitaria entre uma e outra. Uma saída encontrada foi alertá-los antes da prova, que eles teriam apenas o tempo de aula previsto. No entanto, a possibilidade de acontecer esse tipo de “imprevisto” é alta e, nesse caso, o fato de mexer na organização do espaço e na posição dos alunos, tendo como objetivo impedir a cola, resultaria em tempo gasto na troca de lugares e (re)acomodação dos alunos, implicando na diminuição do tempo de realização da prova. Dessa forma a professora oscilaria entre o tempo disponível e o tempo gasto, procurando uma solução em meio ao impasse.

Haveria, inclusive, uma suposição de ocorrer que um aluno reclamasse de não ter podido concluir uma prova porque faltou tempo, gerando certa inquietação, já que ela poderia ser responsabilizada por “mexer” na organização da sala. Além disso, ela não teria como avaliar esse aluno, pois a prova estaria incompleta. Outro fator é que, talvez, ela não poderia saber se o tempo teria sido, de fato, escasso para sua realização, já que o aluno poderia, em certos casos, valer-se disso para não fazer a prova no momento devido.

Ainda de acordo com a professora, a falta do aluno em dia de prova só daria oportunidade para fazê-la em segunda chamada, mas somente se o aluno justificasse a falta. Segundo a professora, “não adianta ele vim co::m... falar “ah eu não vim porque não... tava doe::nte” então ele tem que trazer o:: atestado ele tem que fazer ele tem que buscar esse requerimento e preencher e trazer assinado pelo pai”.

De acordo com essas informações, identificamos regras de conduta para o aluno que em casos de falta em dia de prova deverá comprovar o motivo. Se foi por doença, ele deverá preencher requerimento solicitando uma nova oportunidade para fazê-la, comprovando-se por atestado médico. Essas regras informam ao aluno que ele precisa ter responsabilidade com

seus estudos. Desse modo, contribui-se para desenvolver nele um comprometimento com as atividades do colégio, auxiliando na (re)criação e manutenção de um ambiente organizado.

Identificamos no Segmento 10, a seguir, o papel das regras na organização do ambiente escolar, em especial, da sala de aula:

Segmento 10

68. P: sim... se algum aluno pedir ajuda nesse momento da avaliação também eu me refi/ eu vou até a carteira::ira ou ele vem até a mi::m

69. S: não a nossa regra é:: eu fico lá na frente e você na tua carteira... então eu só vou lá pra marcar aquele x que::: alguma::: ele tá colando... então se você tem uma pergunta você vai perguntar de lá::: o::: o::: o caso de português tem como fazer isso e como eu dô aula de inglês também é difícil de eu chego até a carteira dou um jeito de ir lá mas eu nã::o gosto desse::: desse método aí ele vai pergunta:::r lá onde ele te::m qual é o número a questão qual é a dúvida que ele tem e eu falo pra todo mundo e quem tem a mesma dúvida acaba sanando a dúvida também

Identificamos que a professora faz uso de regras bem definidas que visam conscientizar o aluno a manter ordem na sala, e isso não apenas em situação de prova, mas em todas as atividades. A atitude da professora em manter um ambiente organizado relaciona-se aos papéis desempenhados em sala tanto pela professora, como organizadora desse ambiente, como dos alunos enquanto colaboradores. Embora haja espaço para diversas interações, a sala de aula é um local destinado, prioritariamente, ao saber e, nesse caso, é (ou deveria ser!) um ambiente regrado.

Nesse sentido, a professora define bem os papéis entre os sujeitos (professora e alunos) e o lugar que cada um deve ocupar, conscientizando-se que é dia de prova. Desse modo, o comportamento a ser adotado deve ser condizente com a situação vivida. Nesse sentido, a professora propõe limites bem claros, sendo que, se os alunos expressarem dúvidas deverão perguntar do seu lugar, sem levantar-se em busca de ajuda. Além das regras, a professora cria outros recursos para conter a agitação dos alunos que, por esse motivo, poderiam estar alheios às aulas, como podemos perceber no segmento 11, abaixo:

Segmento 11

138. P: uhum... ce::rto... certo professora digamos que a gente:: agora a:: gente vai passar pro sexto ano C né

139. uhu::m

140. P: você mesma disse que é uma turma um pouco mais agita::da...

141. S: é:::

142. P: como que eu devo então me portar com eles

143. S: bom o sexto C ((folheando caderno de controle de classe)) têm alguns casos que é de recurso também mas não tem problema de visão e::: e::: tem um aluninha que:: É de recurso e que ela é::: repetente... essa::: aluna também você tem que::: ajudar não é::: do mesmo ca:::so da síndrome do Caio do:: sexto D mas e:::la:: também ela precisa bastante ajuda mas ela é be::m tranquila be::m quieti::nha e bem ca:::lma::: o::: problema do

sexto C é que tem alguns alu::nos que::: conversam bastante então é mais agita::da já foi trocado alunos de lugar::r... já foi chamado atenção já foi bilhe::te inclusive se tá conversando demais tem um cari::mbo:: se o alu/ se o filho está conversando demais nas aulas de:: português ou inglês::s (uma) das duas disciplina o pai tem que assinar então vai esses carimbos é chamado os pais então se eles estão extravasando até a direção a gente pode chama::r e::: ai:: a direção é bem do lado do professor... então eles... MA::S assim no dia da prova... e também nos outros dias normais é:: chamar atenção eu tenho meu canti::nho da disciplina que é o cantinho dos conversadores eu coloco no quadro ((risos)) esse cantinho eu se::: é:: só::: eu separa::r o cantinho:::

144.P: todo mundo... [silêncio...]

145. ... a turma já dimi/diminui () dali a pouco já começa né... mas daí se eles... e realmente eu levo a sério se::: o nome do:: Marcelo por exemplo que é o mais né::: não deve citar nome mas tudo bem... colocar o nome dele lá no quadro ele sabe que e::le tem um menos e::: eu tenho mu::ito cuidado com essa questão... eu até tinha minha ficha agora () que teu tenho meu registro de classe olha aqui a do sexto ((mostrando o registro de classe)) eu cuido mu::ito... participação na sala eu coloco é:: eu eu chamo isso como engajamento discursivo... essa participação na aula ou o:: encapar o li::vro:: fez tarefas... é um trabalhão que dá:: danado mas eu tenho meus carimbos eu olho as tarefas eu dô atividade pra eles enquanto eles estão fazendo uma atividade eu tô olhando tarefa... então SE ele:: te::m não fez tarefa va::i o carimbo que não fez tarefa pro pai saber e ele ganha um menos

146. P: uhum

147. S: [...] é um traba::lho que dá::: tenho que::: que::: i::r de carteira em carteira sexto ano tem que tem que fazer isso...ma::rco aqui ó::: menos os outros todos ganham ma::is... mas um só::: que atrapalhou aquele um lá::: vai ganhar um menos... então ele sabe que::: ele vai ser cobrado e::: ele tem que se::: comporta::r nas aulas...

Como percebemos, o segmento 11 é um pouco extenso, mas pela riqueza das informações resolvemos trazê-lo integralmente. Como é possível perceber, a professora enfrenta alguns obstáculos na realização do seu trabalho, gerados, principalmente, pela agitação e/ou indisciplina dos alunos. Dentre os obstáculos encontrados, há os casos de alunos com algum tipo de deficiência física ou relacionadas à algum tipo de síndrome e necessitam de atendimento especializado, por isso, requerem mais atenção e cuidado da professora. Eles frequentam a sala de recursos, um programa de Educação Especial que visa a inclusão de alunos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais.

Dos obstáculos encontrados em relação às conversas paralelas dos alunos, alguns procedimentos foram executados como: “já foi chamado atenção já foi bilhe::te inclusive se tá conversando demais tem um cari::mbo:: se o alu/ se o filho está conversando demais nas aulas de:: português ou inglês::s (uma) das duas disciplina o pai tem que assinar então vai esses carimbos é chamado os pais então se eles estão extravasando até a direção a gente pode chama::r e::: ai:: a direção é bem do lado do professor...”.

Vemos, portanto, que a conversa dos alunos é, talvez, o maior obstáculo encontrado pela professora, e mesmo tendo tomado algumas providências, parece não surtir um efeito prolongado ou desejado, forçando a buscar outras soluções. Verificamos que nesse caso, há uma mobilização dos pais e até mesmo da direção da escola em corroborar com as ações da professora, algo importante para que o trabalho educacional cumpra sua missão.

Nesse processo, o apoio da direção da escola é fundamental para contribuir com a valorização do trabalho docente, como a professora faz questão de mencionar: “a direção é

bem do lado do professor...”. E, embora pareça que a escola prefira o professor em detrimento do aluno, acreditamos que essa conduta é benéfica para ambos, uma vez que demonstra compromisso com o ensino-aprendizagem. Dessa maneira, alunos e professores sabem que frequentam uma instituição séria, o que contribui para a diminuição de conflitos no ambiente escolar. E a decisão da direção em colocar-se do lado do professor faz com que o aluno tenha mais cuidado e respeito pelo docente e, por conseguinte, este buscará empenhar-se para realizar um bom trabalho; uma coisa leva à outra.

Em relação aos meios utilizados pela professora para conter a agitação dos alunos, vemos a partir do turno 143 em diante, que ela criou o “cantinho da disciplina”, utilizando-se de um espaço no quadro para anotação de nomes de alunos que estiverem atrapalhando a aula. De acordo com o relato da professora: “[...]...é:: só::: eu separa:::r o cantinho::: ... a turma já dimi/diminui () dali a pouco já começa né...”. Percebemos nesse relato, que o “cantinho” funciona por um determinado tempo, mas, se os alunos não levam a sério, a professora leva. Tendo os nomes anotados, esses alunos ganham um “menos” que depois é “descontado” na média ou nota final.

Vemos a importância de a professora levar a sério o que foi proposto para que haja resultado. De acordo com ela, esses meios são necessários para conter a indisciplina em sala. Conforme verificamos no exemplo 2, retirado do Segmento 11, a professora enfatiza o cuidado que ela tem com o envolvimento dos alunos nas aulas:

Exemplo 2

145. S [...] e realmente eu levo a sério se::: o nome do:: Marcelo ((nome fictício)) por exemplo que é o mais né::: não deve citar nome mas tudo bem... colocar o nome dele lá no quadro ele sabe que e:::le tem um menos e::: eu tenho mu:::ito cuidado com essa questão... eu até tinha minha ficha agora () que teu tenho meu registro de classe olha aqui a do sexto ((mostrando o registro de classe)) eu cuído mu:::ito... participação na sala eu coloco é::: eu eu chamo isso como engajamento discursivo... essa participação na aula ou o::: encapar o li:::vro::: fez tarefas... é um trabalhão que dá::: danado mas eu tenho meus carimbos eu olho as tarefas eu dô atividade pra eles enquanto eles estão fazendo uma atividade eu tô olhando tarefa... então SE ele::: te:::m não fez tarefa va:::i o carimbo que não fez tarefa pro pai saber e ele ganha um menos

Assim, o aluno que participa das atividades e faz as tarefas ganha um “mais” e os que conversam no momento da aula e não fazem as atividades ganham um “menos”. Nesse caso, podemos dizer que a professora é a criadora da sua tarefa, ao (re)criar meios que garantam ou pretendam garantir a realização da atividade. “Viver no trabalho é, portanto, poder aí desenvolver sua atividade, seus objetos, instrumentos e destinatários, afetando a organização do trabalho por sua iniciativa”. (CLOT, 2010, p. 8).

Verificamos, nesse sentido, que o gênero profissional, dentre outras definições, é caracterizado pelas “formas de se portar, de se dirigir aos outros, de começar uma atividade e de concluí-la, formas de levar eficazmente a cabo uma atividade”. (CLOT et al., 2001, p. 19 apud LIMA, 2010, p. 111).

Assim, a professora estiliza o gênero profissional atuando de forma individual e coletiva sobre seu objeto de trabalho, repetindo sem repetir, transformando o meio de trabalho pela (re)criação desse meio. (CLOT, 2010). No entanto, o fato de trabalhar com turmas numerosas requer da professora a constante (re)criação de meios que venham auxiliá-la a desenvolver as atividades. Além disso, a presença de alunos com necessidades especiais representa um desafio para a professora que, nesses casos, parece esbarrar no atendimento dos alunos da sala de recursos que, por conta das limitações que apresentam, não conseguem acompanhar as atividades.

Desse modo, há uma oscilação deflagrada pelo conflito entre dar conta das atividades dos alunos “regulares” e, por outro lado, dos alunos da sala de recursos. Podemos verificar o drama dessa professora ao relatar que não sabe como lidar com um aluno que apresenta certa síndrome, além de outros casos relatados no decorrer da instrução ao sócia, como o caso de um menino que, por conta de um sério problema de visão necessita utilizar uma lupa para visualizar as atividades no quadro: “[...] o problema do:: Luis ((nome fictício)) é o seguinte... ele é muito dependente por causa dessa deficiência ele ve::m te:: busCA::r e procuRA::R todo momento”.

A professora apresenta dificuldade em lidar com esses casos, como observado no segmento 12, a seguir:

Segmento 12

99. S: mas nessa turma tem um porém nessa turma nós temos problema de aluno da:: da sala de recurso... então nós temos um caso no sexto D que é be::m... bem assim ala::rma::nte é::: a::: síndrome de::: de::: Klinefelter que::: nã:::o sei como se trabalha com ele... e na verdade busco material com a professora de sala de recurso é::: ele não sabe escrever ele não sabe lê::: ele nã:::o::: quer fazer as coisas está sempre com sono e::: o::: a::: família não ajuda com o::: organizar o material ele tá sempre sem o material...ma:::s no caso como é pro::va a prova tem que ser diferencia::da eu diminui então tem mais casos DE recurso ne::ssa turma:::...

De acordo com informações fornecidas pelo site ‘Genética Clínica’, a Síndrome de Klinefelter¹¹ (SK) acomete um menino em cada quinhentos nascimentos. Dentre as alterações

¹¹ O Dr. Harry F. Klinefelter, ao trabalhar no projeto de consumo de oxigênio na glândula adrenal em conjunto com o Dr. Howard Means, atendeu um paciente com um caso raro no qual um homem desenvolveu seios (Ginecomastia). Acesso em 17 de mar. Disponível em: <<http://www.ghente.org/ciencia/genetica/klinefelter.htm>>

hormonais causadas por uma variação no cromossomo sexual, há no menino o desenvolvimento de seios, entre outras alterações físicas que contribuiriam para desencadear problemas no desenvolvimento da personalidade, ocasionando dificuldades na fala, na aprendizagem, entre outros.

De acordo com o relato, a professora expressa preocupação porque não sabe como trabalhar com esse aluno, já que demandaria cuidados especiais. Poderíamos depreender, nesse caso, que ela não recebe ou recebe pouco apoio a esse respeito, visto ter expressado a necessidade de recorrer à professora da sala de recursos para receber “dicas”, as quais são aplicadas na elaboração de provas. Acreditamos que esse aluno, assim como os demais alunos com deficiência, frequentam a sala de recursos em algum período e o fato de participarem de uma sala de aula comum, deve-se ao cumprimento das políticas de inclusão social.

No entanto, quando atuávamos como professora, lembro-me de turmas em que havia pelo menos um aluno com algum tipo de deficiência, os quais sofriam todo tipo de coação, como bullying, entre outros, necessitando, constantemente, de uma intervenção da professora para conter os mais variados atos de violência contra eles.

Nesse sentido, acreditamos que a proposta da inclusão social precisa ser trabalhada com os alunos em sala, caso contrário, só estaremos contribuindo para que esses alunos sintam-se ainda mais excluídos. Além disso, acreditamos que eles deveriam ser adequadamente atendidos por escolas especiais ou em salas de recurso, pois uma grande maioria dos professores não possui conhecimentos em Educação Especial para atendê-los de forma apropriada, e nem mesmo poderiam, considerando-se a superlotação das salas e outros problemas que afligem o professor. Desse modo, torna-se necessário a mobilização de toda a comunidade escolar em torno do assunto, visto que, normalmente, essa tarefa fica a cargo do professor que, sozinho não consegue dar conta de tantas demandas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última seção, iremos retomar alguns aspectos sobre o trabalho docente que queremos destacar após o encerramento desta pesquisa.

Em relação às professoras, participantes desta pesquisa, a partir do Sujeito 1, verificamos que os recursos que ela utiliza para buscar a cooperação dos alunos em sala é a afetividade, demonstrada, principalmente, pelo acolhimento dos alunos, em ouvir suas histórias e depois de “acalmá-los”, é que ela introduz a aula.

Sendo assim, ela despende muito tempo nessa tarefa, o que resultaria em um tempo menor para desenvolver os conteúdos em sala. Uma das principais queixas da professora em relação ao seu trabalho refere-se, justamente, à falta de tempo. Esse fator influencia todo o andamento da aula, que, por se tratar, nesse caso, de alunos de sexto ano, geralmente, buscam mais atenção da professora.

Ela expressa, também, preocupação com o planejamento das aulas, mas informa que dificilmente consegue terminar uma atividade com os alunos, o que a obrigaria a estar sempre retomando essas atividades, sem conseguir avançar. Além disso, percebemos que a retomada das aulas é um momento tenso, em que ela precisaria conter a agitação dos alunos para então retomar e/ou dar início às aulas.

Além disso, o(s) discurso(s) da professora surgem marcados, em alguma medida, pelas vozes do coletivo de trabalho, identificadas, basicamente, pelo uso da primeira pessoa do plural (nós) e ao referir-se aos alunos ela o faz utilizando-se da terceira pessoa do singular (ele). Em outros momentos, esses discursos são evidenciados pelas vozes da Didática ao incentivá-los a falar e a debater sobre os assuntos inseridos nas aulas. (LOUSADA, 2011).

Por outro lado, há uma preocupação em manter a organização da sala com vistas a conservar um local organizado e propício ao ensino-aprendizagem. Entendemos, portanto, que a afetividade demonstrada aos alunos seria uma forma de dar as boas-vindas já que trata-se de alunos novos que migraram do ensino infantil para o ensino fundamental, mas também, caracteriza-se um meio de conseguir a adesão deles quanto à manter um ambiente organizado.

Outro recurso importante na manutenção da ordem na sala é a postura da professora em relação aos alunos que demonstram indisciplina ou resistência. Nesses casos, a professora busca uma conversa reservada a fim de não expor esse aluno, já que, segundo ela, uma exposição, nesse sentido, contribuiria para uma desordem na sala, pois essa seria uma demonstração de que o aluno quer chamar a atenção dos colegas como sendo “aquele que

afrontou a professora”. Assim, ele ganharia o respeito dos colegas por ter afrontado o professor. Diante de situações como essas, a professora expressa, veementemente, que o professor não deve “cair” nesse tipo de provocação, já que quem sairia perdendo é o próprio professor. Dessa forma, evidenciamos que a professora sente-se em desvantagem em relação aos alunos, e assim, procura manter uma convivência baseada no diálogo.

Nesse sentido, inferimos que o objeto de trabalho dessa professora passa pelo intuito de ter uma classe organizada, o que nos levaria a depreender que esse objeto é o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, no entanto, para que esse objetivo seja atingido, a professora investe tempo na organização e regulação do ambiente da sala de aula.

Dessa forma, todo o esforço da professora está em criar condições de controle sobre o meio, já que sem um ambiente favorável, não haveria como desempenhar as funções e/ou as atividades propostas.

Vemos, portanto, que no trabalho docente não há como mencionar um elemento em separado, pois o sujeito, o objeto, o(s) outro(s), os artefatos e instrumentos são um todo inseparável, e possuem como fim desejado, o ensino-aprendizagem dos alunos, passando, obrigatoriamente, por um meio social educativo relativamente organizado.

Além disso, há uma grande influência dos instrumentos no desenvolvimento do trabalho da professora, sendo que nessa categoria, identificamos o livro didático e os gêneros textuais. No entanto, seria necessário um estudo mais aprofundado para identificar se o livro didático seria um artefato ou instrumento para essa professora, embora muito presente no desenvolvimento do seu trabalho.

Além desse artefato, há os gêneros textuais oferecidos pelo livro, sobre os quais a professora desenvolve seu trabalho, já que há uma pressão sobre o professor em desenvolver o ensino-aprendizagem de língua portuguesa tendo como base os gêneros. No entanto, necessitaríamos aprofundar essas questões a fim de verificar como esses gêneros são trabalhados, pois restam dúvidas sobre a apropriação, tanto por parte dos alunos como de professores, já que muitos deles são uma novidade para ambos.

Como já mencionado, acreditamos que as dimensões do agir dessa professora são de ordem afetiva e psicológica, uma vez que a professora, na tentativa de “conter” a turma, propõe-se a ouvir, conversar, acalmar os alunos, ao mesmo tempo que impõe regras visando alcançar seus objetivos.

Além das dimensões ativadas pela professora Sujeito 1, verificamos algumas “estratégias” entendidas aqui, como recursos ou instrumentos utilizados na regulação do meio e das atividades em sala.

Em relação ao Sujeito 2, verificamos um impasse que de alguma forma impede o agir da professora, instaurado pela rigidez de um sistema de ensino tradicional. No entanto, a tomada de consciência desencadeada pelo contraste de metodologias, que embora compartilhem da mesma modalidade, mostram-se distintas em sua estrutura. Dessa forma, há o reconhecimento de um obstáculo que se interpõe entre a realidade da sala de aula e o que a professora considera o ideal, considerando-se os objetivos propostos.

Sendo assim, há um conflito representado pela oscilação entre o que a professora considera um ensino metodologicamente ultrapassado e, portanto, ineficiente, e o que ela considera o ideal para uma modalidade que teria recebido subsídios para seu desenvolvimento. No entanto, é a partir da tomada de consciência, entre o que a escola é e o que ela poderia ser, que identificamos uma “aparição” da professora em busca de uma solução, pois embora ela reconheça o problema, também está ciente da solução.

Mas, ainda que ela esteja “equipada” com os instrumentos para agir, amparada, inclusive, pelas mesmas instâncias superiores que a impedem de avançar, ela reconhece a dimensão do problema e da situação conflitante em que se encontra, cuja solução requer um considerável planejamento. Desse modo, observamos uma nova oscilação, determinada, agora, pelos polos da eficácia e da segurança, já que ela não teria, inicialmente, o apoio do coletivo para agir, o que a deixaria ciente das consequências que poderia sofrer. Por outro lado, há um apelo por uma autonomia que autorize aplicar os conhecimentos que possui em favor dos alunos e de uma escola que funcione.

Há, inclusive, uma preocupação latente com os alunos, que denota, além do profissionalismo, certa sensibilidade - característica importante para o desempenho do magistério. Além disso, demonstra interesse pelo desenvolvimento das capacidades dos alunos tanto na escola como fora dela, algo que também torna-se imprescindível quando se tem em vista desenvolver um trabalho educacional de acordo com as demandas sociais.

Em um primeiro momento, concluímos que essa professora, embora, sentindo-se em uma situação embaraçosa, caracterizada pelas contrariedades no ambiente de trabalho, reconhecidas, inclusive, pela burocracia nas formas de registro de atividade dos alunos, parece sair dela, ao “driblar”, pelos menos, o obstáculo que a impede de aplicar atividades diferenciadas aos alunos, isto é, atividades diferentes daquelas impostas pelo material didático. Isso porque, ela teria o amparo legal para agir, já que estaria de acordo com as prescrições das DCE que regulamentam o ensino-aprendizagem da EJA, especificamente. Sendo assim, as chances dessa professora superar totalmente o obstáculo são grandes, pois,

em se travando uma batalha contra as determinações da escola, essas prescrições condenariam as práticas atribuídas ao ensino-aprendizagem dos alunos.

Em relação ao Sujeito 3, evidenciamos, dentre outras coisas, um ensino-aprendizagem baseado na postura que um professor deve desenvolver em sala, demonstrada, basicamente, por uma distinção da figura do professor. Seria essa distinção que contribuiria com a valorização do docente, na medida em que desenvolvesse o ato de valorizar-se enquanto tal. Das várias atribuições delegadas ao professor, identificamos que o modo de reportar-se ao aluno em situação de “indisciplina” determina essa distinção. Tal peculiaridade estaria determinada, inclusive, nas formas de conduzir-se em sala, a partir dos problemas encontrados. Desse modo, entendemos a importância de estabelecer limites na relação professor/aluno, mas a conduta do professor em sala é que determinaria esses limites. Vemos, portanto, que os modos de agir do professor podem desencadear um processo de conscientização no aluno, acarretando consequências positivas ou negativas ao desenvolvimento do trabalho em sala.

Dentre essas atribuições, conferidas à figura do professor, verificamos que o “uniforme” ou o jaleco utilizado, é uma representação da autoridade desse professor em sala. Basicamente, poderíamos compará-lo ao uniforme utilizado por um policial de trânsito, que embora sendo humano como todos os outros, encontra-se investido de autoridade, fato que leva-nos a distingui-lo dos demais e, conseqüentemente, obedecer suas instruções.

Verificamos, inclusive, que a professora faz uma comparação do trabalho do professor ao trabalho do médico. Este, basicamente, por tratar-se de uma autoridade em relação ao paciente, possui créditos que levam esse paciente a ter confiança no seu trabalho, obedecendo, salvo algumas exceções, as prescrições médicas. Da mesma forma, o professor, já que teria estudado tanto quanto o médico, senão mais e, portanto, deveria gozar dos mesmos privilégios.

Dos direitos e obrigações delegados ao professor e que influenciam o seu agir em sala, verificamos que a professora desenvolveu certas aptidões quanto aos modos de agir com os alunos. De acordo com ela, o professor deverá buscar certo equilíbrio em suas condutas, evitando ser muito rígido ou muito amigo. Isto nos leva a depreender que ela atingiu um nível intermediário de comportamento, o que denotaria ter superado uma possível oscilação entre os extremos da rigidez e da amizade.

Esse processo demonstra uma Atividade Reguladora, em que, a existência de um conflito forçou uma regulação do meio, que, por assim dizer, estaria relacionada à

organização da sala de aula, visto que, se não houvesse uma moderação dessas relações, esse ambiente ficaria, de certa forma, comprometido.

Das conclusões relacionadas à professora, Sujeito 4, identificamos formas de agir, fundamentadas nos recursos para o agir, que ela mesma (re)cria a partir das dificuldades enfrentadas. Dentre esses recursos, vimos que ela “inventou” um “cantinho da disciplina” destinado à identificação dos alunos conversadores. Esse “cantinho” funcionaria como recurso na regulação do meio, já que, se os alunos tivessem seus nomes anotados nesse espaço saberiam que o resultado de suas conversas durante a aula, seria negativo. Essa seria, a princípio, uma forma de coibir a conversa em momentos de aula, criando, assim, condições para iniciar ou prosseguir com a aula. Há, portanto, evidências de um agir, inicialmente, indireto sobre os alunos, fazendo com que o meio e, é claro, seus elementos, funcionem a seu favor.

Em relação aos meios empregados à organização do ambiente da sala de aula em dia de prova, vimos que a professora, a partir de algumas dificuldades relacionadas à cola, desenvolve algumas ideias, como, por exemplo, “diminuir fila”. Assim, estando os alunos à certa distância um do outro esse contato seria dificultado. Com isso, verificamos um empenho em criar condições favoráveis às atividades desenvolvidas em sala.

Interessante notar o compromisso e a seriedade com que essa professora desenvolve o trabalho. Seus modos de agir são bem pertinentes, considerando-se os problemas encontrados em escolas públicas, como salas lotadas, indisciplina, etc. Nesses casos, o trabalho da professora é intensificado, já que ela precisaria desenvolver, além das atividades usuais, atividades de monitoração, de contenção das conversas, que também aumentam conforme aumenta o número de alunos.

Podemos antever que a cada solução encontrada frente a um obstáculo, denotaria uma Atividade Reguladora, pois, que está relacionada ao controle de uma situação contrária, visando a resolução de um conflito. Desse modo, uma Atividade Reguladora institui-se em instrumento na atividade docente, uma vez que as professoras utilizam-se dela para resolver um problema ou contornar obstáculos que surgem.

Com isso, depreendemos desta pesquisa, que cada uma das professoras, a seus modos, buscam (re)criar através da linguagem, meios para ação, tendo em vista atingir seus objetivos. A linguagem, nesse sentido, é um instrumento regulador que acompanha a atividade docente. Como pudemos perceber, as professoras buscam apropriar-se de recursos disponíveis, na tentativa de vencer ou contornar obstáculos. No entanto, acreditamos que há barreiras que

parecem intransponíveis e situações difíceis de transpor, principalmente no contexto de escolas públicas.

Avaliando o conjunto das instruções ao sócia, identificamos que, dos elementos do trabalho educacional, o mais discutido foi/foram o(s) outro(s). Desse elemento, emergem todos os envolvidos direta ou indiretamente no trabalho do professor. No entanto, damos destaque aos alunos, sendo este o assunto mais discutido pelas professoras.

Entendemos, por isso, que o objeto do trabalho do professor são os alunos, mas essa evidência deixa margem para pensarmos em um apagamento do “eu” enquanto sujeito/professor e autor do seu trabalho, evidenciando, dentre outras coisas, uma perda da importância ou do valor, o que denotaria um sujeito em crise. Essa crise ou estado são demonstrados, muitas vezes, pelo cansaço que denota um esgotamento físico e mental evidenciado pela perda do entusiasmo, o que poderia levar a um processo de anulação e adoecimento.

Entendemos que as professoras pesquisadas, embora com certa experiência em sala, precisam constantemente (re)criar meios que deem conta dos mais variados problemas, originados, principalmente, pelo volume de alunos nas salas, sendo que o problema da agitação decorre, supostamente, do fechamento de algumas salas, fato que tem ocasionado uma quantidade cada vez maior de alunos por sala.

Por tratar-se de professoras que atuam em um mesmo colégio, acreditamos que os problemas que elas enfrentam são muito parecidos. Como já mencionado, foram expostos problemas relacionados à agitação dos alunos, turmas numerosas, falta do livro didático para todos os alunos, etc., representando obstáculos ao agir dessas professoras, pois, desses obstáculos decorrem outros, como conversas paralelas, indisciplina, certa imposição de trabalhar em duplas, o que representaria uma constante reorganização da sala de aula.

Embora cada uma das professoras possua um estilo diferente, evidenciamos modos de agir semelhantes, como por exemplo, as professoras (Sujeitos de pesquisa 1, 2 e 3) acreditam que o acolhimento ao aluno é um fator muito importante para o bom andamento das aulas, pois embora elas “gastem” algum tempo nessa atividade, por outro lado, elas acabam ganhando ao desenvolver um bom relacionamento com eles. Desse modo, todo e qualquer confronto com o aluno deve ser evitado, pois o ato de confrontar seria prejudicial ao professor, já que os alunos perderiam o respeito por ele.

Dessa forma, entendemos a importância de o professor manter certa postura diante de acontecimentos que possam ocorrer em sala, pois o fato de não erguer a voz com o aluno nesse ambiente, isto é, manter um tom educado ao falar é um meio de manter um

relacionamento amigável, o que contribuiria para diminuir os confrontos. Já a professora – Sujeito 4 – possui modos de agir mais centralizados nas regras da escola e na disciplina. Sendo assim, o agir da professora em relação aos alunos é mais rígido e baseado no cumprimento às normas. Vimos, portanto, que a professora aposta nos “castigos” que comumente aplica aos alunos quando estes descumprem as normas estabelecidas.

Entendemos que esse modo de agir da professora, em contextos mais complexos, poderia gerar confrontos. No entanto, acreditamos que essa forma de agir está em conformidade com as regras da escola, e o fato de existirem, denota um ambiente ordeiro, contribuindo para desenvolver no aluno certo senso de responsabilidade.

Assim, desenvolver um trabalho de pesquisa com professoras que estão em média trinta anos em sala, contribuiu, de certa maneira, para o entendimento de que há diferentes estilos e modos de agir, e que cada professor desenvolverá meios que sirvam de apoio para o desenvolvimento do seu trabalho a partir das necessidades constatadas. E, que o tempo de serviço nem sempre é um indicador de que aquele professor sabe mais ou melhor, pois o resultado do trabalho depende do empenho e da dedicação que se atribui a ele.

No entanto, como professora iniciante, tive a oportunidade de aprender muito com essas profissionais, pois na interação estabelecida durante a instrução ao sócia pude sanar dúvidas que pairavam em minha mente há algum tempo, sendo possível identificar os erros que cometemos em sala por conta da falta de experiência e sabedoria, muitas vezes! E os obstáculos que eram “impostos” nas atividades das professoras durante a instrução ao sócia, nada mais eram do que os obstáculos com que me deparei em sala, sem conseguir encontrar uma solução.

Embora não me sentisse à vontade para pôr em prática o método, já que temia não dominá-lo, as instruções ao sócia ocorreram de forma relativamente tranquila e foram realizadas no mesmo local, com exceção do Sujeito 2. Havia, no entanto, certo nervosismo e até certo temor de não conseguir chegar até o fim, já que, preocupava-me o fato de termos apenas a hora-atividade das professoras, tempo que ficou reduzido em torno de quarenta e cinco minutos, sendo que o adequado seria em torno de uma hora. Além do tempo, preocupava-me o local, que por ser um colégio, apresentava ruídos, que naturalmente, vinha dos alunos em aula ou fazendo esportes na quadra. Entretanto, ficamos acomodadas em uma sala que, embora ficasse junto ao colégio, tratava-se de uma sala que normalmente ficava trancada por guardar o arquivo morto do colégio. Mas, ainda assim, esse local mostrou-se apropriado por manter certa distância das salas de aula, e por não corrermos o risco de sermos interrompidas. Essa sala, como já foi mencionado, foi indicada por uma amiga que trabalha no

colégio, e embora estivesse um pouco abafada pelo tempo que fica fechada, dispunha de uma grande mesa com cadeiras, onde ficamos bem acomodadas. Outra preocupação era com o gravador digital que utilizamos para gravar as interações, pois como era novo, não sabíamos dominar todas as suas funções. De todo modo, eu sabia o básico e isso foi suficiente.

Consideramos que esta pesquisa possui relevância fundamental para o trabalho docente e na orientação de cursos de formação de professores e de estágios docentes, na medida em que destaca aspectos conflituosos da sala de aula. Sendo assim, é preciso não ter ilusões, antes, podemos esperar um ambiente que impõe obstáculos e revela contrariedades. No entanto, torna-se preciso conhecer o meio social educativo e suas peculiaridades a fim de extrair dele os recursos necessários para agir. Mas isso só será possível, quando o professor reconhecer-se como organizador desse meio, pois o próprio meio educa o aluno, e a função do professor diante disso, será de organizar e regular esse meio, a fim de que ele cumpra sua função, tornando-se um aliado do professor no desenvolvimento do seu trabalho. (VIGOTSKI, 2010).

De certa forma, isso não representa facilidades para o professor, mas contribui com o seu desenvolvimento, já que seria no enfrentamento de dificuldades que o sujeito teria a oportunidade de desenvolver-se. Esta pesquisa representa para nós, enquanto professora e pesquisadora, um desafio que consiste em vencer a si mesmo, pois muitas vezes, colocamos limites ao que somos ou podemos ser. Como professora, estou convencida de que os conhecimentos adquiridos através desta pesquisa fizeram-me mais preparada para atuar em sala, principalmente diante dos obstáculos, pois a partir desse estudo, pudemos constituir-los como verdadeiras alavancas para o desenvolvimento das capacidades do professor. Enquanto pesquisadora, sinto-me instigada a dar continuidade a este trabalho e a desenvolver outros. Quanto ao trabalho desenvolvido até aqui, encontro-me mais consciente da complexidade que envolve o trabalho educacional, bem como mais sensível aos dramas pelos quais passam os professores.

Este trabalho se encerra, porém, a pesquisa desenvolvida é um grande potencial para outros olhares e novas reflexões articulando teoria e prática representada em textos sobre o trabalho docente, em especial, sobre o conceito de Atividade Reguladora para a análise das oscilações realizadas pelo docente no desenvolvimento do trabalho e de si.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M; STUBBS, M; GAGNÉ, G. **Língua materna**: letramento, variação & ensino. São Paulo : Parábola Editorial. 2002.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. - São Paulo : Editora WMF, Martins Fontes, 2011.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães ... [et al.] ; revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. – 2ª edição – Campinas, SP : Pontes Editores, 2006.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorin ; revisão técnica Paula Montero. – São Paulo : Brasiliense, 2004.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, J. P. (Ogs.). **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Organização Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio [et al.] – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2006.

_____. **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Tradução de Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2008.

_____. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. – 2.ed., 2. Reimpr. – São Paulo : EDUC, 2012.

BUENO, L. **A construção de representações sobre o trabalho docente**: o papel do estágio. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2007.

_____. **Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos**. Campinas, SP : Mercado de letras, 2011.

CODO, W; I, VASQUES-MENEZES. Burnout: sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação. **Cadernos de saúde do trabalhador**, São Paulo, 2000.

CUSTODIO, F. R. A.; MUNIZ-OLIVEIRA, S. Uma pesquisa sobre o papel de alunos de ensino médio da rede pública estadual. In: **Anais do XI SICITE: XI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Francisco Beltrão, 2015.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3. Ed., 2ª reimpressão. - São Paulo : Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. Tradução de Angela M. S. Corrêa. – São Paulo : Contexto, 2016.

CLOT, Y. **Vygotski**: para além da Psicologia Cognitiva. Pro-Posições, v. 17, n. 2 (50) – maio/ago. 2006.

_____. **A função psicológica do trabalho**. Tradução de Adail Sobral. 2. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

_____. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. – Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ESCOPEL, R. C.; MUNIZ-OLIVEIRA, S. O método instrução ao sócia com alunos do ensino médio: identificação de problemas no ensino-aprendizagem . In: **Anais do XI SICITE: XI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Francisco Beltrão, 2016.

GAMA, A. M. Fundamentos da teoria Vygotskiana para apropriação de novas tecnologias como instrumentos socioculturais de aprendizagem. **Revista Travessias**. v. 6, n. 3, p. 1-15, 16ª ed., 2012. ISSN 1982-5935.

GUÉRIN, F. et al. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática da ergonomia. São Paulo: E. Blücher, 2001.

GODARTH, A. R. D. **A atividade de alunos da rede pública representada em textos de instrução ao sócia**. Texto de dissertação de Mestrado em andamento (Programa de Pós-graduação em Letras) (circulação interna), 2015.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: princípios e métodos; tradução Carlos Piovezani Filho . São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. – 11. ed., 2ª reimpressão. - São Paulo : Contexto, 2015.

LIMA, A. P. **Visitas Técnicas**: interação escola-empresa. 1. ed. - Curitiba: Editora CRV, 2010.

_____. **Linguística aplicada e psicologia do trabalho**: a contribuição do conceito de atividade reguladora para a clínica da atividade. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, vol. 16, n. especial 1, p. 47-58, 2013.

_____. **Atividade, instrumento(s) e desenvolvimento humano na educação profissional**: o que um martelo pode nos ensinar? Trabalho & Educação. Belo Horizonte, v.23, n.2, p. 175-205, mai-ago, 2014.

_____. Atividade, instrumento e desenvolvimento humano em situação de ensino-aprendizagem profissional: um protótipo de análise. In: BANKS-LEITE, L. (Org.). **Diálogos**

na perspectiva histórico-cultural: interlocuções com a clínica da atividade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

MACHADO, A. R. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel, COUTINHO, Antônia (organizadoras). **O Interacionismo Sociodiscursivo:** Questões epistemológicas e metodológicas. São Paulo: Mercado de Letras, 2007, pp. 77 – 97.

MACHADO, A. R; BRONCKART, J. P. (Re-)configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo Alter-Lael. In: ABREU-TARDELLI, L.; CRISTÓVÃO, V. L (Org.). **Linguagem e educação:** o trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2009, p.31-77.

MACHADO, A.R. Trabalho prescrito, planejado e realizado na formação de professores: primeiro olhar. In: ABREU-TARDELLI, L.; CRISTÓVÃO, V. L (Org.). **Linguagem e educação:** o trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2009, p.79-99.

MACHADO, A. R; LOUSADA, E. G. **A apropriação de gêneros textuais pelo professor:** em direção ao desenvolvimento pessoal e à evolução do “métier”. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v.10, n. 3, p. 619-633, set./dez. 2010.

MACHADO, A, R; FERREIRA, A, O; LOUSADA, E, G. Breve definição dos fundamentos e procedimentos dos estudos do trabalho do professor. In: **O professor e seu trabalho:** a linguagem revelando práticas docentes. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2011, p. 18-28.

MAINGUENEAU. D. **Análise de textos de comunicação.** Tradução de Maria Cecília P. de Sousa-e-Silva, Décio Rocha. – 6. Ed. Ampl. – São Paulo : Cortez, 2013.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais :** investigações em psicologia social; editado em inglês por Gerard Duveen ; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 6. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

MUNIZ-OLIVEIRA. S. **O trabalho representado do professor de pós-graduação de uma universidade pública.** 239 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), LAEL-PUC, São Paulo, 2011.

_____. **O trabalho docente no ensino superior:** múltiplos saberes, múltiplos fazeres do professor de pós-graduação. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2015.

_____. **Resenhas e verbos de dizer:** escrita acadêmica. Curitiba: Ed. UTFPR, 2016.

ODDONE, I. et al. **Ambiente de trabalho:** a luta dos trabalhadores pela saúde. São Paulo: Hucitec, 1986.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Departamento de Educação de Jovens e Adultos. **Diretrizes curriculares da educação de jovens e adultos.** Curitiba - PR, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Língua Portuguesa**. Curitiba - PR, 2008.

PINO, A. **O social e o cultural na obra de Vigotski**. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho/00.

PRETI, D. **Análise de textos orais**. – 4 ed. - São Paulo: Humanitas, 1999.

RODRIGUES, S. **A Semana Pedagógica como formação continuada de professores: um olhar a partir do método de Instrução ao Sósia**. 2017. 123 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2017.

ROGER, J. L. **Metodologia e métodos de análise em clínica da atividade**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2013, vol. 16, n. especial 1, p. 111-120.

ROSIN, S. E; MUNIZ-OLIVEIRA, S. Estudo sobre o uso da tecnologia na escola pública e o uso do método instrução ao sósia. In: **Anais do XI SICITE: XI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Francisco Beltrão, 2016.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In:_____. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. cap. 3, p. 61-78.

SOUTO et al. **Reflexões sobre a metodologia da clínica da atividade**: diálogo e criação no meio de trabalho. Revisões Críticas. Volumes XI – n, 1 – pp. 11-12, 2015.

SOUZA, K. R; MENDONÇA, A. L .O. **Saúde do trabalhador em educação**: reflexões a partir do modelo operário de conhecimento. Trabalho necessário. [on line] Ano 11, n, 17, 2013.

TEIXEIRA, E. **Vigotski e o materialismo dialético**: uma introdução aos fundamentos filosóficos da psicologia histórico-cultural. – Pato Branco: FADEP, 2005.

VIGOTSKI. L. S; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Vilalobos. – São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução Paulo Bezerra. - São Paulo : Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo ; revisão técnica José Cipolla Neto. – 4^a ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2008

VIGOTSKI. L. S. **Psicologia pedagógica**. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. – 3.^a ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO DA INSTRUÇÃO AO SÓZIA 1 – SUJEITO 1

04/03/2017

S: sujeito

P: pesquisadora

1.P: ok, professora então imagine que hoje eu eu vá te substituir no seu trabalho... então eu preCIso que você me dê instruções para que eu possa realizar as suas taREfas como professora da mesma forma que você as realiza... se possível para que ninguém perceba... que está havendo...é:: essa mudança... então de acordo com o que você me passou nós teremos aula então... no caso EU terei AULA... com o sétimo ano B certo?

2.S: certo

3.P: tá...o que que você vai trabalhar... co/como que eu faço pra mim chegar até a sala em primeiro lugar assim

4.S: sempre você deve buscar aquilo que a gente tava trabalhando na aula anterior sempre a REtomada do do assunto porque daí eles já adentram o conteúdo eles começam a conversar sobre o assunto também

5. P: sim

6. sempre buscar essa:: esse RESgate do que se estava trabalhando porque é uma continuidade no caso

7.P: certo... e::: professora ... é::: digamos que eu tenha que ir lá na SAla pegar o material eu não conheço a escola não conheço o caminho aonde fica essa sala ... a sala do 7º ano... sétimo ano B...

8.S: e:: na sala dos profeSSOres existe um mapa que você pode se orientar...

9. P: ok profe

10. ...no caso se você ainda não conseguir se orientar você pode pedir pra qualquer outro professor eles vão... te:: indica::r... ainda no caso... se não conseguir pode procurar a coordenação que eles vão te levar pra sala de aula tranquilamente

11. P: ah sim... e o material didático aonde que/eu pego?

12. S: é::: você... [eu vou deixar pra você o::

13. P: vai deixar já comigo...

14. S: o material organizado sempre... né

15. P: ok...vai deixar já comigo então

16. eXAtamente...

17. P: ...tá

18. S: ... ou no caso eu ainda deixo no coordenação... e:: eles sabem que você não... que é você que é você estará no meu lugar... e eles passarão pra você o::: material no caso

19. P: Sim...então tá bom...é:::... é... me diz uma coisa...o livro... a gente vai trabalhar... EU vou trabaLHAR com o livro?

20.S: no momento nós estamos trabalhando co::m o... livro... tem vezes que a gente sai claro...nós não ficamos pautados só:: no livro nós buscamos outros materiais que venham...ao encontro do que nós estamos... trabalhando...e::: então... ma/s no momento é o livro que estamos utilizando

21. P: si::m... aaah... qual página profe daí eu tenho que... que está escrito ()
22. S: no momento... estamos concluindo a página trinta e um ((folheando o livro)) e estamos adentrando a::: a página trinta e dois aonde que tem o gênero propriamente dito
23. P: tá...que gênero que é esse profe...é um...
24. S: é:: é um gênero novo pros alunos... porque é algo meio antigo... com RElação à eles para nós:: que somos professores a gente já... estive em contato com esses tipos de::: de gênero textual que é a::: fo::tonovela...
25. P: uhum
26. P: ... tá... e:: aí... é... chegando na sala de aula... o que eu devo fazer assim...
27. S: ...primeiramente cumprimentar eles... é::... conversar um pouquinho porque eles sempre estão ansiOsos pra conversar... eles geralmente eles estão meio conversando meio desorga:::niZAdos um pouco... então você tem que dar aquele tempo pra eles... se organiza:::rem aos poucos... e você conversando porque tem uns que se você não... dá uma chamadinha eles continuam no papo... é até conseguir acalmá-los pra você conseguir fazer essa RETomada de... da aula anterior... como eu falei anteriormente pra você...
28. P: uhum
29. S: ... e aí você vai:: introduzindo o novo assunto da aula
30. P: tá...eu começo com a chama::da como que eu faço?
31. S: ge:::...você deve fazer... é:::... primeiro você...vê o que que vocês irão trabalhar pra deixar eles EM atividade pra depois você fazer a chamada pra não per-der TEM-PO...porque senão perde muito tempo fazendo chama::da pra depo:::is {ir trabalhar
32. P: trabalhar
33. S: certo
35. P: tá... e:: aí como eu devo proceder se de repente algum aluno:::... sei lá... não acatar as minhas... as minhas ordens pra que ele fique... em silê:::ncio... continuar conversa::ndo
- 36.S: Primeiramente você... deve... se aproximar dele... conversar MAis com ele do que perante toda a turma porque geralmente esses alunos que gostam de chamar atenção eles querem() perante toda a turma pra ele mostrar quem ele é e como que ele age...né... agora... se... se há uma insistência nessas atitudes aí você chama ele pra conversar no reservado fora de sala de aula só você e ele
37. P: só eu e ele?
38. S: é a melhor forma que tem pra resolver os problemas
39. P: é?...certo... e::: digamos assim que os alunos... é::: se ocorre por exemplo assim se eles não gostarem da atividade...achar que é uma atividade cha::ta... e::: comecem se dispersar:::... enfim
- 40.S: você sempre deve explicar os objetivos dessa:::...dessa aula que você está trabalhando com ele...com certeza sempre terá aquele que vai achar uma atividade enfadonha... chata... sempre tem... né... aí a importância você... de você explicar porque que nós estamos trabalhando com isso que isso é conhecimento... não interessa se no momento... não...não... não se TEM mais mas é algo que faz parte da cultura... então é algo que aconteceu muito e nós temos que ter esse conhecimento...a gente não pode ser ignorante com relação ao que existiu ao que eXIste... hoje existe muito...é::: a:::MÍdia né o uso de de smartPHONE eles vivem de com celuLares então eles estão mais interados com este tipo de gênero... né o negócio com eles é midiáticos

41. P: sim...

42. S: ...né...só que eles têm que ir pra parte de escrita... principalmente né em língua portuguesa acho que eles têm que... né...você deve enfatizar pra eles que eles DEVEM ler...ler muito que isso é muito importante pra eles pra escrever pra falar melhor... que a leitura deve ser uma prática constante...

43. P: sim

44. S: né... então a melhor forma que tem é despertar neles a importância de se reconhecer como era o antigamente... e como que é hoje... é fazer esse paralelo

45. P: pra entender o hoje até... né

46. S: eXAtamente...que pra chegar como nós estamos hoje ele TEM que entender como foi o passado

47. P: exatamente... isso mesmo... é:: digamos professora que os alunos... a maioria deles esqueceu o livro... como que eu faço nesse caso... pra eles acompanharem a atividade

48. S: professora... dificilmente acontece dele esquecer livro porque nós temos livros no próprio armário na sala de aula

49. P: Ah... eles deixam

50.S: eXAta... nós deixamos o livro né... eles têm o livro ali já pra... evitar que eles se sobrecarreguem de de material pesado porque PENse cinco aulas no dia com cinco livros na mochila dá um problema de coluna né

51. P: sei

53. S: então a gente faz o possível pra evitar que eles estejam transportando esse livro pra lá e pra cá...né...mas no caso de vez em quando eles LEvam sim os livros pra casa pra fazer um estudo... tem alguma atividade que nós não concluímos em aula então há essa possibilidade de ele levar o livro e acabar esquecendo... aí a gente faz trabalho de grupos trabalho de duplas né pra...desenvolver atividade pra que ele não fique...voando... não existe esse tipo de coisa

54. P: certo... não há essa possibilidade então né

55. S: dificilmente né

56. P: tá... aham...é:: digamos então que eu pela pressa esquecesse o livro... teria o um livro livro do professor no caso porque [se eu... na na pressa acabei esquecendo o livro

57. S: o livro DE professor dificilmente você vai conseguir outro por causa que nós temos faltas até os PRÓprios aLUnos estão com com falta de livro que o MEC não enviou todos os livros pras turmas aqui... da nossa escola...

58. P: ah é?

59. S: então nós já estamos fazendo trabalho de duplas porque por causa dessa:: dessa:: falta de livros né... então no caso o que você teria que utilizar seria o próprio livro de um aluno você faria faria uma dupla a mais e você pegaria o livro dele e como você já está preparaDA né porque você deve estar preparada pra trabalhar a aula né

60. P: sim sim

61. S: então você já estar adentrada ao assunto você sabe do que se trata então você não tem necessidade do livro DO professor na verdade

62. P: tá profe... e:: e olhando o gênero assim qua/qual a primeira atividade que eu devo fazer com os alunos assim

63. S: ahhh...ahhh geralmente você deve:: fazer assim aquele baTEPApo fazer eles introduzir aí eles tá be:::m... adentrando o assunto... e eles gostam muito de:: expor... de opina::ar... né...

ah muitas vezes eles até saem até do assunto né viajam pra outros espaços até ouve um pouquinho mas retoma e faz ele voltar pro... pro assunto o:: enfoque do dia no caso né... e::: então... e::: aí você faz esse bate papo para depois introduzir a LEItura em si porque a...a nossa aula hoje... é::: vai ser sobre a::: a leitura isso que você deve fazer né... ler

64. P: tá...

65. S: e::: ver né qual que é a::: a prática que nós vamos ver hoje... como é fotonove:::la tem as personagens... vamos.... a::: fazer a leitura da... da ficha técnica é isso que você deve fazer pra eles entender um pouquinho... qual que é a introdução da fotonovela... vai direto na fotonovela? Ou existe né [a::: ficha técnica né... contexto

66. S: e::: exato... indicando as personagens... quem que era essas personagens... vê se de repente algum deles eles já conhe:::cem ou ouviram fala:::r... aquela introdução realmente pra depois fazer essa leitura e aí você até pode também... é::: sugerir... como têm personagens que cada um alu:::no ou grupo de alunos faça a leitura de um determinado personagem pra eles realmente entrar no clima...

67. P: incorpore o personagem

68. S: exatamente

69. P: uhum

70. P: ok profe... ((ruídos com a garganta demonstrando nervosismo)) é::: digamos assim... que mesmo explicando... explicando a atividade os alunos não ente:::ndam e comecem vir até a mi:::m... vários alu:::nos... é::: o que eu devo fazer... [COmo eu devo fazer...

71. S: é::: você deve orientá-los SEMpre quando você inicia a aula... ahh... retomando aquele assunto de indicação que quando nós::: não estamos entendendo um assunto... ELE DE:::ve levantar a mão pra não ter desorganização na sala que assim que for possível você VA:::i direcioná-lo você vai entendê-lo... vai atendê-lo... e::: também pra ele fazer uma pergunta:::... ahhh... no tom alto porque de repente... a::: aquela:::... dúvida dele seja de um outro colega também... [de repente...

72. P: uhum...

73. S: quando você está::: a::: respondendo uma pergunta pra algum tem outros já... [que:::

74. P: Isso

75. S: captam a::: dificuldade que estava havendo [né..

76. P: Isso mesmo...

77. S: sempre desta forma... e também explicar pra eles... SE necessário...é uma coisa muito particular ele pode vir até você sim pra conversar particularmente... na sua mesa ou num momento que você passa na na mesa dele... de/desta forma

78. P: dessa forma ok... ahh... tá e se por conta disso de repente eles começarem se levantar em busca de ajuda a professora já me disse o que fazer né... e se de repente eu perceber alunos dispersos dormindo na sa:::la... é::: com pouca vontade... ou até mesmo se algum aluno paSSAR MAL assim... o que que eu devo fazer?

79. S: é::: se nós temos um aluno passando mal por exemplo você já::: orienta o monitor da sala

80. P: ah tem monitor?

81. S: e::: tem monitor tem o vice-monitor que é o teu a::: teu braço direito na sala de aula qualquer coisa que precise () a sala né... você indica pra ele ir até a sala de orientação pra:::

vir em busca desse aluno ver o que está acontecendo com esse aluno se ele está com problema de saúde

82. P: aham

83. S: no caso se é tipo:: que ele está... dormindo com sono você tem que chegar até ele pra ver o que está acontecendo na verdade... você tem que ir em busca... porque a criança...pode ter havido um problema durante à noite com ele e ele não esteja::... né... aí você também encaminha ele né... se o caso persiste você percebe que é uma coisa fora do normal você o::: indica ele lá pra sala da... da coordenação pra eles tomarem uma... atitude com relação...às vezes chama o pa::i né se é um problema mais complicado:: a gente sempre conversa muito com os pais...

84. P: é? Ok... e:: quanto a leitura profe... se algum aluno assim se recusar a fazer essa leitura... é por timidez o/ou alguma coisa... como que eu devo fazer? Como eu devo proceder com ele?

85. S: ó... sempre têm alguns alunos... que::: você encontra esse problema que ele te:::m... é tí/tímido realmente... ele tem vergonha de ler pera::nte o grupo... então você tenta você explica pra ele também que é importante ele ler que você só vai saber se ele está com dificuldade ou não se ele ler pra você ouvir...senão não tem como ele... você saber...

86. P: ah tá...

87. S: explica esse LAdo pra ele... e se ele... se não quer ler também... não forçar a barra...

88. P: ah não força... não obriga

89. S: na/não forçar porque::: fica aquele clima desagradá::vel né... e de repente o aluno comece até a ter uma aversão pela sua pessoa porque você tá:::.... é::: [forçando

90.S: forçando a barra... mas sempre ter aquela conversa no...paraLElo com ele individualmente pra entender esse aluno... até pra você...você precisa conquistar na verdade às vezes por causa dessa conquista ele começa agir diferente e passa a gostar... têm alunos que não gostam da aula de português porque ele tem aversão ao português... a língua portuguesa mas no momento em que você conse:::gue conversar entender ele... ele começa a gostar das aulas e começa a ter atitudes diferentes... então é muito importante esse bom relacionamento entre professor e aluno na verdade

91. P: ótimo professora... muito bom... tá... é::: mais alguma coisa que a profe acha que eu devo saber em relação a essa turma assim... como eu devo... me comportar pra que ninguém... perceba essa troca que houve? Alguma coisa que a professora sempre FAZ... que eles estão acostumados...

92. S: o que eu acho muito importante sempre é você chegar... CONversar... não ir diREto ao assunto da aula sempre dar aquela conversa com ele... é::: acalmar bem a tu::rma ouvir os papos que eles têm... geralmente eles vêm com algumas histórias que eles querem...contar... então você dá esse momento pra que você poder... acalma::r ajeitar eles... ouvir pra aí:: você introduzir o assunto nunca partir direto pra pra aula já né... que às vezes você vai encontrar como você::: percebe a:gitação nervosismo então tem que dar esse momento DE calma pra dep:::is você puxar o::: a aula do dia no caso

93. P: sim... tá e digamos assim que eu tenha... tá sobrando TEMpo os alunos já fizeram a leitura... o que eu devo fazer depois disso... qual a sequência da atividade?

94. S: se você concluiu o assunto e falta poucos minutos realmente nós temos que reunir os livros guardar os livros então vai um tempo na verdade pra você:: fazer esse tipo de coisa... é:: principalmente porque está faltando livros nós estamos fazendo trabalho de duplas como eu já expliquei pra você... então nós precisamos fazer esse tipo de de coisa de recolher livros e guardar livros porque senão eles interferem nas outras aulas com relação a todo material de uma aula anterior... aí têm professores que ficam muito estressados por causa disso de guardar livro e pega livro né fica confuso então você dá esse tempo pra eles guardarem os livros e aí se sobrar tempo já pra distribuir os livros da aula.. que:: virá próxima né e ainda assim se sobrar um tempinho você pode dar uns momentos de conversinha ENtre eles mesmos mas sempre esclarecendo de nada de:: gri/gritaria conversar é diferente de ficar berrando gritando na sala de:: DE AULA né

95. P: certo

96. S: e se...e quando você planeja uma aula você sempre programa mais ou menos pro espaço de tempo que você tem então quando você percebe que va::i... é:: sobrar tempo... você já vê alguma coisa parecida relativo ao que você tá trabalhando que você acha que eles vão gostar...uma coisa diferente... digamos assim

97. P: e essa atividade está no livro é uma sequência aí... ou uma outra atividade paralela...

98. S: não... é como eu expliquei pra você... que é:: algo que daí você não vai utilizar o livro... é algo que você tem que pensar no momento que você vai planejar a aula você percebe... ah isso aqui eu não vou utilizar a aula toda vai me sobrar tempo então vou ver o que é que eu posso fazer... é:: dar uma continuiDAde mas não utilizando O li-vro... fazer uma coisa diferente que... a:: () a novela fotonovela no caso né... ela trata de romances então de repente uma leitura de um texto diferente relacionado... pra contextualizar com aquilo que você está:: fazendo... né... como já existe essa:: essa programação aqui onde você vai fazer a:: o relacionamento... o que que é que é parecido com a fotonovela que nós lemos hoje nós temos romances livros de romances...né as próprias novelas as telenovelas né tem existe o romance... o:: uso dos casais... o romance mesmo né entre casais esse tipo de coisa que acontece na fotonovela... que a fotonovela na verdade ela abrangia bastante era o romance de casal né é esse tipo [de amor realmente

99. P: sei sei

100. S: e aonde é que nós encontramos esse tipo de romance hoje? Existe nas telenovelas em alguns livros que eles mesmos leem né existe esse tipo de coisa... tipo aquela aquele:: passou filmes e também tem o livro né... que é aqueles vampiros lá da Bela né [sim

101. S: ((risos)) pra fazer esse paralelo essa conversação com eles assim... eles gostam porque eles vão ter bastante... exemplos daí... então tempo pra você conversar com eles... tranquilo assim sabe... dá pra você é:: buscar sempre esse relacionamento com outras coisas::

102. P: tá profe... no caso ((a professora faz ruído com a garganta demonstrando nervosismo)) esse esse livro que você citou... um Livro um romance eu teria que pegar na na biblioTEca? [ou

103. eXISTe aqui na biblioteca sim... como eu falei pra você também...existe também como são filmes todos que já passou você vai relacionar com os filmes que eles assistiram né... se você quer trazer um livro só para mostrar pra ele porque não teria TRINta porque é o número de trinta alunos na sala... você não teria TRINta volumes de::sse livro... senão você teria que tá fazendo um trabalho com esse livro também... eu estou falando só pra você APONTAR

né... ahhh livros aonde também tem esse tema de amor entre casais né... então livros filmes... tem bastante tipos de coisas pra você fazer o relacionamento... que aí você sai DO livro em si aqui o didático... ((folheando o livro)) pra não ser a única coisa que você trabalha né... você deve ir em busca de outras fontes outras coisas também relacionado ao assunto que se está trabalhando

104. P: eu vejo profe que têm a/as respostas né dos exercícios no livro né

105. S: é o livro do professor sempre traz respostas

106. P: uhum...profe como eu devo encerrar a aula então? Como você falou já vai recolhendo os livros um pouquinho antes de bater ((o sinal))

107. S: exatamente... uns minutos antes de bater...uns cinco minutos né... porque na verdade a tua aula ela se torna pequena sempre... porque até você chegar... acalmar a turma... introduzir a atividade esperar que eles fiquem fazendo algumas atividades individualmente pra você fazer a chamada pra ver os alunos ausentes né... você sempre perde um tempinho...e aí:: dá até você executar tuas atividades porque existe muito bate papo a conversa você vai ouvir bastante... você tem que dar bastante ouvidos pra eles também né... então esse tempo ele

[corre

108. P: corre

109. S: então dificilmente na verdade sobra tempo pra você... na verdade falta tempo

110. P: falta

111. S: sempre que você programa a tua aula quase NUNca você consegue dar conta do recado dela inteira sempre vai faltar tempo

112. P: verdade

113. S: né... porque é bastante coisa na verdade assim né... quando a gente dá... DÁ::: essa oportunidade deles se expressarem né porque... eles gostam de falar

114. P: gostam... de falar... eles tem energia né [e assunto

115. S: eXAtamente... então... é dessa forma que acontece

116. P: tá profe... digamos assim... DIGAMOS que eu me atrase... pra aula ... e eu chegue lá e a turma está toda alvoroçada

117. S: olha... normalmente se um professor se atrasa já existe a coordenação eles já estão lá [à postos

118. P: eu tenho que avisar daí no caso... dá uma ligada

119. S: se você acontecer TEM como avisar você DE::VE... avisar porque senão essa turma vai ficar lá:: sem ninguém né... acéfala lá:: sem ninguém pra orientar... e muitas vezes a coordenação também não percebeBEU porque é mUItO aluno né no colégio

120. P: sim...

121. S: né::: então () são muitas salas de aulas então até::: saber que aquela turma está sem professor demora um...um tempinho... né então se for possível de você avisar comuniCAR... avisa... é: no caso... digamos assim que você::: não veio não deu tempo... você foi na estrada que aconteceu alguma coisa pra você né... aí ali geralmente na coordenação eles vão estar... vão saber vão estar à par do que vai acontecer da auSÊNcia do professor no CAso porque o monitor geralmente ele procura a coordenação dizendo que:: a sala deles está...sem professor...

122. P: ótimo

123. S: sempre o monitor ele é um encarregado de de perceber o que está acontecendo na turma e repassar para a coordenação

124. P: ah sim

125. S: existe né uma coordenação que atende:: o:: os corredores um desse corredor um do corredor de cima outro coordenador pro grupo de baixo porque um não dá conta do recado... de jeito nenhum... o colégio é MUIto grande

126. P: é

127. S: são MUItos alunos então precisa ter várias pessoas... antenadas pra dar conta do recado

128. P: certo certo

129. P: profe então ai:: encerro a AUla e daí eu vou pra uma outra turma?

130. S: na verDAde você tem que olhar o seu horário pra ver qual que é [a:: próxima

131. P: certo

132. S: ... atividade que você tem se é hora-ativida::de se é aula ou QUANdo terminar a aula você tem que juntar o seu material e/e ir pra... próxima sala de aula que você vai dar aula

133. P: mas no caso HOje né... a terceira aula é o sexto B

134: exato... então você sai do sétimo B... e VAi se encaminhar lá pro sex/pro sexto B

135. P: tá... e::: fica::... essa sala fica próxima?

136.S: não é::: próxima... você tem uma camiNHA::da na verdade pra chegar...co:::mo...a:::... nós falamos anteriormente... é::: a:: o nosso colégio aqui é bastante GRANde... então você precisa sair ali do... do sétimo ano que é aqui em cima o sete B... e tem () descer toda a escadaRIA::: pra ir pro bloco embaixo que é o sexto B... tem um/uma boa caminhada

137. P: é?

138. S: pra você chegar lá ((risos))

139. P: ok... e::: essa turma... como que... como que eu devo me comportar com ela?

140. S: olha o sexto ano eles são bem... crianças ainda na verDAde então você tem que ter aquele lado de ouvir basTANte conversar bastante com eles EXplicar como que eles devem... agir porque pra eles o espaço é novo ainda né então... não faz muito tempo que a gente começou né... então pra eles tudo é novidade... então têm alGU::NS que você chega TÁ::: estão na porta::: alguns até já foram pra banhe::iro porque eles aproVEItam esse::: intervalo entre um professor e outro... pra eles... ALGUNS... [né ALGUNS

142. P: sim... é

143. S: alguns casos assim né... pra eles darem uma escapadinha... então quando você chega lá às vezes () tem algum aluno que não está na carteira ele está no banheiro está tomando água... ele acha esse tempo... aí sempre que::: você entra na sala você verifica se realmente estão faltando alguns alu::nos aonde estavam... e::: dá um tempo pra esses alunos voltar pra você::: introduzir começar a conversar com eles... e... enquanto esses alunos () chegam também sempre... voltar aquele assunto das regras da escola... que momento que eles tem que procurar o banheiro que momento que eles devem i::r tomar essa água... que eles estão interferindo na Aula em si... estão prejudicando a turma inTE:::ira com a ausência deles que o professor não vai dar a aula sem eles estarem ali... porque eles que vão perder o conteúdo... então por causa disso teu tempo já e:::s::: tá se tornando menor

144. P: certo

145. S: e que quem perde na verdade são eles quando o professor não está em sala de aula... se o professor não está dando aula quem sai perdendo é a turma...

146. P: sim... verdade... tá profe... aí eu eu... o trabalho também se desenvolverá também em torno DO livro didático?

147. S: como eu...ahn... expliquei pra você numa:: ((professora faz ruído com a garganta demonstrando nervosismo)) na questão anterior... como você programou tua aula sempre tá programada... você tem que ver o que É que você está trabalhando... se você está () fazendo uso do livro di/didático sim você tem que usar o livro didático... ma::s como já citei anteriormente... é:: se você:: programou sua aula pra outros... usar outras fontes outras coisas você POde fazer uso TRAN-QUI-LA-MEN-TE dePENde do que que você programou pra aula

148. P: tá mas... digamos... a profe VAI trab/ essa atividade [pra essa turma esTÁ no livro né?

149. S: e::ssa atividade sim porque nós estamos numa concluSÃO de de atividades né então nós estamos usan/fazendo uso do livro:: didático sim

150. P: tá... eu começo em qual página... qual qual qu/é o conteúdo?

151. S: nós estamos na verdade...a gente está con-clu-in-do o assunto de LENdas::... e:: então existe uma REvisão que a gente está fazendo que não deu tempo na aula anterior... então nós temos que concluir essa atividade não deixar ela incompleta pra depois que nós vamos dar introdução ao assunto sobre mitos... e aí você deve dar àquele espaço pra eles... é:: opina::rem convers::arem e ver o conhecimento prévio que eles têm... a respeito... né... se você pedir mito ele não vai saber o que é:: realmente né...me::smo porque se confunde bastante mito e LENda é me::io PArecido né... você... tem essa confusão... então você:: pode jogar alguns exemplos de de heróis que nem o Hercules que é bastante conhecido vê se eles conhecem eles vão citar pra você monte de filmes de livros que leram a respeito do Hercules... aí você vai pedir se eles coNHEcem a estória do HERcules quem que é esse HERcules da onde que veio essa estória você vai ouvir MUIto... assim como tem aluno que:: dificilmente ele se expõe têm aqueles que contam de montão... aí dá pra você introduzir a respeito né que essa estória ela:: é da Gré::cia é uma estória anTI::ga é um mi::to que eles criA::ram né

152. P: uhum

153. S: então dá pra você ir conversando assim pra depo::is introduzir a::o:: ao:: mito propriamente que vem no:: no livro no caso... que:: ele fica:: mostrando imagem... a leitura de... imagem... essa leitura de imagem eles gostam mu::ito de de observa::r e opina::r e ver o que:: contar o que que eles estão vendo o que que eles acham... eles gostam muito desse tipo de atividade

154. P: página:: é na página::?

155. S: tá na página vinte e CINco a introdução

156. P: profe só me diz assim... é::... pra mi::m fazer essa esse encerramento lá da da do do conteúdo anterior qual atividade que:: está em andamento ((professora faz ruído com a garganta demonstrando nervosismo)) que eu tenho que que trabalhar com eles?

157. S: na verdade nós temos uma atividade aqui que fala de...de conclusão... né...e:: ele indica uma atividade de verdadeiro ou fals::o...mas cada uma dessas questões aqui que eles aPONtam... o:: a gente nós estamos LE::Ndo você deve então fazer dar continuidade dessa leitu::ra de ca::da u::ma... dessa::s alternativas que eles oferecem aqui [e pedir

158 P: uhum

159. S: pra eles por que que tá certo por que que tá errado:: como que seria então::... fazer esse paralelo e buscando:: o:: a::o conhecimento que eles têm que eles adquiriram se realmente eles têm esse conhecimento... porque é tudo sobre o que a gente já estudou e já trabalhou

160. P: tá

161. S: então eles DEvem saber a respeito do quer que se está falando aqui... né... é:: têm alguns::... que não vão se manifestar... você até pode sugerir e você o que que você acha?

162. P: uhum

163. S: por que né... buscar essa:: esse [aluno que::

164. P: interação

165. S: exato... esse aluno que não se manifesta muito... pra tentar trazer ele

166. P: sim

167. S: porque tem alunos que infelizmente ele NÃO se manifesta de jeito nenhum

168. P: uhum

169. S: então nós temos que tentar resgatar esses alunos pra ele também se expressar... porque têm bastante alunos que ele tem essa::: dificulDAde da da expressão oral que ele se sente envergonha:::do perante a tu:::rma né... então a gente tem sempre... tentando buscar esse aluno também... [e se ele insistir

170. P: uhum

171. S: em ficar quietinho também não forçar a baRRA de jeito nenhum né

172. P: sim sim

173. S: e respeitando o jeitinho dele que aos poucos ele vai se... também adentrando ao papo aí aos pouquinhos mesmo

174. P: tá profe e aí você...então essa::: essa essa paSSAgem né de uma... de um... de um conteúdo pra OUtro né embora um tenha a ver com o outro ali né...

175. S: sim

176. P: ...lenda co::m... com os mitos... é::: eu começo essa atividade como? com os mitos? ((a professora fez um breve silêncio)) ... Ah... quando eu JÁ introduZI o assunto... né... como a profe falou... qual atividade eu devo:::... fazer... com eles?

177. S: como eu citei anteriormente pra você... é::: você DEve jogar algumas figuras de de dos próprios::: mitos::: né tip/o como eu falei pra você do do Hercules outras figuras que você deve ter pesquiSA:::do olhado anteriormente pra poder introduzir senão não tem como... né... é::: e aí você vai conversando com eles a respeito do do assunto dessas personagens desses heRÓis que geralmente os mitos... el/ele vêm trazendo aqueles DEUses... né...

178. P: gregos ()

179. S: ... heRÓis os gregos os... né... lá de antigamente os romanos também né... então você vai trazendo essas personagens pedindo pra eles se eles já conhece:::m se já ouviram fala:::r esse tipo de coisa eles vão conversar bastante a respeito disso pra depois partir pra leitura da imagem que traz na na::: página vinte e cinco

180. P: uhum

181. S: né... que aqui mesmo tá falando que é do:: Prometeu... né... quem é esse Prometeu? Alguém já sa::be? Alguém já ouviu falar do Promete::u? Então buscar sempre esse conhecimento pré:::vio pra ver o que que eles sabem à respeito...

182. P: certo

183. S: ... de conhecimento que traze::m sobre esse assunt/ o::u essas personagens que são apontadas no caso

184. P: uhum

185. S: né::: dessa forma que você vai introduzir

186. P: tá... e se ainda me:: me so/sobrar TEMpo assi:::m e eu já não tiver mais o que faLAR digamos assim a respeito da iMAGem... tem alguma outra ativiDAde que eu possa fazer?

187. S: na verdade você não vai ficar só em cima da leitura de imagem você vai partir pra leitura... que depois nós vamos ter a estória do::: Prometeu no caso né... nós temos então uma::: a leitu::ra do texto... você vai dar um minutinho uns minutinhos na verdade né... pra eles fazerem aquela leitura silencio::sa a respeito... priMEIro... depois a gente pode partir sim pra/quela leitura BEM debatida BEM conversa::da “vamos ler ago:::ra...cada um lê um pará:::grafo...” mas primeiro ele tem que ter o:: a interação com o TEXto

188. P: si:::m

189. S: porque muitas vezes o aluno se enrosca um pouquinho porque ele vai ler direto o texto sem ter feito aquela leitura antes... pra ele poder... ver se tem alguma palavra difere:::nte...

190. P: uhum...

191. S: ... porque sempre se deve dizer né “PREStem atenção aí no vocabulá:::rio... no no no::: no que que é usa:::do se tem alguma coisa que você não conhece já pra tirar as dúvidas... pergunte pro professo::r... () o dicionário em mãos dá uma olhadinha no dicioná:::rio...”

192. P: uhum

193. S: ... né... esse tipo de coisa pra depois partir pra leiTUra propriamente dita... pra você ouvir como que está a leitura porque o objetivo também é ver como que eles estão lendo como que eles estão interpreta::ndo...

194. P: avaliar também

195. S: é... eXAtamente... tem que ser ao mesmo tempo:: né::: que você vai desenvolver essa atividade então... ler ver como que eles estão lendo realmente

196. P: certo... e aí pra mim encerrar... digamos a aula como que eu encerro?

197. S: ((professora folheando o livro didático)) você tem que perceber se:::mpre ir conferindo o relógio pra você ver o tempo que você tem... pra ver até que::: parte que você consegue ir... se você vai conseguir fazer toda a leitu:::ra se você vai conseguir fazer... GErAlMENte nas aulas... você não dá conta do recado de concluir uma::: interpretação completa... nunca dá... né::: porque você quer fazer aquela leitu:::ra aquela conversaçã:::... ah... você quer ouvir a leitura de cada u::m pra você já ir analiSANdo ver como que estão lendo... se tem algum aluno com dificulDAde... se você vai ter que encaminhar esse aluno pra::: sala de::: de apo:::io... então é assim que a gente percebe tamBÉM...é::: alunos que precisam de sala de:: recurso pra você... a::: alguns a gente precis/ é::: descobre que precisa de fazer avaliaÇÃO pra ver... porque você achar é uma coisa... né... e::: você percebe::r ali realmente precisa ser feito é::: nessas aulas que você consegue percebe::r a maneira de agir com o alu:::no... alguns se enroscam e você pensa por que que não quer ler? Muitas vezes ele nem SAbe ler

198. P: uhum

199. S: né...

200. P: é verdade

201. S: então é aí que você percebe esses problemas mas que: as aulas aonde mais se percebe os problemas dos alunos é língua portuguesa...

202. P: sim

203. S: né... por que é aonde que o aluno vai falar bastante é aonde que ele vai ler... né... é aonde que você tá sempre...circulando... você Deve fazer isso... circular entre os alunos perceber como que eles estão escrevendo... então por isso que eu falo pra você... a:: aula nunca dá tempo... nunca você consegue desenvolver toda atividade:: a não ser que você programe uma aula bem menor... pra dar tempo...né

204. P: sim

205. S: mas a gente sempre tem TANTA coisa pra trabalhar que você:: sempre falta tempo você quer mais você quer mais mais mais

206. P: sim é

207. S: ... né... e:: você precisa depois recolher esses cadernos pra dar uma olhadinha também...no caso no sexto ano a gente faz muito esse tipo de coisa...

208. P: sim

209. S: recolher os cadernos... pra ver como que está... o desenvolvimento... se estão acompanhando todas as atividades de acordo com a aula... porque aí você percebe muito aluno que não registra... deixa as atividades incompletas... porque:: como a gente estava conversando a aula é curta não te dá tempo... então você tem que fazer essa busca pra você descobrir... realmente os problemas que tem em sala de aula é dessa forma... e:: eles gostam MUITO de mostrar o caderno pra você passar o visto

210. P: ah tá

211. S: eles são bastante infantis ainda... [são muito amadinhos

212. P: sim sim... é:: certo

213. S: né... eles são bastante crianças desse lado porque eles são acostumados ter a pro::fe::

214. P: sim... aham

215. S: ... cuidando mais diretamente deles...

216. P: é

217. S: ... então... o sexto ano ele tem muito desse lado infantil ainda né... e você tem que...dar valor assim... eles são bem amadinho pra gente... eles são bastante aqueles assim de ver “professora bom dia” e vim te dar beijinho

218. P: uhum

219. S: eles ainda estão nessa fase

220. P: sim

221. S: sabe... e a gente deve dar o carinho pra eles sim... [sabe

222. P: tá

223. S: eu adoro o sexto ano... você deve gostar MUITO deles ((risos))

224. P: que bom que bom profe... é::... é:: digamos a:: agora...depois do sexto B eu acho que vem vem o que ? vem vem o recreio? Como que é? ...[depois

225. S: ()

226. P: da terceira aula?

227. S: é:: o sexto B é a terceira aula... inclusive essa terceira aula ela:: ela é um pouco mais curta... 228. P: ah é mais curta...

229. S: ...por causa que nós temos a:: o:: um número muito elevado de alunos... nós temos o ensino médio que são muito grandes:: perto do sexto a::no eles são... né... até eles se assustam quando eles chegam que eles vê aluno “muito grandão”
230. P: aham
231. S: lá na escola aonde eles vieram eles eram o::s maiores...
232. P: sim
233. S: eles chegam aqui eles são os menores
234. P: uhum
235. S: ... né... então precisa ((risos)) se:: se:: né:: [esse susto
236. P: esse susto
237. S: então eles vão sair um pouquinho antes sempre pra lhe dar te::mpo pra eles é:: chegarem na canti::na e pegar tranquilamente o seu lanche
238. P: tá
239. S: porque senão vêm os maiores... eles não dão muita atenção se eles são menores... aí vão na fila...não estão nem aí... então por isso que a gente... né...a:: aqui no colégio foi programa::do pra dar esse TEMpo pros menores chega::rem no lanche antes dos maiores:: pra eles poder se servir be::m tranquilamente...
240. P: ah tá::
241. S: ... sem atropelos ou fazer uso da:: da canti::na né...
242. P: sim sim
243. S: ... que nós temos a cantina também... então por esse motivo você já tem que saber que a tua aula aqui ela é um pouco menor...
244. P: tá
245. S: ... então...co::mo:: eu estava falando... você não consegue dar conta do recado numa aula... concluir de jeito nenhum... né... a não ser que você já venha programado pra uma aula pequena bem menor... e:: mesmo assim você deve ter essa visão da turma que vai ter a conve::rsa:: vai ter aquele aluno que não vai esta::r... que você vai ter um tempinho... que você vai ter que:: dar pra eles se organizarem pra depo::is você entrar na:: na sua aula... né então nós temos todo esse proBLEma... mas no caso como nós temos duas aulas hoje então tran/tranquilamente vai dar pra você dispensar eles porque nós sabemos que vamos retomar depois o assunto
246. P: ah sim
247. S: é uma continuidade a próxima aula no ca::so que é:: a última né... ((ruído com a garganta)) nós vamos dar uma continuidade ao que nós estamos trabalhando aqui na na aula anterior
248. P: uhum...profe assim... e:: eu vou pra onde daí... é:: no recreio... eu vou...
249. S: agora no recreio você vai pra sala dos professores aonde será servido o la::nche aonde que você vai lancha::r trocar conversa com outros professo::res aí quando você encontra um problema de repente com algum alu::no você pode ver outros professores que dão aula pra mesma tu::rma e você pode trocar ide::ias com eles pra ver se é só na sua disciplina que tá tendo problema ou se com outro professor... também está tendo... porque é uma maneira... de tentar ver se esse aluno tá tendo algu::m problema geral pra ser encaminhado pra coordenação se precisa ser chamado o pai:: responsáveis né pra resolver esse problema no caso...
250. P: certo

251. S: ... e é um momento de você fazer o seu la::nche:: e conversar também né um pouquinho com teus colegas

252. P: uhum

253. P: é:: profe assim em relação a::: você me falou agora que:: quase nunca dá tempo né:: de de de fazer o que você pretendia fazer... como que você se sente com isso? Você se sente:: qual o sentimento assim?

254. S: olha tem vezes que a gente se sente meio frusTRAda por não ter conseguido concluir porque muitas vezes você vai com aquele teu pensamento que você vai conseguir dar conta do recado... e quando você não consegue você se sente um um pouco frustrada porque você já tinha se programado e pensado “amanhã eu quero trabalhar isso não quero mais voltar a esse assunto”... né... então::: a::: a:::contece de de a gente sentir apesar que você já entende também você já SAbe que::: quase nunca dá tempo pra você desenvolver toda a atividade... você vai sabendo disso ... então a gente já se habitua a esse tipo de coisa também né... mas sabe que é assim mesmo e que na outra aula você vai ter que buscar pra poder você::: finalizar o que você está::: trabalhando pra você dar um fechamento pra essa sua aula no caso né

255. P: sempre dar um fechamento ne

256. S: exato

257. P: pra começar uma outra

258. porque não tem como você de repente sair de uma coisa e voltar pra outra sem ter essa conclusão daquilo que você estava fazendo a não ser que você se programe com ele... né... você vai ter uma aula com ele amanhã... mas o dia de amanhã você tinha programado um uma::: produção de texto por exemplo

259. P: uhum

260. S: né uma outra coisa... aí::: você simplesmente conversa com eles “essa atividade de hoje não deu pra nós concluirmos mas amanhã nós vamos trabalhar isso mas numa outra aula na próxima aula nós vamos retomar esse assunto novamente pra nós podermos fazer a conclusão dessa dessa::: atividade em si que a gente tá trabalhando”

261. P: uhum... profe aí depois ahn::: depois do recreio né seria então a quarta aula né

262. S: sim

263. nós voltamos então para o sétimo B

264. S: exato

265. P: tá... e aí nós é::: nós é::: () é::: continuamos a partir da onde daí?

266. S: exatamente...você tem que verificar aonde é que nós para:::mos na na aula anterior () aonde.. se foi em página se era bate-papo o que você estava fazendo... mas como a gente falou no início sempre busque os alunos pra ver se eles pra eles se anteNAREm na aula

267. P: uhum

268. S: “e aí gente onde foi que nós terminamos a outra aula? Em que atividade que nós paramos?” buscar pra saber se eles sabem também se localizar

269. P: certo

270. S: certO

271. S: mesmo que::: sempre que você chegue têm alunos que ele nem pega o caderno ele tá com o material de matemática ele fica com o material de matemática... e::: têm alunos que você chega na sala de aula ele tava fazendo o trabalho de arte ele continua assim como se

fosse arte ainda... então você tem que fazer essa busca pra ele perceber que aGora é OUtra aula não é aquela... que o professor anterior estava trabalhando...

272. P: sim sim

273. S: né::: porque eles vi::/ têm uns que via:::jam bastante dessa forma...mas sempre buscar dele... o resgate junto com eles...

274. P: uhum

275. S: ... buscando né... e não::: chegar e já dizer “pegue lá na página tal”... sempre fazer ELES é::: buscarem... por que senão eles se acostumam àquela vida assim muito::: manda:::do acomoda:::do tem sempre alguém direcionando dizendo pegue aqui pegue ali... TEM que fazer ELES lembrar... a::: “qual que era a página que nós estávamos trabalhando? qual que era a atividade que a gente estava trabalhando?” Fazer ELES irem se introduzindo novamente ao que a gente estava trabalhando anteriormente

276. P: exato

277. S: ((professora faz ruídos com a garganta demonstrando nervosismo))

278. P: exatamente... então eu não devo nunca erguer a voz... assim...é::: perante... na frente lá:::

[não não deve professora

279. P: bater na na ...com a caneta na mesa... alguma coisa assim

280. S: não...não deve... bater de frente com aluno você sai perdendo no final das contas... porque aí você vê “como a professora é estressa:::da porque é::: a professora::: tem problema em casa e vem resolver na na sala de aula:::” você nem faz mas sai conversinha bobinha porque tem aluno que fantasia bastante né... então sempre chega perto dele conversa com ele... e sempre mostrar pra ele que você é amiga... sempre sempre sabe... conquistar o aluno

281. P: aham

282. conquistar... isso é muito importante... conversa com ele e mostrar que o professor tá ali pra ajudar... que a gente não está trabalhando pra brincar com alu:::... matar tempo... que se fosse pra matar tempo... então... nossa teria tanta coisa que eu poderia fazer

283. P: verdade

284. S: né::: se a gente está trabalhando ali é porque faz parte do nosso currículo... faz PARte pra gente aprender e pra entender... pra gente... ser () cada vez mais eficiente nessa vida... você sempre vai procurando dialogar bastante com ele...mas::: se ele insistir em fazer coisa ai::: aquela estória... vamos fazer uma ficha de ocorrência então e encaminhar pra::: coordenação...se não resolver o assunto... você conversando com ele ali... se você chamar ele lá fora pra ter a conversa só sua realmente com ele e tentar colocar pra ele... e não resolver aí o negócio é você partir pra ficha de ocorrência e encaminhar ele pra::: sala da coordenação então pra... chamar o pai geralmente... primeiramente eles têm uma conve:::rsa com o aluno lá no particular... se é uma coisa que persiste em outras aulas também aí::: geralmente são chamados os professo... o:::s pais...

285. P: ah tá

286. S: os responsáveis... pra ver o que tá acontecendo com essa criança...

287. P: aham

288. S: ... no caso

289. P: e:::ssa ficha de ocorrência eu pegaria::: aonde assim?

290. S: a:::s... na coordenação você conversa sempre com as pedagogas né... mas:::.... na:::.... no almoxarifado nós temos impressos o::: as fichas de ocorrência...

291. P: uhum

292. ... que você pega geralmente os professores têm... umas fichas uns modelo com você SEMPRE... você deve ter no teu material sempre... né...

293. P: uhum

294. S: então... quando você começa aqui a trabalhar já procure esse esse material pra você ter... dificilmente você faz uso... trabalhando com sexto e sétimo anos

295. P: certo

296. tá... eles são ainda meio cria:::anças ainda você consegue... tranquilamente conversando você consegue resolver o assunto

297. P: ah tá

ANEXO 2 – PERGUNTAS POSSÍVEIS – SUJEITO 1

Como eu devo começar a aula?

Aonde fica a sala dos professores?

Aonde devo pegar os materiais de aula?

O trabalho se desenvolverá com o livro didático? Quais páginas?

Como eu devo começar a aula?

E se acontecer dos alunos se recusarem a fazer a atividade dizendo que é um assunto chato ou sem graça, como eu faço?

E se ao chegar à sala os alunos estiverem bagunçando e mesmo chamando atenção eles não me ouvirem, como eu faço?

E se os alunos saírem dos seus lugares ao mesmo tempo em busca de explicações sobre a atividade proposta, como eu faço?

Se por algum motivo eu me atrasar, como eu faço?

Como eu chego até à sala?

E se os alunos esqueceram o livro didático em casa não tendo como acompanhar?

E se uma maioria esqueceu o livro?

E se eu não encontrasse o livro do professor no escaninho, porque, talvez um professor precisou dele?

E se a maioria dos alunos não entender o que é para fazer, como eu faço?

E se por timidez o aluno se recusar a ler quando solicitado a fazê-lo?

E se eu perceber que nas leituras o aluno demonstra alguns problemas que o façam soletrar e perceber que os outros alunos estão achando engraçado?

ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DA INSTRUÇÃO AO SÓZIA 2 - SUJEITO 2

21/03/2017

Nomes de alunos citados pela professora fictícios (Lucas, Felipe, João)

Nome da pedagoga citada pela professora fictício (Estela)

1.P: Professora...então supo::nha que eu seja sua só::sai e que amanhã eu vá substitui-la em seu local de trabalho...quais instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição?

2. S: Ao você chegar... no CEBEJA... quinze pras oito da manhã...você tem que pegar a chave... na sala número dois na coordenação... abrir a sala... aguardar que os alunos vão entrando... você cumprimente os alunos... esses alunos têm...mais ou menos de doze a quinze alunos frequentando a sala de individual... que é uma turma... que eles vão fazendo por carga horária... e te::m... cada um tem uma::... apostila... cada um se encontra numa... determinada apostila do fundamental e do médio desses doze a quinze alunos... geralmente alguns faltam... é::: eles chegando você pede pra eles pegarem as apostilas na:: estante e pra eles darem sequência a partir do momento em que eles pararam... você pega no armário... a ficha...de cada um que é a ficha individual e você coloca a data de amanhã... que é a presença deles... você conta em cada ficha de individual se eles estão num momento de fazer prova ou trabalho... como que você pode saber isso? A cada trinta e SEis horas do fundamental eles vão fazer um trabalho... então você tem que ver se tem algum aluno que esteja... fez trinta e seis horas... e dá um trabalho pra ele que fica do LA-do-do-ar-MÁ-rio da ficha... nas pastas... se ele está no/no caderNinho ele vai fazer trabalho... no caderninho... em cada pasta tem... um trabalho e tá identificado o número dos cadernos... se ele não perfez esse:::...é:::...essa quantidade de hora... ele fica na SAla de aula fazendo o caderno... que que é essa atividade... que cada um vai fazendo em sala? Eles vão paSSANdo pro caderno... todas atividades que tem nesse caderno de atividade um... de um a sete no fundamental... e de um a seis no médio... e::: aí eles vão te chamando NA carteira pra você tirar as dúvidas dele... deles... você vai observar que os alunos do médio são os alunos ma:::is velhos... e::: eles têm mais responsabilidade... então eles vão fazendo... e chamam mais.. os alunos do fundamental são mais novos... e eles não tem tanta responsabilidade... eles vieram pra cá... geralmente po::r medidas... é::: socioeducativas... saíram do regular... e eles têm que estar estudando de alguma maneira... então você... pode observar que eles vão ficar mais desatentos... vão começar a conversar... é::: param de fazer atividade... aí você fique observando e vá de carteira em carteira analisando o que que eles estão fazendo e perguntando porque que pararam que dúvida que eles têm... que que tá precisando... porque no caderno eles têm atividade de gramática... de produção de texto e de literatura... geralmente quando chega... e:::m interpretação de texto... que tem basta:::nte nos cadernos eles têm muita dificuldade... que é uma dificuldade... de quase todos os alunos de interpretar...

3. P: uhum

4. S: ...aí você:::... LEia com eles o texto... não tem importância que a sala esteja fazendo outros cadernos... você leia com ele... e vai tirando as dúvidas de aluno por aluno... é essa

atividade basicamente que você faz... então você vai encontrar TODO tipo de conteúdo do fundamental e do médio... você esteja preparada pra tirar esse tipo de dúvida do aluno... se ele estiver lendo sobre qualquer escola literária você fique atenta... e ali mesmo... no... no caderno que tem o texto sobre as escolas literárias... tem sobre: o assunto da gramática... sobre a interpretação que também vai dá respaldo pra você... você não vai ficar solta sem saber o que fazer... se o aluno te perguntar sobre uma dúvida você tem um texto anteriormente pra lê e pra tá tirando a dúvida dele... não é complicado... mas só que você tem que ler junto com ele e ele TEM que observar que você está atenta à realização que ele está fazendo... e observar principalmente se ELE tirou a dúvida que geralmente esse alunos mais NOVOS... eles gostam de fazer... “ai já entendi tudo”... e você percebe pelo olhar dele... que ele NÃO entendeu... aí você tenta retomar de alguma maneira... não dá pra ir lá na frente dá uma aula só pra ele... porque os outros alunos estão em outros estágios...

5. P: sim

6. S: ... dos cadernos... então você vai... fazendo isso... alu::no por alu::no tirando todas as dúvidas

7. P: tá::...é:: esse caderno que a profe se referiu ele:: são todos iguais ou cada te::m é:: é:: é um... é um... é um mesmo livro:: ai tem conteúdos diferentes... [para cada aluno

8. S: é...

9. P: ...ou cada um tem o seu diferente de cada um dos outros?

10. S: é... eles têm... do fundamental...do caderno um ao sete... então se ele... é:: já FEZ o caderno um ele está no dois... então o caderno um é um conteúdo o caderno dois é outro e na sala têm todos os cadernos... eles estão do caderno um ao sete... então são conteúdos diferentes e alunos diferentes

11. P: ok

12. S: respondi?

13. P: sim

14. P: é:: profe por exemplo assim... e se houvessem... é:: muita conve::rsa entre eles por exemplo... e:: e aí eu conversei com u::m... de repente () a::: jeito com esse::

() começam a conversar... como que eu faço nessa situação?

15. S: uhum... é...na:: na EJA geralmente não tem... esse:: esse:: é:: esse tanto de:: indisciplina... mas tem um pouco sim entre os jovens... tem o:: o Felipe que você vai observar... que ele gosta de cantar... tem o Lucas que ele gosta de falar sobre as leituras que ele está fazendo e ele não tem limites e ele quer que todo mundo fique sabendo... então esse tipo de indisciplina que vai aparecer... e como aqui... a gente trabalha com alunos que têm uma::... autoestima muito baixa... é:: na hora que você for conversar com eles... assim... dê mais atenção e não seja muito ríspida porque ele tá querendo chamar atenção por algum mo::tivo que ele tem... é:: particular da vida dele... e ele tá busCANdo na escola novamente uma referência...então se você for muito rude... em chamar atenção dele em relação à cantar ou em relação ao Lucas que quer falar sobre os livros dele ... ele... ele vai se sentir mais tolhido ainda e ele vem pra escola pra ser... Acolhido... então você dê atenção e:: fale que... o Felipe CANta bonito mas que ele poderia cantar... em outro lugar... converse um pouco com ele... e o Lucas... se interesse pela leitura dele... e fala “ó baca::na”... () é:: assim... é:: elogie o que ele está lendo porque é tão difícil ter alguém que leia... só que ele está num momento inadequa::do... ((aumento do tom de voz)) conversa com ele baixinho... tenta ouvi::

e perguntar sobre o auto::r que::... livro é esse... mesmo que não tenha nada a ver... com a sala de aula pra daí ele fechar essa conversa com você... daí os outros alunos poderem ter... é:: espaço pra fazer as atividades que eles estão realizando... que esse tipo de situação é indisciplina numa sala que cada um está num contexto estudando sozinho...

16. P: uhum... professora essas fichas que a professora também estava falando elas ficam num local... já... sempre ali né... quando precisar... quando eu chegar já estarão ali ou... caso não as veja ali eu posso procurar por... o:: aonde?

17. S: fica no armário... vai tá vai tá escri::to::... ficha de presença... é a:: é a primeira... só tem uma::... só tem uma porta o armário e tem várias pastas lá... talvez você se perca... entre as pastas [que são muitas... são pastas de presença... são pastas de...

18. P: sei

19. S: fichas do individual são pastas de trabalhos são pastas de prova... se CAso... você:: se perca em relação a isso te::m a a pedagoga Estela que vai poder te orientar... que ela também me orienta porque eu estou a pouco tempo nessa sala de aula e tenho... recebido orientação... TAMbém pra não me perder

20. P: certo

21. S: e:: uma outra coisa que:: a gente pode se perder em relação a um trabalho a prova que o aluno esteja fazendo...que é... é natural porque é muito burocrático o sistema da EJA... como a gente tem que conTAR a carga horária que o aluno... precisa fazer pra fazer prova e trabalho... eles são muito atentos a isso então conte com a própria colaboração do aluno... pergunte pra eles... se eles estão num momento de fazer uma prova ou um trabalho...e por que que a gente não sabe... é:: é:: em relação a aonde eles pararam? Porque esses alunos vêm em três momentos na sala de aula com três professoras diferente e você vai atender um dos momentos... na quarta-feira... na quinta eles vêm com outra professora e na sexta eles vêm outra professora... e eles podem vir tanto de manhã de tarde ou de noite porque é individual... então se eles vieram todos esses dias e:: já adiantaram bastante o conteúdo... você não sabe onde eles pararam... então é natural que você:: ... pergunte pra eles e eles sabem onde ele/você daí só pegue a ficha... e você constate se realmente ele está no momento de fazer a prova

22. P: ah sim então na ficha já tem todo:: o andamento... o que ele fe::z... em que estágio ele está... então a ficha na verdade é um documento que vai estar me informando... aonde:: o:: conteúdo foi trabalha::do e::...

23. S: sim vai estar informando a carga horária e se ele fez a prova e o conteúdo da prova que ele fez

24.P: ah sim

25. ... assim o que ele está estudando é pelo caderno então se ele fez trinta e seis horas é porque ele tá no caderno um e daí você vai... pegar a prova... número um pra passar pra ele fazer

26. P: significa que nesse dia por exemplo amanhã possam haver alunos que:: estariam fazendo uma prova...

27. S: sim...e:: um outro detalhe eles fazem a prova e eles querem o:: resultado na hora... aí você peça pra aguardar que você VA::I corrigir essa prova no final da aula SE houver tempo porque a gente precisa dar atenção para os alunos que estão fazendo atividade... e:: você já pode dar um novo caderno pra ele fazer e se ele tiver fazendo a prova do caderno três

voCÊ já pode dar o caderno quatro pra ir fazendo as atividades do caderno quatro que é COPIAR as atividades do caderno e responder... e sempre peça pra eles fazerem com letra legível e no final da aula precisa ser dado um visto em todos esses cadernos para a próxima professora ou pra você se ele não vier na quarta ou na sexta se ele voltar na quarta-feira pra voCÊ saber que até ali você viu você verificou o que ele fez

28. P: esse caderno ele é utilizado então para todas as matérias ou só para o português

29. S: é ele vai ter no caderno dele a parte de português

30. P: tá... aham... tá e::: digamos assim... a:::... os alunos vão trabalhando cada um com seu ritmo ali... né... pelo que a profe me falou... e no caso assim dos alunos que estarão fazendo PROva... se houver assim conVERsa por exemplo... eu professora estarei ali falando com eles explicando... a::: aquele que estiver fazendo prova não se sentirá incomoda:::do ou talvez atrapalhado pela conversa?

31. S: é:::... se se caso isso aconteça você pode usar a biblioteca pra colocar o aluno lá fazendo... mas é muito difícil... eles têm assim um respeito... maior... porque na na escola do regular porque eles já são... uma parte é adulta que está correndo contra o tempo porque não terminou o::: os estudos no momento que se diz né::: adequado... e::: então eles têm muito respeito na sala... então você não vai encontrar esse tipo de:::

32. P: situação

33. S: de situação

34. P: mas aCAso isso ocorra né... “ah professora eu tô:::... eu não tô conseguindo me concentrar a:::qui”

35. S: sim... uhum... você pode::: ... chamar a::: a coordenadora pra te ajudar... pra levar até a bibliote:::ca que fica na entrada da::: da escola... mas a coordenadora ela te ajuda...

36. P: então ela ficará com esse aluno enquanto eu volto [com os outros?

37. S: não... ele fica SOzinho ...

38. P: fica sozinho?

39. S: ... porque daí como é sem consulta ele só vai com a prova e o material necessário pra fazer a prova...

40. P: uhum

41. S: ... ele pode ficar sozinho fazendo a prova na biblioteca e QUANdo ele termina ele retorna

42. P: uhu::m... ok () pro-fe-ssor-a o que mais que eu teria que saber nesse caso assim... é::: em relação a esses alunos

43. S: e em relação aos alunos e a respeito do perfil deles... são... alunos muito... muito tímidos que já... abandonaram a escola... uma::: ... um determinado momento da vida deles outros que estão vindo obrigados pela justiça... então é muito importante saber disso que você estará tratando com alunos com medidas socioeducativas... muitos são criminosos... a gente não sabe o tipo de::: de criminalidade que eles cometeram porque isso é sigilo... então tenha sempre::: bastante cuidado... e::: em tratar com eles... os adultos são mais tímidos e também-tem-uma... baixa autoestima... então-tenha-sempre assim... muito... CARINHO por eles... atenÇÃO dê toda...é::: todo contato que você puder... toda a resposta... nunca deixe nin/na nem uma lacuna numa::: numa pergunta que eles fizerem tem que ser a::: a mais clara e objetiva possível pra que eles compreendam e não fique nem uma dúvida... e se você per/perceber que

eles ainda ficarem em dúvida olhe sempre pro:: aluno pra você observar porque ele tem vergonha de fazer uma nova:: pergunta

44. P: uhum

45. S: isso é importante e:: uma:: outra questão... importante da escola... é que eles estão tentando modificar... esses cadernos... pra:: fazer de uma outra maneira porque eles acham que:: a direção... é::: pediu pra gente tá fazendo::: u::: uma::: uma nova abordagem... esses cadernos são defasados... eles vêm sendo utilizados desde... noventa e oito... ne:::esses cadernos ainda... tem abordagem que não é educação de jovens e adultos e sim um centro supletivo...e não é mais... e::: a gente tá tentando fazer uma nova é::: modificação em relação a isso... que que eu... peço pra você fazer nessa aula que eu já venho fazendo...

no final da aula faltando uns quarenta minutos... porque eles têm QUATRO aulas você já avise com antecedência que no final da aula... eles terão uma aula diferenciada pra todos... como eles são é::: adultos e uma parte jovens já::: se inserindo no mercado de trabalho você vai levar uma atividade relacionada... a isso... que é um vídeo... sobre como... que é uma entrevista... num trabalho... esse vídeo ele vai falar a respeito da postura da fala... do candidato ao emprego e esse vídeo também vai mostrar como que ele deve se vestir... o vídeo tem mais ou menos uns quinze minutos e a PARTIR do vídeo passado em sala que tem o data show na na própria sala você vai levar o pendrive que tem que conter esses vídeos...você vai abrir um debate com os alunos perguntando pra eles como que foi... a::: a primeira entrevista de emprego deles porque ali uma boa parte já trabalha e uma outra parte esTÁ procurando emprego

46. P: sim

47. S: você vai observar isso e você comente com eles se eles saBIam dessa situação que que aparece no vídeo

48. P: tá... é::: qual a sala mesmo que os alunos deverão estar assistindo esse vídeo?

49. S: na mesma...na SAAla de AUla

50. P: na sala de aula

51. S: e lá tem um data show... é só você colocar o data show se você tiver dificuldade você pode chamar a coordena-dora que ela te::: ajuda

52. P: então o aparelho já vai estar ali disponível na sala

53. S: tá... está no::: no armário

54. P: é::: professora é::: e::: é::: você estava me falando sobre esses caDERnos... eles correspondem então a::: a::: como se fosse um livro didático é isso?

55. S: é um resumo... de-um-livro-didático... é bem... é bem enxuto... e tem BEM menos conteúdo do que vem num livro didático que TAMBÉM- já-é-um-instrumento de apoio... tem também livros didáticos pra serem utilizados...

mas é::: uma::: cultura... de/dessa escola PASSAR esses cadernos pros alunos vencerem esses cadernos então isso vai ter que ser abolido aos poucos

56. P: é::: () é minha curiosidade porque é uma escola estadual né...

57. S: uhum

58. P: o:::o governo então... essa escola não aderiu ao livro didá:::tico? Sabe me explicar sobre isso?

59. S: é::: eu eu trabalho só esse ano nessa escola...provavelmente não aderiu... quando houve a modificação pra que essas apostilas fossem extintas em dois mil e... cinco... o governo pediu

pra que essas apostilas fossem substituídas por livros didáticos... e:: foram... é:: repassados livros didáticos para o CEBEJA... muitos aderiram aos livros didáticos e a outros materiais... e alguns não... continuaram... utilizando... e:: esses livros e essa escola também continuou... e os alu::nos estãO vicia::dos nesse tipo de situação porque ELES aprenderam assim... e:: isso... continua sendo perpetuado... chegar aqui fazer os cadernos passar pro outro caderno passar pro outro caderno... no individual... é até necessário que haja esse material diferenciado... porque o individual ele é feito pra aluno... trabalhador... o aluno que vem pra EJA é um aluno que não está encaixado no mercado de trabalho de uma maneira confortável porque ele está sempre querendo MELHORAR... e se ele é... mandado embora do emprego ou se ele consegue um emprego melhor ele desiste da da escola... então... a turma de individual fica esperando esse aluno quando ele está na oportunidade de vir pra escola... então tem que ter um material diferenciado porque ele parou de estudar por exemplo no sexto ano... ele chega aqui ele tem que ter um material do sexto ano então tem que ter esse material pra ele quando ele chega porque na sala pode ser que têm alunos TODOS do nono ano só que ele parou lá no sexto... ele precisa de um material...então é um mo/ é uma situação muito complicada::da atender INdividual e ainda mais quando é individual de fundamental e médio juntos...mas é uma situação que é imPOSta pelo governo... porque essa turma ela só pode se realizar se houver vinte alunos... e na sala têm de doze a quinze... devem ter vinte matriculados porque senão a turma não existiria... só que pra ter até vinte eles tiveram que misturar fundamental e médio pra ter esse número de alunos... pra dar o atendimento... então essa é uma:: política educacional equivocada do governo porque não poderia TER fundamental e MÉdio na mesma turma que é diFÍcil o atendimento... como você mesmo disse... como que fica pra:: atender o alu::no se ele:: vai fazer a prova... a:: a:: sala está é:: co::m barulho... como que ele VAI se concentrar... então esse é um tempo todo um ritmo que eles têm que ter uma concentração muito grande porque eles sabem que todos os colegas estão numa atividade diferente da deles

60. P: uhum

61 S: uma outra coisa que:: a gente tenta fazer e você:: deve fazer é a observar se têm alunos na me::sma apostila e fazer um atendimento junto com eles...eles até se sentam... próximos

62. P: como se fossem grupo né

63. S: como se fossem grupo você vai fazer uma:: um esclarecimento sobre uma atividade e você já aproveita aqueles três alunos que estão na apostila três e esclarece pros três... então é uma situação muito complicada e é da própria política educacional da EJA que deveria ser revista pelo... governo...não poderiam misturar essas turmas

64. P: então a profê é:: e:: estava me falando que são alunos né que:: alguns traBALham e outros estão se preparando pra isso né... então normalmente eu não passo atividade di/digamos de:: temas de:: casa assim... não existe isso?

65. S: não porque e/eles têm que cumprir uma carga horária NA escola... como eles são é:: trabalhadores eles não têm como fazer essas atividades em casa... a gente dá até trabalho de de pesquisa e pergunto pra eles se eles têm condições de fazer alguma coisa e eles geralmente respondem que eles estão saindo pra escola PARA o trabalho... e muitos têm turnos diferenciados dos que estão vindo aqui na parte da manhã é porque geralmente trabalham à noite... e essa parte da manhã era pra eles estarem com a família deles ou descansado ou fazendo alguma outra atividade e eles estão na escola... então não tem COmo pedir MAIS

algum trabalho pra esse aluno então que eles têm que aproveitar ao MÁximo o tempo deles aqui na escola

66. P: certo... essas aulas que a professora se referiu essas quatro aulas são seguidas?

67. São seguidas... tem um intervalo de dez minutos no meio haverá um sinal... os alunos saem e depois eles retornam pra sala

68. P: certo... é::: bom esse intervalo que há... eu vou pra onde dai?

69. S: tem a sala dos professores onde é servido um cafezinho... e os professores da manhã se encontram nessa sala

70. P: certo... ahhh... ainda em relação aos alu:::nos... é::: por exemplo assim... um aluno que::: ele tem digamos assim prova no dia seguinte e ele pediu pra mim “professora eu não não entendi o conteú:::do::: é::: o que eu faço tenho que reviSAR todo aquele conteú:::do talvez o conteú:::do às vezes extENso né pra re/rea-li-za-ção de uma pro:::va... é::: então talvez esse aluno deMANde mais TEMpo como que eu faço?

71. S: é::: ele... pode pegar a prova... ler a prova... e se ele não tiver condições de fazer a prova pegar novamente... o caderno que ele se encontra.. e::: fazer toda uma releitura do conteúdo pra dePOis ele ir pra prova... é::: é muito conteúdo mesmo... e::: a prova ela vem bem em cima daquilo que ele estudou no caderno na/não haverá nada diferente mas é muito material... são mais ou menos cinquenta páginas de gramática literatura e produção de texto então se ele não se sentir confortável não estiver preparado pra prova você mesma pode ir REpaSSANdo com ele... o::: conteúdo OU você dá uma lida na prova se você não quiser que ELE tenha o acesso à prova mas ele pode ter e/esse acesso à prova... e você dê também uma lida junto e vai junto... na::: apostila REpassando com ele quais os conteúdos importantes pra ELE rever... ele consegue fazer a prova mais ou menos em uma hora e meia... como são QUATro aulas você pode tá revisando um pouco com ele só que você tem os outros alunos te chamando... então você só aponte leia a prova e aponte pra ele onde ele pode encontrar TAis conteúdos pra ele revisar pra dePOis ele ir pra prova

72. P: essas atividades então são feitas no próprio caDERno do aluno não é no caderno do aluno é no caderno da::: instituição [é no caderno

73. P: que é oferecido a ele

74. S: é no caderno do aluno

75. P: do aluno

76. S: esses cadernos são só pra eles copiarem as atividades elas... e esses cadernos ficam aqui

77. P: tá

78. S: você NÃO pode deixar o aluno levar o caderno pra casa... porque::: ele precisa ter uma quantidade de hora FEIta na escola... se ele realiza isso em CAsa quando ele vem pra escola você tem que dar uma OUtra atividade pra ele aqui... não que ele não POSSa levar isso ele pode até xerocar esse material se ele quiser também estudar em ca:::sa ou se preparar... como que ele vai fazer a escola não tem esse material então ele po:::de emprestar... é::: desde que fique::: é::: anotado que ele tá levando o caderno emprestado DEvolver no outro dia pra ele estudar um pouco mais em casa... mas ele tem que fazer o caderno NA escola

79. P: sim... bom professora e o que eu não deveria jaMAis fazer nessas aulas por exemplo co:::m essa clientela... com esses alunos?

80. S: não fazer?

81. P: é

82. P: o que você NÃO faria por exemplo... ((silêncio))
83. P: a professora já me disse que não poderia jamais ser ríspida né:::...é::: de repente () ele faz uma pergu:::nta... é::: naQUEle momento eu estou meio estressa:::da talvez por conta de TOrdos me chamando... “professo:::ra preciso disso... professo:::” né:::..
84. S: uhum
85. P: existe essa situação de:::... eles e/erguem o DE:::do ou ou eles... PE:::dem mesmo professora pode me ajudar... como que eles costumam fazer?
86. S: eles levantam a mão te chamam... é::: é o atendimento né que você não deveria:::... é::: nunca deixar de::: de realizar... têm três quatro te chama:::ndo você tem que::: observar quem que está te chamando e::: e::: e ir até eles depois... não deixar... que às vezes o aluno que chamou uma vez... ele fica sentido... que você não foi até ele... então você tem que ter muita atenção... então TENha muita atenção... e::: se você não souber... dar explicação num dia ou algum conteúdo... não... não demonstre é::: insegurança muito pelo contrário... ninguém é obrigado a saber tudo... demonstre pra ele que você tem interesse naquele assunto... então nunca deixe ele perceber que aquele assunto é pra ser deixado de lado... “não... vamos ve/verificar”... fale pra ele que você vai pesquisar e que você... traz na próxima aula... eu acho que é isso nunca deixe::: de::: () de atender aos pedidos deles... que eles ficam muito chateados com isso... observar... ficar atento ao aluno que senta na frente... o João ele tem muita dificuldade e eu ainda não entendi qual que é a dificuldade que ele tem... mas ele lê muito devagar
87. P: uhum
88. S: e se deixar ele deita em cima da carteira... então é::: não esqueça de dar atendimento pra esse aluno... chegar perto dele e falar baixinho pra ele que::: ... se ele tá... com sono pra ele sair tomar uma água e voltar... que ele precisa ler alguma coisa se ele tá entendendo... muitas vezes ele não tá entendendo o que ele tá lendo leia junto com ele...
89. P: uhum
90. S: ...não deixa ele perceber que ele tá sozi:::inho na sala de aula porque esse aluno é um aluno que... provavelmente vai evadir da escola se ele perceber que ele tá vindo aqui pra ficar deitado em cima da carteira e ninguém está atento em relação à dificuldade porque se ele tá deitado ele tá com algum problema...
91. P: uhum
92. S: ... então se ele tá se ele tem LENTidão pra leitura leia menos... dê um texto menor pra ele ler observe o que ele está lendo que ele não está conseguindo... geralmente o que... eu peço pra ele fazer é ele ler a pergunta primeiro pra ele ficar atento àquilo que ele tá buscando no texto... que ele tem dificuldade de memória... [uhum
94. S: ... é o João... então sempre dê::: esse...é::: essa atenção pra ele... tem o outro aluno que tá no ensino médio () ele gosta muito de contestar... todas as respostas que::: a gente dá pra ele... “ é verdade mesmo professora? mas isso aqui não é tal coisa?” então nunca deixe de mostrar pra ele no texto que aquilo que ele acabou de ler... é::: está lá... na::: no texto comprovando o que vem sendo pedido na atividade que não é você que está inventando a resposta mostre pra ele no texto que o que ele foi buscar tinha que conter REalmente aquela resposta porque faltou tal situação... e ele falo/ “não mas isso aqui tá bom professora não precisa mais” aí você VOLta com ele ao texto... então nunca deixe de voltar com ele ao texto

e PROVAR pra ele que se:: tá no texto ele tem que por na atividade que tá sendo pedida e ele fica sempre testando a gente

95. P: por exemplo se ele contestar um assunto alguma coisa que e::u:: NAquele momento não sei responder?

96. S: você diz pra ele... que você vai pesquisar sobre esse assunto... que você traz na aula seguinte... não precisa ficar constrangida nem nada é assim que funciona

96. P: tá professora então a gente sabe que alguns minutos antes de encerrar a AUla trinta minutos né... é:: eu terei que passar esse:: esse ví::deo:: né explicando é:: que fala sobre:: uma entrevista de emprego né... é:: e e de repente assim... se de repen/ ninguém quiser fala::r por timide::z assim... de repente a sala toda ficar em silêncio::... o que eu devo fazer?

97. S: você:: comece a falar de você das suas experiências que você teve... como que foi a primeira vez que você foi procurar um emprego como foi que você portou como foi a sua segunda vez comece a falar de você se aproxime deles demo::nstre pra eles que você:: também já teve as dificuldades que eles possam... estar tendo agora... e que isso é muito natural... quando a gente se aproxima deles demonstrando que a gente também já passou por isso... que isso é algo que a gente vence eles vão soltando eles vão percebendo que a gente também já teve dificuldade então tente se aproximar... eu acho que a maneira que EU consigo sempre me aproximar deles é falando da minha experiência... quando eles não querem falar absolutamente nada aí eu começo a falar da minha experiê::ncia de algum conheci::do e peço pra eles falarem de terceiros porque às vezes eles têm vergonha de falar deles e eles se apoiam num terceiro pra eles falarem a respeito de um cole::ga como que foi num numa entrevista de traba::lho se eles já ouviram fala::r... aí... eles começam a falar do OUtro e eles estão falando deles

98. P: uhum... e como que eu encerro então essa essa atividade do vídeo?

99. S: então essa:: atividade do ví::deo é pra ela dar uma seQUÊNcia pra uma próxima AUla você diz pra eles que alé::m do:: candidato num emprego se apresentar da forma como o vídeo propôs é necessário que sempre um candidato tenha um currículo sobre a:: as experiências profissionais deles e que vai ser a próxima AUla a montagem de um currículo e que no final da próxima aula eles se dedi/dedicarão a fazer esse currículo... e... a enviar por uma empresa fictícia um currículo solicitando e que você vai passar pra eles os pontos necessários pra fazer um currículo curto que hoje em dia:: os patrões as empresas não tem muito tempo pra ficar lendo currículos muito extensos o que que é necessário pra tá enviando um currículo para uma empresa que vai ser uma produção de texto e:: e que eles vão ter acesso ao Paraná Digital ((programa do governo que disponibiliza computadores para as escolas)) que é o laboratório com computadores em que... vocês irão FORmular isso daí no próprio computador fo/faze::r um currículo com os dados pessoa::is as experiências que eles tiveram e vão enviar pr/uma empresa fictícia no caso eu:: eu pensei que você pode tá dando o seu e-mail pra eles eles todos enviando pra você... pra você se certificar... e daí nessa próxima aula nessa produção de

texto é também pra ensinar o aluno como que ele emi/emite um e-mail que ele precisa fazer um vocati::vo que ele precisa fazer uma:: menSagem com objetividade com clareza e que no final desse e-mail ele precisa fazer uma despedida... né para quem ele tá emitindo esse e-mail e aneXAR o:: o currículo... co::mo:: muitos alunos às vezes não tem e-mail porque eu já fiz essa atividade você:: agora vai poder observar nessa próxima aula a gente às vezes tem

que criar um e-mail pra e::les e a gente precisa:: é:: então i/iniciá-los a essa questão da:: da informática que parece que tá todo mundo acessando mas eles têm mais é rede social um e-mail ALgo mais formal assim eles desconhecem... e tá também ensinando o aluno ANExar um currículo que às vezes eles não sabem fazer o anexo mas isso pra:: pra próxima aula... só pra você já passar pra eles que vai dar uma sequência...

100. P: uhum

101. ... e traZENdo também essa questão da do vídeo que é a postura em relação AO emprego que tem tudo a ver com a oralida::de a expressivida::de e a língua portuguesa trabalha tem coisa que a gente vai trazer a produção de texto que também é escrita pra esse conteúdo tenta::do com isso trazer algo diferente da::s apostilas que existem na sala de aula e que ca::da u::m está num contexto de conteúdo... e esse é um conteúdo que serve pra todos... todos estarão trabalhando Oralidade to::dos no/na forma do debate que é feito e depois na escrita que ali na escrita do e-mail você pode dar uma aula pra eles junto então é uma forma que eu estou encontrando pra fazer algo diferenciado e poder trabalhar com todos os alunos ao mesmo tempo todos eles precisam da questão da escrita e eu posso dar essa aula SEM tá fugindo da apostila que eles estão viciados que é um vício da própria escola que é um próprio vício da EJA e que é uma forma de trabalhar com todos de uma maneira diferenciada

102. P: professora então é:: cada alu::no né está num está::gio em um conteúdo diferente né... é:: sendo assim... é:: (eu) é:: eu teria que tá... na verdade trabalhando cada conteú::do de::s com os alu::nos assim... como que eu vou saber... por (exemplo) o:: aluno o aluno é:: NEssa nessa aprendizagem ele é mais auTÔNomo né... então como a professora disse ele ele mais ou menos sa::be aquilo que ele tem que fazer.. né então eu na verdade não vou precisa::r lembrá::lo é:: né das coisas que ele precisa fazer... ele JÁ sa::be então a única coisa que eu tenho que fazer é tá explicando se:: ele se:: ele:: apresentar alguma dúvida...

103. S: é

104. P: ... e se ele não apresentar dúvida alguma por exemplo ele vai ficar aqui na sa::la fazendo as ativida::des... como que eu faço?

105. S: geralmente eles apresentam dúvidas... mas se e::les estão muito quietinhos só:: copiando e fazendo... você vai ter que ir até o caderno deles e verificar se eles estão... respondendo adequadamente... então você vai ter que ler o texto... você vai ter que ler a pergunta que eles estão fazendo e perguntar por que que ele fez aquela resposta (você) chega próximo do aluno e pergunta “você tá precisando de ajuda?” se ele disser “não” você diz assim pra ele “deixa eu ver o que que você respondeu nessa questão?” você leia a questão e verifique se realmente ele está de acordo que geralmente eles estão respondendo Aleatoriamente... depois... é MUIto difícil retomar todo o contexto por que que você vai dar visto nesse caderno... em TOdos os cadernos e você tem que corrigir... têm as respostas do dos cadernos lá no armário mas também não dá tempo... pelo exercí::cio pelo TEXto você... e pelo conhecimento que você tem... você já sabe se aquele se aquela resposta está correta ou não... você VAI tá perguntando pra ele... se ele estiver muito quietinho... se aquilo... é:: se ele tem certeza do que ele fez aí você vai perceber que ele está () é:: automaticamente fazendo sem fazer uma reflexão sobre o exercício que ele deveria fazer... você vai LER o exercício junto com ele... você vai LER o texto junto com ele e PONtuar o que que REalmente ele deveria responder e não da maneira como ele está indo

106. P: se acaso eu perceber que o caderno dele está em BRANco assim... ele não tem acompanhado as atividades

107. S: você vai perguntar pra ele por que que o caderno está em bra:::nco QUANdo que ele começou... se faz tempo que ele está na sala de a:::ula se ELE entendeu co:::mo que funciona... a EJA aqui ne/nessa sala de aula... que::: ele vai ter que copiar os exercícios e::: responder... se ele está com alguma dificuldade de copiar... se ele sabe onde ele parou... por que que está em branco esse caderno? Que dificuldade que ele está tendo... é na leitura? É uma dificuldade de interpretação? É uma dificuldade FOra daqui que ele está vindo aqui eles não não está conseguindo desenvolver? Pegue a última atividade que ele fez nesse caderno... e verifique onde ele parou... pegue a apostila comece a ler junto com ele a partir... do que que ele precisa retomar

108. P: ok professora então assim é::: digamos assim que o aluno... ALguns aLUnos... e se... de repente um aluno começar a questionar o material... como a professora mesmo disse o matéria:::l... me paREce... pelo que a senhora:::... a professora falou... ALgo meio obsoLEto né:::

109. S: uhum

110. P: pra realidade de hoje digamos assim

111. S: sim

112. P: e se o aluno contestar e disser assim “professora eu não VEjo sentido em estudar isso...” e começar a::: digamos se recusa:::r...

113. S: uhum

114. P: a fazer a atividade até mesmo... é::: não...não di/dizer a mim que ele não vê sentido em fazer aquela atividade...

115. S: é::: todas as atividades que têm nesses cadernos elas de alguma maneira te:::m um objetivo... que é de aprendizagem da língua... então em nem um momento haverá alguma situação assim pra esse aluno ter essa justificativa de tá falando isso... pode sim ter um texto como você disse obsoleto antigo que até trate a própria EJA como o CES...

então você::: comente com ele que realmente esse material está desatualizado... TEM... material é::: ATUALIZAdo na sala de aula que você pode passar pra ele e você pode perguntar pra ele se::: ele quer fazer a modificação... do material que ali têm conteúdos importantes sim só que estão desatualizado e que tem um outro material atualizado que ele pode estar substituindo E se ELE quiser você pode pegar são os livros didáticos que tê:::m embaixo dos cadernos... têm VÁrios livros didáticos pra CAdA ANO que são livros de dois mil e quinze e você pode “ó você a partir de hoje não fará mais nesses cadernos não em relação ao conteúdo em si de gramática e::: e literatura e::: e interpretação de texto e produção de texto mas em relação a atualização de temáticas atuais... você vai então a partir de hoje usar esse caderno e não mais esse outro caderno que a própria escola gostaria mesmo de estar atualizando mesmo esse material... você::: é::: está com um pensamento que a escola também tem que esse material está desatualizado é só isso

116. P: uhum

117. S: “então a partir de hoje e se seus colegas que estão aqui...” você pode até chamar atenção da sala toda e comentar isso que::: o aluno levantou... “olha ele tem observa:::do que esse material está defaSA:::do tá muito anTI:::go obsoleto realmente a escola também pensa isso a gente tem um material de apoio diferenciado se vocês também quiserem é::: modificar a

gente tem esse material aqui TODO mundo aqui da sala passa a ter esse... é um material só diferente... parece que é mais comprido não tenham medo em relação a isso” porque às vezes o aluno ACHA que não vai dá conta mas ele dá conta... tranquilamente

118. P: ok...ahhh... digamos... assim a professora então falou que:: e: há então livros didáticos que eles possam... ter acesso... por exemplo se há:: a:::lunos que “ah mas por que que ele tá com o livro e eu não?” por exemplo... se eles me perguntarem isso... por que que AQUELE aluno ganhou digamos esteja com o livro e eu tô aqui com esse material...

119. S: é::: a opção Nesse CAso foi em função da opção desse aluno dele estar em (relação) com com o livro porque se você chega na sala e chega um aluno novo pra você atender amANHÃ... você vai perguntar pra ele... você vai ver na ficha dele e isso pode acontecer... você vai ver na ficha dele que ele tá iniciando como se ele fosse no sexto ano então você vai oferecer pra e:::le o caderno número um... e você não tem a opção de falar assim de imediato pra ele “você quer o caderno ou você quer o livro?” Por que? Porque a esCOla adoTOU que-são-os-cadernos-pra-serem-feitos... esse aluno virá na quinta-feira com outra professora QUE::: aDOta o caderno virá na sexta com a professora que ADOta o caderno... então se:::...você... perguntar pra esse aluno novo se ele quer o livro ou o caderno e ele tá chegando na escola e::: e ele FAZ a opção pelo livro... quando chega na quinta-feira a professora não vai entender por que que ele tá com o livro também... agora se::: aquele alu:::no que::: não quer o::: o caderno porque ACHA que é antigo você tem que deixar u:::m um um recado pra essa professora que foi OPCÃO... do-aluno e NÃO foi interferência sua... você () fazer essa modificação... você não pode tá modificando ((ruído)) (algo) mesmo que você observe que está obsoleto aqui mas é::: adotado pelo é o ritmo da escola

120. P: uhum

121. S: se a gente cheGAR revolucionando essa escola (perguntando) (pro) aluno novo chegue você fala “ a partir de agora você VAI com esse livro” você vai encontrar problema na na própri(a) desenvolvimento dele porque a professora que é da quinta e da sexta... nós já fizemos uma reunião... e é adotado o caderno... MESmo a direção querendo que isso modifique... então não vai ser uma modificação assim... é::: abrupta... vai ser uma modificação num conjunto... em reuniõ:::es em constatações com o próprio grupo que isso tá obsoleto que isso tá defasa:::do e não a gente... o que você pode tá fazendo é sempre montando algo diferente... e:::... tá mostrando pras professoras “ó eu achei esse material melho:::r... essa prova aqui...ela está... mais atualiza:::da e sugerindo...eu não vejo outra maneira porque se a gente for entrar em confronto com as outras professoras não vai resolver nada e o aluno é que vai perder... ele vai ficar no meio dessa guerra... e ele não vai saber o que que ele faz... ele não vai tá nem entendendo que isso é uma política... da própria escola que tem gente contra e gente a favor e ele vem aqui pra estudar então a gente tem que DÁ o MELhor pra ele então se o melhor é ter uma sintoni:::a pra que todo mundo fale a mesma língua por enquanto ele fica com esse MATERIAL... mas aos poucos a gente pode ir adotando algo mais atualiZAdo...

122. P: uhum

123. S: mas vai ser nu:::m COLETIVO da escola e não numa briga né de alu:::no que chega pra professora no outro dia e fala “ mas ela me deu esse caderno... ela me deu esse livro que que eu faço agora?” é como se a professora da quinta desse o livro e ele chega com o livro co:::mo eu tenho ESSA vontade de modificar eu vou gostar e se eu

não gostasse?” é você tem que voltar pro caderno”... então é:: existe um problema interno na escola que tem que ser modificado na escola SEM que o aluno perceba isso... como que eu é:: é:: vou fazer isso? Fazendo no final das minhas aulas uma aula inteira numa temática que aborde com todos eles como o eixo da EJA é cultura trabalho e tempo que está nas DCEs da EJA eu vou tá sempre voltando a um trabalho pra... um desses eixos...tô começando com o eixo trabalho... com esse vídeo... e depois com um currículo porque é da própria característica... do aluno o aluno trabalhador depois eu vou pra questão da cultura e depois eu vou pra questão do tempo pa::ra que eu esteja AMPARADA... pra esse grupo se vier perguntar pra mim por que que eu tô fazendo esse tipo de trabalho eu tenho esse respaldo das diretrizes que eu posso estar trabalhando dentro desses três eixos

124. P: professora então agora eu lhe pergunto assim...como que VOCÊ se SENTE... né... ahhh:: dando AULA né com um material OBSOLETO... que não tem digamos muito a ver com a realidade desses alunos

125. S: eu me sinto muito mal... é:: eu já trabalhei em em outra cidade em EJA em que a gente reelaborou todo esse material... não existe mais onde eu trabalhei então voltando a trabalhar na EJA depois de:: ((contando nos dedos)) ... depois de nove anos e encontrar isso é como se eu tivesse voltado à Idade Média então eu me sinto muito mal... é:: me referir principalmente à EJA que eu sei que é uma educação que ganhou uma referência tão importante... ganhou carga horária ganhou escolas ganhou coordenação ganhou professores... tem um sistema diferenciado de coletivo e individual principalmente pra atender alunos trabalhadores que:: isso não existia antes... quando era o CES que era o Centro de Estudos Supletivos em noventa e oito os alunos faziam é:: QUATRO anos em um ano todo o ensino fundamental em um ano e todo o ensino médio em um ano...então era reduzida a carga horária então houve um avanço da EJA... é uma educação que e:: é:: procurou dar qualidade e vol/e voltando nove anos a trabalhar na EJA e verificando que o material é o material lá de noventa e oito... ((suspirou)) que reduzia a carga horária do aluno porque um aluno que já:: perdeu muito tempo de estudo muitos alunos aqui na sala é:: você vai verificar amanhã têm vinte outros têm trinta outros têm dez outros têm cinco anos que deixaram de estudar e quando eles voltam eles precisam de fazer um resgate desse conteúdo e a gente vai paSSAR um resgate lá de noventa e oito que era um um supletivo que que é um supletivo? É acelerar então a gente tá tentando acelerar a educação deles e a EJA depois de dois mil e oito ela não é acelerar a EJA depois das diretrizes a EJA é pra dar TEMPO pra esse aluno estudar pra ele resgatar esses dez vinte trinta anos que ele ficou fora da escola e não pra ele fazer um aceleração e pegar um certificado é pra vir aqui e estudar então eu me sinto muito mal ((voz embargada e olhos lacrimejados)) ... em é:: estar novamente co::m u::m um material que ACELERAVA uma educação de principalmente um aluno que tenha características de ter parado muito tempo de estudar e que precisa de uma base... aí ele chega aqui é o mínimo de de todos os conteúdos... então tá nivelando por baixo esses alunos... aí dão traba::lho ele fica aqui fazendo ativida::de aí depois ele faz uma pro::va... e:: a EJA é MUITO MAIS que isso... esse alu::no ele precisa resgatar muito MAIS que o alunos do regular porque ele perdeu ELE se sente com essa PERDA nele ele SENTE essa falha então a gente precisa resgatar...então eu me sinto mal... que... como eu me sinto? Eu me sinto mal... como uma educadora ((olhos lacrimejados)) que vi a EJA crescer... ganhar diretrizes ganhar carga horária ganhar escolas ganhar professo::res... e:: um material desses defasado ((silêncio)) eu acho que tá fora da realidade... o aluno precisa ser

tratado de igual pra igual como se fosse no regular e também esse nome regular... e::: é::: que que é regular? Por que eles... os alunos daqui são irregulares? Não... né... então eu me sinto mal ((voz embargada)) ... e::: vou tentar fazer... de alguma maneira... algo diferente... SEM bater de frente com uma escola por que quem sou eu? Eu sou só uma professora... eu tô entrando num sistema em uma OUtra cidade que tem uma OUtra realidade... um pensamento Diferente ... eu já ouvi falar que o pessoal do Núcleo aqui que trabalha na EJA lá NÃO tem uma visão de uma EJA que É pra ser DE QUALIDADE que é pra VER o aluno... pra RESGATAR esse aluno na::: no conhecimento... não é um aluno que vem aqui PRA pegar o certificado é um aluno que vem aqui pra pegar conhecimento e desse conhecimento partir pra aquilo que ele quiSER... ou pr/um concu:::rso ou pr/um vestibular (pra ele) se preparar pra isso... se preparar para o merca:::do de traba:::lho se preparar pra vi:::da... o que quer que seja... eles são alu:::nos co:::mo os do::: do do regular... aí quando ele chega pega essa apostila e fica ali só copia:::ndo e::: respondendo copiando e respondendo esse aluno tá fazendo isso pra quê? (((voz embargada))) esse alu:::no é que precisa a aula do professor aqui na frente... peGA:::NDO na mão dele... e::: verificando... e eles trazem Mui/TANta experiência de vida PRA Sala que quando você vai dar aula ((voz embargada)) são eles que dão aula... você aprende muito mais do que você ensina e é::: e é::: uma comunhão QUANDO tem esse tipo de aula na EJA... e aqui não tá existindo isso ((silêncio)) infelizmente

126. P: pois é professora... mas é::: só::: lembrando esta atividade do do vídeo trata sobre trabalho né...

127. S: sim

128. P: ... essa essa atividade já esta:::va preVISTa no::: no caderno deles ou... a própria professora que TROUXe isso pra eles como modo de ajudá-los agora nessa questão do::: do mercado de trabalho [hoje em dia

129. S: é::: não... só::: não está previsto no::: no::: ... no::: planejamento deles porque cada um... eles se encontram em um determinado momento... pode até ser que algum aluno esteja trabalhando a questão DE trabalho no seu caderno... que::: é::: um dos... u:::m u:::m um tema sempre abordado em qualquer caderno de::: de EJA é o trabalho... é uma::: ... é uma proposta minha... pra::: modificar e::: essa::: essa viSÃO de aula individual... eu acho que::: a dificulDAde que o aluno do fundamental tem em relação à língua e do médio é muito parecida... aqui todos têm dificuldade de::: de escrever todos têm dificuldade de ler e dentro dessas dificuldades eu posso trazer qualquer aula... então é::: é uma iniciativa minha... não é::: de nenhum dos cadernos... vamos ver como isso se comporta... você::: vai estar...é::: iniciANdo isso e depois eu vou dar sequência porque vai ser na::: na minha substituição que você vai levar o vídeo

130. P: uhum... ok professora tem mais alguma coisa::: que você acha::: que eu deveria sabe:::r que talvez a professora não não se lembrou até ago:::ra e gostaria que eu soubesse?

131. S: acho que é basicamente isso... devo ter esquecido algumas coisas si:::m... porque::: é::: ... é muito buroCRÁTico e muito diferente o perfil de cada aluno... é::: ... ma:::s se você se perder também... os alunos não vão:::.... é::: desconfiar que não seja eu... porque eu também me perco... então... e:::u... às vezes troco uma pasta que é::: a pasta de prova com a pasta de trabalho então se sentir perdi:::da... é::: eles vão estar me enxergando...

132. P: uhum

133. S: ... e:::e isso é ruim... por que como que uma professora está::: PERdida dentro da própria sala porque é muito burocrático... só::: estando aqui pra::: gente:: perceber... são muitos trabalhos... são TRÊS trabalhos de cada caderno ((aceleração no tom)) uma prova de cada caderno... uma ficha pra cada aluno pra marcar em to::das as aulas... então se você se::: sen/ver a sua mesa CHE:::ia de fichas e::: não sabe se você anota... é::: a::: a presença deles ou atende quem tá te chamando... e::: você olhar e olhar pra::: pra::: mesa de::: burocracias pra preencher... e atender o aluno... ele... você vai estar me substituindo perfeitamente... e depois você SEMpre vai sair atrasada porque::: as fichas vão ficar pra::: pra serem preenchidas depois porque você vai dá atenção pro aluno... o é::: e/entre uma ficha e o aluno a gente SEMPRE faz opção pelo o aluno...

134. P: uhum

135. S: ...então se você se sentir meio perdi:::da:::... um monte de pastas em cima da mesa e cadernos... a hora que eles vêm te entregar e você não sabe onde você coloca e::: tem que ver... eles tão com o caderno aberto e fechar... você vai estar ((risos)) ... sinceramente me substituindo e eles vão “é assim mesmo professora é assim mesmo”

136. P: ah... então são compreensivos né

137. S: são

ANEXO 4 – PERGUNTAS POSSÍVEIS - SUJEITO 2

Como eu chego na sala?

Como eu devo proceder com os alunos quando eles expressarem dúvidas?

E se ao atender um aluno de cada vez eu perceber que há alunos insatisfeitos por ter de esperar atendimento?

E se eu não entender as formas de registrar as atividades que os alunos desenvolveram, como eu faço?

E se os alunos que estiverem fazendo prova reclamassem da conversa derivada do atendimento aos demais alunos?

Como eu faço se os alunos não entenderem a atividade proposta dos “cadernos” e se recusarem a fazê-la?

E se os alunos considerarem que o material didático é desatualizado e não atende às suas necessidades, como eu faço?

Como eu faço para não demonstrar insegurança diante dos alunos ao não entender uma proposta de atividade desenvolvida nos “cadernos”?

Se por algum motivo eu não encontrar o “caderno” de um determinado aluno?

Como eu faço se perceber alunos dispersos e conversando entre eles?

E se por mais que eu tente chamá-los a participar eles não me atendam?

Se eu perceber que um aluno demonstra algum problema de aprendizagem e por mais que eu explique ele não conseguir entender?

Como eu devo fazer se perceber que há alunos sem realizar as atividades propostas?

ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA INSTRUÇÃO AO SÓCIA 3 – SUJEITO 3

23/03/2017

Horário: 13:10 – 13:55

Obs: o nome do colégio será utilizado apenas como “colégio”)

1.P: professora suponha que eu seja sua sócia e que amanhã eu vá substituí-la em seu local de trabalho... quais instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição

2. S: então em primeiro lugar você precisa chegar... no horário né que é pelo menos ATÉ uma e dez chegando você já vai fazer/bater o ponto no meu lugar e:: pegar o seu material na sala dos professores né chegando na sala de aula você já vai pedir pros alunos entrarem porque Geralmente eles estão... pra fora da sala... corre c você au/basicamente terá que:: acolhê-los e:: corre cia -los porque eles estarão be::m agitados... é:: cor que:: a:::se comunicar com eles já:: dizendo bo/bom dia uma boa ta::rde... alguns até vão querer falar pra você sobre o dia::: você até pode ouvi-los sem se delongar porque:: precisa dar o conteúdo do di::a precisa fazer o trabalho do dia... E::: MAS eles têm essa necessidade... corre cia de faLA:::r necessidade de serem aceitos a necessidade de serem ouvi::dos e::: esse momento é::: é meu de PRAXe então eu gostaria que (você) fosse feito dessa maneira justamente para poder acolhê-los e::: automaticamente fazer o trabalho com eles...após isso como eles estão dando continuidade a um trabalho eles produziram uma::: um discurso político estudantil... eles vão dar continuidade fazendo uma análise daquilo que eles escreveram corre cia o co:::m o texto que eles JÁ fizeram uma::: uma aná:::lise já viram todos os pontos altos do discurso... já viram a questão da in/da interpretação objetivo do discurso até onde eles... Podem e QUERem chegar... e pra isso você vai devolver o::s o discurso que já foi corrigido... já foi corrigi:::do já foi feito uma::: u::m algu::m esboço daquilo que eles poderiam melhorar e eles vão retomar o discurso... e vão lê-lo né vão le:::r o discu:::rso vão fazer uma análise já que foi feito em dupla e::: alguns em trios então... vai ter que ter essa::: essa separação da dos alunos... eles vão ler e::: e::: VÃO

Ensaiai porque a proposta é de que eles APREsentem esse discurso... para ver se ele É ACEItto ou não pelos demais... depois que eles fizerem isso depois deles ler é::: logicamente eles vão é::: apresentar... é::: poderão até ouvir dos colegas é::: questionamentos sobre o discurso deles como se fosse até um debate... e após isso eles vão fa/po:: vão confrontar o texto deles... com o texto original observando::: o questioname:::nto observa:::do as propo:::stas principalmente observando a proposta que MAIS chame atenção que seria... como se fosse o carro chefe da proposta deles pra candidatura ao grêmio estudantil... né que seria um discurso PRO grêmio estudantil a serem aCEItos... e::: e depois de le:::r o outro TEXto eles vão confronta:::r vão fazer

uma aná:::lise... e aí nós vamos elencar o que é que falta no texto deles cada um vai (se sentar) cada grupo vai se sentar... e vão levantar si/situações que eles poderiam melhorar no texto deles principalmente essa quesTÃO do carro chefe né dessa desse ponto ALto do

discurso... aquele que vai provocar um UA::U:: no expectado::r naquele que vai ouvi::r do eleitor pra::: que eles seja aceitos... Basicamente o trabalho é esse

3. P: uhum... professora é::: você disse que o::: é::: o::: trabalho estará corrigi::do né e eu terei que estar é::: distribuindo... é::: normalmente como que eu faço... peço ajuda de algum aluno pra distribuir esses trabalhos ou eu mesma vou fazendo isso?

4. S: ELES vão se manifestar... eles vão quere::r já::: te auxiliar você pode deixar eles te ajuda:::r você vai ter que::: como eles vão ter que separar em grupos você vai ter que acalmá-los pra i:::sso que não arrastem carte::ira não baguncem né sempre orientando sempre dando um norte a eles sempre dando uma direção pra questão também comportamental ALÉM da questão do ensino isso pra/porque isso faz pa::rte da vida deles até mesmo futuramente pra questão profissional então... ó:::timo se eles... se alguém pedi::r fique à vontade em deixar que ajude

5. P: ok... essa atividade então a professora disse que fa/faz parte do::: de um trabalho anterior feito com o livro didático ()

6. S: sim foi com o livro didático

7. P: qual página se encontra essa atividade? ((folheando o livro))

8. S: a proposta está::: na página::: vinte e dois ALIÁS vinte três e vinte quatro

9. P: tá... uhum... e aí::: ela trata sobre::: o: texto também é um texto::: é:::

10. S: um discu::rso digamos do::: do do ramo político né

11. S: sim uhum

12. P: tá e aí::: se eles pergunTarem de repente... é um assunto meio polêmico né quando você fala em polí::tica... né

13. S: sim sim

14. P: ... alguma coisa assim né...

15. S: ... uhum

16. P: de repente se::: ahn... algum TEXto talvez de algum aluno assi::m cause alguma polê::mica e eles comecem a::: conversa:::r entre e:::les a discuti:::r ALto como que eu faço?

17. S: ah sim... eu acho que é bem pertinente bem interessante porque alguns até colocaram nos seus texto e que::: eles poderiam fazer o que eles quisessem então alguns foram be::m coerentes inclusive isso é um ponto bem interessante porque obviamente surgirão é::: as propo::stas e co::mo::: () e como::: já foram vistas... corre ci algumas MUIto coerentes com a::: a realidade da escola e a necessidade tanto da escola quanto dos alunos... e::: também aquelas que e::: é::: pelo bel prazer deles daquilo que eles querem né mú::sica no momento que eles que::rem e passeio do jeito que eles que::rem sem cobrança e::: tem a e tem discursos bem interessantes que eles colocaram assim de que::: a re::al necessidade e::: os seus deve::res e seus direitos mas primeiro eles colocaram seus deveres então o interessante seria confrontar entre eles essas questões e permitir sim que haja uma discussão né::: principalmente porque teve tiveram grupos e que levantaram a questão dos seus di/deveres pra que eles pudessem sim ter os seus... os seus... os direitos né digamos assim... mas é::: tem a questão é::: Mais polêmico quem quem sabe possa surgir seria é::: seria essa questão daquilo que eles querem fazer somente para o::: oba oba né

18. P: tá então que recursos didáticos eu utilizarei? O livro didático vai estar presente nessa atividade::de?

19. S: estará no momento de leitura:: é onde eles confrontarão o ponto alto do:: do texto então após toda essa leitura após toda essa manifestação eles vão comparar o:: também o deles co:::m o texto original e mais e mais o texto onde apresenta um ponto alto

20. P: uhum

21. S: né que é aonde eles vão se embasar pra (fazer) pra::: melhorar por assim dizer a::: a questão do::: do discurso do que eles escreveram

22. P: e se houverem alunos assim que se recusem a ler ou até mesmo a apresentar ou até a discutir o assunto?

23. S: sempre vai existir... né então assim aqueles que não quiserem você não pode obrigar mas você não pode deixar de::: de incentivar e mostrar a importância disso... então vai vai vai acontecer apesar que essas turmas são tranquilas mas... vai não acho que PO:::de acontecer mas é sempre incentivando né justamente pra que::: eles possam ver a importância de:::... de a opinião deles atingir a vida do outro... né::: e eu acho que isso vai ser bem interessante

24. P: então além da::: do sentido do texto em si... do Tema né estudado...

25. S: uhum

26. P: ... que fala mais do discurso polí:::tico a professora também tem é::: na nossa pauta a::: estrutura do gênero né

27. S: sim... hum

28. P: como que será feita essa atividade?

29. S: essa estrutura no próprio livro didático já te dá essa base então você não precisa::: buscar em outra fonte porque no próprio texto é::: no próprio::: é: corre c do li:::vro ela nos dá toda essa divisão e eles vão COMparar juntamente com o livro que já tem essa divisão... mostrando a questão da saudação mostrando a questão da da divisão das propo:::stas a retoma:::da das propo:::stas e::: a::: e::: o::: o final que seria a conclusão on/onde eles fazem um apelo ao voto

30. P: uhum... a professora chegou a fazer uma atividade já PRÉvia a respeito disso pra saber como como que eles se saíram... [é uma continuidade é?

31. S: não... não... é uma continuidade... a partir disso::: a:::daí::: si:::m dá até pra fazer uma questão avaliativa né

32. P: tá... é::: tá então a professora me disse que a atividade foi prescrita então pelo livro didá:::tico né....

33. S: sim

34.P: ... que há ali também o estudo do gênero né

33. S: sim

34. P: que tem () proposto pelas pelos documentos oficia:::is né... é::: digamos assim que os alunos esqueçam o livro

35. S: a::: senta com um colega ou mandamos xerocar alguma coisa é feita... ele não fica sem o livro ()

36. P: digamos assim que a maioria não traga o livro no caso teria uma outra:::

37. S: uma outra forma outra proposta? Xerocar ou escanear e já lançar pro::: pra data show

38. P: e como que eu faço isso pra onde eu vou?

39. S: isso você já pode::: contactar com a Elair ela é o suporte bem interessante na esco:::la ela já pode fazer isso ou você já pode ter essa carta na ma:::nga não vir pra esco:::la né...por mais que a gente saiba que é::: é bem difícil já que uma turma não tem o livro didático

juntamente com eles mas tem... todos os livros estão no almoxarifado essa turma não tem como ficar sem livro né:: a outra é:: muito difícil que a maioria esqueça ma::s você pode já trazer pronto escanea::do pra jogar pro data show

40. P: tá... significa que o livro então fica no:: na escola [ele não é levado

41. S: pra uma turma sim

42. P: pra uma turma?

42. S: pra uma turma só... em função de faltar livro didático pra toda escola então uma turma da manhã ficou sem livro didático...

43. P: uhum

44. S: ... e uma turma da tarde... então consequentemente esse esse::...como que eu chamo é:: esse:: monte de livros esse essa:: esse:: KI::T fica guardado no almoxarifado pra que a turma da manhã possa usar e a turma da tarde então eles NÃO levam esse livro pra casa

45. P: uhum

46. S: então não há corre digamos do livro (assim) em casa

47. P sei... e o trabalho professora é:: do com o livro didático é:: sat/satisfa::z assim ou você tem que bu::scar outras co::isas?

48. S: tenho... tenho que buscar outras coisas

49. P: você poderia falar um pouquinho sobre isso?

50. S: a questão é:: ((suspirou)) textual né trabalho com gê::neros interpretação é bem interessante ela também te dá uma:: uma ba::se pra você iniciar um conteú::do:: a mais aprofunda::do é:: sobre a gramá/gramatical né... até mesmo aqui o discurso ele:: te dá essa possibilidade de analisar as orações coordena::das... né principalmente as a que mostra as adversativas MAS o alu::no ele:: pra chegar nesse:: nesse PONto ele precisa anteriormente já ter visto algumas coisas.. um pouco menos... elaborada da forma como está

51. P: uhum

52. S: né o: observar em pequenos te::xtos obser/observar numa poe/ num numa num poema num poema be::m suci::nto bem tranquilo pra que eles possam diferenciar observar período si::mples período compo::sto e:: toda essa questão de conjunções né das e as orações é uma:: (in) dependente dependente da outra ou independente né no caso da das coordenadas... então:: é:: FALTA apoio no livro pra isso preci::sa de um outro livro pra mi::m pra que haja esse suporte pra dá essa:: essa Base pra:: eles essa re::toma::da né pra que eles possam dar continua::de e:: essa proposta essa:: () essa questão do:: do apoio mais gramatical né

53. P: e essa turma professora não sei se eu me enganei mas parece que uma turma não não tem não não cheGaram os livros pra essa turma isso?

54. S: isso

55. P: e aí como que que é trabalhado como são trabalhadas as as atividades sem o livro?

56. S: o livro didático eles têm

57. P: ah eles têm

58. S: eles têm que fica no almoxarifado eu pe::go o livro e vai pra eles...

59. P: uhum...

60. S: o que NÃO TÊM pra e::les digamos assim são todas essas atividades que eu tenho que busca::r e:: corre... é:: atividades se:: é:: separadas pra eles ou passar no qua::dro ou xeroça::r ou jogar no data sho::w ou algumas coisas nesse sentido

61. P: ahh... ok e na:: reescrita por exemplo... a gente sabe que o aluno não não é:: mu::ito chega::do né a:: reescreve::r enfim a elabora::r melhora::r...

62. S: sim... uhum

63. P: ... o te::xto embora a gente explique né::

62. S: uhum

63. P: é:: se eles de repente começarem a reclama::r ou até mesmo se recusar ou até:: nessa reescrita se levanta::rem todos de uma vez... buscando aju::da:: como que eu faço?

64. S: olha é que a:: a:: a tua dinâmica tem que ser assim desde o iní::cio colocando eles na na situação de que eles vão ouvir e que você:: vai dar suporte pra eles... de que você:: va::i auxiliá-los a entender essa essa situação... ca::so eles não consi::gam ou não queiram você vai atendendo individualmente você preci::sa anda::r pelas carteiras pelos grupos auxilia::ndo quem sabe até:: escrevendo um pará::grafo pra eles pra norteá-los de como que eles podem escrever e que isso traz pra eles até um certo:: u::ma:: () eles ficam seguros observando isso e até mesmo se voCÊ:: corr alguma coisa que voCÊ produz o teu texto pra mostrar pra eles eles te dão uma:: () te dá uma:: direção pra eles de que há:: possibilidade de fazer isso... obviamente eles NÃO gostam de reescrever isso:: é:: ... batido o martelo... ainda mais aquilo que eles escreveram e já sofreram pra escrever e eles vão ter que escrever novamente então né... por isso do traba::lho de mostra::r confronta::r mostrar que eles têm que achar alguma coisa assim BEM interessante pra:: pra (mostrar) pra chamar atenção do leitor do eleitor é:: eles produziram um novo texto e ali:: apresentando... VAI ACONTECER essa questão assim... ah eu vou querer que a minha chapa vença por mais que seja fictícia... mas EU QUERO que minha chapa vença então... então tem assim essa:: essa parte da competição também né:: isso vai aflora::ndo e acho que é uma:: é:: bem salutar pra esse momento também

65. P: de convenCER né o eleitor né

66. S: isso aham aham

67. P: é:: e tem a questão ética também né

68. S: sim

69. P: ... () a gente vê em algum ponto assi::m que esse discurso é MUIto importante né...

70. S: uhum

71. P: a questão da ética

72. S: sim... justamente aquilo que eu falei a questão da coerência daquilo que vão propor... né:: eu não posso propor algo de que eu não vá conseguir ou de que eu vá passar por cima de alguém ou de alguma de alguma situação pra conseguir então isso:: você/já é trabalha::do e:: e:: vão surgindo situações vão surgindo questionamentos de que você pode já trabalha::r toda essa questão

73.P: uhum... é:: deixa ver o que eu posso perguntar aqui: ... é:: digamos assim que:: é:: é: é Meio difícil né porque já foi explicado enfim mas sempre há algum aluno que não entenda o senTIdo do texto né...

74. S: uhum

75. P: ... e:: é:: (se alguém) pergunte sobre i::sso o que eu devo responder?

76. S: o sentido do texto?

77. P: ou então por QUE trabalhar esse tipo de de de texto?

78. S: uhum é::

79. P: qual é o sentido... () assim qual é a utilidade pra eles?

80. S: sim... então é:: como é de conhecimento nós precisamos trabalhar diversos tipos corre c gêneros textuais tipos pra que eles possam compreender que:: isso vai ser interessante pra vida deles... é:: você pode até:: levantar a questão dos dos textos literá::rios não literá::rios os não literários a importância TAMbém da questão de você poder pegar uma bula de remé::dio pega::r u::m um texto corre::stico uma notícia e poder entender então to::dos esse/CAda texto tem a sua característica e a necessida::de

de conhecer cada um pra poder entender àquilo que está querendo ser transmitido... eu acho que:: isso é mu::ito importante até mesmo em situações trazer outros textos nesse sentido pra que eles possam entender a necessida::de de CONHEcer até mesmo deles julGA::rem entre o certo e o errado... né:: conhecendo a questão da política ho::je o:: tudo que está acontecendo eles precisam entender aquele que fala é:: ele fala de uma forma coerente aquele que não... busca::ndo o que é real e o que não buscando aquilo que é necessário e aquilo que não... então isso é importa::nte mostrar que não é somente pra:: cumprir u::m momento acadêmico mas isso que é importante pra conhecimento também pra vida deles né

81. P: tá e como que e::u que eu explico pra eles a:: a corre ci do gênero... de que modo vo/vou explica::r isso?

82. S: ...ó:: e o livro mesmo ele traz (uma) a forma muito simples é:: até dividi::da... eu acho que isso acaba não tendo:: (assim) vai mostrando por que ele tá dividido pela:: pela:: mo/momento que você:: faz a:: corre c::o né um pará::grafo... () eles () ele (encara) eles já levanta::ram as possíveis necessiDAdes de de de uma escola onde o:: () o grêmio estudantil pode trabalha::r ((ruído)) e cada propo::sta tá assim na no seu pará::grafo né:: apresentar propo::sta apresentar de que maneira poderia é::: resolver cada propo::sta no mesmo pará::grafo... no penúltimo parágrafo eles podem retomar toda essas essas propo::stas...

83. P: uhum

84. S: ...no último... então assim ele é bem simples pensando num texto dissertativo assi::m mais argumentativo ele:: ele:: é mais prático porque:: é:: uma necessiDA::de deles é:: a cor::ncia deles e isso torna mais fácil quem sabe prazeroso

85. P: faz mais sentido...

86. S: uhum

87. P: ... pra eles né

88. S: uhum

89. S: faz mais sentido

90. P: então é:: o novo a:: o:: nono ano D o:: nono ano E e:: é são é:: o mesmo mesmo conteúdo

91. S: o mesmo conteúdo

92. P: o mesmo conteúdo?

93. S: o mesmo conteúdo

94. P: e:: eu tenho que fazer alguma coisa diferente de uma turma pra outra assi::m?

95. S: não... não ó quem sabe:: são mais incenti::vo mais o questioname::nto pra que eles possam participar Mais porque o nono ano D é mais participativo... e o E um pouco menos então (nós) você precisa:: incentivá-los a fala::r até mesmo aquilo que você falou a questão de

que vão surgir situações polêmicas... perfeito... é o momento pra fazer eles... colocarem pra fora o entendimento deles também né

96. P: uhum... e como que eu encerro a aula?

97. S: a:::ula vai encerra::r dependendo ((suspirou)) até aonde você conseguiu... né:::

a::: o::: o objetivo seri:::a pelo menos no nono E é eles já:: lançar a proposta da reescrita... né pra que eles possam ser incentivados prum pró:::ximo momento apresentar aquilo que eles reformularam né::: pra ver se vai choca::r mesmo o::: o::: eleito::r chama::r atenção pra:: pra seu discurso

98. P: e qual é a sequência depois a reescri::ta::: ((folheando livro)) [daí a...

99. S: ... corre cia o:::o né::: essa corre cia o:::o daquilo que eles já:: reformularam

100. P: uhum

101. P: tá e:: aí::: é::: () tipo saindo da::: do nono ano D eu vou para o nono ano E essas salas ficam próximas?

102. S: próximas uma ao lado da outra

103. P: uma ao lado da outra

104. P: bem e aí::: depois nós temos depois disso nós temos o recreio é isso? [depois das duas

105. S: depois da terceira aula

106. P: tá depois do nono do::: da::: segunda do::: no/do:: nono ano E?

107. S: é::: não sei se essa sequência

108. P: enfim mas e aí:: batendo lá::: [o sinal

109. S:: é::: é::: sinal daí eu tenho teria a quinta aula a quarta aula você tem hora ativida::de:: onde você vai fica::r... pode:: rele::r aquilo que eles fize::ram pensar em mais alguma estratégia e::: a quinta aula::: retoma::: com eles... vou olhar ((conferindo os horários das aulas))

110. P: si:::m sim

111. S: não sei se isso é pertinente mas enfim... começa com o nono:::... nono D... daí:: a terceira com o nono E e a quinta com o nono E

112. P: sim a última aula então...

113. S: uhum

114. P: são aulas segui::das né?

115. S: não

116. P: o:::k

117. S: é interrompi::do quando há o reto::rno logicamente quando você retorna::r eles vão estar NO:::vamente agita:::dos né::: é o momento de você ((risos)) NO:::vamente chama:::r eles pra::: pra::: a razão::o no sentido daquilo que está acontece::ndo pra retoma::r a aula

118. P: sim... então nessa hora-atividade eu po:::sso fica::r corrigi::ndo a:::s o:::s te:::xtos [() talvez... (lendo as atividades) escritas

119. S: po:::de:: fica::r corrigi::ndo cor:::ndo articula::ndo vendo se precisa o:::utra::: dependendo da fala deles se:: precisa de ma:::is alguma coisa MA:::is algum texto...né político pra que eles possam ver

120. P: tá (então) depois tem o reCREio depois dessa hora-atividade né?

121. S: si:::m... (não) antes ((folheando o caderno))

122. P: é::: (onde está?)

123. S: é:: a segu::nda hora ativida::... terceira hora ativi::
124. P: uhum
125. S: quarta hora-atividade
126. P: e pra onde eu vo::u no:: recreio?
127. S: você vai pra sala dos professo::res... né nó::s...a sala dos professores é o momento teu de:: relax dá uma acalma::da::... terminou o recreio... o término do re:: do interva::lo os professores voltam... fica fica:: continua ali:: fazendo o teu traba::lho... né:: ... é registra::ndo a tua aula no RCO que é o registro de classe on line você fica ali:: regi::stra faz as tuas a:: ponha:: lança as prese::nças
128. P: ah essa questão das prese::nças a chamada é feita on line então?
129. S: on line se:: você tiver possibilidade de fazer em sala e de que o::: que:: esteja funcionando o siste::ma você fa::z já as presença em sala porque depois você só lança os conteúdos daí... é::é mais PRÁTico né
130. P: tá e como que eu faço isso tem que ter um computado::r ali [em mãos?
131. S: ou u::m computado::r u::m um iPad u::m um célula::r aquilo que você possa acessar que tenha condições de acessar... tem interne::t acessa e já fa::z o:: ali
132. P: aí tem que saber a senha da internet tudo?
133. S: tudo...
134. P: uhum
135. S: tem que saber se:::nha:: [né
136. P: uhum
134. P:... bom você:: vai estar me passa::ndo né [senha tudo
- 145.S: sim sim... uhum
146. P ok então nós podemos passa::r agora pa::ra:: o sétimo a::no?
147. S: uhum
148. P: é::: você poderia então explic::ar a mim qual ativida::de eu devo desenvolver com eles?
149. S: então... o sétimo ano também esta-va trabalhando com o livro didá::tico trabalhando co::m estória::s::: em quadrinhos HQs né:: e:: características da::s das histórias em quadri::nhos é:: e a partir daí::: surgiu:: o trabalho co::m os verbos... né então os verbos entre to::da:: de to::do::: apar::to ali da questão da história em quadrinho e::: (eles) e::: () surgiu a questão de verbos e é::: a::: esse momento que você vai passar no qua::dro porque não é::: do livro didá::tico... o livro didático não te dá:: isso... então vai passar no quadro um poema e esse poema você vai fazer uma aná::lise com eles observando to::da questão da estrutura do poema por mais que eles conheçam mais sempre MUIto bom você retoma::r toda essa questão porque eles corre c... enfim... a questão do eu lí::rico né o eu poético a vo::z que fala no poe::ma:: né o que que ele está fa::la::ndo por que que está fala::ndo qual o senti::do se tem um sentido sócia::l sentido individua::l é::: ou se:: se::: é somente pra diverti::r... então você vai pega::r esse:: esse poema e você vai fazer todo esse trabalho de aná::lise com ele no qua::dro você pode ir fazendo anotaçõ:::es... as ideias que eles te dã::o... é::: eles é::: vão é::: vão:: indicar quais são os ve::rbo::: já já começa trabalhar qual a estrutura do ve::rbo:: né o:: ob/observando a questão do:: do radica::l da:: das desinê::ncias da vogal temá::tica a partir daí... e::: depois disso vai fazer uma:: interpreta/tação interpretaçãozinha

que é:: relacionada to::da essa conversa que você vai fazer::r é:: com eles... olhando é:: o eu lí::rico no caso esse poema tem dois tem duas vo::zes né o que que aconte::ce...

150. P: certo... a::hn... esse poema então não estará:: não está no livro [né?

151. S: não... não

152. P: é:: eu eu passo esse poema então no qua::dro?

153. S: sim... eu te de:: você:: tem o matéria::l onde você vai passar esse poema no:: qua::dro eles vão copia::r vai ter esse tempo de:: de onde eles vão copia::r você vai mostra::r pra eles quais são os ve::rsos né quais são as estro::fes que eles precisam pular em uma linha... é:: a após cada estro::fe né vai fazer toda:: to:: explica::r porque geralmente eles querem copiar no cade::rno principalmente esses pequenininhos eles querem copiar o texto poético ((risos)) em forma de prosa... né eles querem copiar tudo pra preenche::r a linha...

154. P: uhum

155. S: ... então você tem que ter todo esse cuidado a medida que eles vão copiando você tem que passar de carte::ira em carte::ira e se::mpre falando “olha eu estou passa::ndo eu quero ver a:: quero ver se vocês estão copiando cada verso na sua li::nha... quero passar olhar ver a questão da tua escri::ta:: se você está copiando certo” sempre ter esse cuidado com esses pequenininhos porque:: pequenininhos modo de dizer né mas é a:: a partir daí que se você vai cria::ndo neles um hábito uma fo::rma a tua forma de trabalhar

156. P: uhum

157. S: então chega um momento que eles olham pra você e dizem assi::m é:: “você vai passar olhar nosso caderno? Você vai dar um visto? Você::” porque é:: a tua forma de trabalho e:: com isso e:: vai criando um hábito neles de cuida::do e de trabalho que isso é bem interessante

158. P: é então interessante també::m a gente e saber a questão do:: da estrutura do gênero...

159. S: uhum

160. P: ...poema né?

161. S: é um poema

162. P: é:: e como co/como que eu trabalho então essa estrutura então como professora falo::u... é:: explicando os versos a::

163. S: os versos... a:: medida que você vai escreve::ndo... você já vai mostrando as ri::mas... se são rimas inte::rnas exte::nas né só dando uma noção porque essa questão mais de de disso é trabalhado no nono ano oita::vo nono ano né mas... NADA IMPEde de você mostrar porque eles já conhecem ri::mas né:: e:: isso é bem interessante pra que eles possam... (entender)

164. P: e assim... a:: professora vai trabalhar os verbos né?

166. S: sim

167. P: tá e:: é a partir DO poema que eu trabalho os verbos?

168. S: a partir do poema porque você vai mostrar quais são ações do eu lírico... dentro do poema

169. P: sei

170. S: eles vão procura::r essas ações do eu lírico...

171. P: certo... (mas aí::...)

172. S: as ações do EU lí::rico... e:: daquele que faz parte também aonde eles conversam né no poema

173. P: então basicamente eu estare::i ana/é::: sublinhando os verbos?

174. S: sub/é... [sublinhando...

175. S: você subli:::nha::: voc/a::: a::: depois que você sublinha::: você pode é::: transcrevê-los né no no quadro mesmo... eles podem observar é::: qual seria o radica:::l você pode sublinha:::r o radica:::l a partir daí já pode mostrar o verbo regular irregula:::r né::: e::: e::: (aí)... eles vão vão questionando porque é algo que já foi trabalha:::do então eles vão pergunta:::ndo... você pode colocar Outros exemplos pra eles no quadro... ELES vão querer citar exemplos pra você... você vai escrever no qua:::dro vai le/levantar... eles vão querer é::: ... conjugar os verbos você pode colocar as o:::s o:::s pronomes ali::: ele::: pode fazer esse trabalho com eles tranquilamente porque isso só vem auxiliar eles corre cia o que que é essa::: essa forma nomina:::l esse verbo conjugado né que eles... e entender lá... lá::: no no poema quem é que está falando? Né... jus/ o verbo já::: eu até brinco com eles que o verbo é um tremendo fofoqueiro ele conta quem é que fala...quem é que faz... porque ele mostra qual é o sujeito

176. P: uhum... a gente sabe professora que há alunos que::: sequer sabem o que é um verbo né

177. S: sim

178. P: e::: e aí no caso de::: eles não cor:::rem como que eu faço?

179. S: se eles não soube:::rem a questão de::: de verbo você pode::: brincar com eles aquilo que eles podem fazer...né::: situações... falando do::: do verbo::: como ação né... você pode mostrar pra eles aquilo que eles fazem é::: e/eu:::.. pode brincar que eles peguem alguma coisa que eles façam mímica de fazer né pentear o cabelo “você pode pentear o cabe:::lo?” né então algumas situações assim que venha mostrar que::: seria ação do sujeito

180.P: certo e::: essa atividade sim então é desenvolvida no livro didático né? do sétimo ano

181. S: essa não está...

182. P: tirando o poema né

182. S: ... o poema::: e a ativida:::de... é::: o::: o::: livro didático ele vai mostrar a questão... aquilo que eu falei é muito condensa:::do e muito se:::m... é::: não tem ativida:::des pra fazer com que eles entendam esse processo até mesmo isso que você falou... têm alguns que não conhe:::cem digamos verbo apesar de que ali assim eu já detectei que TODOS têm essa::: esse conhecimento...ma:::s como não te dá::: muito suporte pra isso pra você fazer basta:::te atividades e::: tem na prá:::tica né é::: pra depois partir pro texto pra estru/pro::: o::: verbo no texto apesar de que o::: o::: verbo vai tá ali no poema mas ali é mais simples pra eles observarem

183. P: tá e digamos... digamos que o::: aluno esteja de posse do livro didá:::tico fazendo alguma atividade né... é::: se eu perceber por exemplo que há alunos rasgando ou tratando com desrespeito o livro porque acontece né

184. S: uhum

185. P: o que eu devo fazer?

186. S: ... ((suspirou)) eu sou da seguinte opinião a questão é sempre você conversar... sempre mostrar a::: a importância do objeto né... a importância daquilo na::: na vida dele... se/sempe::: a:::cho interessante mostrar a questão daqueles que não têm a possibilidade e eles têm uma possibilidade tremenda de estar numa esco:::la então sempre busco a questão de valores com eles... eles terem uma escola uma escola tão bem cuidada tão bem li:::mpa... tem livro didá:::tico né::: e daí::: pode trazer até situações dos ribeiri:::nhos né das crian/dos dos

indígenas que são es/esquecidos... eu acho que é muito interessante porque quer não queira às vezes a gente se sensibiliza não por aquilo que não temos né: é: mas por aquilo que o outro também não tem e precisa e às vezes a gente tem muito além e não dá valor pra aquilo que tem... acho que é importante buscar essa questão de valores com eles

187. P: ((suspiro da pesquisadora)) tá...é: professora o que que eu NÃO poderia fazer com essas... turmas assim... cada uma delas... com os nono anos com o sétimo ano?

188. S: nunca altere a voz... nunca se você alterar a tua voz: você perde todo respeito com eles... então assim uma coisa que: é bem interessante é questão de você corr-los à razão pra ti... o: se colocando também como uma pessoa que estudo:u é uma autoridade assim como quando eles vão ao médico...o médico é u:m TAMBém um prof/ é um profissional tanto como eu também estudei tanto quanto eu... sempre colocar e:le: fez as mesmas coisas que eu não eu a: as mesmas que ele... eu sempre falo isso pra eles essa questão deles é: observarem isso que quando o médico chama-os pra pra sala... pra: sa:la: eles não saem correndo não pedem pra ir ao banheiro antes de entrar na sala... né então eu sempre chamo eles à razão disso... e:ntão assim... nu::nca... sempre fale assim eu estou trabalhando com pesso:as NÃO trabalho com ga::do não trabalho com anima::is com eles sim às vezes a gente tem que dizer oooooa ve::m né.. () pessoas não pessoas eu chamo... importantíssimo saber o nome deles::... se::mpre corr-los pelo nome... se::m-pre::... se você chamar “o:: meni::no... o:: fula::no...” NÉ::... SEMPRE... PRINcipalmente nos primeiros dias de aula... então assim é uma coisa que eu tenho o Maior cuiDado em já:: decorar o nome dos meus alu::nos... hoje se você me perguntar eu sei o nome de todos eles porque é uma forma de você trazê-lo pra si

189. P: uhum... e se porventura eu corre c o nome deles assim eu não conseguir memoriZA::r o nome deles

190. S: aham

191. P: como que eu me refiro [a eles?

192. S: você cha::ma:: a pessoa e diz “qual o seu nome?” ele te diz o nome e você diz “fula::no então eu gostaria que você ago::ra fizesse A:SSIM...” SEMpre com uma postura FIRme...

193. P: tá: e digamos que eu nã::o:: assim... em algum momento eu não consiga ter essa posTU::ra firme assim com eles... e eles percebam em mim alguma:: insegura::nça como que eu devo proceder?

194. S: difícil ((deu uma risada)) difícil... eu vejo assim... (que)... é que é a minha postura é essa... eu não sei se é (porque) eu causo:: ((risos)) se eu causo medo ((risos)) mas é difícil... mas eu ENQUANto... eu não fico para::da espera::ndo e:les é: eles eles para::rem... eles não vão parar...né... eles não vão parar... eles têm ((suspirou)) né... até têm alguns que vão gritar “é::... ó a professora”... “vocês não não precisa gritar não precisa chamar atenção” eu acho que é uma forma então de você che/chegar próximo da: pessoa que:: detectar o fo::co... chegar PRÓ::ximo do foco e dizer “olha eu preciso que você se Aquiete agora né... eu vou contar COM você pra que você:: pra que os outros se aquietem...” então é uma das formas e a:: medida que você for observando e:: e tendo experiência vai::

195. P: fluindo né

196. S: fluindo

197. P: professora e assim na:: sa:::la assim como que eu devo me porta::r por exemplo eu devo:: é:: me vestir de que forma... como que eu devo me apresentar pra eles
198. S: ... mu:::ito:: ((deu risada))... você va::i editar isso aí né... ((rindo)) eu ()
199. P: inclusive os risos... são interessantes
200. S: ah eu acho que tem que ser muito be::m vestida no sentido assim... nada à mostra... nada que chame atenção... né::: principalmente dos meninos né... (principalmente... bom)... é::: jale:::co acho que é uma forma de mostrar que você está organiza:::da pra se apresentar a eles... assim como eles vêm de uniforme você também tem o teu uniforme... né
201. P: uhum... e a minha postu::ra ao falar com eles assim tem que ser assim mais rí::gida mais ami:::ga?
202. S: olha::: ... não... eu eu vejo assim que na::: nem amiga e nem rígida... eu acho que se você chega::r pra sala de aula com os teus Argumentos...eles perceberem em você que você te::m argumentos e que você possa apresentar um conteúdo bem da::do estuda::do isso já cativa o aluno
203. P: bem e::: e::: com o sétimo ano como que eu encerro a aula?
204. S: o sétimo ano provavelmente eles não consigam concluir a::: toda::: ativida:::de em sala... fica como tare:::fa pra correção pra próxima aula
205. P: certo é::: bem professora eu acho que::: que é isso né... tem alguma outra coisa que::: gos/gostaria que eu corre c que de repente você não lembrou no momento que eu teria que fazer pra que ninguém percebesse... a::: nossa substituição?
206. S: acho que não... aquilo que eu falei... ouvi-los né... eu acho que é isso aí mesmo
207. P: uhum... é::: digamos assim a questão da::: indisciplina se houver Alguma turma dessas tem questão de discipli::na como que eu teria (que fazer)... tem algum ALUno específico que eu tenho que tomar mais cuidado
208. S: a::h tem sempre as meninhas que gostam de conversar mas isso é::: isso é aquela questão você cha::ma:::... pelo nome “fulana agora eu preciso que você pre::ste atenção porque eu estou falando de algo que é importante pra::: você”... e chamar pra ti... né... é be::m interessante isso... CA::SO NÃO consiga... ca::so... você pode pedir que o monitor enca/ leve essa:: essa:: criança esse aluno até a sala com a nossa:::... tem uma pessoa responsável pra::: corre-lo
209. P: ah sim a professora disse que tem um monitor então na sala?
210. S: tem
211. P: tá então ele é o::: a pess/pessoa responsável depois de mim de::: [me ajudar...
212. S: sim
213. P: ... em alguma coisa [se eu precisa:::r
214. S: si:::m... auxilia naquilo que for necessá:::rio encher o canetã:::o fazer chama:::da né eles fazem a chama:::da... você né você pode fazer no momento aí::: ou depois... só anotar os números depois fazer na sala dos professores no teu momento de::: de::: intervalo né de::: hora-atividade... mas ele te auxilia buscar os livros no corre cia:::do entrega::r os livros mas sempre vai ter aquele que quer auxiliar...nada é:::
215. P: eu fiquei em dúvida ainda em relação a chama:::da então eu não tenho um livro de chama:::da
216. S: não tem
217. P: não tem

218. S: na verdade assim... eu... eu tenho:: um livro::: onde eu tenho um contro:::le pra mi::m... de atividade

219. P: uhum

220: ... ((folheando o caderno de controle de atividades)) né... ai (segura aqui) ... mas enfim ó:: é um controle de ativida::des... aqui eu colo::co:::... ahn... antes de olhar as atividades dos alunos... eu colo::co:: a:: presença e depois eu registro no livro de chamada on line uma porque:: o sistema está sobrecarrega::do o governo NÃO está conseguindo dá conta disso... propôs... tem essa nova proposta... a::: de/faz uns dois anos... ano passado aqui no ((colégio)) foi implanta::do então... até então estava um tanto tranquilo porque não estava sobrecarregado...não era o Paraná to::do

221. P: sim

222. S: HO::je é o Paraná to::do então o:::ntem era meu dia de folga eu disse “vou sentar vou fazer meu RCO dessa semana”... eu não consegui em casa que eu tenho uma:: uma internet da Copel que é bo:::a diz que é muito boa::: enfi:::m não consegui então o siste::ma todo está sobrecarregado então você vai fazer num corre que o sistema não esteja sobrecarregado

223. P: ah sim significa que não pode... não precisa ser na ho::ra ne

224. S: não ((som com a garganta))

225. P: mas de qualquer maneira eu tenho que ter um registro [pra lembra::r...

226. S: te::m

227. P: [dos alunos que estavam presentes e ausentes

228. S: sim... inclusi::ve daquilo que foi trabalha:::do né... é importante colocar

229. P: preciso colocar também o registra da::: [do::: conteúdo... também

230. S: dos conteúdo... lá vai estar o:: o:: ... o conteúdo estrutura::nte já vai estar clica:::do daí você vai encontrar lá todo os gêneros trabalha::dos no di::a... né toda a parte:: da leitura da escrita da oralida::de... e você vai::: anotar... só clicar... e tem o momento de observação... você trabalhou tudo aquilo mas o que (que) é mais especificado o que que:: você trabalhou

231. P: certo... é::: as no caso se houve alguma:: fiCHA de corre cia digamos assim... eu também tenho que registrar nesse:::

232. S: sim importante numa numa observação individual do aluno

233. P: e onde eu consigo essas fichas é:::

234. S: na::: na:::na peda::: () com as pedagogas

233. P: uhum...tá e::: assim pra mim pegar uma ficha de ocorrência assim o que é necessá::rio que o aluno faça? Ele tem que fazer algo mu::ito:::... complica:::do pra mim fazer uma ficha de corre::ncia?

234. É::: deixa eu ver o que que poderia ser.. uma questão assim dele desrespeita:::r você... né... ahn... usar de:: de:: palavras de linguagem de baixo calão acho que já é:: importante registrar OU até mesmo se ele se recusa em fazer alguma coisa... acho que é importante... até... se CASO não fizer essa ficha mas você tem no teu registro de que ele se recusou porque::... obviamente não vai ter no::ta né... porque a minha avaliação é diá::ria todo dia você tem que observar to:::dos que fize::ram se fize::ram né... se não fize::ram ((sinal da escola soando))

ANEXO 6 – PERGUNTAS POSSÍVEIS – SUJEITO 3

Como eu inicio a aula?

Que recursos didáticos eu utilizarei?

O gênero estudado e a atividade de produção de texto estão no livro didático?

Em qual página? Como será desenvolvida?

E se os alunos esquecerem o livro didático, como eu faço?

Como eu faço se os alunos reclamarem para fazer a reescrita do texto?

E se os alunos não aceitarem reescrever os textos alegando que estão bons?

E se conforme vão reescrevendo, eles apresentarem dúvidas e comecem a me buscar de forma desordenada, impedindo o bom andamento da aula?

E se eu perceber que alguns alunos não produziram o texto, como eu faço?

Se os alunos se recusarem a fazer as leituras e debater os textos, como eu devo proceder?

Como eu devo fazer se perceber muita conversa na sala?

Se os alunos não entenderem o sentido do texto e o debate ficar confuso e desfocado?

E se pela polêmica que o texto pode suscitar, os alunos comecem a falar sem respeitar as regras do debate?

Se eu perceber que há alunos rabiscando o livro didático?

O que eu não deveria fazer com essa turma?

ANEXO 7 – PERGUNTAS POSSÍVEIS – SUJEITO 4

Como dou início à avaliação?

Como devo proceder nesse dia?

Faço a chamada no início ou depois que os alunos estiverem fazendo a prova?

E se eu perceber alunos colando ou com material sobre a mesa, como devo fazer?

Se algum aluno pedir para ir ao banheiro, como devo interferir?

Se houver alunos utilizando o celular, como devo agir?

Se alguns alunos não conseguirem terminar a avaliação a tempo, como eu faço para resolver?

Se houver algum tipo de reclamação quanto ao conteúdo da prova?

Como devo me portar diante da agitação dos alunos?

Como devo encerrar a aula?

ANEXO 8 – TRANSCRIÇÃO DA INSTRUÇÃO AO SÓZIA 4 – SUJEITO 4

23/03/2017

Horário: 14:00 às 14:50

Obs: os nomes dos alunos e da “ajudadora” da escola são fictícios)

1. P: professo::ra suponha que eu fa::ça que eu seja sua só::sia e que amanhã eu vá substituí-la em seu local de trabalho quais instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição?

2. S: bom... é::: primeira aula eu tenho eu tenho primeiro ano E com ensino mé::dio e NESt aula é aula da biblioteca ma::::s como eu marquei pro::va e eu já alertei a eles que NE::sse dia... porque nós temos... pro:::va eles irão à biblioteca devolver o livro SE:::... der tempo pra::: pra ir né na mesma aula pra que eles façam a prova tranquilamente e já conversei com a () bibliotecária que talvez eles vão atrasar nessa semana... ahn primeiro momento eu peço pro::: monitor quem faltou pra não perder tempo ()

3. P: é::: EU que tenho que fazer isso?

4. S: isso você ()

5. P: () como você:: você se refere a mim como voCÊ tem que fazer...

6. S: isso então tá ... então você tem que pedir ao monitor quem faltou geralmente está no canto do quadro porque:: a gente já tem... começado com esse costume a gente já CHEga no qua/ na:: na sala e observa quem faltou quem não faltou... aí eu vou comenta::r a respeito da prova... VOCÊ comente a respeito da pro::va é::: fala::ndo que::: o tema da prova é o texto literário e não literá::rio é::: partindo daquela compreensão textual que nó::s:: fize::mos::... na página quinze

7. P: no livro didático?

8. S: e::: VOCÊS fizeram na página quinze do livro didático que:: é transformar um texto não literário a partir de uma pro-pa-ga::n-da em um texto literário que é o::: o::: texto mulher sem medo do Moacir Skliar... é:::.... a pro::va:::.... que::: que va::i se:::r aplicada a eles... ela:: nu::m nu::m mesmo:: no mesmo:: na mesma linha que::: que::: nós já:: já::: estudamos ((folheando o livro))... o::: o mesmo autor que vai ser trabalha::do partindo TAMBém d/uma::... de um texto não literá::rio d/uma:: propaganda d/uma d/uma:: notícia desculpe d/uma notícia e ele transformou num texto não literário... a::h esse priMEiro momento as primeiras provas LE::ia o texto pra eles né lê com bastante calma bastante informação como foi feito em sala de aula... e eles também leram a::: o texto... PRA daí::: as perguntas também... eu co::stu::mo:: ler né... é bom que você leia também... e:::....pra tirar algumas dú::vidas... a::: a::: minha::: ma::-nei-ra de:: de agir na:: sala de aula no::: dia da prova é a seguinte... eles ficam no lugar deles e eu fico no meu lá na frente... dúvidas eles vão perguntar independente “ah professora eu vou acaba::r... entregando a:::.... resPO::Sta” eu não vou dá resposta pra eles eu vou explica::r qual é a pergunta e qual é a dificulda::de que ele tem... lá::: no lugar dele e eu no meu lugar porque (assim) as turmas são muito numero::osas e::: esse::: sai do lugar e ve:::m o:::casio:::na:: a cola né então esse:: é::: e:::u tomo bastante cuidado...

procuro pedir silêncio e:: na::: no::: dia da prova HÁ silêncio ma::s essa turma no primeiro E ela é be:::m agitadinha... eles nã:::o sã:::o muito quietos... ma::s como já ficou tudo bem determina::do... não pode ir à biblioteca não pode sai::r pra:: devolver livro antes de terminar a prova entã::o eu acredito que vá:: dá/dá tudo certo... NE:::STA turma não tem ninguém que é do::: sala de recurso... porque isso a gente tem que cuidar bastante que daí tem que fazer prova diferenciada

9. P: ah sim

10. S: na::: sala de recurso o::: dependendo como o::: pro/professor da sala de recurso multifuncional nos orienta... aí a gente tem que fazer uma prova direcionada a eles... esta turma não tem ninguém com esse problema né

11. P: tá se tive::sse no caso eu que teria que elaborar essa::

12. S: se tive::sse tem que elaborar uma prova diferencia::da

13. P: sim... uhum

14. como daí no::: nos sextos anos eu vô te falar que tem casos... aí teria que fazer uma prova::: OU com letras maiore:::s OU co::m ima::ge::ns... RE::duzir o número de questões tem alunos que dependendo da:: síndrome que eles têm têm que ser opção é::: a::s:: multi:: é::: escCOLhas múltipla escolhas tem que ser apenas duas não pode ser mais que i::sso... dependo o caso... então nessa turma não tem ninguém... no::: prime::iro F que::: que::: é a outra turma teria mas nesse caso não então é::: só a prova normal pra todo mundo não tem ninguém co:::m proble::ma na sala de recursos

15. P: certo diga:::mos que::: eu perceba alunos cola::ndo... como que eu devo fazer?

16. S: a minha atitude quando eu observo ALGUÉM colando é marcar um x em vermelho na prova

17.P: é assim que eu tenho que::: agir?

18. S: é assim que você tem que fazer... ELE sabe que se tem um x vermelho na prova ou ele vai ficar com zero ou dependendo como ele vai agir no restante da prova o tempo que eu peguei esse momento de::: que eu observei ...ele::: está colando... se eu dou zero ou se eu a::cabo analisando::: o::: que::: ele::: vai fazer dali pra frente ou não eu observo aonde que ele está na prova no momento que eu marco o x na prova

19. P: uhum... tá mas aí diga:::mos se eu tivesse que dar esse zero seria na hora ou eu retiro a prova de:::le ou ele continua e só no final quando eu for avalia::r que eu...

20. S: olha::: depende o caso né porque de/depende o momento que::: que::: tá::: a aula mas é::: geralmente eu marco um x ele sabe que alguma coisa vai acontecer

21. P: uhum

22. S: então ele::: pa::re... ele:::... CONtinua com a prova mas ele (pode) ficar com zero

23. P: ah eu chego pró::ximo e marco um x na prova [dele

24. S: ma:::rca um x com (tua) caneta vermelha e deixa ali ele sabe que eu o apanhei colando... entã:::o... é provável é::: MAis certo que eu... que você tenha que dar zero

25. P: uhum

26. S: porque ele está num/ atitude que tá errado e:::... é quase cem por cento que é zero dependendo que se ele não fez por exemplo... ele tá tentando colar e não respondeu na::da a partir daquele momento eu cuido ele não fez:: não tentou colar mais aí eu analiso...

27. P: uhum

28. S: ... (e o caso né e:::) ... nessa turma também eu não conheço mu::ito os alunos tem turmas que a gente já:: conhe::ce têm mais número de aulas... o primeiro a::no apenas têm duas aulas por semana... então não conheço to::dos e::u... algu::ns que foram lá::: no passado meus alunos mas ... NA::: língua inglesa ai:: eu conheço ma::s no português eu não sei dize::r... então eu... eu procuro fazer esse critério pra ver em que::: que PÉ::: que tá::: a:: prova dele como que tá se ele:: ((folheando livro)) se está preenchido se está qua/quase pronto (digo) quase pronto... () então é zero né... entã:::o vai saber o QUE que ele colou

29. P: tá::: diga::mos que o aluno entre em pâ::nico assi::m... ao ver que eu coloquei um x na prova... entre em pâ::nico e come::ce a chorar fazer alguma coisa co/como eu devo fazer?

30. S: aí você pede pro monito::r mesmo que::: que esteja fazendo prova... eu não posso sair da sala né pra ir até::: encaminhar até a coordenação e lá::: as coordenadoras conversam com ela com ela ou com ele seja com quem ele for aí ele vai justifiCA::R vai fazer uma pro::va:: de:: ele tem a recuperação né... ele tem direito a recuperação... a prova de recuperação é semelhante à prova:: () eu procuro sempre fazer a prova de recuperação um pouquinho mai::s complexa né... ma::s ele TEM essa oportunidade... ele sabe as regras... ele já tá no primeiro ano...e se o aluno é novo que pode ter aluno novo né ele:: é::: a::s coordenadoras conversam com ele mas eu nunca tive u::m caso desses... mas pode acontecer po:::de pode acontecer

31. P: tá:: é::: essa atividade então ela já é::: uma::: é::: ne::sse::: dia você já vai estar com essa avaliação já né ...

32. S: e já está pronta

33. P: ... mas Essa avaliação esse texto proce:::de de::: uma atividade feita no livro di/diDÁTico né...

34. S: sim

35. P: ... proposta pelo livro né...

36. S: uhum

37. ... em qual página do livro? Poderia falar um pouquinho a respeito dessa atividade?

38. S: sim... a página quinze te::m sobre o texto literário e não literário eles estão introduzindo a literatura então eles (tem que) saber diferenciar o que que é um texto literário que é aquele que:: promo::ve:: entretenime::nto que promo::ve praze::r que promove:: alegri::a:: né ao ser lido...e o texto não literário não ele é mais informativo então isso foi basta::nte conver/comentado... FOI feito uma revisão pra pro::va né:: ((folheando o livro)) a revisão foi do grito negro na página vinte e um onde nó::s apenas respondemos as perguntas porque::: o tempo é pouco nós só temos (duas) aulas por semana e na::: na::: questão seis que a página vinte e dois têm as características as principais características do texto é::: literário... aí a gente voltou a pensa::r o que que é o texto literário que é aquele que::: que causa praze::r aquele que extrava::sa sentimento e::: eu acredito que eles tenham entendido bem e é somente sobre isso né então é uma compreensão textual na verdade não é uma PROVA né

39. P: uhum

40. S: vem a ser um trabalho... e co::mo:: e::u::...coloquei na prova... o::: me::smo autor... eu acredito que eles... consigam entender be::m e fazer a compreensão

41. P: bo::m no di::a em um dia um dia em que há avaliação a aula normalmente é difere::nte né

42. S: uhum

43. P: ela não é:: ... de que modo eu devo chegar na sala nesse dia? ma::is sé::ria... ma::is rí::gida...?

44. S: ah outra coisa bem importante é::: por ser uma turma numero::sa eu geralmente diminuo uma fila... isso é importante você fazer diminuir uma fila... ao diminuir uma fila essa questão DA::: co::la:: diminui bastante... tinha esquecido de te falar... ao diminuir uma fila::... VA::I ficar aluno encostado no quadro mas você não vai explica::r nada no quadro no dia... então essa dimi/diminuir uma fila aí::: (fica) importante pra você trabalhar... e::: já pede pra guarda::r o matéria::l pra prestar atençã::o você já tem que ir chamando atenção né anota lá:: quem faltou olhando no quadro ou pedindo pro monitor e já peça pra eles se::: posicionar pra prova porque uma aula só::: não têm aulas geminadas então é aquele momento da prova e não há possibilidade de continuar numa outra aula

45. P: uhum... tá é::: ... tá digamos assim que::: é:: é::: mas como que::: poderia me dizer como que funciona como que::: que é feito essa::: diminuição da fila é isso? [como que eu faço

46. S: uhum... eu procuro ver a fila que::: que está meno::r e coloco:: onde tem é::: carteiras:: vazias coloco um aluno lá e fica uma fila no meio às vezes sai alguma::: carteira e::: vai pras filas do lado as mais próximas e daí eles separam a:::s a:::s as filas né... ficam as filas ma:::is distanciadas uma da outra

47. P: certo e a chama::da eu devo fazer no INÍcio já:::?

48. S: sim é::: provavelmente vai TÁ:: no quadro a gente já tem esse costume ano:::ta no monitor ano:::ta no quadro o dia e anota quem faltou senão o monitor às vezes ou vem falar pra você ou você pede quem é o monitor... que alunos faltaram e anota depois você confronta com a:::s correções das provas se realmente foram aqueles alunos que faltaram

49. P: ah sim... uhum... tá entã::o é::: o começo da aula seria Esse mesmo né de chega:::r e::: chama::r atenção pra eles de que vai ter uma avaliaçã::o... né e::: digamos assim que eu se eu cons/ na verdade eu ia perguntar se::: é::: de repente constatasse que há alunos faltantes numa numa avaliação ne::

50. S: uhum

51.P: aí então vem o monitor e va::i estar me passando mas no caso como que eu devo:: a::: então proceder com esses alunos que faltaram à avaliação?

52. S: na próxima aula né... os alunos eles têm que::: ir até o almoxarifado pegar o requerimento vinte e cinco centavos o requerimento a::: escola tá tentando introduzir em to::do::s eles desde o sexto ano... depois eu posso falar sobre isso... o sexto ano está um pouco difícil eles têm que pegar esse requerimento levar para a coordenação é::: e tra/ e levar pra casa o pai tem que escrever o por quê que ele faltou aquele dia justifica::r ele tra::z pra daí ele fazer prova

53. P: uhum

54. S: ...é::: prova de segunda chamada como a gente chama

55. P: sim

56. S: ... ele tem que fazer dessa forma... [... e se não justificar

57. P: não adianta ele vim co:::m... falar “ah eu não vim porque não... tava doe::nte” então ele tem que trazer o::: atestado ele tem que fazer ele tem que buscar esse requerimento e preencher e trazer assinado pelo pai

58. P: uhum... e se eu perceber alunos co:::nversando nesse momento da avaliação?

59. S: conversando e você::... a:::cha que é::: momento de você assinalar a prova você pode assinalar e pode escon/ pode::: sabe::r que eles estão sendo alerta::dos né então eles estão conversando você não viu que eles estão colando... estão sendo alertados... mas tem que chamar atenção

60. P: uhum

61. S: mesmo porque além deles estar conversando atrapalha os outros que estão fazendo a prova

62. P: certo

63. S: ao terminar a pro::va você peça pra eles virar a prova ou colocar debaixo da carteira não é pra vim entregar conforme for termina::ndo termina a pro::va vira a pro::va ou coloca embaixo da carte::ira...

64. P: ah tá

65. S: ... e geralmente como é frente e verso no caso deles é frente e verso coloca embaixo da carteira... e aguarda:: se eles te entregam a prova eles vão querer o:: mexer em alguma coisa ou fazer outra coisa aí começa a conversa e atrapalha os outros colegas então eu sempre recolho a prova to::do:: mu::ndo junto no final... aí bateu o sinal não deu tempo pra terminar... eu sempre alerta no início da prova que eles...é::: comecem que façam que prestem bastante atenção na leitura... nas explicações porque o tempo é reduzido... terminou a prova tem que entregar como está

66. P: uhum

67. S: comPLEta ou não tem que entregar

68. P: sim... se algum aluno pedir ajuda nesse momento da avaliação também eu me refi/ eu vou até a carte::ira ou ele vem até a mi::m

69. S: não a nossa regra é:: eu fico lá na frente e você na tua carteira... então eu só vou lá pra marcar aquele x que::: alguma::: ele tá colando... então se você tem uma pergunta você vai perguntar de lá:: o::: o::: o caso de português tem como fazer isso e como eu dô aula de inglês também é difícil de eu chego até a carteira dou um jeito de ir lá mas eu nã::o gosto desse::: desse método aí ele vai pergunta::r lá onde ele te::m qual é o número a questão qual é a dúvida que ele tem e eu falo pra todo mundo e quem tem a mesma dúvida acaba sanando a dúvida também

70. P: uhum... então nesse momento eu não posso deixa::r que ele::s vão até o banheiro ou tomar água [nesse momento não

71. S: não... não eles não podem sair

72. P: uhum

73. S: eles sabem que é o momento da prova

74. P: tá bem

75. S: dificilmente eles pedem pra fazer isso porque eles sabem que eles não podem né... a gente não deixa

76. P: como que eu encerro a aula então?

77. S: provavelmente vai bater o sinal e têm alguns que ainda não terminaram... isso é qua:::se certeza eu peço pra que entreguem a prova da maneira que está espe::ro né porque pode acontecer de guardarem a pro::va e isso pode acontecer já aconteceu... espero que todos entregam... essa questão de olhar se to::do:: mu::ndo entregou e::: e::: não dá tempo...né só se certifique dê uma boa olhada se ninguém tá com a prova ainda

78. P: uhum

79. S: porque senão vai ter que fazer a prova como uma recuperação e perder ()

80. P: se eu perceBER de repente todo mundo já saiu eu perceber que há poucas provas... de repente alguns não me entrega::ram leva::ram pra casa

81. S: aí eles vão ter que fazer recuperação... aquela prova é anulada

82. P: uhum

83. S: se eles levam pra casa eles podem buscar na internet a resposta dos:: e:: e:: provavelmente tenha né porque é um texto conhecido o autor é conhecido então a gente cancela... ele vai ter que fazer a prova de recuperação... e tem mais manda bilhete pros pais na agenda daí...

84. ok professora então agora vamos passar a:: a:: ... aos sextos anos né::

85. S: sim

86. P: o sexto D e o sexto C são aulas aqui:: geminadas?

87. S: não nós temos a segunda aula é o sexto D e a terceira é sexto:: C a quarta é sexto D mas é inglês daí não

88. P: uhum... é:: como que:: é:: como que:: pra:: essa primeira turma o sexto D como que::...

89. S: tá o sexto D a gente já trabalhou BAStante sobre a lenda né o gênero textual que a gente tá trabalhando é a lenda... eles aMA::ram esse gênero textual mas é porque o livro didático traz uma maneira be::m interessante de como que:: que uma tribo indígena os (Cauarribas) conseguiram fogo... então a maneira como ele conseguiu é tudo má::gico muito engraçado muito divertido então eles amaram a lenda... esta prova é prova de recuperação então e nós fizemos outra lenda também que a lenda de como surgiram os animais também uma lenda mu::ito interessante be::m divertida os alunos... gostaram muito... aqui é de um aluno que:: tem problema viu... sala de recurso... então eu também a:: costume ler na verdade pro sexto ano eu praticamente enCEno a leitura do:: do texto pra que eles:: realmente entendam e a:: lenda:: chamou muito atenção deles... então essa também de como vai ser dos bichos é muito interessante o::s os índios se transformam em bichos e conforme a característica do índio é:: o bicho que é transformado... o índio () se transformou no:: no jacaré:: e eles também inventaram como surgiria outro bicho a mulher gorda a índia gorda se transformou numa baleia e eles foram criativos quanto a isso também

90. P: uhum

91. S: e pra nossa recuperação eu trouxe a lenda do Uirapuru que também é bem interessante... que é:: o índio que se apaixonou pela:: pela:: espo::sa do cacique e daí ele se transformou o:: deus Tupã a gente fala muito essa questão de Deus né que Deus é:: existe o Deus único também isso o evangelho que eu não sei se vem ao caso

92.P: uhum

93.S: mas a lenda:: a:: questão da cultura é separa::da né... então é:: essa lenda é bem interessante também e como surgiu o pássaro o:: a:: a canção dos pássaros que:: que:: mostra que o índio que tava apaixonado pela índia que:: era comprometida a (Anahi) ... ele teve... ele chorava mu::ito e o deus Tupã ficou com dó dele e o transformou em pássaro um pássaro que canta muito belo

94. P: uhum

95. S: o:: pajé fico::u encantado pelo canto dele também e procurou indo procurar para aprisiona-lo e:: acabou ficando perdido lá na selva lá na mata e a índia ficou lá sozinha com o pássaro mas não se sabe se ele se transformou e::m e::m índio novamente ou não mas ela:: aproveita o canto do pássaro e o pássaro aproveita vê-la todo dia... também bem interessante vo/vou procurar ler co::m co::m a maio::r...enceNAção possível pra:::... VOCÊ:: vai procurar ler...

96. P: sim é::

97. S: com a maior encenação possível pra que eles gostem da lenda

98..P: uhum

99. S: mas nessa turma tem um porém nessa turma nós temos problema de aluno da:: da sala de recurso... então nós temos um caso no sexto D que é be::m... bem assim ala::rma::nte é:: a:: síndrome de:: de:: Klinifelter que::: nã::o sei como se trabalha com ele... e na verdade busco material com a professora de sala de recurso é:: ele não sabe escrever ele não sabe lê:: ele nã::o:: quer fazer as coisas está sempre com sono e:: o:: a:: família não ajuda com o:: organizar o material ele tá sempre sem o material...ma::s no caso como é pro::va a prova tem que ser diferencia::da eu diminui então tem mais casos DE recurso ne::ssa turma::... tenho mais uma::: menina nessa turma a Rita a Rita já consegue fazer sozinha até foi bem na prova normal tirou nove e meio e o Caio tirou seis... ma::s o Caio tem esse caso... então você vai ter que:: entrega::r as provas pro::s demais colegas... le::r o te::xto:: é:: ler as perguntas porque é sexto ano né mais tarde va::i tentar fazer isso com que eles façam sozinhos ma::s com o Caio você:: vai ter que:: logo que a turma se acalmar você vai ter que ir lá ajudando pedindo E você mesma respondendo por ele porque ele não consegue ele não sabe ler ele não sabe escrever... ele até começa escrever o nome dele até começa escrever alguma coisa... aí volta tudo a ser letra C cursiva só... somente C é um caso assim que:: aí eu procurei també::m pesquisar sobre esse:: essa síndrome ma::s assi::m é:: questão de cromosso::mos eu não entendo muito disso e:: ... é o que o:: a:: professora do multi:: de:: da sala de recurso passa pra nós... AÍ:: ta::mbé::m tem mais um alu::no que é o Luis o Luis ele chego::u é:: esta:: hoje vai ser a terceira aula que eu tenho com ele... ele tem uma deficiência MUIto gra::nde de visão... então esse menino ele senta bem na frente já tá no lugar certinho e::le:: já tem a lupa em cima da carteira... eu conversei com ele na aula passada ele falou que dia vinte e cinco:: do próximo mês ele vai fazer uma cirurgia::a eu pedi se ele não usava ó::culos já que ele tinha lupa ele disse que:: ia fazer essa cirurgia então nós estamos aguardando que:: essa ci/cirur/cirurgia seja um sucesso que ele consiga reverter e usar óculos... porque é SOMENte com lupa... CO::mo:: eu não sabi::a ele chegou no dia da prova normal ali da:: ... da lenda do::: como surgiram os bichos... e também li ta::l mas ele tirou quatro na prova... se:: não foi bem... as letri::nhas pequenininhas como dos dema::is e daí eu não tinha o que fazer já tava não tinha como eu fazer uma outra prova

100. P: uhum

101. ago::ra eu fiz outra prova um pouquinho maior... não sei se é suficiente se não teria que ser maior ainda tente::i aumentar a letra pra e::le SÓ:: esse aluno e tem que trabalhar assim com ele até chega::r... e o problema do:: Luis é o seguinte ele é muito dependente por causa dessa deficiência ele ve::m te:: busCA::r e procuRA::R todo momento

102. P: uhum

103. S: então daí tem que:: também “ó:: fica no teu luga::r tu agua::rda a professora vai te atender”
104. P: uhum
105. S: porque:: ele nã::o ele é inquieto e têm MA::is alguns inquietos nessa turma também..
106. P: certo
107. S: ... então tem que acomodá-los... então depois da leitura e:: sabendo que têm esses casos aí:: (você) lê as perguntas também e peça pra que eles também fiquem nos lugares deles porque sexto ano é mais inquieto que primeiro ano... eles querem saber tudo eles querem perguntar tudo e querem também a resposta
108. P: uhum
109. S: então a regra é:: vocês ficam no lugar de vocês e a professora aqui é o lugar dela... dúvida ergue a mão diga:: qual é o:: a:: questão que tem dúvida e peça que:: que:: qual é a dúvida
110. P: uhum
111. S: né:: ...ne::sta:: pro::va:: tê::m questões:: diversifica::das né:: só:: a:: as que são do:: da sala de recursos que a gente procura fazer conforme a orientação do professor
112. P: uhum... então essa avaliação já tem aí:: um texto né::... a primeira folha já tem um texto né...
113. S: uhum
114. P: eu leio esse texto com e::les assim faço alguma::
115. S: ah esqueci de falar na::: como surgiram os bichos a gente viu lá que tinha uns bichos diferentes o Mutu::m né que a velha tagare::la a::: índia tagare::la se transformou num Mutum que Mutu::m tem aquele canto meio seguido... então daí como nós temos o:: multimídia na:: sala de aula eu entrei no Youtube e pe/peguei coloquei já o mutum lá né pra eles ouvirem o canto e:: eles conhecerem qual é o::: animal... a mesma coisa você::fa::z co:::m o::: Uirapuru:: né () acha o::: pra eles ouvi::rem o canto do:: Uirapuru como que é esse canto como que é o Uirapuru
116. P: uhum
117. S: tem a imagem na pro::va:: aparece como que é ma::s eles não conseguem ver exatamente mesmo porque:: a::: a::: a imagem não é colorida... é interessante você:: e você consegue vários têm vários (vídeos) que já vi que tem como você colocar
118. P: uhum
119. S: então no finalzinho da pro::va OU que nem no caso esse aqui eu coloquei na Outra aula porque não deu tempo
120. P: certo
121. S: então pode ser que não dê o tempo... ma::s é:: eles vão ver a imagem mas o canto eu a::eu acho legal passar pra eles ouvirem como que é esse canto do::: do:: do pássaro como que é o canto da::: no caso lá:: da:: do Mutu::m né:: como que é o Tamanduá Tamanduá BanDE::ira né é u:::m um anima::l que eles não conhecem a A::nta Capiva::ra... a gente pega lá nas imagens e mostra pra eles e:: é bem prático né:: também
122. P: sim... certo professora digamos assim... também que::: os alunos não consigam termina::r a prova em tempo hábil assim... digamos que é:: bateu o sina::l e eles estão no MEio da prova e eu percebo que a maioria está assim... como que eu devo proceder?

123. S: pela prova anterior o tempo é... é... é possível terminar e... é... suficiente pra eles terminarem em uma aula... MA...S se acontecer isso como é uma interpretação de texto você recolhe todas as provas... segura todas contigo... na próxima aula você pode dá uns dez quinze minutos pra eles terminar... isso já acontece e como é uma interpretação de texto e é um sexto ano eu que não não não te... POde ser feito isso tranquilamente não tem problema de fazer isso

124. P: mas digamos assim foram alguns alunos só: ...

125. S: ah tá...

126. P: ... na próxima aula eu terei então que: é: da: dar a: prova pra àqueles fazem e pros outros e: [daria uma outra atividade?

127. S: alguns alunos só que não terminaram?

128. P: é:

129. S: então é: nesse caso por ser alguns eu nem deixo pra próxima aula eu peço pra eles terminarem na coordenação aviso a professora da seguinte aula

130. P: uhum

131. S: eles vão terminar na coordenação SE: a outra aula tem PRO:va também que pode acontecer no mesmo dia eles tem que terminar...

132. P: certo

133. S:... ou ATÉ: o professor permitindo eles vão comigo na outra turma né daí eles terminam lá: se tem espaço também né: ... tem que ter o número de alunos

134. P: sim... digamos que: os alunos assim nesse dia aí em que eu estarei substituindo eles estejam muito agitados... muito agitados eu estou ali falando na frente eles não me ouvem e eu PEÇO que eles me Ouçam e: não: eu não tô conseguindo dá jeito como que eu devo proceder?

135. S: uhn... na verdade quando acontece isso que você: não TEM... não te não te ouvem nós temos a: a nossa: ajudadora da escola ((risos)) que ela é: é a Maria... e eles têm um certo receio dela porque ela é bem rígida... e: pra falar a verdade não chamo não/ não/ não precisei chamar a Maria... não que isso não aconteça na sala da gente acontece agora no início do ano eles estão mais calmos depois eles já começam a ex/extravasar pode acontecer... você pode chamar a Maria pode chamar a agenda mas pegar a agenda DE QUEM se a turma toda está () bagunçando está inquieta como você: tá pedindo... mas é: tem que chamar ou alguém da coordenação... a Maria que: ela é: bem rígida também isso ajuda: é: uma maneira da gente conseguir que eles fiquem quietos...mas por ser provavelmente não vá acontecer né... por ser prova... mas pode acontecer numa aula normal pode acontecer... deles deles () estão (angariando) chuva ((risos)) aí: você tem que chamar mas eu acredito que não vá precisar a turma é bem tranquila tanto o sexto D quanto o sexto C... o sexto C é um pouco mais agitado depois a gente conversa

136. P: uhum... e digamos professora que: aconteceu alguma coisa comigo e eu não consigo chegar a tempo na escola... me atrasei

137. S: você tem que ligar pra coordenação... os alunos quando estão sozinhos eles fazem FERVO... hoje inclusive nós... estava na sala de aula lá: na: sala dos professores uma professora achou que: ela tivesse hora-atividade chegou a coordenadora apavorada porque: Eles em vez de: CHAMAR LÁ: alguém da coordenação eles FICAM lá: esperando e brincando então você TEM que: tem/ pedir pra alguém ligar já que você não

pode liga::r alguma coisa assim avisa::ndo que você vai atrasa::r e que vá alguém da coordenação lá cuidar deles

138. P: uhum... ce::rto... certo professora digamos que a gente:: agora a:: gente vai passar pro sexto ano C né

139. uhu::m

140. P: você mesma disse que é uma turma um pouco mais agita::da...

141. S: é:::

142. P: como que eu devo então me portar com eles

143. S: bom o sexto C ((folheando caderno de controle de classe)) têm alguns casos que é de recurso também mas não tem problema de visão e::: e::: tem um aluninha que:: É de recurso e que ela é::: repetente... essa::: aluna também você tem que::: ajudar não é::: do mesmo ca::so da síndrome do Caio do:: sexto D mas e::la:: também ela precisa bastante ajuda mas ela é be::m tranquila be::m quieti::nha e bem ca::lma:: o::: problema do sexto C é que tem alguns alu::nos que::: conversam bastante então é mais agita::da já foi trocado alunos de luga::r... já foi chamado atenção já foi bilhe::te inclusive se tá conversando demais tem um cari::mbo:: se o alu/ se o filho está conversando demais nas aulas de:: português ou inglês::s (uma) das duas disciplina o pai tem que assinar então vai esses carimbos é chamado os pais então se eles estão extravasando até a direção a gente pode chama::r e::: ai:: a direção é bem do lado do professor... então eles... MA::S assim no dia da prova... e também nos outros dias normais é:: chamar atenção eu tenho meu canti::nho da disciplina que é o cantinho dos conversadores eu coloco no quadro ((risos)) esse cantinho eu se::: é:: só::: eu separa::r o cantinho:::

144.P: todo mundo... [silencia...

145. ... a turma já dimi/diminui () dali a pouco já começa né... mas daí se eles... e realmente eu levo a sério se::: o nome do:: Marcelo por exemplo que é o mais né::: não deve citar nome mas tudo bem... colocar o nome dele lá no quadro ele sabe que e::le tem um menos e::: eu tenho mu::ito cuidado com essa questão... eu até tinha minha ficha agora () que teu tenho meu registro de classe olha aqui a do sexto ((mostrando o registro de classe)) eu cuido mu::ito... participação na sala eu coloco é:: eu eu chamo isso como engajamento discursivo... essa participação na aula ou o::: encapar o li::vro:: fez tarefas... é um trabalhão que dá::: danado mas eu tenho meus carimbos eu olho as tarefas eu dô atividade pra eles enquanto eles estão fazendo uma atividade eu tô olhando tarefa... então SE ele:: te:::m não fez tarefa va::i o carimbo que não fez tarefa pro pai saber e ele ganha um menos

146. P: uhum

147. S: então esses maizinhos esse procedimento que eu tenho é transformado numa nota no final do trimestre... então eles sabem que:: eles são cobrados quanto à participação... SE TÁ:: no cantinho lá::: o nome de::le é porque aquele dia ele já tem um menos... então ao somar todos os maizinhos no final do trimestre que pode dá vinte sei lá quantos eu transformo numa nota eles sabem que aquele dia lá ele já perdeu a nota... então é:: algo assim que::: uma maneira de:: disciplina::r bo::m boa né mas é:: a:: não tem que:: eles daqui a pouco esquecem já tão conversando de novo isso::: ma:::s:::eu acho que:: é um traba::lho que dá::: tenho que::: que::: i:::r de carteira em carteira sexto ano tem que tem que fazer isso...ma:::rco aqui ó::: menos os outros todos ganham ma::is... mas um só::: que atrapalhou aquele um lá::: vai ganhar um menos... então ele sabe que::: ele vai ser cobrado e::: ele tem que se::: comporta::r nas aulas...

148.P: então eu já começo com a chamada?

149. S: sim e à mesma maneira dos primeiros anos eles têm o monitor passa pra você “ó professora faltou dois três” o “não faltou ninguém” eles já tão bem acostumados quanto a isso

150. P: uhum... então eu posso contar com ajuda do monitor?

151. S: pode contar o monitor do tanto de uma de todas elas são essas pessoas bem responsáveis...na verdade a escolha do monitor é o professor... Cuida bastante né pra se:u:m auxilia: mesmo pro professor... tem o monitor e o vice... se o monitor não vem tem o vice

152. P: sim... tá e como que eu aplico essa avaliação pra eles? Como que será essa avaliação?

153. S: tá você vai fazer a leitura né do texto tentar encenar o texto é bem interessante... tem que ler também as perguntas... explica... falar pra eles que tem que lembrar dos elementos da narrativa do clímax que lógico você não vai explicar novamente nem vai dá exemplos que é prova... que é o TEMPO ESPAÇO o que que acontece na narrativa... e eles já fizeram várias vezes sobre esse assunto e eles já entenderam bem... pede pra que eles na hora das dúvidas perguntem lá e você responde no seu lugar... e também que o tempo deve prestar bastante atenção não pode atrapalhar os colegas né: sexto ano tem a mania de qualquer qualQUE:R motivo desPERTA: é: atenção se vai então tem que de vez em quando chamar atenção deles... né pra que eles foquem no que eles estão fazendo

154. P: certo essa atividade também (foi) ela foi de avaliação né... ela foi originada no livro didático né?

155. S: sim o livro didático tem sobre a lenda né...

156. P: uhum

157. S: a gente fez também aqui no nosso livro didático nós temos os Universos ((nome da coleção)) eles têm... antes da leitura eles falam um pouquinho sobre o que vai ser comentado na leitura: no caso fogogocomo que é o fogog: até eles falam da cor da chama do fogog que pode ser mais... intensa ou mais fraco: o: calor... aí eles falam também sobre: a importância né de: do fogog: e daí: durante a leitura o que que como que o (aluno) deve proceder... o que que é um herói solitário... como essa lenda do: do (Bahira)... ela falava sobre:... ele era um pajé ele tinha: poderes mágicos mas Ele... não (usou) os poderes mágicos PRA: Hora da necessidade... ele envolveu todo mundo... envolveu os bichos envolveu o povo da tribo pra que: o fogo que a tribo não tinha que tá sem os assados deliciosos como diz a: a lenda... eles: ... pudessem adquirir ju:ntos em coletividade... a importância da coletividade... e daí durante a leitura né eu faço a minha leitura en/encena:da... aí depois é feita a leitura dos alunos e cada vez que os alunos leem... esses meus maizinhos eu vou avaliando vendo como que tá a leitura também né

158. P: uhum

159.S: a: depois da leitura também é: feito a compreensão do: do texto... a gente fez a compreensão analisa/ analisamos todo os elementos da narrativa... analisamos as lendas indígenas.. viram o que que é uma lenda indígena né... o livro didático: ele é bem assim... completo quanto a essa questão... é um livro novo eu não conheço todo o livro já: lógico a gente faz o planejamento tudo analisando o livro ma:s ((folheando o livro)) a princípio o

livro tá bem interessante... te::m... e agora a gente vai passar pro repe::nte né:: ... uma nova::
... um novo tipo de texto... não sei se eles vão gostar do repente como gostaram da lenda...
ma::s::: tem sempre o:: a introdução a leitura a leitura e a pós-leitura então que que é o
repe::nte::... é bem interessante o livro:: ajuda bastante ele é::: ... tem bastante explicações... o
que::: deveria ter ma:::is a::: no::: meu ponto de vista... eram atividades que:: assim NO::: ver
né... questão de gramática isso não traz tanto... (tem) vai ter que buscar... e mesmo porque o
livro não é a::BÍblia que você faz tudo né eu procuro fazer o que eu acho mais interessante
nu::m trabalho que::: que REalmente (tu::do::) o MI::to a gente comentou... nós tivemos aqui
uma:: estagiária daí ela quis trabalhar essa pa::rte ((folheando o livro)) mas e::u... acho que
não é tão interessante nós entendemos bem o que:: quais são os elementos da narrativa NA:::
lenda então... foi com a lenda que nós continua::mos a::: a avaliar daí os::: (alunos) o:: o aluno
160. P: é::: hum... é::: ... assim alguma coisa a mais que eu deveria saber a respeito dessa
turma assi::m que::: que é pertinente... importante que eu saiba?

161. S: uhum... na verda::de:: por ser sexto ano eles podem pedir pra ir ao banheiro... pedir
pra tomar água e::: a::: ... tem que::: por mais que::: que insistam não deixar... porque é hora da
prova... né... que nem o sexto C... é a terceira aula então tá próximo do recreio... sexto C eles
têm dez minutos me:::nos eles saem dez minutos a:::ntes para o recreio...

162. P: ()

163. S: ...então daí ma:::is uma alertada pra::: que eles se::: ... concentrem a fazer a prova né...
P: uhum

164. S: eles têm dez minutos minutos a menos de pro:::va... né então... eles saem dez minutos
antes... inclusive o:::ntem o sexto C ficou de castigo... só saiu pro recreio quem tinha
terminado... e::: eu acho que é uma maneira de fazer com que essa parte de disciplina:::

165. P: funcione

166. S: ... opa tem que fazer... é::: funcione... e::: a::: questão do:::s do::: recurso tranquilo são
só dois alu:::nos... bateu o sina:::l de:::u dez minutos né que não vai bater sinal dez minutos
antes você tem que recolher as prova eles entregam... SE::: acontecer... de::: não consegui:::r
e::: e o aluno quise:::r continua:::r daí::: você::: é teu critério... ma:::s::: geralmente dá tempo a
gente procura fazer o (trabalho) a prova que::: seja suficiente pra que eles façam no tempo que
eles têm... pra fazer a prova...

167. P: tá mas como que você faria no caso...

168. S: se::: não der tempo?

169. P: é

170. S: ((suspirou)) depe:::nde como for no caso for muita ge:::nte:::... aí eu vo::: como é uma
le:::nda... vo:::u::: fazer como no sexto D né:::... vo:::u procuro fazer a mesma coisa (tanto) numa
série (como) na outra... recolhe a pro:::va e na próxima aula mi:::nhã eles terminam de fazer

171. P: ... tá professora então depo:::is u vou ter um interva:::lo?

172. S: daí tem o intervalo...você sai dez minutos antes do::: ...do recreio você so:::lta os
alu:::nos mesmo porque eles já tão pedindo que horas são... já tão angustia:::dos... aí tem vinte
minutos no caso de::: recreio... aí depois tem o sexto D NO:::vamente (eu) dou português e
inglês pra eles... são (são sete vezes) por sema:::na...mas tranquilo daí você volta pro
i:::nglês...

173.P: sim e:::u::

174. S: ...mas no caso só português né

175. P: uhum... é:: essa turma o::: sexto ano D então é::: é:: a::: aquela prime::ira né:: [que você::

176. S: a::: prime::ira que tem no ca::so o::: Caio...

177. Se::i

178. S: ... que você tem que::: dá:: um jeitinho de ir lá:: tentar responder por e::le

179. P: tá:: eu voltaria entã::o... dando o inglês?

180. S: depo::is do recre::io inglês

181.P: uhum...

182. S: ...depois do recreio inglês... com a mesma turma do sexto D... aí:: nós lá::: estamos vendo a::: ... () de que (é) a linguagem em sala de aula né...co::mo:: (formar/comparar frases) como:: ir ao banhe::iro... como::... toMA::r Á::gua também em inglês que eles estão be::m... bem anima::dos com isso também porque o inglês é:: a::lgo novo e eles gostam né... [e são duas aulas por semana (apenas)

183. P: se::i ... e eles também utilizam o livro didá::tico::? [o::: de inglês?

184. S: (nós temos uma dificuldade) ... que o problema no::sso:: ... deste a::no é que os livros didá/didáticos não vieram to::dos... entã::o... têm turmas e e::sse é um ca::so ruim têm turmas e o sexto C é uma delas... que eles tem que sentar junto... aí nesse sentar ju::nto:: ocorre a conve::rsa

185.P:uhum

186. S: ... então a aula não... () não fica tão produ::va... se cada um tivesse o seu livro... o::: livro de inglês::s:: eles::: têm pra eles... todo ano vem um livro...

187.P: uhum

188.S: ma:::s esse ano não veio... porque tem um espaço pra eles responderem no próprio livro

189. P: ah é?

190. S: então esse ano nós tivemos que pedir pra que eles NÃO respo::ndam... que eles enca::pem o livro que vale maizinho né... que eles colo::quem o nome porque se acaso perder tá na mã::o... (que) identifique... ma:::s (se) no final do ano eles... vão ter que devolver pra nós independente se o ano que ve::m... vem... não veio já no::: (primeiro) ... e:: esse é o primeiro ano desse livro né

191. P: uhum... isso

192. S: esse é o primeiro ano entã::o... nó::s temos que::: fazer com que eles cuidem... eu até::: no livro de inglês que eles tem menos aula... eles não guardam (porque) eles po::dem...guardar o livro no::: armário... pra não ficar carregando [ta::nto

193. P: sim sim

194. S: ... tanto peso... o de inglês eu não deixo com permissão da direção... e até eles pediram pra que aconteça isso porque não tem tanto espaço no armário... porque pode sumir livros... e::: realmente já sumiu...

195. P: hum

196. S: e também o livro de inglês é::: ... é bo::m mas é::: també:::m u:::m um suporte né... uma::: ferramenta pra nós... ma:::s eu também não procuro não segui::r exatamente como está lá... busco ma:::is... exercícios e outros li::vros de:: outro matéria::l da interne::t pra:::... [enriquecer né as aulas

197. P: (pra suplementar né)

198. S: pra:: i::sso pra (suplementar)

199. P: é:: então professora digamos assi::m que em algum momento da aula e::u... () eu passe mal... assim... não me sinte be::m esteja com algum proble::ma::

200. S: uhum

201. P: ... como que eu devo:: [me portar?

202. S: aí:: você tem que pedir pra:: monito::ra ir lá chamar a::lguém da coordenação lá pra ficar no teu luga::r pra você sair ser atendi::da mas você não pode deixar os alunos sozi::nhos... tem que chamar... te::m tem tanto o monitor como o vice quando (você) não um tem o outro... e::m ú::ltimos casos que não tem um nem o outro pede pr/um alu::no ir lá chamar alguém...

203. P: uhum

204. S: uhum... eles não podem ficar sozinhos

205. P: ...tá certo então... é:: digamos assim que eu perceba que al/alguns alunos que não estão entende::ndo a avaliação eles estão olha::ndo olha::ndo embora eu já tenha feito uma::...

[uhum

uma leitura pré::via explica::do... todo mundo () parece que:: que:: ti/tinham entendido

[uhum

tal mas eu perceba que há alunos que não entenderam...

206. S: a:: gente consegue perceber sim porque ele tá ali:: nã::o não tá nem olhando nem fazendo... ai você tem que pedir pra ele “como que é você não não () entendeu qual a pergunta que você não entendeu?” aí nesse momento em casos assim você pode até:: chegar mais próximo né pra que não se sinte mal e você converse com ele... pode acontecer ainda mais sexto né... eles às vezes dizem que entenderam mas não entenderam... então... e a gente consegue perceber quando eles estã::o faze::ndo ou eles estã::o disfarçando mexendo na borra::cha dá pra perceber que eles não entenderam alguma coisa

207. P: uhum

208.S: aí você tem que:: tem que explicar novamente

209. P: certo e assim o que que eu não deveria fazer com essa turma em hipótese alguma?

210. S: deixá-los conversar porque são bastante conversadores... é:: não deixar ir ao banheiro porque se você deixar um ir ao banheiro todo mundo quer ir ao banheiro... mesmo porque já é:: próxima aula é o recreio... não deixe ir ao banheiro em casos que você acha que é... que ele tá falando a verdade tá realmente precisando ai: ... é opção sua você vê se você deixa ou não

211. P: uhum

212. S: mas eles têm dez minutos antes pra sair pra ir ao banheiro... e:: a questão da:: da conversa como eu falei antes né que eles não conversem porque atrapalha porque qualquer motivo:: é motivo pra conversar... pra:: dispersa::r pra:: pra atrapalha::r

213. P: sim

214. S: e a questão do:: menininho::... ah não esse é do sexto C... não... só::... os outros dois meninos são da () menina (também) são bem tranquilos

215. P: ok professora então... é:: como que eu devo encerrar essa aula co::m com essa turma?

216. S: então como que você tá aplicando a pro::va... ele::s::... não são de:: terminar lo::go... ele::s:: leem bastante né pelo menos a () outra prova foi dessa maneira... se acaso acontecer de não conseguirem terminar como a gente viu antes você recolhe da mesma forma e:: não

corrige depois passa pra eles novamente... mas bate(ndo) o sinal tem que pegar as provas... daí liberar...

217. P: certo e:: se::: a::

218. S: OU DER DEZ MINUTOS e o aluno QUER continuar você tem mais dez minutos de aula... você mantém lá eles têm direito a mais dez minutos pra ficar ou até no recreio... como ontem eu fiquei até::: chegou no recreio a gente tava lá... eu só saí porque eles terminaram... então é:: quer continuar continue e::: eu sou bem assim ó:: deixe bem tranquilo quer continuar? Continua... se eu tenho tempo agora se eu tenho outra aula é outra história daí e::les... se for um número grande eles refa/ e:: conti/continuam fazer a prova noutro dia... na minha aula né...ma::s senão ali como no caso é recreio eles tem mais dez minutos de aula... eles vão ficar mais os dez minutos...

219. uhum

220. S: tem que tentar terminar nesses dez minutos o::u... numa próxima aula se tiver mu::ito:: ou no:: no mesmo dia né um ou dois alunos continuarem na:: na aula de inglês na outra série

221. P: certo

222.S: se:: o professo::r que eles têm na próxima aula autorizar

223. P: uhum... e se eu perceber que há alunos assi::m próximo à jane::la querendo conversa::r com e::les ou eles conversando com algué::m... na jane::la... ou até mesmo alunos que possam estar (trazendo) célula::r e:::

224. S: o celular o celular... bom quanto a conversa na jane::la:: nunca aconteceu mesmo porque a janela ali:: não não tem co::mo:: transitar ninguém né...ma::s tem que chamar atenção...mandar sentar tem o cantinho da disciplina pra anotar o no::me... tu anota o nome... eles não podem extrapolar... e quanto a::: questão do que que você pediu do:::

225. P: do celular

226. S: do celular? É proibido na escola... nós tivemos uma reunião segunda-feira os pais... não vieram todos... mas foram alertados quanto a isso e eles ne:::m... a gente nem vê::: e::les mexer no celular... sexto ano a gente nem vê agora os outros que nem o primeiro:: E lá né... a gente se vê::: eu anoto o no::me:: vai um menos também...eu vi..

227. P: uhum

228. S: e é o meu costume ó quando eu PEgo celular é colocar no meu bolso... final da aula eu devolvo...eu acho muito transtorno agora quando é demais aí eu entrego pra coordenação

229. P: certo

230. S: mesmo o aluno se é a segu::nda terceira vez que tá com o celular eu entrego pra coordenação... tem que entregar pra coordenação () aí lá o diretor segu::ra manda o pai vir burca::r... aí eles... aqui a direção é bem rígida quanto a isso então eles sabem que:: a:: vai ter um castigo ((soando o sinal)) vai dá um problema pra eles... eles têm que cuidar

231. P: ótimo professora... então encerrado